

# TARTESSOS: ENTRE MITOS E REPRESENTAÇÕES

PEDRO ALBUQUERQUE







uniarq



**FCT**

Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

## Cadernos da UNIARQ

Série de publicações da UNIARQ (Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)

Direcção: Victor S. Gonçalves

### 6. **ALBUQUERQUE, P. (2010) – Tartessos: entre mitos e representações**

ISBN: 978-989-95653-2-6

Depósito legal: 304723/10

Fotocomposição e impressão: Europress, 500 exemplares

Capa e orientação gráfica: Victor S. Gonçalves

Na capa: Gérion pintado (técnica de figuras negras) sobre ânfora ática do tipo B, do século VI a.C., depositada no Museu de Munique, Alemanha. (Pintor de Munique 1379, do Grupo de Princeton).

Volumes anteriores de esta série:

- 1 – FABIÃO, C. (1989) – *Sobre as ânforas do acampamento romano da Lomba do Canho (Arganil)*
- 2 – GONÇALVES, V. S. (1992) – *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*
- 3 – ARRUDA, A. M.; GÓMEZ BELLARD, C.; VAN DOMMELEN, P., eds. (2007) – *Sítios e paisagens rurais do Mediterrâneo púnico*
- 4 – SOUSA, E. (2009) – *A cerâmica de tipo Kuass no Algarve*
- 5 – CASCALHEIRA, J. (2010) – *Tecnologia lítica solutrense do Abrigo Vale Boi*

PARA INTERCÂMBIO

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS P-1600-214 LISBOA PORTUGAL

TARTESSOS: ENTRE MITOS E REPRESENTAÇÕES

PEDRO ALBUQUERQUE





**Pedro Albuquerque**  
**1978**

Pedro Albuquerque nasceu em Lisboa a 24 de Julho de 1978. Entre 1999 e 2004, frequentou a licenciatura em História, Variante de Arqueologia, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FL-UL). Estudou, no ano lectivo de 2001/2002, na Universidade Complutense de Madrid, ao abrigo do Programa Erasmus, onde realizou alguns trabalhos sobre a representação do Ocidente, a problemática da presença fenícia na Península Ibérica e a Reciprocidade nas Fontes Escritas. Em 2008, apresentou a sua dissertação de Mestrado em Pré-história e Arqueologia na FLUL, que originou esta publicação, orientada pela Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Ana Margarida Arruda e co-orientada pelo Prof. Dr. José da Silva Horta.

É autor de dois artigos sobre a “questão tartéssica” (um, publicado em 2003, com o título de «Argantónio, um guardião da “Idade da Prata”?», outro, ainda por publicar, intitulado «Tartessos e as paisagens míticas do Ocidente» (nas Actas do V Colóquio do CEFYP, em Abril de 2007), dedicando-se também ao possível significado dos *pithoi* no Ocidente (comunicação apresentada em Maio de 2003 ao *Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*, cujas actas foram publicadas em 2005), bem como à possibilidade da ocorrência de fenómenos de violência na ocupação do Tejo durante o Bronze Final e a Idade do Ferro (comunicação apresentada em Setembro de 2005 ao 6º Congresso Internacional de Estudos Fenício-Púnicos, aguardando publicação). Mais recentemente, elaborou um trabalho intitulado “Camões e Tartessos: leituras em torno de dois excertos d’*Os Lusíadas*”.

Entre 2004 e 2009, realizou vários trabalhos no âmbito da Arqueologia empresarial, nomeadamente Estudos de Impacte Ambiental, Acompanhamento Arqueológico de obras e sondagens arqueológicas.

Actualmente, é bolsheiro de doutoramento da FCT, dedicando-se ao estudo da construção das identidades de Tartessos, numa tentativa de aproximação da análise das fontes escritas e das suas representações ao registo arqueológico.

*Dedicado a ti, para quem este texto foi escrito*





---

|                                    |     |
|------------------------------------|-----|
| 3. Heródoto                        | 117 |
| 4. Outros autores Gregos e Latinos | 125 |
| 5. Textos Egípcios e Orientais     | 132 |
| 6. Antigo Testamento               | 133 |
| Anexo B: Abreviaturas              | 137 |
| Abstract/Résumé                    | 139 |

## Prefácio

A existência de um Extremo Ocidente fabulosamente rico, longínquo e dificilmente atingível, ganhou dimensão histórica a partir do texto de Heródoto, ainda que as referências a Tartessos nas *Histórias* sejam relativamente escassas.

Sabemos também que a *Tarsis* do Antigo Testamento foi muitas vezes associada à Tartessos ocidental, ainda que aí a palavra tenha diversas acepções, seja como topónimo, epónimo e antropónimo, seja designando embarcações específicas ou pedras preciosas. Esta variedade de significado para *Tarsis* é ainda difícil de explicar, apesar dos esforços que a investigação filológica tem desenvolvido.

Mas Tartessos está também explicitamente referenciada em Avieno, Cícero, Valério Máximo, Plínio, Pompónio Mela e Apiano, fazendo os primeiros quatro coincidir a designação com Cádiz, e os dois últimos com Carteia, o que aliás provoca um dos principais problemas no que se refere à identidade de Tartessos.

São essas referências que este trabalho analisa, servindo-se, igualmente, de outros textos, como é, por exemplo, o caso dos que conferiram a essa entidade ocidental uma outra dimensão mítica, a do 10º trabalho de Hércules.

Num momento em que o debate sobre Tartessos se reacendeu, em que se questiona a própria existência de uma entidade tartéssica, e em que os dados arqueológicos que sempre foram associados a essa realidade são reavaliados no quadro de outras possibilidades étnicas, o livro que agora se publica é um importante contributo para o debate em curso.

Com efeito, a variedade de interpretações sobre o conceito de Tartessos é grande, havendo quem defenda que se trata de uma entidade étnica, com os seus respectivos marcadores, enquanto outros negam a existência de uma unidade cultural englobada sob tal designação. As próprias balizas cronológicas de Tartessos não estão devidamente esclarecidas, não havendo

consenso sobre se Tartessos já existia antes das colonizações fenícia e grega do Ocidente. Nem sequer sobre a geografia tartéssica há unanimidade.

A associação de Tartessos a uma determinada cultura material, e a arquitecturas domésticas, funerárias e sacras, é hoje, portanto, relativamente questionável, havendo quem defenda que sob tal designação caberiam, sobretudo, as populações fenícias ocidentais. E, assim sendo, não é completamente seguro que santuários como os de Carambolo ou *Caura*, por exemplo, tenham sido erguidos por tartéssicos para aí cultuarem divindades indígenas, como também não é indiscutível que esses mesmos tartéssicos se tenham sepultado nos cemitérios de urnas do vale do Guadalquivir. Ambas situações poderiam ter tido como protagonistas colonos fenícios, uma vez que estes não são obrigatoriamente uma entidade unívoca, que actua num único registo, concretamente o identificado nas colónias fenícias da costa de Málaga.

O trabalho do Pedro Albuquerque reflecte sobre a questão tartéssica de forma muito lúcida, mostrando que domina o actual debate, bem como toda a historiografia sobre o tema. E tem também o grande mérito de chamar a atenção para o facto de a temática não se esgotar na sua dimensão arqueológica ou mesmo linguística, mas ser também um «...problema literário, tanto mais que é a partir desta tradição que se registam tentativas de definir um espaço que a tradição literária grega apelidou de Tartessos».

Pedro Albuquerque não se limitou a apresentar, ainda que criticamente, as várias leituras possíveis sobre Tartessos através de Heródoto e de outros textos. Soube entrosar a análise literária que efectuou com a documentação arqueológica, apresentando propostas concretas e bem argumentadas.

A leitura deste livro acentua que Tartessos é também um conjunto de representações associadas aos confins do mundo habitado, representações que reflectem idealizações que servem interesses concretos.

Acompanhar o trabalho do Pedro foi não só um prazer, mas um privilégio. A sua inteligência e capacidade de análise foram para mim um desafio constante e a sua delicadeza e afabilidade tornaram as nossas «reuniões de orientação» em diálogos muito estimulantes e agradáveis.

É portanto sem nenhum remorso que assumo a responsabilidade, que aliás partilho com o meu querido colega e amigo Carlos Wagner, de ter desviado o Pedro do Paleolítico Superior para outros territórios, onde o papel e a cerâmica suplantam largamente o sílex e o quartzito...

Ana Margarida Arruda  
Coordenadora do Grupo de trabalho “DOIS”  
Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ)

## 1. Em jeito de Introdução

«The artist is the creator of beautiful things.  
To reveal art and conceal the artist is art's aim.  
The critic is he who can translate into another manner or a new material  
his impression of beautiful things.  
The highest, as the lowest, form of criticism is a mode of autobiography.»

Oscar Wilde, *Picture of Dorian Gray*

Este trabalho é o resultado de um olhar que se debruçou sobre dois relatos de Heródoto (I, 163 e IV, 152), que colocam Tartessos (Ταρτησσός) no papel de paisagem onde chegaram Focenses e Sâmios, entre os séculos VII e VI a.C. De que modo estas informações foram transmitidas a Heródoto? que objectivos tinham estes relatos nas sociedades por onde circulavam? Que interesses reflectiriam? Estas e muitas outras questões repetiram-se ao longo de todo o processo de investigação que procurei desenvolver dentro das minhas naturais limitações. É momento de debruçar-me sobre o que escrevi e, por isso, é importante abordar, previamente, alguns aspectos com os quais contactei e sobre os quais não deixo de colocar algumas interrogações.

*Tartessos*, topónimo ou hidronímico peninsular, apresenta em seu torno um conjunto de representações, recepções e reformulações que não são alheias às circunstâncias sociais e históricas de quem produz um determinado discurso. O tema que apresento nesta dissertação – agora revista – é mais modesto do que uma análise de *todos* os aspectos ideológicos que constróem os discursos analisados. Pretendo apenas discutir algumas questões que se colocam à construção de Tartessos enquanto fenómeno literário, enquadrado na representação de um território do Extremo Ocidente do mundo grego. Tal análise seria inviável sem um enquadramento, discussão e problematização dos documentos escritos analisados (Hesíodo, Homero e Heródoto), de modo a contextualizar a imagem do Ocidente neles transmitida, bem como a criação de fronteiras (Colunas de Melqart/ Hércules/ Gadir) cuja transposição faz entrar no espaço heróico. A partir daqui, e considerando a discussão da presença fenícia no Ocidente, será possível estabelecer alguns pontos de partida para a análise dos relatos de Heródoto.

Antes de prosseguir nesse sentido, dediquemos algumas palavras à apresentação deste texto. Em anexo são expostos alguns excertos que considereei mais relevantes dentro da base documental analisada. Outros são assinalados no corpo do texto ou em nota de rodapé, apontando as traduções de onde foram retirados e/ ou adaptados. No caso de ausência de referência à tradução, optei por assinalar a procedência do excerto. Deste modo, o *Anexo A* é dividido em seis partes: (1) Hesíodo; (2) Poemas Homéricos; (3) Heródoto; (4) outros autores Gregos e Latinos; (5) Textos Egípcios e Orientais e (6) Textos Veterotestamentários<sup>1</sup>. O *Anexo B* inclui as abreviaturas utilizadas ao longo do texto e na bibliografia.

---

1 A leitora ou o leitor verificará que, depois de uma citação, pode aparecer um asterisco seguido de um número (por exemplo, Hesíodo, *Theog.* 109-123/ \*1.1) que remete, precisamente, para o Anexo A e para a numeração dos excertos citados.

As três linhas orientadoras da investigação (documentos escritos, vestígios arqueológicos e aspectos etimológicos) apresentam algumas limitações que devem ser consideradas. (1) como foi dito, procurei aprofundar o contexto e o conteúdo das obras dos três autores citados, estudo que não se realizou, excepto em casos pontuais, para outros autores; (2) os vestígios arqueológicos são importantes para complementar algumas informações, mas a sua utilização não resulta de um estudo sistemático; (3) os aspectos etimológicos focados derivam de um gosto pessoal pela Linguística e não de uma formação académica específica nessa área, não obstante considerar que esta análise é fundamental numa aproximação à construção e representação do Ocidente.

Heródoto apresenta Tartessos como um território que se localiza *mais além* das *Colunas de Hércules*, representando uma riqueza distante que é possível enquadrar numa preocupação pela descrição dos confins do mundo habitado, o que encontra eco na importância que viagens como a de Odisseu/ Ulisses ganharam no século VI a.C.<sup>2</sup> Estas viagens heróicas parecem transmitir três vertentes de representação do Ocidente: (1) como *espaço monstruoso*, em relatos como o Décimo Trabalho de Hércules (= 10TH), (2) como *espaço escatológico* (Ilha dos Bem-aventurados – Μάκκαρων νῆσος – e Elysion – Ηλύσιον)<sup>3</sup> e como *espaço humano divinizado* (Idade de Ouro, em Hesíodo e Feaces de *Odisseia*). Em todos eles parece estar presente uma idealização de riqueza distante que, com o alargamento da cosmovisão grega, conseqüente do processo de colonização do Ocidente, começam a ser identificadas em espaços geográficos reais.

Os contactos inter-culturais decorrentes do comércio e, eventualmente, de ocupações territoriais, parecem ter sido uma via de recepção de influências fenícias e egípcias, que se reflectem na *etimologia* e na representação destas paisagens<sup>4</sup>. Considera-se, por exemplo, que o Templo de Gadir (e aqueles que o frequentavam) teve uma grande importância neste sentido, permitindo a circulação de relatos no espaço Mediterrânico. Conseqüentemente, tradições como a de Taršiš (= Tarshish) poderiam servir de base para um reconhecimento posterior com o nome de Tartessos. Este processo parece respeitar alguns padrões, nomeadamente o de criação/ adaptação de topónimos gregos no espaço peninsular, e o de adaptação/ transformação etimológica dos nomes transmitidos, eventualmente, pelos Fenícios (de Taršiš a Ταρτησσός).

As tradições sobre estas paisagens e o seu conseqüente reconhecimento nas viagens heróicas parecem reger-se por uma morfologia comum às tradições orais e, por conseguinte, a relatos de viagens<sup>5</sup>. Quer isto dizer que um relato apresenta *sequências* e *personagens* que

2 Prefiro utilizar o nome grego do herói homérico (Odisseu) e não o romano (Ulisses), uma vez que está mais de acordo com o original (*infra*, n. 48).

3 Daqui em diante, estes espaços serão referidos de acordo com a terminologia grega.

4 Para o tema das colonizações antigas em espaço helénico, veja-se a volumosa obra de Martin Bernal, *Black Athena* (1993, 1991 e 2006), sustentada sobre bases linguísticas, filológicas e arqueológicas, para além de oferecer, no volume I (1993), uma excepcional retrospectiva da representação da civilização grega em vários contextos intelectuais.

5 Creio que é importante, nesta linha, citar o trabalho de Vladimir Propp, que me foi sugerido por F. Moreno Arras-tio. Este trabalho deve ser tido em linha de conta na análise dos aspectos que procuro tratar, embora considere que basear uma linha de investigação apenas neste autor é bastante redutor, na medida em que pouco se pode

desempenham funções específicas e que lhe dão coerência. Nesta linha de pensamento, a ldade de Ouro terá sido fundamental para caracterizar personagens como Argantónio (Heródoto I, 163/ \*3.2) e Alcínoo (*Odisseia*), cuja função é similar no conjunto destes relatos. Isto é, são dispensadores de riquezas que respeitam os ideais da *Hospitalidade* em terras distantes e que vivem em ambientes caracterizados pela felicidade e pela produtividade agrícola, o que, por sua vez, justifica a longevidade. Observa-se, então, que a perspectiva agrícola se sobrepõe à riqueza em metais, o que deve ser ponderado com a possível influência fenícia. Seria legítimo pensar que a imagem deste Ocidente (desconhecido para os Gregos até, pelo menos, ao século VII) foi construída em torno do possível interesse (fenício) nos recursos agrícolas?

A obra de Heródoto coloca alguns problemas de interpretação, tendo em conta que algumas das tradições que transmite provêm de tradições orais e não tanto de supostos documentos escritos. Aliás, nas *Histórias* assinalam-se muitos traços de oralidade, quer no modo como as informações chegaram aos ouvidos de Heródoto, quer no modo como este os transmite. Colocando lado a lado os seus objectivos e os de obras como *Odisseia* e *Trabalhos e Dias*, as diferenças que sobressaem não se resumem apenas à composição (prosa e poesia), mas em todo o caso é possível afirmar que, pelas características de I, 163 (\*3.2) e IV, 152 (\*3.17), o autor de Halicarnasso terá escutado um relato muito similar a *Odisseia*, embora com protagonistas e espaços diferentes. Tal leva a que possamos considerar que Heródoto *seleccionou* o conteúdo destes relatos, não interessando, no conjunto da sua obra, reproduzi-los na íntegra.

«Tout récit consiste en un discours intégrant une succession d'événements d'intérêt humain dans l'unité d'une même action» (Bremond, 1966, p. 62). Esta reflexão parte dos trabalhos de Vladimir Propp (2006; Moreno Arrastio, 2007) que, em 1928, publica um livro – *Morfologia skazky* – que segue a metodologia formalista da linguística russa, definindo um conjunto de átomos (designados como *funções*) ordenados numa sequência estável<sup>6</sup>. Para além deste aspecto, Propp define sete tipos de personagem que se repetem nos relatos e que desempenham uma determinada função no seu desenvolvimento, o que é alheio ao conteúdo (Propp, 2006, p. 37-74; Moreno Arrastio, 2007, p. 145-7)<sup>7</sup>. Neste sentido, qualquer relato é um conjunto sequencial no qual se incluem, consoante a necessidade e o objectivo do discurso, estes átomos e personagens. Partindo deste pressuposto, os relatos de Heródoto parecem represen-

---

extrapolar a partir de uma sequência “mecanizada” de fórmulas e funções. Este aspecto vai ser tido em linha de conta apenas na interpretação da recepção de informações na obra de Heródoto.

6 Propp define 31 tipos de funções que se repetem sem que, obrigatoriamente, estejam todas presentes no mesmo relato. Utiliza-se a tradução castelhana publicada em 2006 (*Morfología del Cuento*).

7 A este respeito, Moreno Arrastio acrescenta que «es la forma que determina el orden subyacente y esta forma no procede de la cualidad propia de cada cuento sino que es una repetición de la misma secuencia» (2007, p. 151). Este aspecto é utilizado pelo autor numa análise (a meu ver, brilhante) dos trabalhos de Schulten, enquadrando as funções dos personagens históricos, o que se revela nestas expressões, publicadas na versão de *Tartessos* de 1924: «Los Tartesios se sometieron a los tírios, que no eran ni mucho menos unos héroes (p. 160); Los cartagineses fueron peores aún que los tírios. No debieron tardar mucho en alargar sus codiciosas manos hacia la tierra de la plata (p. 95, *apud* Moreno Arrastio, 2007, p. 154, n. 34).

tar uma série de passos que fazem parte da sequência da viagem de Odisseu, destacando-se a relação, várias vezes apontada, entre Alcínoo e Argantónio, bem como entre aquele poema e a viagem de Colaios. Nestes casos, o personagem enquadra-se no que se denomina como *esfera de acção*, cumprindo uma determinada função.

«Le texte ne change pas, c'est notre regard qui change. Mais le texte n'agit pas sur les réalités du monde que par le biais de notre regard. Lequel s'arrête à chaque époque sur certaines phrases et glisse sur d'autres sans les voir» (Maalouf, 1998, p. 59). É difícil não concordar com esta afirmação por dois motivos: primeiro, porque o *corpus* de documentos escritos disponíveis poucos acrescentos tem tido nos últimos anos (Guerra, 1999, p. 127); segundo, porque estes textos estão sujeitos às manipulações do receptor, resultando num conjunto muito variado de leituras possíveis. Por outro lado, o registo arqueológico tem vindo a dar um excelente contributo para a discussão destes textos, servindo de base para a definição do conceito de «Cultura Tartéssica». Vale a pena, por isso, abordar, embora de forma sintética e esquemática, alguns aspectos do percurso das investigações do século XX, não sendo esta a ocasião para uma exposição mais desenvolvida<sup>8</sup>.

O primeiro nome que sobressai é o de Edward Bonsor, pioneiro da «Arqueologia Tartéssica», cujos trabalhos se desenvolveram entre os finais de Oitocentos (1885) e o princípio da centúria seguinte. Analisando algumas necrópoles e a sua evolução (baseada no critério da inumação/ incineração)<sup>9</sup>, Bonsor procurou definir a etnicidade de Tartessos, publicando *Les colonies agricoles pré-romaines de la vallée du Betis* (1889) e *Tartessos* (1921). Nestas obras, defendeu a tese de uma etnia «celta» ou «celto – púnica» para Tartessos, ao mesmo tempo que procurou localizar a cidade, com base na *Ora Marítima* de Avieno. Assim, em 1921 propõe uma localização entre lagoa de El Sopotón e a Duna de El Carrinchal, avançando, no ano seguinte, com a alternativa de Torre Carbonera (Torres Ortiz, 2002, p. 25-27). Como veremos mais adiante, estes trabalhos apenas serão valorizados a partir dos Anos 50.

Três anos após a publicação de *Tartessos* de Bonsor, Adolf Schulten publica uma obra homónima, reeditada em 1945, seguindo o pensamento de Oswald Spengler<sup>10</sup>. *Tartessos* assinala o protagonismo das fontes escritas na definição da etnicidade e do *volkgeist* tartéssicos,

8 Remeto, não obstante, para algumas referências importantes: a excelente tese de M.A. Martí-Aguilar (2000), que analisa a recepção de Tartessos a partir do Séc. XVI, o artigo de R. Olmos (1989), onde o autor apresenta uma síntese muito clara e objectiva da história das investigações no contexto da relação entre fontes escritas e arqueológicas, bem como a obra de M. Torres Ortiz, onde se apresenta alguma bibliografia sobre o tema, concentrando-se, sobretudo, nos trabalhos posteriores a Bonsor (2002, p. 25-42). As linhas que se seguem incidem, maioritariamente, sobre estes dois últimos autores.

9 Bencarrón, Santa Lucía, El Acebuchal, Cruz del Negro, Alcantarilla e Cañada de Ruiz Sánchez. Bonsor definiu cinco fases “evolutivas”, num esquema intercalado (inumação/ incineração/ inumação, etc.) que culmina nas urnas de incineração de tipo “Cruz del Negro”. Bonsor enquadra-se num contexto intelectual que começou a valorizar, no último terço do Séc. XIX, os estudos fenícios e púnicos, sobretudo no que toca à sua História e à História de Arte.

10 Para este autor, as culturas têm um ciclo vital próprio e regular, em clara analogia com organismos vivos, que nascem, crescem e morrem, com uma “alma” que lhes é inerente. Para uma exposição dos pensamentos de Spengler, cf. Gardiner, 1995, p. 228-244.

ao mesmo tempo que representa uma versão da tendência da Filologia alemã de finais do século XIX: tocar, com as suas mãos, o *emporion* referido nos textos. O sonho de Schulten é muito similar ao de Schliemann, que tentou identificar cidades como Tróia (Tortosa, 2003), resultando isto na localização de Tartessos no Coto de Doñana (Schulten, 1945, p. 12; Wagner, 1992, p. 5). Como afirma M. Torres Ortiz, «(...) la figura de Schulten va a suponer la consolidación de Tartessos dentro del marco de los modernos estudios de filología clásica e Historia Antigua, aunque este investigador no renuncia a la arqueología como medio para «descubrir» la ciudad de Tartessos (...)» (2002, p. 28, o sublinhado é do autor).

Esta florescente cidade, grega em 1924 e Tirsena em 1945, era considerada por Schulten como centro de um império, com literatura (Almagro-Gorbea, 2005, p. 40), com uma sociedade hierarquizada e com leis, o que se enquadra num contexto intelectual que valoriza os conceitos de *Cidade* e *Estado* na perspectiva difusionista, para a qual a evolução resulta de influências externas (cf. López Castro, 1993). Imbuído de um espírito antisemita (cf. Wagner, 1992, p. 4-5), Schulten vê os Tartéssios como filo-helenos que lutavam contra os bárbaros Persas, «mercaderes y marinos, pacíficos, alegres, hospitalarios, emprendedores, cultivados, tendentes a la exageración y a la fantasía, habilidad retórica, frivolidad y afición al canto y al baile» (Torres Ortiz, 2002, p. 29). Esta representação lembra a ideia aristotélica de predisposição dos povos<sup>11</sup>, ao mesmo tempo que representa, dentro do quadro ideológico de Schulten, a imagem que os documentos escritos transmitem sobre as comunidades do (idealizado) Ocidente, nomeadamente os Feaces.

A posteridade de Schulten não deixou de ter em mente a identificação da cidade de Tartessos, baseando-se, exclusivamente e sem resultados palpáveis, na análise dos textos<sup>12</sup>. O *emporion* continuava, de facto, a ser um lugar de localização imprecisa e discutível, tanto nas tentativas dos autores da Antiguidade como nas pretensões dos investigadores de Novecentos. O que não impediu, contudo, o desenvolvimento de novas hipóteses, nomeadamente o uso do conceito de *orientalizante*, que conduziu à integração da Península Ibérica e de Tartessos no conjunto das culturas mediterrâneas.

As décadas de 50 e 60 ficam marcadas pelo papel da Arqueologia enquanto mecanismo de aproximação às sociedades proto-históricas peninsulares, sobretudo após a descoberta, em 1958, do Tesouro de Carambolo. Este processo consolida-se com a publicação de *Tartessos y los inicios de la Colonización fenicia en Occidente*, da autoria de José M.ª Blázquez, em 1968, que «refleja que Tartessos ha dejado de ser un problema de crítica textual para pasar a convertirse en uno principalmente arqueológico (...)» (Torres Ortiz, 2002, p. 33). Nesse mesmo ano, a celebração do *V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular (Tartessos y sus problemas)* marca a predominância da análise do registo arqueológico e o abandono do método positivista. Esta análise reflecte-se na escavação de necrópoles e povoados, bem como

11 *Pol.* VII, 7/ \*4.9; VII, 15, 3-4/ \*4.10; sobre o aproveitamento político de VII, 7, cf. Bernal, 1993, p. 196-7.

12 Localizações propostas nos Anos 40: Ilha de Saltés (Huelva), Asta Regia (Sevilha) e Mesa de Astas (Cádiz). Cf. a este propósito, Wagner, 1992, p. 4ss.

na afirmação de um horizonte orientalizante de origem fenícia (Wagner, 1992, p. 5; Torres Ortiz, 2002, p. 32-35).

Os resultados da investigação arqueológica na Década de 70 não foram, porém, suficientemente produtivos, uma vez que os modelos da tradição germânica mantiveram-se durante um longo período de tempo, mercê da afirmação da «independência» da Arqueologia face a outros campos do saber. É possível apontar o dedo a algum autismo relativamente aos desenvolvimentos teóricos que conduziram, por exemplo, à revisão de conceitos e perspectivas, nomeadamente o uso do termo «aculturação» e a superação do Difusionismo. Esta situação motivou críticas (bastante justas) de autores como Carlos Wagner (1992; cf. López Castro, 1993), uma vez que a Arqueologia continuou a centrar a sua imagem de Tartessos na perspectiva dos seus agentes externos, tanto para o seu início como para o seu fim. Consciente ou inconscientemente, o pensamento de Schulten continuava no Senso Comum do pensamento arqueológico. Esta hegemonia da influência externa não impediu que uma minoria defendesse o início da cultura tartéssica no Bronze Final, antes mesmo do período «Orientalizante».

É neste contexto que surgem as definições de período «Pré-colonial» ou «Proto-orientalizante», defendidas, sobretudo, por M. Almagro-Gorbea, e que afirmavam a existência de uma cultura de origem greco-micénica. Segundo estas hipóteses, a origem de Tartessos deve-se à chegada dos Povos do Mar no final do II Milénio a.C. (Bendala, *apud* Torres Ortiz, 2002, p. 30-39), partindo da análise da distribuição das Estelas Decoradas do SW e de cerâmicas com estilo Geométrico greco-chipriota. Os trabalhos de M.<sup>a</sup> E. Aubet, nos finais da década de 70, foram importantes por defenderem «la capacidad de cambio que emanaría de la propia dinámica interna de las comunidades tartésicas» (Wagner, 1992, p. 8), bem como uma assimilação selectiva dos estímulos externos (que caracterizavam o «Orientalizante») por parte de pequenos grupos sociais. A presença de artesãos fenícios instalados na costa e no interior pode, igualmente, explicar este fenómeno (Wagner, 1992, p. 8, n. 7; Wagner e Alvar, 2003, *passim*).

Paralelamente, muitos investigadores procuraram cruzar informações derivadas da Antropologia, embora sem muito eco na investigação<sup>13</sup>, enquanto que outros se concentravam na relação entre Taršiš e Tartessos ou na difícil decifração da escrita do Sudoeste. Assiste-se, contudo, a uma importante renovação teórica que entra, directamente, nos Anos 80, com a utilização de metodologias herdadas do mundo anglo-saxónico, o que significava, claramente, um progressivo abandono do “fantasma” germânico no seio de uma Arqueologia preocupada com a enumeração e a classificação de dados cuja interpretação poucas vezes se afastava de ideias preconcebidas. Significava também a utilização de uma base inter-disciplinar que resultaria bastante bem na análise dos processos derivados do contacto inter-cultural.

Nesse sentido, outra via de investigação surge como uma procura de resposta a uma questão fundamental: o objectivo desses contactos. De acordo com Jaime Alvar (2000), os

---

13 Entre estes, contam-se J. Caro Baroja, Pérez Prendes, J. Arce, García Iglesias, García Moreno, J. Bermejo, J. Alvar e C. Wagner (Remeto a discussão do tema para Wagner, 1992, p. 8-9).

factores económicos justificam estes contactos (1990, p. 11-12), podendo produzir-se com dois níveis de intensidade: Modo de Contacto não Hegemónico (=MCnH) ou Modo de Contacto Sistemático (=MCS)<sup>14</sup>. Neste contexto, este autor e Carlos Wagner apresentaram uma proposta de extremo interesse para este trabalho, que ficou conhecida como “colonização agrícola” (Alvar e Wagner, 1988, *passim*; 2003, *passim*). Partindo dos trabalhos de Whittaker e G. Bonsor, estes investigadores afirmam que a presença fenícia é diversificada, incluindo a componente agrícola como um mecanismo possível. Dedicarei mais algumas palavras a estas propostas na Parte IV.

A interdisciplinaridade nem sempre marcou, portanto, as investigações do século passado. Porém, a identificação de novos achados gregos em Huelva e Málaga, datáveis entre os séculos VII e VI a.C., alteraram por completo a hegemonia do registo fenício na actual Andaluzia Ocidental (que pautou os estudos dos Anos 60 e 70) e conferiram à presença grega um renovado interesse. Assinale-se, por exemplo, que achados como os do Heraion em Samos (cf. *infra*, Parte II) foram praticamente ignorados antes destas descobertas nos Anos 80. Consequentemente, os trabalhos de R. Olmos e P. Cabrera (Olmos, 1989) trouxeram consigo a revalorização dos documentos escritos<sup>15</sup>.

Todo este percurso – do qual pouco se apresentou aqui – reflecte-se na construção da síntese de *Tartessos*, de Mariano Torres Ortiz (2002). Este trabalho incide, maioritariamente, sobre o registo arqueológico, concedendo pouca importância ao registo escrito, embora alargue o seu espectro de análise à toponímia e à onomástica (Torres Ortiz, 2002 e 2005). A sua perspectiva baseia-se no pressuposto, antes veiculado, que Tartessos é um processo de *Longue Durée* que se inicia antes da presença fenícia, colocando os fenómenos de interacção cultural com populações orientais como parte de um processo mais amplo. Para além disto, há que ter em linha de conta a discussão sobre a cronologia da presença fenícia (Parte III).

O carácter literário de Tartessos no registo escrito tem vindo a ser questionado nos últimos anos (entre outros, Ballabriga, 1986; Olmos, 1989; Cruz Andreotti, 1990; 1991a; 1991b), produzindo resultados interessantes que serão citados ao longo deste texto. Analisando de um modo superficial o registo escrito, damo-nos conta que Tartessos nunca teve uma localização precisa, se atendermos ao seu carácter de *emporion*. Será um termo que designa uma região, ou melhor, uma parte do Ocidente? Ou trata-se apenas do reconhecimento da região que os Fenícios terão designado como Taršiš? Ou de um tópico literário que passou a fazer parte de relatos épicos?

---

14 Esta terminologia tem a vantagem de permitir distinguir o impacte da presença fenícia em vários vários sítios arqueológicos, bem como de criar uma alternativa a termos como “pré-colonização” e “colonização” (Alvar, 2000).

15 O carácter do comércio destes objectos passou a ser visto com base em excertos como os de *Il.* XXIII, 740-9 (\*2.5) e de Heródoto (I, 163/ \*3.2 e IV, 152/ \*3.17) Passagens como a de começam, então, a fazer parte das aproximações ao carácter do comércio destes objectos na Península Ibérica, bem como à explicação da aparição deste *emporion* nos relatos de Heródoto. Ou, segundo Olmos, «la nueva relación histórica que surge de esta realidad arqueológica. Es decir, en cómo a través de estos hallazgos de Málaga y Huelva, podemos hoy leer los textos» (1989, p. 503).

Colocando a questão em termos de análise morfológica da narrativa de viagem, a descrição de Tartessos parece enquadrar-se em «convenções» literárias que serão apontadas na parte III. Tal não exclui a hipótese de que estes relatos fantásticos possam basear-se numa realidade vivida. Nesse sentido, estou de acordo com José Horta (1995, p. 181) quando afirma que qualquer discurso é uma reconstrução (ou percepção) da realidade, sendo indissociável da relação entre sujeito e objecto, em que o observador e o transmissor nem sempre são a mesma pessoa<sup>16</sup>. O discurso visa o receptor, transmitindo a *compreensão* do elemento observado, independentemente de reflectir uma descrição de algo vivido, ou episódios passados que identificam uma comunidade. Ou seja: «a representação é (...) a tradução mental de uma realidade exterior que se percebeu e que vai ser evocada – oralmente, por escrito, por um ícone – estando ausente» (Horta, 1995, p. 181). Lidamos, essencialmente, com uma grelha cultural e conceptual grega, que faz parte da história da sua mentalidade e que se reflecte nas suas percepções. Estes discursos podem, igualmente, representar práticas (gregas ou fenícias) e interesses económicos que influenciam os contactos entre sociedades distintas.

Por isso, devo deixar bem claro que analisar as representações não significa analisar as sociedades (sobretudo as que são representadas) em si mesmas.

---

16 Aproveito esta ocasião para afirmar que o objectivo desta dissertação era bastante mais ambicioso. Uma vez que procurei ver a questão de Tartessos no campo das representações, seria interessante utilizar alguns elementos de análise aplicados aos estudos africanos neste mesmo contexto. Não foi, contudo, possível abarcar este volume de informação, pelo que me contentei em apresentar apenas alguns aspectos que me parecem importantes e que podem fazer parte de trabalhos futuros.

## 2. As Fontes

A definição de processos sociais, económicos e políticos é feita, em boa medida, a partir da leitura da cultura material<sup>17</sup>, colmatando as limitações das fontes escritas. Esta vertente ganhou um peso significativo na tentativa de localização, distribuição, carácter e cronologia do que se apelidou «Cultura Tartéssica». Escolhendo-se «fósseis directores» em termos materiais (tipologia das necrópoles e cerâmicas) e linguísticos (toponímia), foi possível, como vimos, afirmar que Tartessos era um fenómeno económico e social que se iniciou antes da expansão fenícia, contrariando a ideia de que é no “Período Orientalizante” que se encontra a génese deste processo<sup>18</sup>. O registo material é o objecto central do recente e muito bem fundamentado trabalho de M. Torres Ortiz, notando-se o pouco peso que o registo escrito tem na sua análise. Aliás, o autor considera, não sem razão, que este é insuficiente na definição de Tartessos no seu conjunto (2002, p. 12-13 e 20).

O aparecimento de um topónimo associado à Península Ibérica (Taršiš, Tartessos) merece alguma atenção. Apesar de ser alvo de uma análise breve, permite uma aproximação a uma possível transmissão fenícia e posterior reconhecimento grego, conduzindo, por exemplo, à designação (posterior) de Turdetânia. Esta última consideração foi base de estudos que incidiram sobre a distribuição dos topónimos «tartéssicos» e que definiram relações centro-periferia (Torres Ortiz, 2002; 2005). Outra vertente de análise incide sobre os topónimos gregos ou indígenas/ fenícios helenizados que foram criados e/ ou adaptados, perdurando (ou não) com os Romanos (Moret, 2006; Rodríguez Adrados, 2000 e 2001a)<sup>19</sup>.

### 2.1. A Cultura material

O registo arqueológico permite aproximações a processos anteriores às primeiras referências escritas ao solo peninsular e que, aparentemente, se desenvolvem entre os séculos XI e VI a.C., indicando contactos entre a área tartéssica, o Mediterrâneo e o Atlântico. Esta área é localizada na actual Andaluzia, a Ocidente das Colunas de Hércules, partindo da concentração de materiais, de algumas referências das fontes escritas e, como veremos, de

---

17 Entende-se por Cultura Material: cerâmica, torêutica, arquitectura, urbanismo, etc.

18 Apesar de não ser um tema estudado nesta dissertação, a definição deste conceito foi, recentemente, revista num simpósio realizado em Mérida (Maio de 2003), intitulado *El Periodo Orientalizante* (Celestino Pérez e Jiménez Ávila, eds., 2005, p. 117-248). Cf. Blázquez, 2002, *passim*.

19 Queria deixar um pequeno apontamento ao trabalho deste último autor, citando *ipsis verbis* as suas últimas palavras: referindo-se aos topónimos gregos, Adrados afirma que «No fueron las armas, ni siquiera el comercio los factores decisivos, sino la *superioridad cultural* de los griegos, que *triunfó* al final sobre los fenicios y hubo de ser aceptada por los romanos; y por los indígenas, desde luego. El caso de los topónimos no es sino uno entre varios» (Adrados, 2001a, p. 33. Os sublinhados são meus). O campo das relações inter-culturais – e, neste caso concreto, da transmissão de informações e de topónimos – é extremamente permeável à introdução de juízos de valor (cultural!) cujos fundamentos evito rotular, mas que em todo o caso são importantes de assinalar, na medida em que destacam alguns princípios que afectam a leitura da realidade peninsular que, supostamente, se reflectiria em Tartessos.

alguns topónimos. Em termos materiais e económicos, a Geografia Tartéssica foi delimitada por um conjunto de «fósseis directores»: Estelas Decoradas do Sudoeste, cerâmicas com decoração brunida interna e externa (Torres Ortiz, 1999, p. 26-33), estilo Carambolo (figs. 1 a 3)<sup>20</sup> e cerâmicas pintadas com decoração orientalizante (tipo Lora del Río). A distribuição destes testemunhos levou, por conseguinte, a criar uma Periferia (entre o Algarve e a Península de Lisboa, Vale do Genil e depressões intra-béticas de Ronda e Granada) e um Centro (Andaluzia Ocidental), a partir do qual se terá desenvolvido um processo de colonização entre o Tejo e o Sado (Torres Ortiz, 2005).

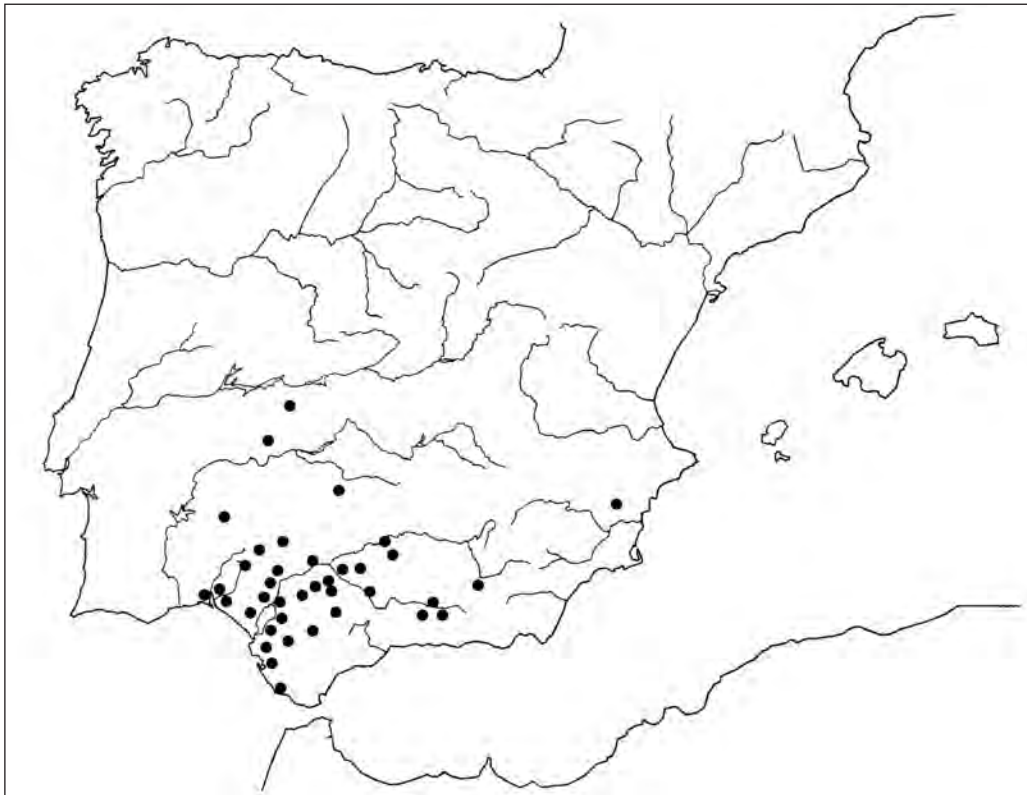


Fig. 1 – Distribuição das cerâmicas de decoração brunida externa (Torres Ortiz, 2002, p. 129, fig. VII.2)

<sup>20</sup> Pellicer, Ruiz Mata, Schubart e Del Amo. Esta é também a opinião de Torres Ortiz (2002).

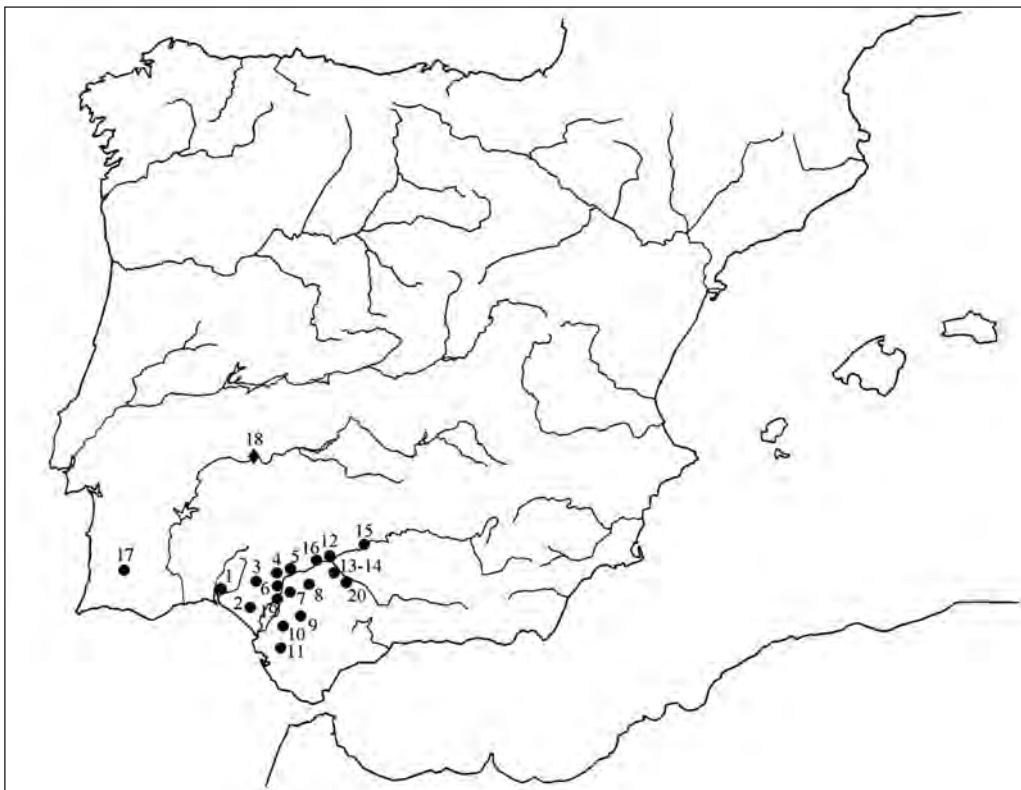


Fig. 2 – *Distribuição das cerâmicas de estilo Carambolo* (Torres Ortiz, 2002, p. 133, fig. VII.4)  
**(1)** Huelva; **(2)** San Bartolomé de Almonte; **(3)** Peñalosa; **(4)** El Carambolo; **(5)** Cerro Macareno;  
**(6)** Cerro de la Cabeza; **(7)** Universidad Laboral; **(8)** Carmona; **(9)** Cerro del Casar;  
**(10)** Torre Alocaz (Las cabezas de S. Juan); **(11)** Mesas de Asta; **(12)** Cerro del Calvario (Peñaflor, Sevilha);  
**(13)** La Saetilla; **(14)** Vega de Santa Lucía; **(15)** Córdoba; **(16)** Cortijo de El Acebuchal (Lora del Río);  
**(17)** Nora Velha (Ourique); **(18)** Medellín (duvidoso); **(19)** Coria del Río; **(20)** Torre Alhonor

O processo social, económico e político que caracteriza Tartessos coloca o problema da *cronologia*, avançando-se com duas hipóteses: 1) *Tartessos inicia-se com o contacto com populações fenícias*, resultando daí uma *Aculturação* materializada pelo Período Orientalizante Tartéssico (Torres Ortiz, 2002, p. 15); 2) *Tartessos inicia-se com o Bronze Final Pré-colonial* (entre outros, Aubet, 1986, *passim*; Plácido, 2002; Torres Ortiz, 2002), de acordo com a distribuição das cerâmicas já apontadas<sup>21</sup>. Ou seja, este processo inicia-se com a Metalurgia Atlântica durante o chamado “Período Proto-orientalizante” do Bronze Final peninsular (Almagro-Gorbea, 1989, p. 280; sobre esta questão, cf. *supra*), no século XI a.C. (em cronologia absoluta), materializando-se em situações como o Depósito da Ría de Huelva.

21 A primeira opinião é defendida por Garrido, Ruiz Mata e Schubart, enquanto que a segunda por Aubet, Del Amo, Arteaga, Balbín, Bendala, Blázquez, Luzón, Pellicer, Tejera, Almagro Gorbea e Torres Ortiz (2002, p. 15-16).

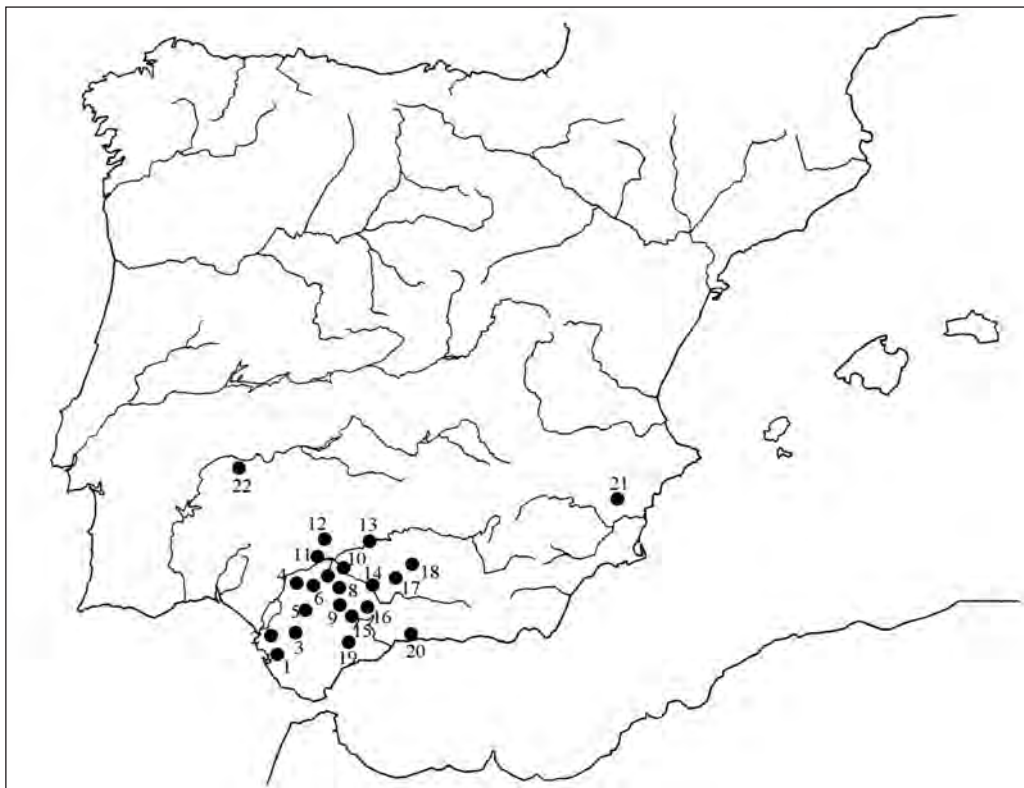


Fig. 3 – Distribuição das cerâmicas de estilo Lora del Río (Torres Ortiz, 2002, p. 147, fig. VII.10)  
**(1)** Castillo de Doña Blanca; **(2)** Cortijo de Vaina **(3)** Mesas de Asta; **(4)** Cerro Macareno; **(5)** El Arahá;  
**(6)** Carmona; **(7)** Cruz del Negro; **(8)** Entremalo; **(9)** Montemolín; **(10)** La Saetilla; **(11)** Lora del Río; **(12)** Setefilla;  
**(13)** Colina de los Quemados; **(14)** Alhonoiz; **(15)** Cerro Gordo; **(16)** Estepa; **(17)** Aguilar de la Frontera;  
**(18)** Porcuna; **(19)** Acinipo; **(20)** Cerro del Villar; **(21)** Peña Negra; **(22)** Badajoz

O «ocaso de Tartessos» (Alvar, 1993), por seu turno, é apontado para o século VI a.C.; contribuem, para esta interpretação, vários factores: (1) retrocesso do comércio fenício a partir da rendição de Tiro em 573 a.C. e o conseqüente desaparecimento de algumas colónias no Ocidente (Aubert, 1994); (2) conquista da Foecia pelos persas em 546 e (3) batalha de Alália em 535 a.C. Esta cronologia coincide também com o fim do «Orientalizante», explicando o retrocesso na produção mineira e na criação de excedentes agrícolas (Torres Ortiz, 2002, p. 16). Isto significa o abandono da tese que colocava nos Cartagineses o papel de responsáveis pelo fim de Tartessos em prol de hipóteses baseadas no esgotamento de recursos e na incapacidade de extracção de metais por parte das comunidades peninsulares<sup>22</sup>.

Independentemente de considerarmos que Tartessos é anterior à presença fenícia e que esta é uma etapa de um processo de *longue durée*, interessa-nos, para a leitura das fontes escritas,

22 Sobre esta discussão: Wagner, 1992, p. 8 e 25; Alvar, Martínez Maza e Romero, 1992 e Alvar, 1993.

verificar de que modo seria possível materializar a construção do conhecimento grego sobre o Ocidente através de achados micénicos em solo peninsular, bem como da presença de materiais gregos transportados por Fenícios para o Extremo Ocidente (Fig. 4)<sup>23</sup>. Estes achados datam do Séc. XIII a.C., identificando-se em Llanete de los Moros (Montoro, Córdoba), La Cuesta del Negro (Purullena, Granada), Gatas (Almería), Coria del Rio e Carmona (López Pardo, 2000, p. 13), revelando, para Mederos, contactos com a Sicília e a Sardenha e, para Martín de la Cruz, a época de maior expansão do comércio micénico. Para M. Ruiz-Gálvez (2000), D. Plácido (2002, p. 124-5) e outros autores, estes achados revelam contactos anteriores à presença fenícia e, conseqüentemente, conduzem à consideração de que o espaço para lá das Colunas de Hércules era já conhecido no II Milénio, o que se reflectiria, em boa medida, na imagem mítica do Oceano (Rodríguez Adrados, 2000, p. 1-2).

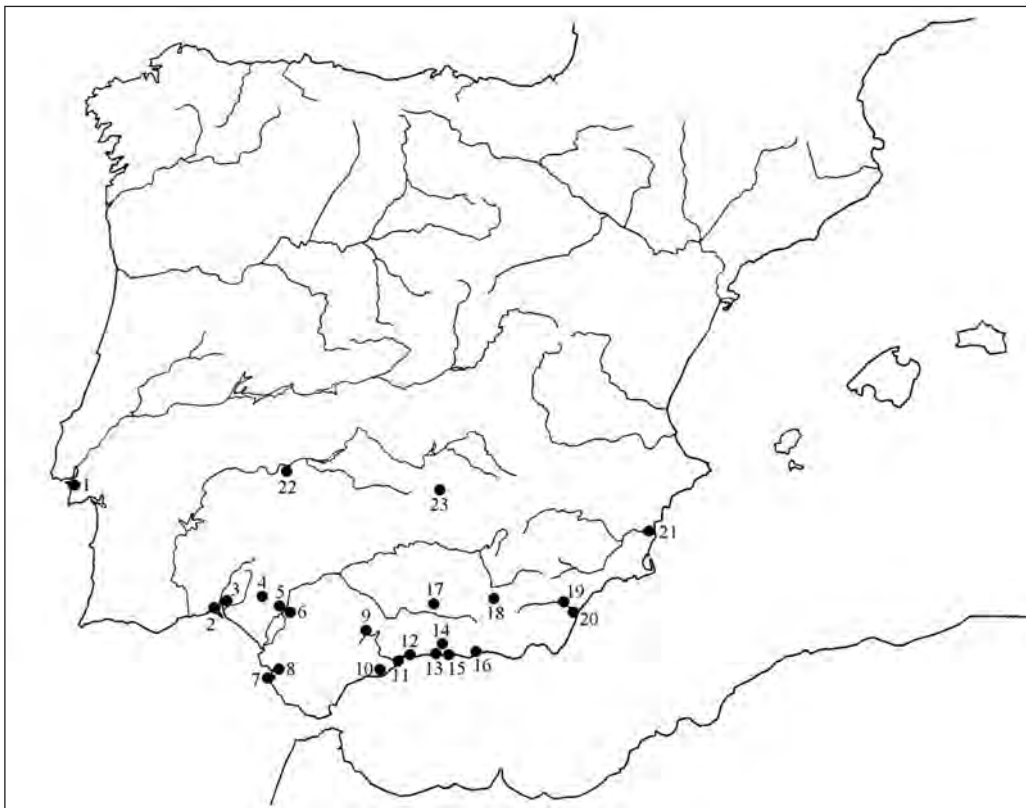


Fig. 4 – Distribuição das cerâmicas gregas, Sécs. VIII – VI a.C. (Torres Ortiz, 2002, p. 156, fig. VII.15)

(1) Almada; (2) Aljaraque; (3) *Huelva*; (4) Tejada la Vieja; (5) Coria del Río; (6) Sevilla; (7) Cádiz; (8) Castillo de Doña Blanca; (9) Los Castellones de Gobantes; (10) Fuengirola; (11) Cerro del Villar; (12) Málaga; (13) Toscanos; (14) Cerro del Mar; (15) Morro de Mezquitilla; (16) Almuñécar; (17) Cerro de los Infantes; (18) Cerro del Real; (19) Cabecico de la Parra; (20) Villaricos; (21) La Fonteta; (22) Medellín; (23) Cerro de la Bienvenida.

23 Este aspecto vai reflectir-se na discussão da etimologia “tartéssica”, bem como nos traços de influência fenícia em Hesíodo e Homero, daí a importância que confiro a estes aspectos (cf. *infra*).

Nesta perspectiva, a presença fenícia incide em rotas já conhecidas (Ruiz-Gálvez, 2000, p. 11-12), apesar das notícias que dão ao Templo de Gadir (Strab. III 5, 5/ \*4.21) uma cronologia anterior à fundação da cidade. Jaime Alvar assinala, contudo, que o período “Pré-colonial” é difícil de definir, dificultando o estabelecimento de uma relação com estes achados micénicos (2000). Tal justifica-se pela cronologia dos objectos orientais mais antigos (Séc. XI-IX a.C.)<sup>24</sup>. Em todo o caso, surgem materiais gregos a partir da primeira metade do Séc. VIII a.C. (Almagro-Gorbea, 1989, p. 284), que permitem pensar numa transmissão fenícia a partir dessa cronologia, e, baseada nas informações transmitidas (provavelmente a partir dos santuários ocidentais: Moreno Arrastio, 2000), a construção de uma imagem do Extremo Ocidente. Podemos enquadrar, neste contexto, a grande importância das viagens de Hércules/ Melqart pelos confins do mundo, o que remete para o achado de uma lúnula de bronze representando o 10TH no Heraion de Samos (Olmos, 1989; Tiverios, 2000, fig. 2; Carpenter, 1991, p. 127, fig. 201; fig. 5).



Fig. 5 – Hércules e Gérion (relevo em lúnula de Bronze de c. 600 a.C.), Samos (Carpenter, 1991: fig. 201).

Este achado, cronologicamente situado nas últimas décadas do século VII, parece apresentar uma «minuciosa alusión a la ambientación, algo inusual en el tratamiento iconográfico del tema en el arte griego, y más aún en esta época» (Tiverios, 2000, p. 60, fig. 2), fazendo pensar numa imagem exótica relacionada com a viagem de Colaios. Também é interessante assinalar o

24 A questão da cronologia da presença fenícia do Extremo Ocidente será abordada mais adiante. A presença fenícia pode remontar ao Séc. IX a.C., enquanto que os achados da Ria de Huelva parecem remontar ao século anterior, tendo sido interpretados como objectos de prestígio (Almagro-Gorbea, 1989, p. 282; Plácido, 2002, p. 126). Esta última questão é de extrema importância: para F. Moreno Arrastio (2001, p. 100-101), a consideração de que se trata de objectos de prestígio desvaloriza a sua funcionalidade, sendo o resultado de uma visão social orientada, estritamente, para o consumo. Este aspecto será comentado na parte IV na discussão dos «estereótipos de riqueza»

conjunto de pentes de marfim identificados no mesmo espaço onde o viajante sâmio depositou a sua oferenda. São pequenos objectos com forma rectangular (c.12 cm de largura e 0,5mm de espessura) decorados por incisão com animais e monstros, interpretados por Br. Freyer-Schauenburg como fenício-ocidentais. Estas figuras assemelham-se às que foram identificadas nas Estelas Decoradas e em Cruz del Negro (Carmona, Sevilla) em termos de estilo iconográfico («egiptizante» como seria comum na arte fenícia) e em termos de execução da arte (incisão assíria?), apesar de utilizarem matéria-prima de origem africana. Estes pentes são desconhecidos na área helénica, chegando a Samos antes de 640-630 a.C., manifestando, a par de aparentes oferendas de barcos, o aumento da importância destas viagens ao Extremo Ocidente, bem como um certo conteúdo arqueológico à viagem de Colaios (Tiverios, 2000, p. 57-9) ou, se preferirmos, à importância que estas viagens têm em memórias como a que Heródoto terá escutado.

Outro achado interessante, oriundo da desembocadura do rio Galikós (Golfo Ternaico), é o fragmento de asa de uma taça de engobe negro com a inscrição Αγαθονιος, à qual terão sido adicionadas, posteriormente, as consoantes /ρ / e /ν/ que configuraram o antropónimo Αργανθονιος. Este nome dispensa apresentações na questão de Tartessos, mas é importante assinalar que era utilizado por alguém desta zona. Curiosamente, tanto um como outro parecem habitar regiões ricas em prata (rio Tartessos) e em ouro (rio Galikós), segundo M. Tiverios (2000, p. 63). Nas costas do Mar Negro, identifica-se também um topónimo correspondente (Αργανθωνιον ὄρος), o que demonstra alguma importância deste nome, bem como uma relação com o minério. Em todo o caso, exemplos como este podem indicar, pelo menos em parte, a circulação de nomes sobre suportes portáteis. Esta transmissão pode muito bem aplicar-se às epígrafes gregas mais antigas da Península Ibérica que, de acordo com E. Ganguitia (1999), serviram como possíveis fontes de Hecateu de Mileto no Séc. VI a.C., bem como, provavelmente, de alguns topónimos peninsulares. Concentremo-nos, então, no topónimo / hidronímico Tartessos, de modo a verificar alguns aspectos relacionados com a formulação de uma etimologia associada ao Ocidente.

## 2.2. Alguns aspectos etimológicos

A análise etimológica de “Tartessos” (Ταρτησσός), bem como dos componentes toponímicos e hidronímicos definidos como Tartéssicos, é um terreno bastante limitado *a priori* pelos poucos conhecimentos sobre os elementos linguísticos das comunidades indígenas do Bronze Final e da Idade do Ferro, bem como pela impossibilidade de decifração da escrita do SW, identificada sobre pedra ou cerâmica<sup>25</sup>. Consequentemente, estas limitações impossibilitam

---

25 Parte desta discussão merece um breve apontamento. A cronologia desta escrita foi situada no Bronze Final, isto é, no Séc. XI a.C., por M. Ruiz – Gálvez (2000), enquanto que A. Arruda, partindo da cronologia de alguns sítios arqueológicos do Concelho de Ourique, situa estas estelas numa fase mais tardia que incide sobre os Sécs. VI-V a.C (2001). Numa tese bastante recente, M. Vázquez Hoys (2008) introduz uma ideia inovadora e ariscada: os peninsulares ensinaram os fenícios a escrever, detendo a escrita muito antes da sua chegada. Dito de outro modo, propõe uma teoria de *Ex-Ocidente Lux*.

a utilização destes textos como fontes históricas (Torres Ortiz, 2002, p. 14 e 21-22)<sup>26</sup>. A investigação debruçou-se, maioritariamente, na análise da raiz consonântica de *Trt-*, *Trs-* e *Trd-* e nas suas possibilidades de transformação (Koch, 2003; García Moreno, 1989; Villar, 1995; López Ruiz, 2005), complementando a análise da estrutura de topónimos peninsulares.

Etimologicamente, *Tartessos* apresenta uma raiz consonântica *Trt-* que pertenceria a um universo linguístico Indo-Europeu<sup>27</sup>. Este terá sofrido alterações ao nível das suas vogais, conduzindo a variantes como *Tart-*, *Turt-*, *Turd-* e *Tert-*, em parte relacionadas com adaptações à língua das comunidades que visitaram a Península Ibérica (Taršiš e Tharêion com os Fenícios, Tartessos com os Gregos e Turdetânia no Séc. II a.C. com os Romanos; Strab. III 2, 14/ \*4.19). Esta questão conduz à reflexão sobre as características do topónimo original e sobre as alterações que lhe foram feitas por Fenícios e Gregos. Se considerarmos, tal como Villar (1995), que a fórmula original seria *Tartis*, estaríamos na presença de um hidronímico (pela presença da desinência *-is*) que terá sido helenizado em referências como a de Estesícoro (*PMG* 184; Strab. III 2, 11/ \*4.17), com a substituição de *-is* por *-êssos*<sup>28</sup>. Por sua vez, os derivados de *Tar-* e *Tur-* identificam-se ao longo da Europa e, em particular, na Península Ibérica (Fig. 6).



Fig. 6 – Distribuição dos topónimos *Trt-* na Península Ibérica (*Turt-/ Tart-*), segundo Villar (1995)

26 Os trabalhos de J. Goody destacam a importância da escrita na organização das estruturas de poder em termos de comércio e administração (Goody, 1986, p. 67ss; Ruiz Gálvez, 2000; Torres Ortiz, 2002, p. 21-22).

27 Ou mesmo, na opinião de outros autores, paleoindo-europeu (Rodríguez Adrados, 2000, p. 6).

28 Políbio (III 24, 2; 4; 32, 9) menciona também um topónimo *Tarseion* e um etnónimo *Thersítai* (Koch, 2003, p. 176-185) no contexto do segundo tratado romano – cartaginês de 226 a.C.. De acordo com P. Moret, o autor não se refere à Península Ibérica, sendo mais provável a sua localização no Norte de África ou na Sardenha. *Thersítai* pode ter relação com um antropónimo – *Thersitês* – identificado em *Ilíada* (II, 112), um opositor de Odisseu e Aquiles (para este personagem, cf. Thalmann, 1988). De qualquer modo, segundo Villar (1995, p. 244-5) trata-se de uma helenização de um termo púnico.

É também provável que na transição entre o II e o I Milénio se tenha registado uma adaptação de /rti/ a /rši/ devido à presença e /i/ junto de /t/, configurando assim o termo *Taršiš* (Villar, 1995), cujas interpretações e traduções podem variar (López Ruiz, 2005)<sup>29</sup>. C. Gordon (1978, *apud* López Ruiz, 2005) traduz *Taršiš* por mar, aduzindo a sua associação ao vermelho e ao vinho (cf. *Il.* XXIII, 316), já que poderia derivar do Copta *Trošreš* (com raiz *trš-* também presente no Hebraico *tîrôš*), bem como do ugarítico *Trt* e *Mrt*. J.P. Brown (1968) salienta que uma inscrição púnica num anel de ouro apresenta uma dedicatória a *MLK-štrt*, por parte dos habitantes de Gadir (*l c 3 gdr*)<sup>30</sup>, o que indica o uso da partícula *Trt* num teónimo como Astarté.

Antes de Gordon, Allbright retoma a teoria de Gesenius, e propõe, em 1941, a existência de um empréstimo do acádico *ršš*, traduzido por “fundição”. Estaríamos, com isto, perante uma referência ao Rio tinto e/ ou à fundição de metal? Veremos que, em alguns topónimos peninsulares helenizados, existem referências aos recursos mineiros (para além de outros) ou a características geográficas, o que poderia validar esta tese. Por sua vez, para M. Koch (2003) e Ju. B. Tsirkin (*apud* López Ruiz, 2005), *Taršiš* seria a adaptação de um topónimo indígena, podendo muito bem referir-se, nos textos veterotestamentários, ao confim ocidental do mundo habitado (p. ex: \*5.4)<sup>31</sup>, e integrar a Península Ibérica no quadro de outras possíveis localizações. Nesta perspectiva, *Ταρτησός* seria uma palatização de *Taršiš* (Koch, 2003; López Ruiz, 2005).

Dentro dos nomes *Trt-* surge *Τάρταρος* (Tártaro). À primeira vista, este termo parece coincidir com a mesma raiz consonântica de *Ταρτησός* e com uma suposta referência aos confins ocidentais do mundo habitado (Strab. III 2, 12/\*4.18; Vara, 1982). Se a raiz *Trt-* aparenta ter uma origem peninsular, seria possível considerar, não sem as devidas reticências, que a paisagem «brumosa» de Tártaro (*Theog.* 119ss; 722ss; 820ss.; *Il.* VIII, 477-481/ \*2.3) faz parte de um conjunto de referências ao Ocidente com base em nomes *Trt-*. Estaríamos perante a possibilidade de que o sentido etimológico de Extremo Ocidente, nas suas paisagens da morte, tenha como base uma referência ao mundo peninsular? J. Vara salienta também que topónimos como *Ἀγαρός/οι* (denominações de populações e lugares da Trácia e da Cítia) tinham variantes como *Ἀγησός* (Cidade na Trácia), o que poderia, eventualmente, contribuir para colocar a hipótese de uma variação de sufixos sobre um prefixo comum, com a alteração da segunda vogal /α/ para /η/ e, conseqüentemente, de -αρός para -ησός.

Esta sugestiva hipótese não deixa de levantar algumas reticências quando confrontada com os *Dicionários etimológicos* de Chantraine (1999) e de Van Windekens (1986)<sup>32</sup>. O primeiro afirma que a etimologia do termo é «inexpliquéé. Probablement emprunt oriental» (1999, p. 1095), enquanto que o segundo procura relacioná-lo com (s.v.) *ἀταρτηρός* no sentido de

29 (1) Nome de lugar; (2) “Barco de *Taršiš*”, tal como os “Barcos de Biblos” (c. 2160-1788 a.C.), cuja designação se refere às viagens que estas embarcações realizam; (3) Pedra preciosa; (4) Antropónimo.

30 Donner e Röllig, 1962-1964, nº 71 (*apud* Brown, 1968, p. 47). Existem edições mais recentes deste trabalho.

31 Lipinski assinala que pode haver uma referência a Tiro e aos Fenícios que estavam sob o seu domínio, podendo também destinar-se a enaltecer o poder de Assarhadon, dando-lhe um sentido ecuménico (cf. Koch, 2003, p. 167-175; López Ruiz, 2005; Bravo Jiménez, 2005).

32 Omitem-se aqui os derivados deste termo, por critério de ocupação de espaço.

«terrible, terrifiant, inspirant la creinte», que pode identificar-se nos Poemas Homéricos. Segundo este autor, o termo é Indo-europeu com raiz \*trto- (adj., v. part. Pass. de \*ter-, identificado no Sânscrito: 1986, p. 25). Em nenhum dos autores, note-se, é apresentada uma contrapartida com Tartessos. Contudo, admitindo a hipótese assinalada anteriormente (de Koch ou Tsirkin), poderá tratar-se de uma adaptação a um termo indígena e, se assinalarmos que a descrição do Ocidente pode corresponder aos sentidos apontados para ἀταρτηρός (Van Windekens, 1986, p. 25), poderíamos identificar aqui uma construção etimológica que parte do Ocidente como ponto de referência (?).

Não obstante a importância destes aspectos na análise de mecanismos de transmissão, interessa continuar a discussão sobre os nomes *Trt-*, visto que coincidem com a raiz de topónimos e etnónimos identificados na Andaluzia Ocidental a partir do princípio do século II a.C. Artemidoro de Éfeso<sup>33</sup> assinala um topónimo (Turta) nas campanhas de Catão em 192 a.C., que terá perdurado em detrimento de Tartis, originando a designação de Turdetânia assinalada por Tito Lívio (cf. Villar, 1995). Tanto as variantes da primeira vogal (/a/, /e/ e /u/), bem como da terceira consoante (/t/, /d/)<sup>34</sup> fazem com que a Turdetânia seja apontada como herdeira da Cultura Tartéssica (García Moreno, 1989; Villar, 1995) e que hidrónimos como Tartessos sejam uma variação de Tartis<sup>35</sup>.

Outros argumentos contribuem para a hipótese da localização de Tartessos na Andaluzia Ocidental. Identificaram-se na região turdetana topónimos que não se enquadram nas matrizes Indo-Europeia ou Ibérica. Designações com prefixo em *Ip-* e *Ob-* e sufixo em *-urgi* (Rodríguez Adrados, 2000, p. 6), *-ucci.-ip(p)o*, *-oba*, *-uba* e *-uba* (Untermann, De Hoz, Gorrochategui e Villar, *apud* Torres Ortiz, 2002, p. 15; 2005, p. 195, fig. 1; Fig. 7)<sup>36</sup>, permitem, juntamente com a distribuição dos “fósseis directores” da Cultura Material Tartéssica, definir a extensão e as esferas de interacção da região andaluza (Torres Ortiz, 2002), bem como uma suposta «colonização tartéssica» na zona inter-fluvial do Tejo e do Sado (*id.* 2005, p. 195-6). Esta argumentação não confere muita importância aos nomes *Trt-*, cuja área de distribuição é muito mais vasta, não se restringindo à «periferia» de Tartessos (cf. fig. 6). Não quero, porém, alongar-me por este caminho, limitando-me apenas a deixar nestas linhas uma pequena dúvida sobre esta distribuição.

33 Em 1998, C. Gallazzi e Bärbel Kramer publicaram «Artemidor im Zeichensaal. Eine Paryrusrolle mit Text, Landkarte un Skizenbüchern» (APF), onde apresentam a descoberta de um papiro de Artemidoro na parte que se refere à Hispânia. Contudo, apenas se edita um pequeno fragmento que pouco ou nada altera o trabalho de R. Stiehle, publicado em 1856 («Der Geograph Artemidoros von Ephesos», *Philologus*, p. 193-244), no qual se apresentam alguns fragmentos sobre a Península Ibérica (fr. 7 a 36).

34 Variante que, por sua vez, pode ser identificada na relação entre o antropónimo *Odacis*/ topónimo *Oducia* (Lora del Rio) com *Otakiiś* das moedas de Obulco (Untermann; Faria: Torres Ortiz, 2005, p. 196).

35 Este hidrónimo caiu em desuso na época Romana, em prol de *Baetis* (actual Guadalquivir), que terá dado o nome à Bética (\*4.22).

36 Para outros autores, os topónimos em *-uba*, *-oba*, *-ippo* e *-urgi* são Indo-europeus (Rodríguez Adrados, 2000, 6). Porém, para Villar, *-ippo* pode ter uma origem minorasiática (Torres Ortiz, 2002, p. 42).

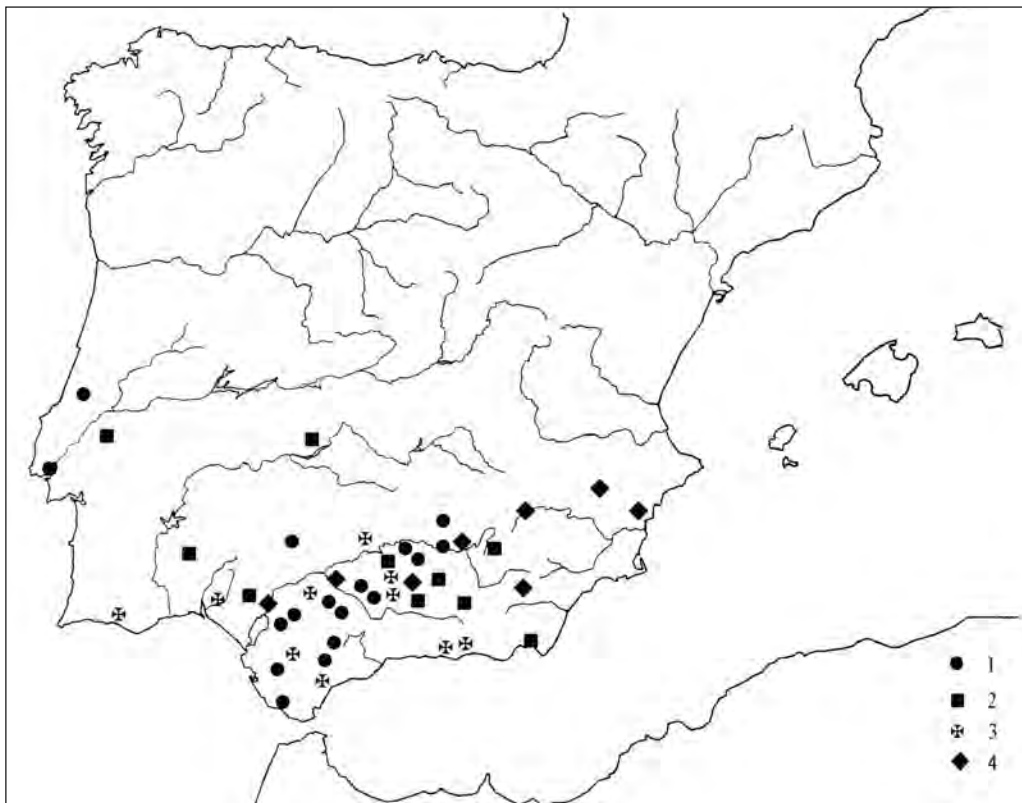


Fig. 7 – Distribuição dos topónimosTartéssicos, segundo Almagro – Gorbea (Torres Ortiz, 2002, p. 324, Fig.XIII.6)  
 (1) –ipo, -ippo; (2), Ob-, -oba,-uba; (3) -ucci, -urgj; (4) –ici, igi

A colonização, as navegações e o comércio gregos originam o aparecimento de outros topónimos. Havia, para R. Adrados (2000, p. 6), três saídas: «o aceptar los nombres indígenas; o adaptarlos al griego; o poner nombres griegos, aunque sólo fuera para usarlos ellos, otras veces para imponerlos (en las colonias sobre todo). En una obra como la *Ora Maritima* o en el mismo Hecateo hay de todo esto: y con frecuencia es muy difícil la interpretación». A base destes topónimos pode ser um fenómeno de duplicação (Gangutia Elícegui, 1999; Moret, 2006, fig.2 e p. 49-50), que nem sempre é fácil de rastrear no Ocidente, pelo desconhecimento da implantação de alguns deles. Pode também ser um fenómeno de criação de novos nomes em grego, entre os quais se contam os topónimos com terminação em *-oussa*<sup>37</sup>, em parte relacio-

37 Para uma enumeração desses topónimos gregos (para além das traduções e adaptações), cf. a lista de Rodríguez Adrados (2000 e 2001a), destacando-se, para o nosso caso, (Αργυροῦν ὄρος, introduzido por Estrabão (III 2, 11) referindo-se à passagem de Estesícoro onde se mencionam as fontes do Guadalquivir (Αργυρόριζος), e *Erythia*, a ilha de Gériorion (“Ilha Vermelha”) mencionada por Hesíodo (*Theog.* 982). Sobre a questão dos topónimos em *-oussa*, cf. Schulten, 1945, p. 90-2; Moret, 2006, p. 45-9 e Canales Cerisola, 2004, p. 133-7.

nados, tal como outros, com a descrição dos recursos disponíveis ou características geográficas destacáveis; os topónimos podem ser, igualmente, relacionados com um fenómeno de epónimo de um herói ou de quem chegou a estes lugares (Gangutia Elícegui, 1999; Rodríguez Adrados, 2000, p. 10). No caso de Ταρτησσός, tratar-se-ia, então, de uma adaptação de um nome ao Grego, com a introdução de -ησσός sobre um topónimo/ hidrónimo de raiz *Trt-*.

Pretendo apenas destacar a importância que estas questões têm na *representação* de terras distantes e na associação destas aos *relatos fantásticos* que as enquadram nas viagens remotas aos confins do mundo (que, pouco a pouco, ia sendo desenhado no imaginário grego). Para se tornar inteligível, o desenho deste mundo faz-se ora através da referência aos recursos, ora através da readaptação de mitos, ora de nomes trazidos de outros lados, nomeadamente da Ásia Menor. Mesmo considerando o pouco crédito conferido aos que viajavam por mar e aos Gregos do Ocidente (Moret, 2006, p. 41), o seu contributo foi fundamental para a transmissão da suposta existência de terras distantes habitadas por monstros ou por homens extraordinários que «existiam» nos lugares de origem dos viajantes e dos colonos. É neste sentido que os textos de Hesíodo e os Poemas Homéricos podem relacionar-se com as (hipotéticas) viagens micénicas ao Ocidente, contribuindo para a sua representação em tradições orais (Canales Cerisola, 2004, p. 38). A este panorama juntam-se as viagens fenícias, que também terão contribuído para a construção do Ocidente enquanto fonte de riquezas.

Vale a pena, por isso, entrar na análise dos textos que enquadram Tartessos no contexto de fenómenos de representação e (re)criação de uma paisagem ocidental e limítrofe, que ganham uma notória importância nas viagens transmitidas pela Poesia. É também importante assinalar várias questões que se prendem com estes documentos, para que se tornem mais compreensíveis e para que deles se possa fazer uma leitura crítica dentro das limitações que, naturalmente, me são impostas. Esta leitura não deixa de ser problemática, uma vez que as informações assinaladas devem ser enquadradas na sociedade que as (re)produz e no contexto de elaboração/ transmissão da obra. Estando consciente, claro, que «o que muda é o nosso olhar» e que nos vamos demorar em certas frases e deslizar por outras sem as ver.

## 2.3. Os Documentos Escritos

### 2.3.1. Hesíodo

Para alguns autores antigos, Hesíodo é anterior a Homero e viveu antes da Olimpíada de 776 (i.é., entre 1100 e 850 a.C.)<sup>38</sup>. A crítica mais recente tem vindo, contudo, a inverter esta ordem. Por exemplo, para além de não se encontrar entre os poetas épicos (Finley, 1982),

---

38 De acordo com o Mármore Páριο (c. 264-263 a.C.: Canales Cerisola, 2004, 33, n. 4), Heródoto II, 53/ \*3.6; ver cálculos em Taciano I, 31: Bernal 1: 100, n.58). De facto, Heródoto refere que os autores citados são anteriores a si, pelo menos, quatrocentos anos, enumerando, por ordem, Hesíodo e, depois, Homero, sem discutir quem é anterior e quem é posterior; Osborne (1998, p. 93) considera também que Hesíodo terá vivido pela mesma

Hesíodo introduz elementos que poderiam considerar-se como autobiográficos (Osborne, 1998, p. 172-3), o que, em última análise, na opinião de Lourenço (2006, p. 35-6), corresponde a uma fase seguinte a Homero, que em nenhum momento se identifica como autor. Esta necessidade de identificação levou à atribuição de poemas anónimos a determinado autor, o que pode ter acontecido com alguns poemas atribuídos ao poeta de Ascra.

Alguns pontos de vista apresentados pelo poeta parecem coincidir com o mundo da Idade do Ferro dos séculos VIII e VII a.C. (Lesky, 1995; Finley, 1982), do mesmo modo que a alusão aos Jogos Fúnebres em honra de Anfidamante de Cálcis, nos quais Hesíodo terá sido premiado (*Trab.* 653-659/ \*1.5). Este personagem estará, de acordo com referências posteriores (Plutarco, *Moralia*, 153 e-f), relacionado com a Guerra Lelantina (cf. Tucídides I 15, 3), cronologicamente localizada em torno de 700 a.C., a julgar pelas tácticas aplicadas e pelas supostas «consequências arqueológicas» deste conflito (Osborne, 1998, p. 176-177)<sup>39</sup>. Por seu turno, Martín Bernal recua esta cronologia para o século X a.C., discutindo a introdução do alfabeto na Grécia (c. 1400 a.C.) pelos Fenícios, cuja expansão (Heródoto V, 58/ \*3.20) terá atingido o Egeu entre finais do século XI e o século X a.C. (1993, p. 28; 92-3 e 100-101).

Os Poemas de Hesíodo apresentam elementos que são relacionáveis com tradições literárias Orientais e Egípcias, provavelmente resultantes de colonizações antigas (Bernal 1993, p. 100-102, n. 59 e 62)<sup>40</sup>. Tais tradições podem remontar ao III Milénio a.C., havendo a possibilidade de variantes em época Micénica (Walcolt, *apud* Bernal, 1993, p. 101) e de transmissão fenícia (de onde procedia o vinho favorito de Hesíodo), no contexto de tradições do I Milénio a.C. Por outro lado, as teogonias que gravitam em torno de Zeus aparentam ter mais relações com Amon do que com Marduk, remetendo para uma transmissão no II Milénio a.C. (Bernal 1993, p. 102, n. 68). Neste sentido, *Teogonia* parece ser uma confluência de tradições e civilizações (egípcia, fenícia, babilónica, hurrita, hitita, indo-europeia, etc.), a julgar pela quantidade de traços comuns (Martín Sánchez e Martín Sánchez, 2000, p. 18).

O mesmo se passa com *Os Trabalhos e os Dias*, em que encontramos, no passo do Mito das Idades, um conjunto importante de teorias que procuram definir a sua origem. Esta obra apresenta um Hino a Zeus (que coloca na primeira pessoa o autor e na segunda o seu irmão Perses) no contexto de uma disputa pela herança deixada pelo pai do poeta. O poema destaca um interesse específico pelo trabalho humano e pela justiça distribuída por Zeus entre os líderes. Ou seja, *Os Trabalhos e os Dias* representa uma versão de *Teogonia* a um nível quotidiano, num contexto político em que os *Basilei* julgam casos como o que opõe o poeta

---

época ou um pouco antes de Homero. Para uma versão online deste documento, veja-se <http://www.ashmolean.org/ash/faqs/q004/>, onde se apresenta uma tradução do texto original (consult. 12/8/08).

39 A. Martín Sánchez e M.ª A. Martín Sánchez salientam, contudo, que Plutarco considera que os versos 654-5 são espúrios e que, de acordo com a tradução de Mazon, há uma alusão ao “duelo” entre Hesíodo e Homero (Trad. de *Trabalhos e Dias*, 1998, p. 106, n. 104).

40 Um interessante estudo publicado recentemente analisa as relações entre Hesíodo e as tradições orientais, bem como com os textos órficos (López Ruiz, 2006). Veremos, mais adiante, a relação que estas tradições externas podem manter com a representação de Μάκαρων νῆσος e com a sua estrutura etimológica.

ao seu irmão. Teria sido a decisão daqueles – tomada em prol de Perses devido a um suborno – que inspirou Hesíodo (ou «o que emite a voz») a compor este poema<sup>41</sup>.

Os objectivos do poema justificam a inclusão do Mito de Prometeu, que explica a condição em que viviam Hesíodo e os seus próximos: por castigo de Zeus, o Homem foi obrigado a trabalhar para sobreviver (*Trab.* 42-105; Osborne, 1998, p. 172-174; Brown, 1998, p. 388). Para além disso, Hesíodo Habitava Ascra («má no Inverno, terrível no Verão, e nunca boa»: *Trab.* 638-640) e, se atendermos ao seu discurso, os seus líderes não eram justos. Justiça e prosperidade agrícola juntam-se, assim, em dois mundos opostos: por um lado, o dos homens de Ouro e, por outro, Μάκαραων νῆσος, onde vivem alguns heróis. Estes mundos, pelo que o “Mito das Idades” dá a entender, são o oposto do mundo da Idade do Ferro em que vive Hesíodo.

A valorização de Hesíodo reside na sua importância para a compreensão da representação de personagens como Gérion ou Argantónio. A relação cronológica entre esta obra e a fundação do templo de Gadir é importante, na medida em que pode já conter alguns ecos de transmissões que voltaremos a encontrar em Homero. Estas, por seu turno, podem reflectir uma concepção criada em torno do conhecimento fenício do Extremo Ocidente e dos contactos estabelecidos por todo o Mediterrâneo. Neste sentido, a circulação de informações (sobretudo, senão exclusivamente, orais) seria um ponto de partida para a construção de paisagens imaginárias, idílicas e distantes que são utilizadas como contrapartida dos lugares onde estes textos são criados. Note-se que estas descrições enquadram contextos onde as sociedades sentem bastantes dificuldades para sobreviver, ou mesmo em contextos de violência (saques, invasões, etc.), como seria o mundo próximo de Hesíodo. E, por definição, não é necessário que as “utopias” (ou o “mito da cidade ideal”) criadas nestes contextos tenham uma localização geográfica (Lens Tuero e Campos Daroca, 2000; Pinheiro, 2006).

### 2.3.2. Homero

Os Poemas Homéricos revelam, tal como Hesíodo, uma grande consciência dos valores morais e políticos (Osborne, 1998, p. 189; Dalby, 2006, p. 14). Neles confluem tradições anteriores que marcam a transição da oralidade para a escrita (W.G. Forrest, *apud* Bernal, 1993, p. 100, n. 59), embora deva considerar-se que terão sido mais escutados que lidos (Lourenço, 2006, p. 37) e que estas duas formas de transmissão não se excluem mutuamente. Neste sentido, um primeiro problema que se coloca é a «estratigrafia» dos poemas: neles encontramos, para

---

41 O Poema está dividido em três partes: (1) *Justiça* (vv. 1-382): Zeus e os humildes mortais, abrindo caminho para a discussão sobre a boa e a má discórdia entre os homens, a injustiça de Perses, a explicação do porquê dos mortais serem obrigados a trabalhar e a necessidade de trabalhar; (2) *Trabalho* (vv. 383-694): calendário dos trabalhos agrícolas, a boa altura para a navegação, ou seja, o know how de trabalhar bem; (3) *Dias* (vv. 695-828): conselhos relacionados com o calendário (cf. Osborne, 1998, p. 174; Martín Sánchez e Martín Sánchez, 1998, p. 72).

além de convenções métricas e fórmulas linguísticas (West, 1988; Sifakis, 1997), referências a alguns objectos de cronologia anterior ao poema, que permitem pensar que algumas cenas podem perdurar na oralidade sem a necessidade de um registo escrito (Osborne, 1998, p. 168-169; Dalby, 2006, p. 3-30; Moreno Arrastio, 2007, p. 145).

Outro problema que estes poemas colocam é a sua autoria. Nos finais do século XVIII e princípios do XIX, intelectuais como Friedich A. Wolf consideraram que *Ilíada* e *Odisseia* eram de tal forma extensos que não poderiam ser obra de um só autor analfabeto, mas, sim, de um grupo de poetas que representavam o conjunto do *Volk* grego e a *infância* da «raça» europeia (Bernal, 1993, p. 264-5, n. 3 e 4). A hipótese de anonimato assenta sobre três premissas: (1) o nome «Homero» resultaria de vários significados relacionados não só com a profissão – “o cantor harmonioso” – como também com os locais onde os poemas eram recitados – Santuário de Zeus *Homéριο*. (2) Estes versos foram transmitidos por uma congregação de poetas – os Homéridas – que se identificavam descendentes de um poeta cego (fig. 8) identificado com Demódoco de Esquéria, embora dificilmente se admita que se trata de uma família (West, 1999, *apud* Lourenço, 2006, p. 34 e 39-40; Pinheiro, 2005). (3) Na poesia oral, o nome do autor seria dispensável, o que se alterou, posteriormente, com a repulsa pelo anonimato. Deste último aspecto resulta a atribuição de tradições dispersas a um só autor (Lourenço, 2006, p. 35-37), bem como várias tentativas de reconstrução da sua biografia<sup>42</sup>.

A *cronologia* dos Poemas Homéricos, bem como de Hesíodo, conecta-se com afirmações como a de Pausânias (IX 30, 3/ \*4.5) ou Heródoto (II, 53/ \*3.6). Partindo deste último e da referência a objectos fenícios nos poemas (*Il.* XXIII, 740-9: \*2.5; *Od.* IV, 611-619/ XV 113-119: \*2.13), Bernal defende que Homero (ou um anónimo) seria datável do século IX a.C. (1993, p. 101-2)<sup>43</sup>. Esta proposta significa um recuo na cronologia que foi apontada por outros autores (p.e., Finley, 1982), que propõem a introdução do alfabeto no Egeu no século VIII. Nesta argumentação, o relato de Odisseu atinge o Ocidente do mundo Grego, o que pressupõe que tal não seria possível antes da colonização da Itália meridional e da Sicília. Ou seja, Homero seria um autor dos séculos VIII-VII a.C. (Lourenço, 2006, p. 33). Se esta hipótese parece desvalorizar a possível transmissão fenícia de conhecimentos sobre o Mediterrâneo Ocidental (Bernal 1993, p. 101; Plácido, 2002, p. 133-4)<sup>44</sup>, por outro lado as afirmações de Bernal não valorizam suficientemente o papel da oralidade na perduração de cenas e de objectos nos poemas.

42 (1) *Certame*, texto anónimo transmitido num manuscrito florentino do Séc. XIV; (2) *Sobre as origens de Homero, Cronologia e Vida*, atribuída a Heródoto e escrita, provavelmente, entre 50 e 150 d.C. (por Hermógenes de Esmirna ou Cefálio de Gérgito); (3 e 4) duas obras atribuídas a Plutarco, intituladas *Da vida e Poesia de Homero*; (5) *Vida de Homero*, na *Crestomania* de Próclo: é o único que nega a cegueira de Homero e a competição com Hesíodo; (6) *Suda* (Séc. X d.C.), redigido a partir do *Índice de Autores Ilustres*, de Hesíquio de Mileto (Séc. VI d.C.); (7-10) informações sobre Homero ou dos escólios a Homero e comentadores anónimos, na *Vita Romano* e na *Vita Scolarienses* (Pinheiro, 2005, p. 118-121). O mesmo parece passar-se com Hesíodo, ao qual foram atribuídos poemas como *Escudo*.

43 Cf. *supra*, a questão da expansão fenícia no Egeu e a opinião de Bernal sobre a introdução do alfabeto.

44 Revelada, por exemplo, pela presença de materiais gregos entre o espólio fenício na Península Ibérica.



Fig. 8 – Homero representado por Rafael. Pormenor do fresco do Parnasso, Vaticano (Pinheiro, 2005, fig. 5)

F.A. Wolf propôs, neste contexto de discussão, que os Poemas Homéricos foram «fijados por escrito por primera vez en la Atenas del siglo VI» (Bernal, 1993: 265), mais precisamente em 522 a.C., por ordem de Hiparco, o que representaria a fixação definitiva de várias tradições, com o acrescento de outras, nomeadamente a «Telemaquia»<sup>45</sup>. Desta forma, a paternidade de Homero parece surgir no século VI, levando alguns autores a pensar que *Odisseia* seria posterior a *Ilíada* (M.L. West; W. Burkert, *apud* Lourenço, 2006, p. 35), e que estas obras foram associadas ao nome de um só poeta no século V a.C. (Heródoto II, 116/ \*3.7; IV, 29)<sup>46</sup>.

«Desde início todos aprenderam de Homero» (Xenófanes, Fr. 10 D-K; Pereira, 1998, p. 181; Lourenço, 2006, p. 37). Por outro lado, «Pisístrato... reuniu os poemas de Homero, que andavam *dispersos* e eram *lembrados pela tradição*, uns nuns lugares, outros noutros»

45 O acrescento de versos aos poemas é confirmado por Píndaro (*Nem.* II, 1/\*4.3), onde o autor afirma que os Homéridas são poetas de «versos cosidos», expressão que tem paralelos no campo semântico de “rapsodos” que, seguramente, recitavam estes poemas (Lourenço, 2006, p. 38-39).

46 Os excertos citados correspondem a duas situações distintas: a primeira refere o regresso de Alexandre e Helena e o segundo associa um excerto de *Odisseia* (IV, 85: «Na Líbia, onde os cordeiros nascem já com cornos») aos bovinos sem cornos de Cítia, interpretando o crescimento dos cornos de acordo com o clima frio ou quente (segundo Schrader, 2000). Ver também Heródoto. III, 32 (\*3.14)

(Pausânias 26, 13/ \*4.6, o itálico é meu), nos finais do século VI. Para além de revelar a importância destes poemas (orais) na audiência ateniense – pelo menos ao ponto de conduzir à sua redacção – a informação de Pausânias dá a entender que estas tradições podem ter variantes com tempos e espaços distintos. Tal não exclui que a variabilidade de tradições pode conduzir à introdução de protagonistas e episódios distintos, embora similares no papel que desempenham no conjunto de um relato. Por isso, os que foram transmitidos por Heródoto (I, 163 e IV, 152) poderão, eventualmente, representar duas variantes possíveis (?). Por seu turno, os Poemas Homéricos podem derivar de tradições de várias origens<sup>47</sup>.

É possível estabelecer algumas ligações entre a poesia homérica e textos egípcios ou orientais, quer através da construção do discurso (West, 1988; Galán, 2001), quer através da descrição dos confins do mundo (Plácido, 2002). As hipóteses colocadas em torno desta questão foram seguidas ou descartadas consoante o ambiente político e cultural que se debruçou sobre os textos. Autores como Wolf e Karl Örtfried Müller, por exemplo, consideraram o Grego como filósofo e artista (racialmente) puro, recusando as propostas do «Modelo Antigo» (Bernal, 1993, p. 55-6; 264-265; 286-293). Posteriormente, seguindo um caminho distinto desta via, Victor Bérard publica dois trabalhos muito contestados: *Les phéniciens et l'Odyssee* (1902-3) e *Les Navigations d'Ulysse* (1917), chegando à conclusão de que *Odisseia* era uma adaptação grega a um périplo semita, baseando-se na análise da linguagem náutica (Bernal 1993, p. 344-9; Tortosa, 2003: 37-39).

A possível influência de outras tradições literárias é válida tanto para Hesíodo como para Homero. Por exemplo, J.M. Galán (2001: *passim*) apresenta elementos formais (egípcios e orientais) que se conectam a cenas de *Odisseia*, nomeadamente a *dádiva*, a *hospitalidade*, as *paisagens escatológicas* e o *desejo do regresso* (\*5.1-5.3). Também nesta linha, Bernal estabelece alguns paralelos entre a viagem de Odisseu e o *Livro dos Mortos* (1993 p. 101; 1991, p. 85-88), pela representação das ilhas ocidentais, bem como pela sua etimologia (v. *infra*).

Neste capítulo, importa destacar apenas o *desejo de regresso*, já que os restantes temas serão tratados mais adiante. Este aspecto é estruturante na *Odisseia* (se excluirmos a «Telemaquia», que é outra viagem dentro da narrativa), em que o seu protagonista – Odisseu – procura regressar a Ítaca para junto dos seus, contando as suas peripécias aos Feaces e ao seu anfitrião (Alcínoo)<sup>48</sup>. Este relato de viagem<sup>49</sup> parece querer transmitir, tal como Hesíodo, uma

47 Remeto para o excelente artigo de M.L. West (1988) o aprofundamento da questão das várias tradições que terão conduzido à construção da poesia épica grega.

48 De acordo com M. Bernal (3, p. 382), o nome de Odisseu – Ὀδυσσεύς – é uma construção etimológica procedente do verbo egípcio wd3, ao qual se acrescenta o sufixo –w/ eus. O correlativo egípcio wdyt, por seu turno, traduz-se por expedição e viagem. Sobre o nome de Ὀδυσσεύς, cf. Pucci, 1993. A apresentação de um relato ao anfitrião é um recurso literário de extremo interesse, permitindo lançar a narrativa *in media res*, ou mesmo *in extrema res* e, de caminho, contar a um receptor atento – que pergunta aquilo que o poeta quer transmitir – as aventuras que antecedem esse episódio. Teremos oportunidade de analisar com maior proximidade este aspecto interessante, visto que encontra eco em relatos como os de Heródoto (I, 163 e IV, 152), em que a *hospitalidade* está também presente.

49 Sigo aqui a opinião de François Hartog (2001, p. 23), que afirma que *Odisseia* não é mais do que um relato de viagem.

reflexão da sociedade sobre si mesma, apresentando uma visão antropológica sobre outras realidades, tanto humanas como divinas, e distinguindo o que é grego do que não é (Osborne, 1998, p. 178 e 189).

Voltando às relações com a literatura egípcia, este *desejo* tem paralelos com outros relatos de viagem (*Sinuhe* e *O Naufrago*: Galán, 2001, \*5.2 e \*5.3), onde também surge um aspecto fundamental: o *regresso com riquezas*, que consagra, justifica e simboliza a viagem. Tal é o caso da viagem de *Wennamon*. Convido a leitora ou leitor a reler os textos de Heródoto, apresentados em anexo (\*3.2 e \*3.17), com este aspecto em mente, antes de passar à exposição de alguns aspectos da sua obra.

### 2.3.3. Heródoto

Essas duas passagens integram-se numa obra cujo objectivo é o de registar os feitos notáveis e singulares do Homem (ou de personagens colectivos/individuais), de modo a explicar as diferenças e as causas dos confrontos entre Gregos e Bárbaros (I, 1/ \*3.1)<sup>50</sup>. Justifica-se, com isto, a análise de alguns aspectos que permitem explicar e discutir a posição de Tartessos nas *Histórias*, nomeadamente o facto de esta paisagem se encontrar fora do espaço geográfico e etnográfico que o autor analisa<sup>51</sup>.

A valorização da viagem como modo de conhecer o mundo e os costumes – *nómoi* – das comunidades com as quais contactou, directa ou indirectamente, reflectem-se na construção da sua obra, dedicando os quatro primeiros livros à descrição etnográfica dos povos conquistados pelo imperialismo medo – persa<sup>52</sup>. Esta tendência parece surgir a partir do aumento do conhecimento directo das paisagens ocidentais entre os séculos VIII e VI a.C., parecendo adaptar-se à curiosidade e interesse da audiência. É neste contexto que pode incluir-se o surgimento de dois géneros literários (*Periegésis* e *Logós*), destacando-se Hecateu de Mileto entre os autores anteriores a Heródoto<sup>53</sup>. Estes discursos caracterizam, de acordo com as referências culturais do autor e da audiência, a geografia, a natureza, as comunidades que habitam as regiões e,

50 A dicotomia entre Gregos e Bárbaros (diferenciados pela língua) é um aspecto que acompanha toda a obra de Heródoto. A este respeito, cf. Soares, 2001; Silva, 2000, 2001. Para uma diacronia do conceito, cf. Dubuisson, 2001.

51 I.e., os confins do mundo habitado, localizados para além das Colunas de Hércules. Este tema será mais desenvolvido num capítulo próprio, dedicado a esta representação em Heródoto.

52 Para a valorização da viagem, cf. os comentários de Heródoto às viagens de Sólon (I, 30) e Anacrásis (IV, 76). A postura de Heródoto em relação aos *nómoi* (adiante νόμος/οι) encontra-se muito bem exemplificada em III, 38 (\*3.10), numa passagem em que critica a postura de Cambises em relação a outras culturas. O argumento pode ter uma origem délfica, segundo C. Schrader (2000, n. III 201, citando Xenofonte, *Mem.* IV 3, 16). Atendendo à conclusão do excerto, em que Hrdt. refere Píndaro (citado também por Platão, em *Górgias*, 484b), é provável que o historiador tenha utilizado o termo νόμος num sentido erróneo, já que Píndaro se refere, mais precisamente, a Hércules e Gérion, utilizando o episódio e o termo no sentido de *Lei* (i.e., a lei do mais forte). Voltarei a referir este aspecto mais adiante.

53 A este nome podemos juntar outros: Caronte de Lâmpsaco, Dionísio de Mileto, Escílax de Carianda, Helânico de Lesbos (contemporâneo ou posterior a Heródoto), Helânico de Lesbos (que escreveu uma *História da Pérsia*, referindo-se aos νόμοι dos “bárbaros”, ao período mítico da Grécia, às origens das cidades gregas na Ásia), Xanto,

no caso particular de Hecateu, a explicação etimológica dos etnónimos (Gangutia Elícegui, 1999, p. 6-9)<sup>54</sup>.

Tanto as *Histórias* como algumas (por vezes contestáveis) referências posteriores de outros autores são fontes para aproximações à biografia de Heródoto. Calcula-se que terá nascido entre 484 e 485 a.C. (pouco antes da invasão de Xerxes em 479 a.C.) em Halicarnasso<sup>55</sup>, onde participou, juntamente com a sua família, na luta contra a tirania de Lígdamis, episódio que lhe valeu o exílio em Samos. Regressado de Samos, iniciou um longo percurso de conhecimento do mundo (454-444 a.C.), viajando pelo Egipto (c. 449 a.C.: III, 15), Fenícia (II, 44/ \*3.5), talvez Mesopotâmia e Babilónia (I, 178; 181), Cítia (Ístria, IV, 50, e Olbia, IV, 76), Magna Grécia (IV, 99), Sicília (VII, 165-167) e Cirenaica (onde recolheu informações sobre a Líbia: IV, 168ss.). Como afirma em III, 115 (\*3.15) e IV, 184-5 (\*3.18), não conheceu o Mediterrâneo Ocidental. Em 444, participou na fundação de Túrios (ordenada por Péricles), onde obteve a cidadania da cidade e onde acabou de redigir a sua obra, até aos primeiros anos da Guerra do Peloponeso (VI, 91; VII, 137; 233; IX, 73). Partindo do episódio do assassinato de embaixadores Lacedemónios às mãos dos Atenienses (Tucídides, II, 67), a data da sua morte é fixada em 430 a.C. (cf. Schrader, 2000, p. 16-21).

Da estadia em Samos resultou um conjunto assinalável de informações (III, 44-48 e 49; Immerwahr, 1956-57; Mitchell, 1975; Gómez Espelósín, 1993), fornecidas por Espartanos e Sâmios, sobre o passado da ilha e os seus principais protagonistas. Um deles (Polícrates) terá sido conhecido pelo autor por intermédio de uma aristocracia anti-tirânica (Schrader, 2000, n.III, 228; Mitchell, 1975, *passim*), inspirando-lhe um interesse extraordinário<sup>56</sup>. Este tirano acolheu na sua corte Anacreonte (III, 121; Schrader, 2000, p. XIX; n. III, 623) e, de acordo com testemunhos posteriores, foi mecenas da poesia e dos poetas até 523 a.C., antecedendo Hiparco na organização dos festivais em que participaram os Homéridas (Lourenço, 2006, p. 34-5).

Este dado não só pode ser conectado à recitação da poesia homérica, como também à referência de Anacreonte a Tartessos (Strab. III 2, 14/ \*4.19: fr. 361 PMG/ \*4.2), o que se traduziria, hipoteticamente, pela introdução de aspectos comuns a *Odisseia* em relatos como o de Colaios (IV, 152). Se esta viagem pode apresentar um carácter épico, por outro lado, o

---

etc. (Soares, 2003, p. 16-17; cf. Fowler, 1996). O carácter fragmentário da(s) obra(s) de Hecateu não permite tecer grandes considerações em torno da "verdade" que o autor propõe no seu prómio (fr. 1 Jacoby; Hartog e Casevitz, 1999, p. 43/ \*4.1).

54 Estas explicações, aplicadas aos topónimos, podem também dar origem a novos mitos como, por exemplo, a fundação de Olisipo por Odiseu, como sugeriu Amílcar Guerra na revisão deste trabalho.

55 Esta cidade denota uma grande confluência cultural, étnica e linguística (Schrader, 2000; Soares, 2003, p. 467). Foi fundada por Dórios oriundos do Peloponeso, que encontraram aí uma população de origem Cária, bem como algumas influências Jónias. O interesse de Heródoto pela cidade, sobretudo por Ártemis, antepassada do tirano Lígdamis (VII, 99; VIII, 67-69; 87-88 e 101), associa-se a uma descrição pormenorizada deste local (I, 144 e I, 174-176). Sobre a vida do autor, cf. a introdução geral da tradução consultada para este trabalho (=Schrader, 2000).

56 Por exemplo, pelo modo como o tirano se apoderara da ilha (568-567 a.C.), desembaraçando-se dos seus dois irmãos (III 39-42) e de alguns opositores (III, 44-46 e 49). Polícrates chegou a converter Samos numa potência naval (III, 39).

percurso de Polícrates pode identificar-se com a sequência narrativa da Tragédia. Ou seja, a *oralidade* e os conhecimentos transmitidos pela poesia parecem ser uma via de aquisição de informações sobre o passado de uma comunidade (cf. Mitchell, 1975).

Deste breve panorama, depreende-se que a obra de Heródoto resulta de uma sensibilidade consolidada pelo seu percurso de vida. Marca uma fase da longa tradição da Épica, da especulação científica (Geografia e Etnografia), e da Tragédia. Marca também o início de um novo caminho, oposto à representação de um passado heróico, dando protagonismo ao factor humano nos seus feitos individuais e colectivos (\*3.1) e confirmando a génese da Historiografia como género literário (Schrader, 2000, p. 10-12). É, também, apontado como fundador da «História Comparada das Religiões», segundo Burkert (Soares, 2003, p. 20-21): procura influências externas para explicar aspectos da cultura grega (Egipto: II, 49-52; II, 171; II, 182; VI, 55; Fenícia: IV, 147; V, 57-8/ \*3.20), compara rituais fúnebres (entre Citas e Egípcios, por exemplo, em III, 16), refere as particularidades de várias comunidades e procura, em certas ocasiões, apresentar versões diferentes de um mesmo relato, bem como a sua interpretação pessoal. Há a acrescentar o seu interesse pelos diversos sistemas políticos (cf. Hrdt. III, 80-82/ \*3.11), como, oportunamente, será referido.

Os elementos etnográficos que utiliza na obra, para além de encerrarem uma mensagem ética, manifestam um certo «relativismo cultural», uma vez que apresentam o «Outro» como um «portador de costumes» e não como um desvio a uma norma preconcebida. Para Heródoto, o νόμος apresenta duas características fundamentais: é o cerne da pluralidade cultural e os seus fundamentos religiosos ou simbólicos são considerados invioláveis<sup>57</sup>; por outro lado, estrutura e fundamenta todos os comportamentos humanos, tornando-os *inteligíveis, compreensíveis e previsíveis* (Soares, 2003, p. 31). Ou seja, não há uma norma universal que defina o bom e o mau (III, 38/ \*3.10; Soares, 2003, p. 20-23). Heródoto vai mais longe, ao procurar explicações para a (im)permeabilidade das comunidades em relação a outros costumes. Tal é visível, por exemplo, no relato da expedição de Cambises à Etiópia (III, 20-25/ \*3.8), bem como nas referências aos Citas, Persas e Egípcios, em que estes últimos são destacados pela preservação dos νόμοι e pela memória que guardam do Passado (Golfín, 2000, p. 118-132).

A Morte – tema muito bem tratado na leitura crítica de C. Leal Soares (2003) – parece ser, para o autor, um elemento definidor de uma sociedade (*ethnós*), bem como da sua felicidade. Esta é uma das particularidades sociais e religiosas que Heródoto destaca nas sociedades que representa e é incontornável na transmissão da sua mensagem ética (III, 38/ \*3.10). Ou seja, o relativismo cultural e a analogia são dois traços que caracterizam a descrição/ comparação de rituais de tratamento dos mortos.

Por outro lado, a análise das características físicas de uma comunidade não parece ser um tema que interesse particularmente a Heródoto. Ao contrário do que verificamos no

---

57 Este pensamento não deixa de ter sentido em Hesíodo (*Theog.* 27-28) e nos Poemas Homéricos (*Od.* XIX, 203), na medida em que as Musas (ou Ulisses) dizem mentiras semelhantes a verdades. Este aspecto parece ser comum aos filósofos da época de Heródoto (por exemplo, Protágoras/ \*4.7; cf., igualmente, Platão, *Euth.* 283e-286d; Soares, 2003, n. 20).

Tratado hipocrático *Águas, Ares e Lugares*, o autor não faz uma exposição sistemática da relação causal entre o clima, o solo e as disposições psicológicas dos habitantes (Lenfant, 1991, p. 112), embora nos casos particulares de IX, 122 (\*3.21) pareça utilizar um tópico literário comum nas especulações jónias<sup>58</sup> e, em III, 23 (\*3.8), recorre à ideia de que as águas leves da fonte dos Etíopes conduzem à longevidade (Schrader, 2000, n. III, 128).

Estes factores podem influir na saúde do indivíduo, bem como na tonalidade da sua pele. Dos poucos exemplos de características físicas que podemos rastrear na obra de Heródoto (Lenfant, 1991, p. 112, n. 6), destaca-se a longevidade. Esta é referida em duas situações (I, 163/ \*3.2 e III, 20-25/ \*3.8), na última das quais o autor estabelece uma relação com o clima, o solo e a alimentação (Silva, 2001, p. 6), destacando-se o facto destas referências entrarem em relação directa com viagens aos confins do mundo (pelos Foceenses a Tartessos e por Cambisses à Etiópia) em circunstância de guerra. A singularidade destas comunidades limítrofes parece inscrever-se numa valorização (generalizada) do vigor e energia, colocando estas informações na esteira da análise dos homens de Ouro e de Μάκαρων νῆσος (Hesíodo), dos Feaces e de Ηλύσιον (*Odisseia*).

Tartessos surge em contextos de acontecimentos e processos históricos, ao mesmo tempo que resulta de um desinteresse pelo Extremo Ocidente por parte de Heródoto. O autor parece cingir-se a informações construídas do mesmo modo que a Tragédia e os relatos de viagens heróicas como *Odisseia*, e que circulariam como *tradições orais*. Como tal, estas podem reger-se por *sequências estáveis* (Propp, 2006; Bremond, 1966) que permitem a perduração de um relato. O *conteúdo* destas narrativas, por sua vez, pode ser composto, recomposto, criado e acrescentado sem, necessariamente, alterar a *forma* e as *funções* dos personagens que o tornam inteligível.

#### 2.3.4. Discussão

Do ponto de vista da *morfologia* da narrativa, parecem existir aspectos comuns entre as viagens de Odisseu, Colaios e dos Foceenses. No primeiro e terceiro casos, os protagonistas tomam contacto com homens generosos (Alcínoo e Argantónio), enquanto que no primeiro e segundo, as circunstâncias da chegada são similares. Nas três viagens, os protagonistas regressam com riquezas.

Estas viagens ultrapassam as fronteiras que definem a separação entre o mundo humano e o sobre-humano, daí a referência a paisagens onde habitam os heróis recompensados pelos deuses, como é o caso de Ηλύσιον em *Odisseia* (\*2.12) e Μάκαρων νῆσος em Hesíodo

---

58 A já referida passagem de Aristóteles (*Política*, VII, 7/ \*4.9) inscreve-se na linha do pensamento hipocrático, dando à Hélade o estatuto de uma sociedade predisposta a dominar, pela sua superioridade, o mundo. A mesma ideia, descrita por Heródoto, estende-se a IX, 122 (\*3.21; Schrader, 2000, n. IX, 689), em que se expõem as razões pelas quais aos Persas não interessava uma terra fértil: os habitantes de regiões inóspitas e desertas são mais aguerridos, na medida em que essa fertilidade dispensa a guerra e, logo, pressupõe que os seus habitantes estão predispostos à escravatura.

(\*1.3). O ambiente cultural e os objectivos de cada um destes relatos parece moldar uma determinada imagem do Ocidente enquanto espaço humano e escatológico, pelo menos no que se refere aos três autores analisados nos capítulos precedentes. O que significaria, por outro lado, que a representação de um Ocidente fabulosamente rico desperta a cobiça e os interesses da audiência, pelo menos dos séculos VI e V a.C.

Neste sentido, o registo material indica contactos, mas não parece explicar estas representações. Estas, por sua vez, nem sempre pretendem descrever a realidade, mas antes adaptar-se aos interesses que cada sociedade, em cada época, tem sobre si mesma e sobre os mundos distantes. Por esse motivo, Tartessos é (provavelmente) um território representado com alguns traços de fantasia, ao ponto de ter uma localização geográfica e dimensões imprecisas. Tal não impediu a associação deste nome a Erythia e, conseqüentemente, a episódios como o 10TH. Estesícoro, nos finais do século VII a.C., acaba por afirmar que Gérion (ou Eurition) nascera numa gruta junto das nascentes argêntneas do rio Tartessos. Provavelmente, Hesíodo não tinha em mente a Península quando menciona a «Ilha vermelha» (Erythia, em *Theog.* 982; cf. *infra*), mas parece evidente que o reino de Argantónio passa a ser um espaço heróico que se localiza *mais além* das Colunas de Hércules.

Esta deslocação de mitos parece ser um processo que coincide com o reconhecimento das paisagens míticas ocidentais por parte dos gregos que iniciaram a tradição periegética, bem como, provavelmente, de alguns navegantes que se aventuraram para ocidente do Estreito de Gibraltar. Revela-se, assim, um conhecimento muito remoto destes espaços, que perduraria durante séculos devido à descontinuidade destas relações, tanto no seu registo escrito como na sua manifestação arqueológica (Olmos, 2000). Conseqüentemente, a sua representação passa, em boa medida, pela exacerbação da personagem do *viajante* que chega, ocasional ou intencionalmente, a estes confins, onde encontra, tal como nos relatos épicos, mundos ricos onde antes terão habitado monstros. Ou seja, onde antes terão passado heróis civilizadores como Hércules/ Melqart, e onde, volvidos alguns anos, se encontram homens longevos como Argantónio e riquezas como as que Colaios depositou no Templo de Hera.

A importância do viajante, por seu turno, parece dar sentido ao interesse manifestado pela poesia homérica no século VI, bem como aos vestígios do Heraion de Samos (Tiverios, 2000). Desta forma, viagens como a de Odisseu, Colaios ou dos Foceenses reflectem uma imagem utópica do Extremo Ocidente. A memória encarrega-se, por seu turno, de absorver a história destas regiões limítrofes à sua, criando relatos que expressam a identificação sentida com acontecimentos do passado, associados a heróis que “viram” o que mais ninguém “viu”. Ou seja, o discurso adapta-se à necessidade da transmissão de uma mensagem compreensível num determinado contexto e social.

No que toca à transmissão fenícia, para além dos vestígios materiais que permitem suspeitar de um conhecimento indirecto destes territórios por parte dos gregos (Fig. 1), existe um elo de ligação na associação da aristocracia homérica a um mundo fenício. Isto revela-se no *Krater* oferecido por Aquiles nos Jogos Fúnebres de Pátroclo (*Il.* XXIII, 740-9: \*2.5) e no *Krater* oferecido por Menelau a Telémaco (*Od.* IV, 611-619/ XV 113-119: \*2.13). A sua circu-

lação por mar está integrada num sistema fenício, o que leva a entender que, no caso do conhecimento do Extremo Ocidente, os fenícios tenham tido um papel preponderante. A este respeito, afirma Plácido, «tanto la historia de Odiseo como las de Hércules y los Argonautas en su recorrido por Occidente se desarrollan en terrenos que ya habían sido pisados por los fenicios» (2002, p. 128).

Existem outros dois argumentos que contribuem para esta suspeita: (1) uma informação de Artemidoro transmitida por Estrabão (III 4, 3) refere que os comerciantes de Gadir conheciam os Lotófagos (*Od.* IX, 82-104) que viviam perto dos Etíopes Ocidentais; por seu turno, os Egípcios do Delta são associados às flores de Lotus e a um templo (de origem fenícia) dedicado a Hércules (Mela, III, 46: *tyrii constituere*), referido por Heródoto (II, 113-115). Acrescenta-se (2) a partilha de alguns cultos entre Fenícios e Gregos em vários pontos do Mediterrâneo, nomeadamente em torno de Hércules/ Melqart<sup>59</sup>. Isto leva a afirmar que «el conocimiento directo o indirecto de occidente permite la creación de un mundo delimitado de gran proyección, el ambiente general para la configuración del espacio épico, donde se incluyen las referencias a los viajes de tipo odiseico, capaces de proporcionar la justificación ideológica de la colonización, y la formación de la imagen homérica del mundo, entre la memoria remota de los tiempos heroicos y la consolidación de los conocimientos propios de los viajes fundacionales» (Plácido, 2002, p. 129).

Assim, rastreando elementos que entram no contexto de contactos inter-culturais e de partilha de cultos entre Fenícios e Gregos, verificaríamos que a comunicação resultou na introdução do alfabeto, de objectos e, quiçá, de tópicos literários que serão utilizados na construção da imagem do Ocidente...

---

59 Hrdt II, 44-45: fenícios fundadores do culto de Tasos, onde, segundo Pausânias (V, 25), se presta culto a Hércules. Para Heródoto, existiria um Hércules egípcio, um Tírio e um Grego, muito mais recente.



### 3. A Imagem do Ocidente

A análise da poesia arcaica na perspectiva das relações com os mundos egípcio e fenício – e deste com o Ocidente Peninsular – impõe uma breve abordagem à cronologia da fundação dos primeiros estabelecimentos fenícios na Península Ibérica. Este processo implica, necessariamente, contactos, quer em MCnH, quer em MCS (consoante os casos). Por isso, a definição do momento da fundação de Gadir (Strab. III 5, 5/\*4.21) é importante, na medida em que é possível afirmar que este templo terá tido algum papel activo na representação textual do Extremo Ocidente. Há, contudo, que considerar as limitações das metodologias utilizadas na aproximação à cronologia<sup>60</sup>.

A cronologia histórica para a fundação de Gadir fixa-se, regra geral, em 1104 a.C., considerando que esta data perfaz oitenta anos volvidos sobre a Guerra de Tróia (Veleio Patérculo, *Hist. Rom.*, I 2, 1-3)<sup>61</sup>. Este panorama não condiz com as datações obtidas com a tipologia de cerâmicas gregas de época geométrica, cujos resultados não recuaram mais que 770-760 a.C. (Torres Ortiz, 1998, p. 49; Aznar, Balensi e Herrera, 2005, p. 19-22)<sup>62</sup>. No entanto, o recurso às datações radiocarbónicas calibradas (Aubet, 1994) recuou em mais de um século os resultados obtidos pela tipologia, resultando daí a revisão deste método, como também uma nova cronologia para o início da presença fenícia em vários sítios arqueológicos<sup>63</sup> (entre meados e finais do Século IX a.C.). Mariano Torres Ortiz (1998), numa revisão dos dados obtidos antes de 1998, propõe que o início da presença fenícia é datável do último quartel do Séc. IX a.C., enquanto que Ana Arruda (2005), seguindo outros critérios de análise, sustenta que este processo é anterior, isto é, de meados do mesmo século.

---

60 Para esta discussão, vejam-se os trabalhos de M<sup>a</sup> E. Aubet (1994), M. Torres Ortiz (1998), M. Ruiz-Gálvez (2000), A.M. Arruda (2005), C. Aznar, J. Balensi e M.D. Herrera (2005) e, finalmente, Gómez Toscano (2005).

61 Martín Bernal (1991, p. 515-517) discute a cronologia da Guerra de Tróia. De acordo com este autor, a proposta que fixa a cronologia desta guerra em c. 1180 a.C. (Tróia VIIa) é tardia em relação ao colapso do Egeu por volta de 1200 a.C., havendo até tendências que duvidam da própria historicidade da guerra como, por exemplo, Finley, num artigo conjunto publicado em 1964. Por outro lado, o nível inferior (Tróia VI) pode ser datado de 1250-1170 a.C. (em cronologia cerâmica). Segundo o esquema cronológico de Bernal, Tróia VI dataria de 1340 e VIIa de 1220-1200 a.C., aduzindo uma interessante linha de argumentação que não vale a pena expor aqui com maior detalhe.

62 Tell Abu Hawan é um desses exemplos: Hamilton datou o Stratum III deste sítio israelita (Haifa) em c. 1100-925 a.C., partindo do pressuposto de que as cinzas registadas no topo deste estrato estavam associadas às campanhas militares de Shishak (925 a.C.). Assim, as cerâmicas gregas registadas teriam de ser anteriores a esta cronologia (Aznar, Balensi e Herrera, 2005, p. 21).

63 Toscanos (902-751 a.C.: Arruda, 2005, p. 279), Morro de Mezquitilla (894-835 cal. AC, segundo Aubet, com uma segunda datação de 836-785 cal. AC= 805 a.C.), Necrópole de El Mollar (c. 900 cal. AC), *Ronda la Vieja/Acinipo* (1208-796 cal AC; c. 910 cal. AC., segundo Castro, Lull e Micó, 1994; Mederos, 1997), Cerro de la Mora (890, 880 e 850 cal. AC e intervalo, a 2 $\sigma$ , de 1160-760 cal. AC) e Convento de las Franciscanas Concepcionistas, em Cádiz (calibração directa de 822 cal. AC, a 1 $\sigma$  855-854 e a 2 $\sigma$  922-793 cal.AC). Para a cronologia de sítios, cf. Torres Ortiz, 1998: apêndice. Este autor considera que, na maioria dos casos, a opção recaiu sobre a cronologia mais alta. Para uma postura crítica em relação aos resultados apresentados por Torres, cf. Arruda, 2005, em que a autora questiona, entre outros aspectos, o tipo de amostras sobre as quais se definiram estas cronologias absolutas, bem como as discrepâncias existentes nos mesmos níveis arqueológicos. Contudo, a sua crítica não incide sobre as questões levantadas por M. Torres no que toca às fontes escritas.

Se, por um lado, a cronologia da guerra de Tróia não será um referente fiável quando se trata da fundação de um templo claramente fenício, por outro, os intervalos de tempo fornecidos pela cronologia radiocarbónica calibrada pouco contribuem para definir uma data específica. Esta seria essencial para compreender o comércio fenício no contexto das relações internacionais de Tiro. Há que considerar, por outro lado, que alguns relatos recuam, como forma de legitimação, a antiguidade de uma fundação, o que é comum a várias culturas<sup>64</sup>. Consequentemente, deve colocar-se um ponto de interrogação às informações textuais, sobretudo quando se procura estabelecer uma cronologia segura para a fundação de um templo como o de Gadir. Isto leva-me a não considerar a versão de Patérculo, pelos vários problemas que pode colocar.

Relativamente à cronologia absoluta, é possível colocar na segunda metade do séc. IX a.C. o início da presença fenícia na Península Ibérica<sup>65</sup>. No entanto, esta interpretação esbarra com um aspecto fundamental, já antes abordado: a cronologia de Hesíodo e Homero, na medida em que o primeiro pode recuar ao séc. X a.C., enquanto que o segundo pode localizar-se, cronologicamente, entre os sécs. IX e VI a.C. Consequentemente, levanta-se uma questão importante: se Hesíodo é anterior ao início da presença fenícia representada nas datações radiocarbónicas, e se os Poemas Homéricos poderão conter elementos deste processo.

De qualquer modo, mesmo considerando a cronologia mais recuada para Hesíodo, estaríamos, *grosso modo*, perto das navegações de Hiram I a Taršiš, o que parece dar sentido a uma transmissão oriental. Para este trabalho, importa mais a definição da possibilidade de entrevermos, sobretudo nos textos de Hesíodo e “Homero”, o que pode ser fenício na representação grega do Ocidente e a ligação entre a cronologia e os interesses fenícios na Península Ibérica. Por isso, a análise incidirá agora sobre os confins da terra habitada, onde se inserem paisagens que adquirem um carácter monstruoso ou idílico.

As duas caras desta mesma moeda suscitam um interesse que me parece apaixonante: o modo como estas representações reflectem o interesse nos recursos destes territórios considerados como limítrofes, dependendo da valorização de um ou de outro aspecto que as nossas percepções destacam nestas fontes. É este interesse que, como vimos, parece provocar os contactos. Por isso, procurei analisar a figura de Gérion como representante desses interesses e do carácter violento que alguns contactos podem trazer consigo (cf. *Od.* IX, 252-5/\*2.24,

---

64 Um exemplo (entre, seguramente, muitos outros) que me parece expressivo é o dos relatos de fundação de Eguafó, um reino vizinho de São Jorge da Mina. Uma versão apresenta uma comunidade, liderada pelo fundador Nana Abokatki, que desceu dos céus numa marmitta de ouro em tempos imemoriais. Outra apresenta, simplesmente, uma comunidade que migrou do interior (o Estado Akan de Bono Manso, actual Brong-Ahafo, no Gana) para a costa, pouco antes da fundação da fortaleza da Mina (Hair, 1994). A mesma ideia pode aplicar-se à literatura turdetana que, no tempo de Estrabão, teria seis mil anos. O excerto de Estrabão III 1, 6 tem vindo a ser valorizado, recentemente, no contexto da investigação, iniciada por Schulten (cf. *supra*), sobre a literatura tartéssica, bem como para discutir a questão do alfabeto (Vázquez Hoys, 2008).

65 Uma vez que, apesar do extremo interesse desta discussão, não desenvolvi qualquer investigação mais profunda neste sentido. Creio que é mais prudente admitir esta cronologia, embora me incline, pessoalmente, para a linha de argumentação de A. Arruda. Em todo o caso, trata-se de uma questão problemática cujo alcance excede os parâmetros de investigação desta dissertação.

repetido, textualmente, em III, 71-4). Procurei também analisar de que modo um mundo violento onde se luta contra a natureza pela sobrevivência se reflecte na criação de mundos onde não existem guerras e onde a natureza é propícia. Estes textos reproduzem, creio, tópicos de riqueza agrícola e pastoril nos confins do mundo, que circulam em várias tradições orais.

### 3.1. Os Confins da Terra Habitada

Oceano (Ωκεανός) rodeia a terra e separa-se do mar através de marcas simbólicas da paisagem – colunas – associadas a regiões liminares, e estas, por sua vez, à ideia de imortalidade (Cruz Andreotti, 1991a, p. 53). É notório, neste contexto, o papel do percurso do sol, visto que é no Ocidente que o Astro “mergulha” para terminar o dia, o que se associa à relação entre a vida e a morte (Jabouille, 1997, p. 60). O mar, por seu turno, apresenta o papel de meio pelo qual se acede a estes territórios<sup>66</sup>, onde habitam os filhos da noite (Sono e Morte), bem como Atlas, que sustenta a abóbada celeste e subterrânea (Cruz Andreotti, 1990, caps. III e IV; 1991a, p. 53)<sup>67</sup>. Isto justifica a colocação destas paisagens em meios aquáticos.

Na opinião de Janni (*apud* Cruz Andreotti, 1990, p. 53), a geografia antiga vive os espaços em termos míticos e religiosos, tornando o desconhecido inteligível a partir do centro. O que significa que os textos poéticos não apresentam a preocupação pela descrição de espaços reais. Esta construção geográfica pode apresentar paralelos com o poema de Gilgamesh, onde também se identifica um Mar interior (Golfo Arábico?) que se separa das águas da Morte (Oceano Índico?) por um Estreito onde se encontram estelas (Ormuz?). Respectivamente, poderia corresponder, dando crédito a Manfredi (1995, p. 322), ao Mediterrâneo, às Colunas de Hércules (Estreito de Gibraltar ou as colunas de bronze do Templo de Gadir) e ao Oceano Atlântico.

Em que medida a representação dos espaços limítrofes deriva da conjugação destes elementos? Infelizmente, as fontes directas da concepção fenícia do Ocidente são praticamente inexistentes (excepção feita a Fílon de Biblos e Porfírio de Tiro), restando-nos fontes indirectas Greco-romanas que não indicam as transformações no pensamento fenício consequentes dos contactos com o Ocidente (Bravo Jiménez, 2005, p. 237-8)<sup>68</sup>. Pode pensar-se, porém, que a integração deste espaço na cosmologia fenícia resultou na ascensão do deus El, que terá dado nome ao fim do mundo, assinalando um espaço para lá do qual nem os deuses passam. Por este motivo, a análise da representação fenícia destes confins acaba por restringir-se, obrigato-

66 Manfredi (1995, p. 321), num trabalho que procura explicar as relações entre os relatos mesopotâmicos e Μάκρων νῆσοσ, salienta que Gilgamesh chega por mar às paisagens da imortalidade, no barco de Urshanabi. Curiosamente, o caminho para as águas da morte é marcado por “pedras mágicas” ou estelas (estátuas na versão Hitita). Num acesso de fúria, o herói destrói estas marcações, tornando estas paisagens inacessíveis.

67 Para uma discussão etimológica dos termos Atlas, Atlântico e Atlântida, cf. Bernal 1991, p. 295ss. A sua relação com *Okéanos* será discutida mais adiante.

68 Plínio, *Nat.* XVIII, 2; Plutarco, *De Facie in orbe lunae* XVIII; M. Sérvio Honorato, *In Aeneid.* I, 343; Tito Lívio (XXVIII 40, 16); Políbio (*Hist.* III, 33); M. T. Cícero (*In Verrem* XI, 48); Columela (XII, 39, 1-2; VI, 3); Solino (*Colecção de curiosidades* XXXII, 2); Amiano Marcelino (XXII 15 8-9); Salústio (*Bellum Iugurthinum* XVII, 7); Agostinho (*Sermon* CLVII) e Diógenes Laércio (*Vita Philosopharum*, IV).

riamente, às referências veterotestamentárias a Taršiš (\*6.1, 6.2, 6.3, 6.10, 6.13, 6.16 e 6.19; Alvar, 1982, p. 230), e a inscrições como a de Assarhadon (\*5.4; ver também Koch, 2003, p. 167-175; Blázquez, 1993; López Ruiz, 2005; Bravo Jiménez, 2005).

Para Bernal (1991, p. 300-2), o termo Ὠκεανός não é Indo-europeu e pode estar relacionado com Ogigia (Ὠγγυία), de origem semita, ou com o Sumério \*Akian(u), traduzido como “Água da terra (ki) e do céu (an)”. Esta explicação não parece contradizer a que Schulten (1945-46, p. 9) e Bravo Jiménez (2005) apresentam: a raiz *Ok-* encontra paralelos com o termo semita *Bahr-ma’uk*, traduzido por “Mar do círculo”, revelando assim um universo etimológico que concebe um rio que circunda o espaço terrestre, presente no “mapa mundo” babilónico (c. 600-500 a.C., fig. 9), no Antigo Testamento (Job 26, 10.13/ \*6.12), bem como nas descrições dos Escudos de Hércules (*Escudo*, atribuída a Hesíodo, fig. 10) e Aquiles (*Il. XVIII*, 607-8; fig. 11)<sup>69</sup>. Mais tarde, Hecateu concebe assim o mundo (fig. 12), ao contrário de Heródoto (\*3.13 e 3.4; fig. 13)<sup>70</sup>. É a esta entidade que se associam as Ilhas Ocidentais e Tártaro.

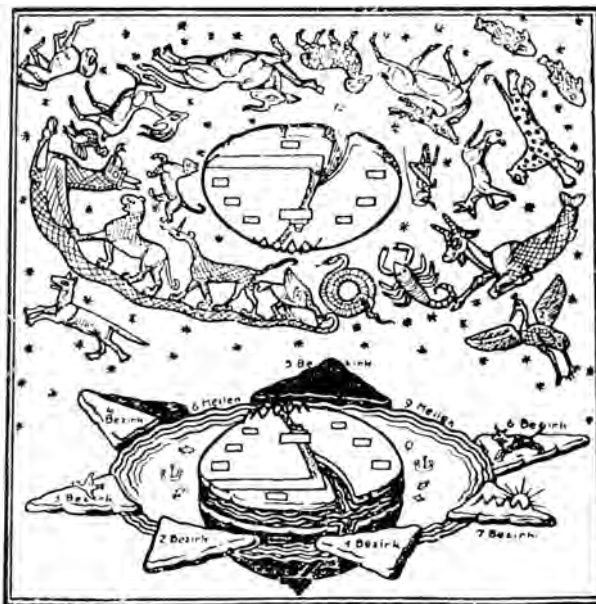


Fig. 9 – desenho interpretativo do Mapa – mundi babilónico, segundo Unger, representando as sete ilhas em torno da Babilónia e as sete regiões do «Oceano celeste» (Bezirk = região; Meilen = milha). Stahl, 1993, p. 23, fig. 2.

69 «[Hefesto] modelou ainda a grande força do rio Oceano,/ na cercadura extrema do escudo tão bem lavrado» (trad. M.ª H. da Rocha Pereira, 1998: 38)

70 IV, 8 (\*3.13) e II, 23 (\*3.4). Para uma discussão do “retrato” de Hecateu feito por Heródoto, veja-se o interessante artigo de Stephanie West (1991, *passim*). O mundo de Heródoto, bem como a representação dos seus espaços liminares, será analisado mais adiante. Oceano é apresentado, em *Odisseia*, como o meio pelo qual Telémaco chega junto de Nestor e Menelau. Do ponto de vista geográfico, pode ser o referente do Atlântico, do Mar Vermelho e do Mar do Nordeste, surgindo como um rio (πόταμος) que “reflui sobre si mesmo” e onde as constelações, à exceção da Ursa Maior (*Il. XVIII*, 489), vão banhar-se (Brown, 1968, p. 40).

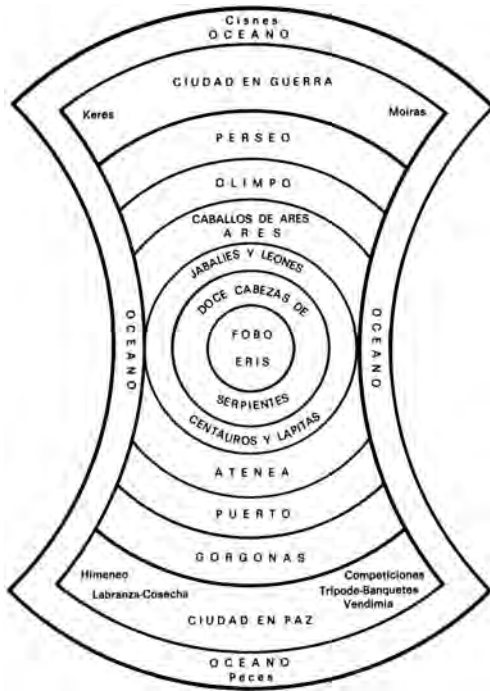


Fig. 10 – O Escudo de Hércules, segundo Martín Sánchez & Martín Sánchez (1998, p. 196)



Fig. 11 – O Escudo de Aquiles, segundo Martín Sánchez & Martín Sánchez (1998, p. 197; \*2.4)



Fig. 12 – desenho interpretativo do mundo de Hecateu de Mileto (Thomson, 1965, p. 99, fig. 11)



Fig. 13 – desenho interpretativo do mundo de Heródoto (Thomson, 1965, p. 99, fig. 12)

As Ilhas Ocidentais caracterizam-se pela sua produtividade agrícola e pastoril, associando-se também a entidades semi-divinas, que ora são integradas no mundo do ideal da hospitalidade, ora estão representadas por monstros que guardam as riquezas que a cobiça dos heróis procura. Localizando-se no Ocidente, associam-se ao Abismo, ao Sol Poente e ao mundo dos mortos (Jabouille, 1997, p. 60; Martínez Hernández, 1999, p. 249-250)<sup>71</sup>, daí a representação de espaços como Eritia, Hespérides, Atlântida, Gorgonas (Gozalbes Cravioto, 1993), Ilhas de Eumeu, Calipso e Circe, Ηλύσιον, Esquéria (Schulten, 1945-6, p. 8-9) e o Tártaro.

Vimos que Τάρταρος pode apresentar similitudes etimológicas com Tartessos (Strab. III 2, 12/ \*4.18; Vara, 1982; Cruz Andreotti, 1990, p. 51 e 53; 1995) e, possivelmente, com Taršiš. Τάρταρος é uma região ocidental caracterizada como uma «grande fenda» (*Th.*, 740) onde o céu e a terra se separam (*Th.* 116), inscrita num espaço finito e desordenado (*Th.* 814) que se caracteriza por tormentas (cf. Johnson, 1999, *passim*), bem como numa concepção do céu como um elemento semi-esférico associado ao bronze (*Il.* V, 504; XVII, 425; *Od.* III, 1-3/ \*2.8; Píndaro, *Nem.* VI, 3-4) ou ao ferro (*Od.* XV, 329; XVII, 565)<sup>72</sup>. É possível que a geografia de Tartessos

71 Ver, a este respeito, o texto de Job (\* 6.12), especialmente 38, 17.

72 Referindo-se aos pretendentes, o porqueiro de Odisseu, Eumeu, afirma que a sua «fúria arrogante chegou à abóbada férrea dos céus» (XV, 329). A expressão repete-se em XVII, 565. O centro da terra, por sua vez, está à mesma distância do Tártaro que do Éter (*Il.* VIII, 13; *Th.* 726). Para uma interessante exposição dos aspectos etimológicos que relacionam a concepção grega e hebraica, cf. o trabalho de John Paiman Brown (1968), especialmente pp. 37ss. No Antigo Testamento, o céu é também apresentado como feito de bronze ou de ferro (Dt. 28, 23-24/ \*6.14; Lev. 26, 19/ \*6.15)

tenha sido associada à de Τάρταρος, coexistindo nela elementos associados às correntes de Ωχρανός e ao Ocidente desconhecido, o que deve ser visto com cautela (cf. supra).

Por seu turno, Taršiš associa-se à realeza de Tiro e, conseqüentemente a Melqart e à conquista espiritual dos confins do mundo<sup>73</sup>. O relato de fundação do templo de Gadir (Strab. III 5, 5/ \*4.21) revela, aparentemente, um sentimento de conquista e pertença, com a legitimação de uma fundação e a consagração de colunas que assinalam um feito (Strab. III 5, 6)<sup>74</sup>. Implicitamente, assinala-se um padrão nestas fundações, visto que a de Gadir é similar à de Tiro, onde se ergueram duas estelas de ouro e de esmeralda (Nono, *Dionísíacas* XL, 422; Plínio, *Nat.*, XXXVII, 74-5; Brown, 1968, p. 49; Jiménez, 2005) vistas por Heródoto (II, 44/ \*3.5).

Por seu turno, as colunas são elementos que derivam da percepção do mundo, sustentando o céu (*Od.* I, 52-54<sup>75</sup>; Hesíodo, *Th.* 517-8), tal como Atlas (Heródoto IV, 184/ \*3.18: Brown, 1968, p. 41-2). Estes espaços, associados a acidentes geográficos, são símbolos utilizados no sentido de «porta» ou «fronteira» (Job 38, especialmente 8-11/ \*6.12; Tsirkin, 1981), daí a importância das Colunas de Melqart (Pausânias IX 4, 6 e Mela III, 46) ou das «portas gadiritas» (Estreito de Gibraltar)<sup>76</sup> como elementos inibidores e, ao mesmo tempo, legitimadores. Ultrapassando estas fronteiras, o relato entra no espaço heróico, visto que aquelas marcam o *terminus* das viagens dos mortais.

Para um Fenício, na opinião de Bravo Jiménez (2005, p. 240-243), as Colunas de Melqart e o Estreito de Gibraltar são «portas» que se abrem para um espaço que simboliza a missão de «civilizar» com o apoio do deus protector da realeza tíria (Cláudio Iolau, *Anab.* II, 17, 1-4/ /\*4.8). É neste espaço que são integrados relatos como o de Hércules, que chegam à imensidão do mar e ao infra-mundo (Tártaro e Hades)<sup>77</sup> e que assinalam enfrentamentos e encontros pacíficos com os autóctones.

73 *Melek qart* – ou ml(k)-qrt – foi traduzido por «Rei da Cidade» por Dussaud (segundo Brown, 1968, p. 49, a tradução é duvidosa) e é uma divindade associada às viagens por mar. É o fundador mítico de Tiro, tornando-se o seu principal deus. O seu nome está associado às fundações de Lixus, Utica, Cartago e Gadir. Foi assimilado a Hércules como filho de Zeus e Astéria (Filon de Biblos, in Eustacio, *Praep. Evang.* I 10, 27; Bravo Jiménez, 2005, p. 240).

74 Bravo Jiménez (2005) recolhe alguns exemplos relacionáveis com este aspecto: (1) Os Obeliscos de Mênfis e Tebas, que assinalam a união entre o Alto e o Baixo Egípto; (2) as colunas de nuvens e fogo que guiaram Moisés para a Terra Prometida (Ex. 13, 21-2); (3) As colunas da entrada do Templo de Salomão (1Rs 7, 13-18/ \*6.6); (4) as colunas de templos fenícios: Biblos (Templo dos Obeliscos, dos séculos XIV-XVIII a.C.) do Monte Sirai ou de Mogador, as dez estelas da capela cananita de Azor (Séc. XIII a.C.) e os dois pilares com flores de lótus que franqueavam a entrada de um santuário fenício representado numa terracota de Idalion. Para além destas referências, haveria que acrescentar as Colunas de Briareu, guardião do mar, referidas na poesia arcaica (cf. López Pardo, 2004, p. 55s), bem como as de *El* – Crono. Surgem também outros exemplos na própria cosmogonia do Antigo Testamento: entre outros, Salmos 75, 3: *dissolve-se a terra e todos os seus homens, mas eu fortaleci as suas colunas*; veja-se também Job 26, 10-13 (\*6.11). Este fenómeno é transversal a várias culturas (cf. Strab. III 5, 5/ \*4.21).

75 Neste contexto, as colunas surgem designadas como τε κίονας, cuja etimologia é desconhecida (Brown, 1968, n13).

76 Strab. I 3, 2; III 5, 5; Dionísio de Halicarnasso I, 74, 1; Pseudo-Aristóteles, 134; Pompónio Mela, *Chronografia* III 6, 46; Plín. XVI, 216; Veleio Patérculo, *Hist. Rom.* I 2, 3; Livro dos Jubileus – Anónimo – *FHA* II, 151. Estes excertos foram citados por Bravo Jiménez (2005, p. 240).

77 *Il.* VIII, 362-8 (\*2.10): Hades é também um espaço com portas, o que poderia, eventualmente, relacionar-se com a simbologia das Colunas de Hércules ou, se preferirmos, as portas gadiritas. Ver, neste sentido, Job, 38 (\*6.12)

Resumindo: os confins do mundo são marcados por fronteiras simbólicas, associadas a acidentes geográficos e ao Oceano, a partir das quais se desenvolvem relatos heróicos que representam espaços monstruosos, escatológicos ou humanos divinizados. É o que veremos, agora, nos capítulos 3.1.1, 3.1.2 e 3.1.3, respectivamente.

### 3.1.1. O Ocidente como espaço monstruoso

O 10TH é um excelente exemplo de um relato que descreve o enfrentamento entre um herói dito «civilizador» e um pastor (Gérion) nos confins ocidentais do mundo. Entre as várias referências literárias que podem ser assinaladas, a obra mais pormenorizada, embora fragmentada, é a *Gerioneida*, de Estesícoro, escrita entre finais do século VII e princípio do século VI a.C.<sup>78</sup>. É interessante verificar que o interesse por este episódio na literatura coincide, cronologicamente, com a proliferação da sua representação iconográfica em vários suportes, bem como com o processo de fundação de Ampúrias (*Emporion*) em 600 a.C. (figs. 14 a 16).



Fig. 14 – Hércules e Gérion (c. 550 a.C.) num painel de Olímpia (Carpenter, 1991, fig. 202)

78 O tema é bastante vasto, pelo que me contento em enumerar alguns aspectos da transmissão e recepção do relato. Para estas referências literárias, cf. Blázquez, 1984 e Canales Cerisola, 2004, p. 55-6, n. 36. O nome de Estesícoro significa «o que põe em movimento (ou detém) o coro». (Rodríguez Adrados, 2001b, p. 132).



Fig. 15 – Face B da taça de figuras vermelhas assinada por Euphronios, c. 510 a.C. (Berlim, Antikensammlungen 2620, ARV 16, 17; Carpenter, 1991: fig. 204; Boardman, 1997a: fig. 26, 2; Shapiro, 1997, fig. 50)



Fig. 16 – Hércules e Géron pintados na face A da taça de figuras vermelhas. Obra de Euphronios (c. 510 a.C.). Berlim, Antikensammlungen 2620.

A Transmissão literária do relato tem em Hesíodo a sua referência mais antiga (*Th.* 289ss.). Diz o autor que, entre os filhos de Ponto e Geia, contam-se Fórcis que, com Ceto, engendrou as Greias, as Gorgonas (entre estas, Medusa) e a Serpente. Da união entre Medusa e Possídon nasce Pegaso e Crisaor que, nascido da decapitação de Medusa por Perseu e unido

com Calíroo, engendrou Equidna<sup>79</sup> e Gérion (Γηρυών). «Este matou-o o forte Hércules junto aos seus bois (...) em Eritia, banhada por todos os lados, no dia em que levou até à sagrada Tirinte os bois de larga frente, atravessando o Oceano» (*ibid.*)<sup>80</sup>. Daqui depreende-se que Gérion habitava uma ilha num espaço oceânico rico e caótico, sem correspondência geográfica precisa.

É Estesícoro quem, pela primeira vez, associa o 10TH a um espaço geográfico (Rodríguez Adrados, 2001b, p. 132-3). O autor de *Gerioneida* terá nascido (ou, apenas, produzido os seus poemas) em Himera (Platão, *Fedro* 243a), uma cidade fundada em c. 648 a.C. que, pela sua componente étnica (Dórica, Calcídica e Siciliana), viu surgir uma poesia que reflecte a fusão de estilos, na qual se destaca a possível influência homérica e alguma relação com Esparta, o que por sua vez se revela na obra deste poeta lírico. A contradição entre os dados da *Suda* (c. 632-556 a.C.) e os do Mármore Páριο (Rodríguez Adrados, 2001b, p. 132) leva a alguma discussão em relação à cronologia da sua vida e da redacção de *Gerioneida*. Em todo o caso, parece muito provável que a transmissão de *Gerioneida* tenha um fundo político, reflectindo o carácter dos contactos inter-culturais estabelecidos pelos Gregos na Sicília.

Em 1973, D. Page publica um interessante artigo baseado num estudo (inédito naquele momento) de W.S. Barrett<sup>81</sup>, hoje incontornável na análise do 10TH. De acordo com estes autores, os textos atribuídos a Apolodoro (*Bibl.* II 5, 10/ \*4.12) reflectem o relato de Estesícoro, coincidindo em muitos pontos<sup>82</sup>.

A representação iconográfica do 10TH parece revelar a influência deste autor (figs. 15-18) e tem o seu auge na segunda metade do século VI a.C. (c. 560-510 a.C.; Shapiro, 1997, p. 71-3), fornecendo algumas pistas para complementar as lacunas da *Gerioneida* (Page, 1973, p. 146), bem como para entrever possíveis influências fenícias e egípcias (Olmos, 2000, p. 28-9). Estas influências parecem visíveis na lúnula de bronze identificada no Heraion de Samos (*supra*, fig. 5), embora não saibamos se o seu fabricante associou o episódio que representava a Gadir e Tartessos. De qualquer modo, é importante assinalar que este testemunho iconográfico é, cronologicamente, coincidente com a viagem de Colaios, reflectindo, com probabilidade, uma «confluencia de los intereses fenicios y griegos en Occidente» (Olmos, 2000, p. 30).

Regra geral, Hércules é representado com uma pele de leão, matando Gérion (a arma varia consoante a obra de arte) que, por sua vez, apresenta três cabeças de aspecto humano, envergando escudos, lanças e capacetes. Esta iconografia de Gérion significa, para D. Plácido,

79 De Equidna e Tífon nascem Cérbero, a Hidra de Lerna, Quimera e o cão Orto (cf. Grimal, 1998, p. 388, quadro genealógico nº 33)

80 Tradução de Martín Sánchez e Martín Sánchez, 2000 (adaptado).

81 Comunicação do autor à Hellenic and Roman Societies at Oxford, em Setembro de 1968.

82 Comparando os dois textos, o relato é resumido por Page (1973, p. 145) do seguinte modo: (1) Hércules chega a Tartessos, onde obtém a taça dourada do sol (Estesícoro = E); (2) Hércules chega a Eritia, passando a noite no Monte Abas (Apolodoro = A); (3) mata o pastor Eurítion e o seu cão Orto (E e A), descrevendo o local onde nasceu Eurítion (E); (4) Menetes, pastor das vacas de Hades, conta a Gérion o sucedido (E e A); (5) conversa entre Gérion e a sua mãe, Calíroo, que implorou, tal como Menetes, para que o filho não lutasse com Hércules; (6) Conselho dos Deuses: Atena avisa Possídon que vai proteger Hércules (E); (7) Hércules mata Gérion junto do rio Antemo (E e A), (8) embarcando as vacas na taça do Sol e regressando a Tartessos, onde devolveu o seu transporte (E e A); (8) Hércules leva o gado para Tirinto (E). *Biblioteca* é uma obra atribuída, erroneamente, a Apolodoro.

uma reminiscência do equipamento hoplita, em oposição a um Hércules “primitivo” (1993, p. 83-4). A tradição literária e iconográfica faz, assim, sobressair uma construção do Ocidente baseada na violência<sup>83</sup>. Esta, por sua vez, está associada a um recurso – o gado – que parece ser pretendido, representando a oposição entre aquele que o consome e aquele que o preserva. Este cenário pode comparar-se ao do Escudo de Aquiles (XVIII, 520-40/ \*2.4).

O tema da violência será retomado mais adiante. Por agora, vale a pena incidir sobre a localização de Erythia. O contributo de *Gerioneida* não torna a referência de Hesíodo menos ambígua. Esta atribuição surge, relembro, num contexto mais ou menos contemporâneo à fundação de Emporion e posterior à viagem de Colaios, mas tal não implica que, mais tarde, Hecateu identifique o mito em Ambrácia (Arriano, *Anabasis* II, 5-6/ \*4.11). R. Olmos (2000, p. 31) salienta, neste sentido, que «la localización del mito fluctúa y se adapta a cada nueva situación política: es sensible a los avatares de la historia». Ou seja, Erythia é aproximada ao espaço grego quando decaem interesses no Ocidente, adaptando-se às necessidades de um momento ou de uma circunstância<sup>84</sup>.

Consequentemente, a referência de Hecateu parece surgir isolada, visto que outros textos posteriores localizam a ilha nas proximidades de Gadir (Hrtd, IV, 8/ \*3.13; Apolodoro, *Bibl.* II 5, 10/ \*4.12), o que pode ser associado ao reconhecimento de pastos ricos nesta zona no contexto das viagens gregas (Strab. III 2, 11/ \*4.17; III 5, 4/ \*4.20; cf. Ballabriga, 1986, p. 45-6). O mesmo pode dizer-se da localização do berço de Gérion no rio Tartessos, com a valorização das suas nascentes de prata. É, precisamente, no aspecto da atribuição geográfica que incide a crítica à historicidade do relato (Wagner, 2000, p. 324-5). No entanto, há que considerar a multiplicidade de tradições: a deslocação para o Extremo Ocidente Peninsular de um mito, antes identificado a Oriente, parece partir da experiência siciliana (Cruz Andreotti, 1991a), podendo não fazer parte das tradições recolhidas por Hecateu.

Há que acrescentar a esta discussão o significado do termo Erythia («ilha vermelha»), que foi associado a uma simbologia da cor avermelhada do Sol Poente (Ballabriga, 1986, p. 51). Vimos, anteriormente, que C. Gordon propõe, como tradução para Taršiš, «mar», associado à cor vermelha (cf. *supra*, a relação com o Copta *Trošreš*). Esta via de análise parece ser interes-

83 A violência, salienta C. Wagner (2005), não tem, necessariamente, de ser apenas física. M. Almagro – Gorbea salienta que uma das influências fenícias do relato é o carácter sagrado dos rebanhos ou manadas (Diodoro IV, 17, 1-2; 18, 2-3; Blázquez, 1984, p. 24; Almagro – Gorbea, 2005, p. 50-1). Se tomarmos à letra esta consideração, verificaríamos que esta imposição implica, necessariamente, a violação de um elemento sagrado da sociedade “visitada” por parte do “visitante” interessado nos seus recursos. Este aspecto é comum em situações de ocupação territorial. Permita-se-me citar um episódio da fundação de S. Jorge da Mina, descrito por João de Barros (Déc. 1. Liv.3, Cap. 2), para ilustrar uma situação semelhante: «ao seguinte dia, começando os pedreiros quebrar uns penedos que estavam sobre o mar, junto onde tinham elegido os alicerces da fortaleza, não podendo os negros sofrer tamanha injúria como se fazia àquela santidade, que eles adoravam por Deus, acendidos em fúria que lhe o demónio atiçava pera todos ali perecerem ante o bautismo que depois alguns dêles receberam, tomaram suas armas e, com aquêlo primeiro ímpeto, deram rijo em os oficiais que andavam nesta obra» (o itálico é meu). Contudo, falta nesta análise uma reconstituição mais consistente da religiosidade daquela comunidade, o que seria fundamental para considerar a dimensão desta afronta.

84 A localização proposta por Hecateu insere-se num contexto periegético, enquanto que o objectivo de Estesícoro era transmitir um relato através de um poema.

sante, sobretudo se considerarmos que este topónimo é referido por Hesíodo. Considerando também a possível influência fenícia na construção deste episódio, poderíamos pensar num possível eco de uma representação do Rio Tinto, adaptado a um nome grego? Infelizmente, devo deixar neste ponto esta questão, pelo que me contento apenas em assinalá-la.

Independentemente das representações (literárias e iconográficas) e da sua geografia, o 10TH parece encerrar uma mensagem que é produzida, transmitida e recebida num determinado contexto cultural, apresentando a leitura do transmissor. Píndaro, por exemplo, viu neste episódio a manifestação da “lei do mais forte” (Fr. 169 Snell; Heródoto III, 38/ \*3.10; Platão, *Górgias*, 484b)<sup>85</sup>. Por outro lado, haveria que considerar que a morte de Gérion é, sem dúvida, o tema central do relato, uma vez que, na iconografia, é o passo do texto que é mais utilizado. É neste sentido que podemos ver a intervenção de um Hércules “civilizador” (Cruz Andreotti, 1990, p. 193-4, 202-3 e 209-10), que luta nos confins do mundo, protegido por Zeus, contra um personagem que representa o *bárbaro*.

Esta representação do herói, bem como a sua deslocação para o Ocidente, é construída em torno das Colunas de Hércules, convertendo-se estas no tópico literário de uma paisagem inacessível (restringida à acção heróica), marcando a humanização do espaço. Assim, como salienta Cruz Andreotti, «La mención en todo este contexto del límite conquistado sería un canto a la empresa colonizadora com tintes heróicos» (1991a, p. 56; cf. Plácido, 2002, p. 129), o que significa que se trata de uma “limpeza” do mar no sentido de torná-lo navegável, bem como da extensão (violenta) do νόμος (no sentido de Píndaro). No entanto, alguns autores consideraram que este relato transmite a existência de uma base de relações pacíficas, na medida em que, na iconografia, Gérion parece ser humanizado, correspondendo, em parte, ao ideal homérico (Olmos, 1989, p. 504; 2000, p. 30-2; Cruz Andreotti, 1991a, p. 57-8)<sup>86</sup>. Tal indicaria uma *integração* do culto nos espaços fronteiriços, bem como a “helenização” de centros culturais que, como vimos anteriormente no caso do Heraion de Samos ou até mesmo do Templo de Gadir, são partilhados (Alvar, 1989; Cruz Andreotti, 1991a, p. 57; 1991b, *passim*). No caso concreto da Sicília, em que Gérion é apresentado como tricéfalo, e nesta perspectiva, verifica-se a adaptação da imagem deste pastor a divindades locais, bem como uma tentativa de apresentar um civilizador compreensivo.

De qualquer modo, é possível que o templo de Gadir tenha tido alguma influência na construção desta paisagem, bem como do relato em si. Domingo Plácido (2002) salienta que muitos dos relatos épicos gregos podem ter influências fenícias, com uma visão condicionada pelo “filtro” fenício. Em todo o caso, é notória uma apropriação de relatos por parte dos gregos, o que se manifesta, por exemplo, no sincretismo entre Melqart e Hércules. Neste sentido, Tsirkin, em 1981, publica um artigo onde descreve os «Dez Trabalhos de Melqart» representados no Templo de Gadir, partindo de um excerto de *Púnicas*, de Silo Itálico (III, 14-60, especialmente

85 No caso de Heródoto III, 38 (\*3.10), verifica-se, como vimos, uma aparente confusão em torno do termo νόμος. No texto de Píndaro, poderíamos interpretá-lo como *lei*. Heródoto entende-o como *costume*.

86 Preferindo, por exemplo, uma morte honrosa no campo de batalha, lutando pelas suas posses.

32-34). Embora denote a ausência do 10TH neste conjunto, é de assinalar que a relação entre as duas divindades «civilizadoras» está bastante bem patente na placa ebúrnea de Medellín M9, que representa, muito provavelmente, um desses episódios: «Melqart matando o Touro Celeste».

A transmissão literária e iconográfica do 10TH é um tema complexo e merece mais detenção num outro lugar. O mesmo pode dizer-se em relação à origem do relato. No entanto, a placa de Medellín inscreve-se num contexto mais vasto de objectos e artes que caracterizam a “cultura tartéssica” (Torres Ortiz, 2002, *passim*), onde se verifica uma confluência de estilos e, talvez, de concepções sociais e religiosas. O 10TH pode ser, eventualmente, um resultado possível desta confluência (cf. Almagro – Gorbea, 2002 e 2005), repetindo e adaptando temas da arte oriental e da poesia, anteriores e posteriores a Estesícoro. Se considerarmos a referência a uma «ilha vermelha» nos confins do mundo por parte dos Fenícios, teríamos aqui um ponto de partida para a análise do registo arqueológico?

Como já afirmei, a cultura material é uma fonte que permite aproximações ao registo escrito, mas uma nem sempre confirma – ou explica – o outro. Em si, os vestígios arqueológicos não explicam uma representação produzida para ser entendida num contexto em que nem a audiência, nem a entidade que adquire ou vê uma representação iconográfica, e nem mesmo o transmissor, tomaram contacto directo com a realidade representada. Contudo, o questionário que utilizamos para tal aproximação pode variar, produzindo resultados distintos, opostos e até mesmo complementares. Por exemplo, questionando o modo como o mito é transmitido – oralmente, por escrito ou iconograficamente – sob a perspectiva da manifestação de contactos violentos, estaríamos a acrescentar mais uma questão a interpretações que partem de uma consideração prévia: o estabelecimento de laços comerciais e, da parte da sociedade indígena, a escolha de zonas de aquisição de recursos para satisfazer essa procura. Esta questão, colocada sobre o modo como o 10TH pode revelar aspectos da natureza e concretização de contactos, encontraria alguma correspondência arqueológica, o que será retomado na Parte IV.

A representação do “Outro” no 10TH parece ser independente de uma humanização, já que o objecto central do relato é a morte deste interveniente, de Eurítion e Orto, nas mãos de Hércules. Simbolizando, ou não, a derrota sobre um rei local, o relato manifesta a celebração de uma vitória num espaço limítrofe, deixando entrever a perspectiva de *conquista* dos bens de um território que foi associado a Tartessos. Como podemos ver, a importância – ou o auge – do 10TH surge quase paralelamente à importância que a poesia homérica teve nos festivais (cf. *supra*). Nesta, aliás, encontramos o caso do consumo das vacas sagradas de Hélios por parte dos companheiros de Odisseu<sup>87</sup>. O comportamento de pilhagem entre os Fenícios e gregos parece explícito em Ez.38, 13 (\*6.19) e *Od.* IX, 252-5 (\*2.24), respectivamente.

---

87 Um outro sentido deste episódio concreto de *Odisseia* é o da *transgressão*. Isto é: recai uma proibição sobre os protagonistas e estes não a respeitam, transgredindo-a.

### 3.1.2. O Ocidente como espaço escatológico

É no contexto de cenários violentos que se destacam as referências a Μάκρων νῆσος, Ηλύσιον (espaços escatológicos), à Idade de Ouro e a Esquéria (reminiscências de uma condição perdida). É sobre estes espaços – prósperos e sem guerras – que se projecta uma imagem oposta ao mundo que produz as representações. Isto é, contrastam com a luta pela sobrevivência (contra uma natureza cruel com a actividade humana) e com um ambiente social caracterizado pela injustiça e pela violência.

#### 3.1.2.1. Μάκρων νῆσος

A descrição e a construção etimológica desta(s) ilha(s) permitem estabelecer algumas conexões com tradições egípcias. Μάκρων νῆσος não é uma excepção, inserindo-se no «Mito das Idades» de Hesíodo, mais precisamente no contexto da «Idade dos Heróis», no qual o poeta afirma que alguns heróis foram encaminhados para o confim do mundo, como se se tratasse de uma recompensa.

Μάκρ pode ser uma derivação do egípcio M3' ḥrw (“verdade da voz”)<sup>88</sup>, correspondendo aos mortos considerados virtuosos no dia do julgamento das suas almas. No caso de Hesíodo, o termo surge no sentido de mortos «afortunados» (Μάκρης). Por seu turno, nos poemas homéricos Μάκρ- é um qualificativo dos deuses, dos imortais (Bernal 2006, p. 271; Schulten, 1945-1946, p. 6) e dos homens (*Il.* III, 182, *apud* Chantraine, 1999, p. 659)<sup>89</sup>.

Νῆσος (Ilha, Península) parece ser, também, um termo de origem egípcia (nst), designando, nesta língua, o aluvião coberto pelo Nilo, com o significando literal de *trono*. A sua base etimológica associa-se a um conjunto de desertos e montanhas que se localizam fora do Nilo, designando «assento», um líder ou mesmo uma comunidade. Chantraine (1999, p. 753), por seu turno, afirma que se ignora a etimologia deste termo, e que as designações de «ilha» variam consoante as línguas Indo-Europeias<sup>90</sup>.

A relação do primeiro termo com o mundo dos mortos coloca-nos num universo linguístico que engloba o ideal de justiça manifestado por Hesíodo em *Teogonia* e *Trabalhos e Dias*. A *Idade dos Heróis* deixa entrever, nesse sentido, uma recompensa divina pela conduta virtuosa durante uma vida caracterizada pela violência (*Trab.* 153-169/ \*1.3; Píndaro, *Ol.* II, 61-80/\*4.4). Estes heróis participaram nas guerras de Tebas (por causa do gado de Édipo) e Tróia (por causa do rapto de Helena). A tradição lembra-os como homens mortais, cujas características (físicas e psicológicas) são, em tudo, superiores à “normalidade” da audiência que escuta os poemas.

88 Martin Bernal nota, neste contexto, que «M3' ḥrw was the title shouted by the audience to Horus when he defeated Seth in his case brought against him» (2006, p. 271). O autor acrescenta que S. Macário está envolvido no julgamento das almas. Chantraine discorda em absoluto desta proposta, afirmando: «Pas d'étymologie: l'hypothèse d'un emprunt égyptien (Krappe, *Rev. Ph.* 1940, 245; Hemmerdinger, *Gl.* 46, 1968, 240) est invraisemblable» (1999, p. 659).

89 «ὦ Μάκρ Ατρεΐδη» («Atrida feliz»).

90 Para uma recolha destes termos em várias línguas, cf. Buck, 1965, p. 29.

Assim, tal como os mortos egípcios, são encaminhados para o Ocidente, partilhando o mesmo destino de felicidade que os homens da Idade de Ouro e demonstrando que o processo de decadência da humanidade não é irreversível (Brown, 1998, p. 395-6).

Desta forma, a inclusão de Μάκρων νῆσος no contexto do «Mito das Idades» deve entender-se na perspectiva da justiça, defendida por Hesíodo e outros autores posteriores (Aristóteles, *Pol.* VII 15, 3-4/ \*4.10; Platão, *Rep.* 519b-c e 540 a-c). Acrescenta-se a prosperidade, associada ao trabalho: nesta ilha, a natureza proporciona aos seus habitantes uma vida sem esforços (Fontenrose, 1974), equivalendo à caracterização da vida dos Feaces e da Idade de Ouro.

A singularidade deste mito na literatura grega levou a que muitos autores, tanto os mais próximos de Hesíodo como outros mais recentes, se debruçassem sobre esta passagem de *Os Trabalhos e os Dias*. O esquema metálico apresentado pelo poeta não é grego, associando-se a outros mitos similares que se caracterizam pela degeneração do Ser Humano e pela descrição de cenários paradisíacos<sup>91</sup>. Isto levanta uma questão: com que intenção Hesíodo integra este relato no seu poema? Por um lado, pode ter querido demonstrar a sua capacidade e erudição, utilizando informações obtidas através de contactos com populações externas. Por outro lado, para transmitir uma mensagem que sintetiza os ideais de justiça e trabalho que defende no seu poema. Não se sabe, porém, se este mito provém da lavra de Hesíodo, ou se era já conhecido para a sua audiência.

Há que considerar, por outro lado, que a representação de um espaço idealizado, distante e inacessível, onde se depositam ideias políticas, sociais e religiosas, é um fenómeno transversal a várias culturas (cf. Schulten, 1945-6; Martínez Hernández, 1999; Plutarco, *Sertório* VIII-IX/ \*4.22). No caso que nos ocupa, é possível que a paisagem de Μάκρων νῆσος seja uma contrução egípcia (a julgar pelos aspectos etimológicos), ou mesmo fenícia, a julgar pelo excerto de Plutarco (\*4.22).

Marcos Martínez apresentou, num trabalho recente (1999), nove tipos de ilhas, com o objectivo de enquadrar esta paisagem num contexto mais amplo de fontes escritas<sup>92</sup>: (1) *escatológicas*, (2) *míticas*, (3) *utópicas*, (4) *fantásticas*, (5) *locus amoenus, paradisíacas*, (6) *ilhas-exílio/ ilhas de desterrados*, (7) *lendárias*, (8) *flutuantes* e (9) *fantasma*. Para a argumentação do autor, interessava mais atribuir a Μάκρων νῆσος as características de 1, 5 e 6, com especial destaque para a primeira. Em parte, concordo com a interpretação do autor mas, por outro lado, a descrição da ilha em Hesíodo pode enquadrar-se nas designações 3, 4 e 7.

91 Dois exemplos muito claros nesse sentido são o Jardim do Éden, bem como o lugar da imortalidade de Gilgamesh. Este último é habitado por Utopishtim, herói do Dilúvio, que vive na eternidade (Manfredi, 1995, p. 321).

92 Este trabalho está construído no sentido de provar que Μάκρων νῆσος corresponde às Ilhas Canárias, o que pode ser bastante discutível, na medida em que Hesíodo, bem como os correspondentes e anteriores relatos egípcios, não apresenta uma localização geográfica precisa. Esta tendência revela-se mais tarde (por volta do Séc. V a.C.), com a preocupação por atribuir aos territórios ocidentais conhecidos características que se enquadram nos mitos que a tradição conseguiu preservar. Não posso, por este motivo, concordar com o autor quando este afirma que «las verdaderas islas de los Bienaventurados son las islas canarias» (Martínez Hernández, 1999, p. 279). Tratarei este assunto mais adiante.

As várias tentativas de localização, as quais analisarei de seguida, apenas deixam entrever, na minha opinião, a importância que o relato teve na tradição posterior. Essa tradição, se considerarmos o texto de Simónides (fr. 22 West, *apud* Brown, 1998, p. 407), refere uma ideia escatológica, na medida em que o poeta deseja viver num lugar onde existam muitas árvores e onde as brisas são suaves. A esta referência juntam-se muitas outras que não posso mencionar aqui pela sua abundância, mas é curioso verificar que heróis como Aquiles são também “enviados” pela tradição para estas ilhas (PMG, 894; Píndaro, *Ol.* II, 61-80/\*4.4; Platão, *Banquete*, 179d-180b)<sup>93</sup>.

A partir do Séc. V a.C. surgem rumores sobre a existência real de umas ilhas descobertas por acaso (p. e., Diodoro V, 20)<sup>94</sup>, sucedendo-se, ao longo dos séculos, interpretações da paisagem que Hesíodo, muito vagamente, refere (Manfredi, 1995, p. 320). Heródoto parece ser o primeiro a propor uma localização geográfica no Egípto (III, 26/ \*3.9), mais precisamente no Oásis de Kharga, ocupado por Sâmios. O nome deste Oásis (*Iu-hesyu*) é traduzido por Μάκρων νῆσος (Schrader, 2000, n. III 145), o que não deixa de suscitar algum interesse, tendo em linha de conta a suposta origem egípcia do próprio termo empregue por Heródoto para descrever este território aquático no deserto. Importa, contudo, ver este excerto numa perspectiva de *interpretatio* geográfica que só ganhará corpo em textos posteriores (Martínez Hernández, 1999, p. 265), com as viagens exploratórias ao Oeste africano em busca de ouro, por parte dos Cartagineses<sup>95</sup>, ou mesmo viagens circum-navegatórias como as que são transmitidas por Heródoto (IV, 42-3). Consequentemente, é na costa africana, localizada no espaço atlântico e externo às Colunas de Melqart, que estas ilhas serão identificadas (Plutarco Sertório, VIII-IX/ \*4.22; Jabouille, 1997, p. 58), associando-se ou à Madeira ou às Canárias. Esta última localização foi fixada com as explorações de Augusto e Juba II da Mauritânia (Manfredi, 1995, p. 320-1)<sup>96</sup>.

93 Píndaro inaugura uma fase de generalização de Μάκρων νῆσος como residência da vida depois da morte, o que pode revelar uma tendência órfico-pitagórica, na medida em que se assemelha à escatologia revelada nas placas de ouro encontradas no Sul de Itália e na Sicília, datadas do Séc. V a.C.: a alma abandona o corpo (Martínez Hernández, 1999, p. 264). Autores posteriores a *Odisseia* colocam também Aquiles em Ηλύσιον: Íbico de Régio (Séc. VI), Simónides de Ceos (S. VI a.C.), segundo testemunho de Apolónio de Rodas (*Arg.* 814-815); fr. 270 Page (profecia de Hera a Tétis); Quinto de Esmirna, *Posth*, 224 (Séc. IV a.C.); Séneca (4 a.C.-65 d.C.), *Troianas*, 938-944 (Martínez Hernández, 1999, p. 257).

94 O excerto em questão refere viagens dos Fenícios, que descobriram estas ilhas devido às tempestades (Schulten, 1945-1946, p. 14).

95 Foi opinião geral que estas viagens terão tido como *terminus* o Golfo da Guiné, se considerarmos *Périplo de Hanão*, cujo alcance para a História de África foi discutido por Paul Hair. O autor conclui que «for the modern historian of black Africa, the *Periplus*, although the subject of a chain of not insignificant historiographical inquiry, is in itself a text of no interest as a source of historical evidence, the voyage of Hanno being merely a dubious exploratory episode worthy only of antiquarian note» (1987, p. 59). Devo a José Horta a sugestão deste artigo. Muito mais tarde, os portugueses exploraram estas costas, precisamente, em busca de ouro, fundando São Jorge da Mina (actual Elmina, no Ghana) na Costa que recebeu o nome do precioso metal pela sua extrema abundância.

96 Num trabalho desenvolvido depois da defesa desta dissertação, incidindo sobre as referências de Tartessos n’*Os Lusíadas*, de Luís de Camões, identifiquei uma passagem em que o poeta refere as «(...) Canárias Ilhas,/ que tiveram por nome Fortunadas» (V, 8).

### 3.1.2.2. Ηλύσιον

Num provável acrescento posterior a *Odisseia* («Telemaquia»), introduz-se Ηλύσιον (*Od.* IV, 561-569/ \*2.12) que, à semelhança de Μάκκρων νῆσος, assinala o destino póstumo do herói. Aquele nome, que aparece uma vez em *Odisseia*, volta a surgir no século III a.C. nas *Argonáuticas* de Apolónio (III, 181), o que pode ser justificado sob o ponto de vista da métrica, na medida em que é um termo mais difícil de introduzir (Martínez, 1999, p. 254).

Esta paisagem surge no contexto do relato de viagem de Menelau, onde este descreve a Telémaco o encontro com o sábio Proteu, que lhe profetizou um destino em Ηλύσιον, nos confins da Terra, onde se encontra Radamantis. Esta referência não menciona, como no caso de Μάκκρων νῆσος, a produtividade agrícola, mas valoriza a suavidade do clima<sup>97</sup>. Ηλύσιον representa, para Martínez (1999, p. 254), um conceito escatológico diferente daquele que se encontra no Canto XI do mesmo poema, que descreve a chegada de Odisseu ao Hades.

Em termos etimológicos, Ηλύσιον homérico é muito diferente de Μάκκρων νῆσος de Hesíodo. O termo atraiu várias atenções e discussões sobre a sua origem: J. Puhvel, nos Anos 60, defende que tem uma origem indo-europeia, enquanto que W. Burkert, na mesma década, aponta a sua origem para a Grécia (Chantraine, 1999, p. 411). Outros investigadores, contudo, debruçaram-se sobre o personagem Proteu (Πρωτεύς) e sobre a sua origem etimológica, nomeadamente V. Bérard (em 1993) e J. Knight (em 1968), duvidando da origem Indo-europeia (Bernal 2006, p. 266-7). Chegam mesmo a relacionar este nome com o egípcio “prouti”, provável biforme de *Pr-3* (casa grande ou faraó). De qualquer modo, não deixa de ser interessante verificar que a profecia foi revelada a Menelau no Egipto, aproximando-se das influências externas assinaladas na construção das ilhas, abordadas anteriormente (Griffith, 2001, *passim*).

Estas duas paisagens podem confundir-se, uma vez que ambas introduzem o destino de alguns heróis num território distante e ocidental e, em certos casos, os seus habitantes são os mesmos (Gelline, *apud* Martínez, 1999, p. 254). Partindo do texto homérico e de observações sobre o clima da região da Turdetânia, Estrabão afirma que Homero terá conhecido Tartessos ou, pelo menos, terá ouvido falar desta região peninsular (III 2, 12-13/ \*4.18)<sup>98</sup>. Ou seja, Ηλύσιον também parece representar a integração dos mitos do Ocidente em paisagens conhecidas pelos Gregos, à semelhança do que foi dito em relação a Erythia e a Μάκκρων νῆσος<sup>99</sup>.

97 A similitude entre ambas as paisagens pode ser verificada na *Olimpica* II, de Píndaro (61-80/ \*4.4; 476 a.C.), se considerarmos apenas a referência a Radamantis como habitante da ilha descrita por Hesíodo.

98 Os Estóicos, entre os quais Possidónio, consideravam que Homero era o “Pai” de todas as ciências, nomeadamente da Geografia (Meana y Piñero, 1992, n. 102: tradução de *Geografia* III de Estrabão). Esta ideia está também presente em Xenófanes (Fr. 10 D-K: Pereira, 1998, p. 181; Lourenço, 2006, p. 37; cf., *supra*).

99 Qualquer uma das três paisagens assinaladas aparenta representar a oposição entre dois mundos: de um lado, o «civilizado» e, de outro, o mundo distante, rico ou inóspito habitado pelo «Outro» (Brown, 1998, p. 388).

### 3.1.2.3. Μάκκρων νῆσος e Ηλύσιον

Apesar das suas similitudes, Μάκκρων νῆσος e Ηλύσιον devem ser consideradas como paisagens independentes. Ambas parecem ser utilizadas na transmissão de uma mensagem predeterminada (em torno dos ideais de trabalho e justiça) e na necessidade de oposição entre dois mundos distintos. De qualquer modo, e acrescentando, uma vez mais, o 10TH, a construção destas paisagens assenta nos pilares da violência e nas condições de vida das sociedades cujos “representantes” criaram estes poemas. Dois conjuntos de representação sobressaem, conseqüentemente, deste contexto: por um lado, a agricultura e o clima e, por outro, a saúde e a guerra.

No primeiro conjunto, é notório o papel da «cidade justa» idealizada por Hesíodo (*Trab.* 225-237/ \*1.4) e transmitida na mensagem do seu poema: a abundância sobrenatural que se transmite em Μάκκρων νῆσος em termos de produtividade agrícola (Plutarco, *Sertório* VIII-IX/ \*4.22) assemelha-se à prosperidade da Idade de Ouro (*Trab.* 109-123/ \*1.1), o que, de certo modo, justifica o seu isolamento, na medida em que é auto-suficiente. Por seu turno, a presença de ventos suaves e a ausência de Inverno (ou de um período prolongado de frio) aproxima estas paisagens daquilo que se observa na Península Ibérica ou, como já foi verificado, nas Ilhas Atlânticas (Canárias ou Madeira).

Nestas representações, a abundância agrícola e a suavidade do clima têm como consequência a longevidade e a proximidade aos imortais. A abundância – e a ausência de esforço para obtê-la – acaba por resultar, em termos de descrição dessas outras sociedades ou outros espaços, na recriação de uma condição humana superior à da realidade da audiência. Conseqüentemente, já fora do âmbito da escatologia e do destino dos heróis, criam-se mundos que representam os *vivos*, daí a introdução de homens como os da Idade de Ouro e os Feaces, que habitam um mundo *sem guerras* e inacessível aos mortais. A sua implantação geográfica é de somenos importância, daí ser possível que estas paisagens nunca tenham, de facto, existido, a não ser como elementos fundamentais de um relato de viagem como o de Odisseu, para representar o modo de vida idealizado pelo poeta e, conseqüentemente, pela sua audiência.

Estas paisagens acabam por reflectir «el anhelo humano a buscar (y si es posible encontrar) un lugar de ensueño, en el que poder disfrutar de una felicidad ilimitada, sin trabas ni cortapisas, de una vida imperecedera, y en ultima instancia de un aislamiento venturoso sin opción ni cabida para el dolor, el miedo, la tristeza, la angustia o los temores» (Santos Yanguas, 1988, p. 166). Estas características, mais que a representação «etnográfica», constituem fenómenos literários que são deslocados consoante a cosmovisão contemporânea de uma sociedade, ao mesmo tempo que se afastam das zonas onde se luta pelos circuitos comerciais. Com isto, surgem paisagens e homens que não necessitavam de qualquer tipo de contactos com o exterior antes de terem sido conhecidas pelos viajantes. Neste contexto, é possível afirmar, uma vez mais, que as paisagens fénicias e os contactos daí decorrentes tenham sido fundamentais para a construção desta imagem do Ocidente (Strab. I, 3, 2/ \*4.16).

### 3.1.3. O Ocidente como paisagem humana

Prosperidade, justiça, longevidade e imortalidade são três dos elementos que parecem caracterizar o Ocidente nos textos analisados, e que também estão associados uma imagem mais humana dos «últimos dos homens». Neste sentido, a representação (não menos fantástica) destas comunidades parece aproximá-las dos imortais, tanto nos territórios que habitam como no seu comportamento. Na narrativa, a sua presença parece fundamental, uma vez que permitem reflectir a idealização de uma vida feliz e auto-suficiente, condição que, com a degeneração da espécie humana, se foi perdendo.

#### 3.1.3.1. A Idade de Ouro

Hesíodo, quando menciona a Idade de Ouro (*Trab.*, 109-123/ \*1.1), dá a entender que as suas condições de vida existem algures, visto que considera que esse estado é, ainda, possível. Numa narrativa de viagem como *Odisseia*, esta suposição parece confirmar-se pelo encontro esporádico com cenários idílicos, transmitindo a mensagem de um outro mundo (possível) e da existência da *dikê* pode existir na *Polis*. O símbolo do Ouro marcaria a incorruptibilidade que Hesíodo não encontra nos seus contemporâneos (cf. *supra*), bem como o isolamento/ oposição desta idade em relação às outras. É que, tal como em *Μάκαρων νῆσος*, os homens não necessitam do trabalho para sobreviver (Pínd., *Ol.* II, 61-80/ \*4.4; Brown, 1998, p. 386-388), visto que a terra, por si só, produz (*Trab.*, 225-237/ \*1.4).

Isto representa, precisamente, o contrário do quotidiano de homens como Hesíodo (Brown, 1998, p. 390-398). Uma das consequências naturais desta idealização é a sua projecção para os confins do mundo. A «cidade justa» ou a «cidade ideal» encontra-se, por isso, longe da vida terrena, vivendo na abundância sobre-natural que caracteriza as duas primeiras idades (\*1.1 e \*1.2). Consequentemente, a *longevidade*, para além de estar associada à corruptibilidade dos metais (ouro e prata), assinala a proximidade das condições dos imortais, justificando a representação de homens como o rei dos Etíopes Macróbios e Argantónio.

#### 3.1.3.2. Os Feaces e Alcínoo

A *hospitalidade* e a *generosidade* são dois aspectos destacáveis nestas representações, visto que revelam respeito pelos deuses e acabam por ir de encontro à presença (e função) de personagens como Argantónio ou Alcínoo<sup>100</sup>. Este último lidera uma comunidade limítrofe (os Feaces), surgindo como um aparente termo de comparação à mundivivência dos heróis. Ao mesmo tempo, os Feaces diferenciam-se das ilhas fantásticas descritas anteriormente

---

100 Este ideal de hospitalidade justifica-se porque o “hóspede” pode ser um deus disfarçado. Por exemplo, Telémaco recebe em sua casa Mentor, que mais não é que uma metamorfose de Atena. Preparei, neste momento, um trabalho sobre o significado do termo *φιλόξεινος* (*philóxeinos*), que surge em quatro ocasiões na *Odisseia* (VI, 121; VIII, 576; IX, 176; XIII, 202), onde comparo os comportamentos de Alcínoo e Argantónio. Esta questão foi afluada no texto original que foi revisto para esta publicação.

(Brown, 1998, p. 398), uma vez que não representam um espaço escatológico e são visitadas pelo protagonista.

O papel narrativo de Alcínoo é relevante, uma vez que é o anfitrião de Odisseu por excelência e o ouvinte das suas peripécias antes do regresso a Ítaca. É o próprio Alcínoo que pede ao seu hóspede para descrever os «malvados, grosseiros, injustos/ ou benignos ao hóspede com são temor aos deuses» (*Od.* VIII, 575-6)<sup>101</sup>, permitindo a introdução da exposição das diferenças entre o mundo do protagonista e os outros que encontra ao longo da sua viagem. É aqui que, aparentemente, se estabelece o «filtro» de representação de outras sociedades, o que é complementado com o monólogo de Odisseu quando chega a Esquéria (*Od.* VI, 119-126/ \*2.15)<sup>102</sup>.

Os Cíclopes surgem no relato como exemplo de antagonismo em relação a Odisseu e ao seu anfitrião. Consequentemente, a presença do Cíclope Polifemo pode ser vista como uma das artimanhas do protagonista que, com este exemplo, exacerba a hospitalidade de Alcínoo e procura obter deste não só a simpatia, como também presentes (*Od.* XI, 356-8, *apud* Pucci, 1993, p. 120-123). Parece evidente que a falta de hospitalidade de Polifemo é apenas equiparável à dos pretendentes. Contudo, há um pormenor que pode ser destacado: o reconhecimento, por parte do Cíclope, de uma transgressão de Odisseu e dos seus companheiros, ou seja, entraram sem convite e pilharam o seu espaço privado, o que se reflecte na sua intervenção (*Od.* IX, 252-5/\*2.24, repetido em III, 71-4; Pucci, 1993, p. 123-4), relembrando, ao mesmo tempo, situações de pilhagem em locais de produção espontânea como a que encontramos no relato de Gérion<sup>103</sup>.

Voltemos, não obstante, a Esquéria. Esta cidade fora fundada em consequência de um «êxodo» (a partir de Hipéria) provocado pelos Cíclopes, conduzindo o fundador Nausítoos (antepassado de Alcínoo) a este território que, por sua vez, se encontra longe do mundo conflituoso (VI, 4-10/ \*2.14; Canales Cerisola, 2004, p. 76-78) e não tem vizinhos próximos. A fuga de um cenário para outro completamente distinto lembra a profecia de Menelau e as condições que este iria encontrar em Ηλύσιον: uma vida de guerras que termina, docemente, nos confins do mundo habitado onde aquelas não existem.

Este relato introduz um outro aspecto não menos importante, consequente da *adaptação* ao meio social: a *muralha alta* (VI, 262/ \*2.16; VII, 44-5) construída em torno da cidade

101 O próprio protagonista refere, no seu relato, a mesma curiosidade quando chega à terra dos Cíclopes (IX, 174-176). N'Os *Lusíadas*, o mesmo papel é desempenhado pelo Rei de Melinde, que pede a Vasco da Gama que conte a História de Portugal, bem como a sua viagem. Aparentemente, esta estrofe de Camões vai no sentido apontado: «Mas tu, em quem mui certo confiamos/ achar-se mais verdade, ó Rei benigno, e aquela certa ajuda em ti esperamos, que teve o perdido Ítaco em Alcino;/ A teu porto seguro navegamos,/ conduzidos do intérprete divino, / que – pois a ti nos manda – está mui claro/ que és de peito sincero, humano e raro» (*Os Lusíadas*, II, 82).

102 Queria apenas salientar um pormenor: quando Alcínoo define os critérios do relato, não refere a questão da comunicação (língua) como Odisseu. Este pergunta se se encontra entre homens de voz articulada. *Od.* VI, 119-126 e IX, 174-176 são duas das quatro ocasiões em que surge o termo φιλόμενος, como foi apontado na nota 100.

103 Apesar de ser apresentado como consumidor de leite e de carne humana, Polifemo aproxima-se da Idade de Ouro pela produção espontânea da sua ilha (Pucci, 1993, p. 123).

relembra aquele cenário de violência, o que acaba por se confirmar no comportamento dos Feaces quando procuram impressionar Odisseu no contexto dos seus jogos, bem como nas palavras de Atena, dirigidas ao herói<sup>104</sup>. Este aspecto permite verificar que a estética da ocupação e o comportamento social se regem por princípios de força física e desconfiança. Contudo, apesar do extremo interesse deste tema, vejo-me obrigado a, simplesmente, destacá-lo sem entrar numa análise mais detida. Passemos, não obstante, para um outro tema, mais próximo daquele que orienta esta dissertação: a descrição das condições de produtividade.

Esquéria é, claramente, um porto marítimo. Posiciona-se num lugar abrigado do vento, junto a um rio que desemboca no Oceano (*Od.* V, 458-60; VII, 280-286/ \*2.21), apresentando uma produtividade agrícola sobrenatural<sup>105</sup> que beneficia do sopro do Zéfiro, tal como em Ηλύσιον (*Od.* VII, 112-132/ \*2.18), na medida em que «não lhes faltava de comer e de beber» (*Od.* VII, 99). Pressupõe, consequentemente, a ausência de esforço para adquirir o produto da terra.

Em *Od.* VII, 150, Odisseu refere os «dons de honra que este povo vos concede», o que pode levar a crer num cenário de desigualdade social<sup>106</sup>. Esta desigualdade parece reflectir-se na descrição do palácio de Alcínoo, cuja morada é incomparável na sua cidade, representando um ideal de riqueza extrema. O metal é utilizado como elemento descritivo (*Od.* VII, 81-94/ \*2.17), embora não se identifique qualquer referência à sua produção. Registam-se alguns pormenores interessantes relativos a metais como o bronze (pórtico, paredes e piso, uma tina em VIII, 426), o Ouro (duas portas, puxador, um dos cães que guardava o palácio, figuras femininas, jarros e taças)<sup>107</sup> e a Prata (dintel, plataformas do palácio, e o outro cão, cadeiras, uma fonte)<sup>108</sup>, exceptuando-se o ferro. Uma vez mais, não há qualquer referência ao esforço dispendido para a aquisição destes materiais preciosos, sendo considerados como presentes que o céu deu a Alcínoo (*Od.* VII, 132/ \*2.18). O marfim é também referido (VIII, 404). Apresenta-se, com isto, uma vida de riquezas, produção espontânea e festa permanente (Brown, 1998, p. 400-401), o que aproxima os Feaces da Idade de Ouro e dos imortais<sup>109</sup>.

São estas condições que Odisseu recusa (VII, 311-316/ \*2.21), tal como se verifica noutras passagens (*Od.* VII, 251-258 e IX, 26-36/ \*2.20 e 2.23), em prol do objectivo que o

104 «(...) Caminha em silêncio, que eu irei adiante,/ e não olhes para ninguém, e não perguntes a ninguém: as gentes/ deste povo não costumam sofrer pelos homens de fora/ nem demonstram amor ao que vem de terras estranhas» (*Od.* VII, 30-3). Este comportamento está reservado apenas às elites? Para a questão da *adaptação* do comportamento ao meio social, cf. o excelente artigo de Francisco Moreno Arrastio (1999: *passim*) com uma perspectiva interessante sobre as relações sociais na Antiguidade. Os seus argumentos encontram-se reforçados num outro trabalho, apresentado em 1998 ao I Colóquio do CEFYP (Moreno Arrastio, 2000).

105 Veja-se, também, o excerto do relato de Menelau, relativo à produtividade espontânea das terras limítrofes (*Od.* IV, 78-89/ \*2.10).

106 *Od.* VII, 30-3. É possível verificar que, no palácio de Alcínoo, estão cinquenta mulheres – escravas – a trabalhar (VII, 95-111), o que se enquadra no tráfico de escravos e no seu uso literário como símbolo de riqueza aristocrática. Voltaremos a focar este aspecto em 4.3.

107 *Od.* VII, 99-100 (figuras femininas), VIII, 172 (jarro) e VIII, 430 (taça).

108 VII, 163 e VIII 65-6 (Cadeiras) e VIII, 173 (fonte).

109 Ver *Od.* VII, 199-206 (\*2.19). Os Feaces são emparentados com os deuses, nomeadamente Possidon, recebendo-os nos seus banquetes. Este aspecto liga-se ao que foi apontado por Schulten quando caracterizou a sociedade tartéssica.

move: o regresso a Ítaca. Quer isto dizer que a *recusa heróica* é fundamental na construção da narrativa, tal como a generosidade dos anfitriões (homens de ouro ou heróis)<sup>110</sup> e o regresso com riquezas (*Od.* IV, 78-89/ \*2.10).

Nos casos analisados até agora, tanto numa vertente escatológica como numa vertente monstruosa e “humana”, a riqueza da produção de metais está ausente. O metal é utilizado como símbolo, tanto no esquema degenerativo de Hesíodo como na descrição do palácio de Alcínoo, o que também se assemelha à descrição do palácio de Salomão (1Rs, 7, 13-18/ \* 6.6). Os elementos que acabam por ganhar mais protagonismo parecem ser a agricultura e a pastorícia, pela sua produção espontânea. É, perfeitamente, natural que estes cenários sejam deslocados para os confins do mundo ou, dito de outro modo, para o terreno do desconhecido, sobretudo porque neles encontramos a projecção dos ideais do centro, não só em termos materiais como também espirituais. Por isso, tanto a Idade de Ouro como Esquéria e outros espaços limítrofes podem ser considerados como cenários de imortalidade, bem como de longevidade e prosperidade agrícola, onde os habitantes são justos e dispensam riquezas aos forasteiros. Assim, a generosidade é uma característica dos homens de Ouro e de Alcínoo, tal como também verificamos entre os heróis homéricos. Tal característica, como veremos a seu tempo, é comum também a Argantónio e ao povo tartéssico, que permitem regressos a solo pátrio carregados de riquezas e, conseqüentemente, de glórias que são lembradas na tradição.

### 3.2. Balanço

A riqueza em metais parece estar ausente nas paisagens que representam o Ocidente longínquo. O metal é, contudo, utilizado como símbolo, tanto no esquema degenerativo de Hesíodo como na descrição do palácio de Alcínoo, comparável ao de Salomão (1Rs, 7, 13-18/ \* 6.6). O que mais se destaca nos relatos analisados é a produção espontânea em contextos agrícolas e a pastoris.

Tanto em termos materiais como espirituais, todos estes cenários ocupam territórios desconhecidos (ou mesmo imaginários), para onde ideias do centro são projectadas. Por isso, todos os espaços assinalados contêm os elementos da «cidade ideal» de Hesíodo (*Trab.*, 225-237: \*1.4)<sup>111</sup> e são habitados, no caso dos cenários humanos da Idade de ouro, por homens generosos (como Argantónio) que dispensam riquezas.

Abramos um pequeno parêntesis para referir algumas identificações de Esquéria com Tartessos com a Península Ibérica. Ricardo Olmos salienta que autores como F. Netolitzky, R. Hennig (nos Anos 20), Schulten (1945, p. 181-3), F. Watterberg e A. Montenegro Duque<sup>112</sup>

110 Menelau diz a Telémaco que destinara a Odisseu uma cidade e um palácio nos seus domínios (IV, 174-177), tal como Alcínoo (\*2.22).

111 Relembremos: prosperidade, justiça, longevidade e imortalidade.

112 Watterberg, F. (1960) – Saltés, la Isla de la Atlántida y Tartessos. In *Seminarios de estudios de Arte y Arqueología*. 32, p. 125-205; Montenegro Duque, A. (1970) – Los pueblos del mar en España y la nueva revisión de la historia de Tartessos. In *Boletín del Seminario de estudios de Arte y Arqueología*. 34, p. 237-287.

sugeriram uma identificação entre Esquéria, Tartessos e a Atlântida (*apud* Canales Cerisola, 2004, p. 79-80), partindo do pressuposto que o *emporion* é identificado com Huelva. O argumento central é a sua «localización occidental, riqueza en metales, suave climatología, predominio del viento del Poniente y capacidad para producir dos cosechas al año» (*ibid.*, p. 80), bem como a existência de uma ilha (ou península) localizada junto de um rio que desemboca no Oceano. Acrescentam-se outros aspectos: a descrição da costa (*Od.* V, 279-281) lembraria as colinas de Huelva a partir do lago marítimo formado pelo estuário dos rios Tinto e Odiel; uma rocha em forma de barco (ilha de Saltés) seria o resultado do castigo de Possídon infligido aos Feaces, pelo seu auxílio a Odisseu. A isto junta-se a descoberta de vestígios fenícios na ilha (sécs. VII e VI a.C.), que se relacionariam, por sua vez, com a segunda tentativa de fundação do templo de Melqart (Strab. III 5, 5/ \*4.21).

A abundância e prosperidade que caracterizam o Ocidente em *Odisseia* parece despertar a cobiça que se manifesta no 10TH, com uma clara apropriação violenta de recursos. Por seu turno, os mecanismos de adaptação revelados no relato dos Feaces – construção da muralha, força física e desconfiança – parecem fornecer um panorama menos condizente com a interpretação de uma “paz armada” baseada no comércio.

Lembremos que Tartessos é um território vagamente localizado *mais além das Colunas de Hércules*, num espaço marcadamente fenício. Se a idealização da abundância agrícola e pastoril pode resultar de uma transmissão fenícia, estaríamos em condições de admitir que a imagem do Ocidente transmitida por estes textos reflectiria os interesses fenícios na obtenção desses bens nos territórios ocupados (Alvar e Wagner, 1989, 2003). Por seu turno, a aquisição violenta de recursos, manifestada pelo 10TH condiz com afirmações como a de Ezequiel (38, 13/ \*6.19).

Vimos, até este ponto, três facetas possíveis dos mitos e das representações do Ocidente (como espaço monstruoso, escatológico e humano) em autores como Hesíodo, «Homero» e Estesícoro. Resta acrescentar a imagem que Heródoto apresenta dos confins do (seu) mundo habitado, antes de nos debruçarmos sobre Tartessos.



## 4. Tartessos: entre mitos e representações

### 4.1. Heródoto e os confins da Terra habitada

«Maître du voir, maître du savoir, maître du croire par l’usage des figures d’une rhétorique de l’alterité mises en mouvement par tout le jeu des marques d’énonciation, il nomme, il inventorie, il classe, il compte, il mesure, il arpente, il met en ordre, il trace les limites, il distribue louange et blâme, il en dit moins qu’il n’en sait, il se souvient: il sait. Il fait voir, il fait savoir, il fait croire.»

François Hartog, 1980, p. 537

Na obra de Heródoto confluem, como vimos, tradições literárias que circulariam entre os séculos VI e V a.C., por via oral ou escrita. A expressão ἀπόδειξις (“exposição”) no Proêmio (\* 3.1), permite pensar que o seu texto era recitado. Pela via da oralidade (cuja autoridade era equiparável ao registo escrito), a exposição transmite informações que o seu autor (Ἡρόδοτος Θουρίων: Heródoto de Túrios) viu, ouviu ou leu<sup>113</sup>, fazendo entrever nelas tradições orais que, por seu turno, podem perdurar pela reutilização de *sequências estáveis*.

É neste contexto que podem inserir-se as referências aos confins do mundo em Heródoto (Fig. 13). As informações vagas que o autor apresenta são explicadas pelo desconhecimento que o próprio admite (III, 116/ \*3.12; IV, 184-5/ \*3.18). Fazendo eco da ideia de circularidade do Oceano (*supra*, Figs. 9 a 12; Job 26, 10-13/ \*6.11), embora criticando-a (II, 23/ \*3.4 e IV, 36-42 / \*3.16) o autor parece uniformizar os confins como espaços inacessíveis e fabulosos<sup>114</sup>. Neste contexto, concebe Tartessos como uma região localizada mais além das Colunas de Hércules, que por sua vez marcam a fronteira entre o espaço humano e o espaço da cena heróica (IV, 152/ \*3.17; IV, 42-3; cf. Job, 26, 10-13/ \*6.11 e 38, 8-20/ \*6.12). Note-se que associa o 10TH a Gadir (IV, 8/ \*3.13).

Heródoto refere os Cinetes/ Cinésios e os Celtas como as comunidades mais ocidentais da Europa (II, 33 e IV, 49), localizando-os a Ocidente das Colunas de Hércules<sup>115</sup>. Este referente geográfico volta a aparecer na descrição de uma viagem de circum-navegação do continente

113 Cf. *supra*: ao mencionar Hecateu, pressupõe-se que Heródoto terá lido os seus escritos, já que aquele autor afirma, na introdução à sua obra, que a escreveu. Para esta questão, cf. Hartog, 2001, p. 395-459, bem como Hartog e Casevitz, 1999, p. 43-49.

114 Cf. *supra*; Cruz Andreotti, 1991a, b.

115 O primeiro excerto diz-nos que «Os Celtas, certamente, estão mais além das Colunas de Hércules e confinam com os Cinésios, que são, de todos os povos estabelecidos na Europa, os que habitam as zonas mais ocidentais». No segundo, Cinésios adquirem o nome de Cinetes. Segundo o texto de Avieno (*O.M.* 182-223), os Celtas estavam a Norte do Guadiana, enquanto que os Cinetes/ Cinésios estavam entre o Guadiana e o Cabo de São Vicente (para estes últimos, entre outros, Alarcão, 1992; Pérez Vilatela, 1995; sobre a questão dos “Celtas”, Koch, 2003, p. 202-3).

africano (III 42-3). Não deixa de ser interessante verificar que, sobretudo nesta última ocasião, o autor não assinala no seu «mapa» Tartessos. É também importante assinalar, no contexto da sua vida (cf. *supra*), que frequentaria o Heraion de Samos, tal como os Fenícios ocidentais, o que poderia servir como fonte de informação mais precisa sobre esta área. Por outro lado, as suas viagens levaram-no a Tiro, nomeadamente ao Templo de Melqart (II, 44/ \*3.5), onde obteve informações sobre a data de construção do edifício. É possível também que, nestes contactos, tivesse ouvido falar dos Cinésios/ Cinetes e dos Celtas (Schrader, 2000, n. III, 130). Se a isto adicionarmos a referência a Gadir (IV, 8/ \*3.13) no contexto do regresso de Hércules, obtemos um pequeno conjunto de argumentos que permitem pensar que o autor desconhecia a localização geográfica deste território.

Os traços fantasiosos utilizados na descrição de outros confins vão de encontro à ideia de que o mundo vai perdendo características humanas à medida que a sua representação se afasta do centro (Plácido, 1997, *passim*). Ao mesmo tempo, é nesses territórios limítrofes que se concentram os bens mais preciosos, o que permite assinalar uma confluência de interesses: metais, condições de vida e, pontualmente, *vóμοι* e sistemas políticos. São, sobretudo, os dois primeiros e o quarto que se enquadram nos relatos de Tartessos, reflectindo-se também nos casos dos Etíopes e dos Arimaspos.

Pretendendo conhecer melhor os territórios a conquistar, Cambisses envia para junto dos Etíopes Macróbios uma embaixada de Ictiófagos, propondo o estabelecimento de laços de hospitalidade. O relato deixa entrever a desconfiança inerente aos contactos, bem como a relação que esta comunidade mantém com os *vóμοι* estrangeiros (Golfin, 2000). Para além destes aspectos, que não estão desligados dos interesses gerais das *Histórias*, junta-se a representação da longevidade dos Etíopes, associada à alimentação e à qualidade da água (III 22-3/ \*3.8)<sup>116</sup>, bem como a riqueza desta área em metais, nomeadamente Bronze, complementando a referência ao ouro etíope em III, 115-16 (\*3.12). Deparamo-nos, assim, com um território rico em metais, habitado por homens com uma longevidade beleza excepcionais<sup>117</sup>, que inspira a formulação de um relato com contornos fantasiosos (Lens Tuero e Campos Daroca, 2000, p. 100-5), embora manifeste a preocupação pela descrição de alguns dos seus costumes.

A riqueza em metais está também patente nos confins setentrionais, desta vez associada a um cenário monstruoso. Os Arimaspos (seres de um só olho, como os Cíclopes), lutam contra os grifos para se apoderarem do metal (III, 115-6/ \*3.12), confirmando a concepção dos confins como um espaço uniforme. Acrescentam-se também os Hiperbóreos, dos quais o autor sabe algo a partir de Hesíodo, de uma epopeia que atribui a Homero (IV, 32/ \*3.14) e de algumas informações que conseguiu ainda recolher no santuário de Delos, onde sabe de oferendas que chegam da terra dos Hiperbóreos (III, 33-5). A recolha de várias versões faz

116 Ao referir a água, o autor faz eco de uma característica que se atribui aos rios remotos (Arriano, *Indiké* VI, 3; Strab. XV, 1, 38 e Diod., II 37, 7, *apud* Schrader, 2000, n. III, 127)

117 Esta fantasia resulta da riqueza aurífera da Etiópia. Aliás, *Nub* pode ser um termo de raiz egípcia que significa ouro, daí o nome de Núbia (Schrader, 2000, n. III 129),.

parte dos critérios de Heródoto, o que, curiosamente, não acontece quando o autor refere os Etíopes e Tartessos. Nestes casos, limita-se a transmitir os relatos sem questionar a qualidade das suas informações.

A tradição periegética pode ter sido, igualmente, importante na transmissão de algumas curiosidades sobre o Extremo Ocidente, tal como, provavelmente, a poesia (escrita e oral). Com estas manifestações, desenham-se, a partir de finais do século VII (ou talvez um pouco antes), novos contornos da Terra habitada, com a proliferação de uma toponímia ocidental que revela algum interesse pelas fontes de obtenção de riquezas (cf. *supra*). Este interesse reflecte-se, em parte, nas *Histórias*. Heródoto refere não só o bronze e o ouro dos confins do mundo, como também apresenta relatos caracterizados pelo regresso glorioso dos protagonistas com essas riquezas. É o que vamos continuar a ver.

#### 4.1.1. A viagem de Colaios (Heródoto IV, 152)

Como vimos, Heródoto parece manifestar alguma curiosidade pela relação do Homem com o seu Meio, o que parece derivar de processos de colonização do Ocidente. Estes foram fundamentais para conhecer outras sociedades, culturas e modos de vida, o que se reflectiu na poesia, em especial na importância conferida a poemas como *Odisseia* no século VI a.C.<sup>118</sup>. Este meio é fundamental para justificar a expansão e para transmitir esses conhecimentos, levando os heróis e a audiência a mundos distantes e fabulosos. Contudo, *Odisseia* pode ser *um* entre *vários* relatos de viagem, e é sobre esse aspecto que vamos incidir nas próximas linhas<sup>119</sup>. Não sem considerar, por exemplo, que o poema homérico pode ser uma compilação de várias tradições que foram unificadas numa só obra<sup>120</sup>.

Independentemente das sequências estáveis que caracterizam o conto, o conteúdo de viagens como a de Colaios pode ser diferente daquele que norteia a *Odisseia*. Por outro lado, há que considerar que Heródoto tem um objectivo (\*3.1), diferente daqueles que parecem reger aqueles dois relatos.

O historiador pretendia transmitir aos seus receptores os *feitos individuais e colectivos* de Gregos (Ἕλληνοι) e Bárbaros (βαρβαροι) dignos de realce (Gómez Espelosín, 1993, p. 160-1). Consequentemente, não só a viagem a Tartessos pode ser enquadrada nesses feitos, como também representa um desvio na linha da narrativa para explicar «a origem remota dos sólidos laços de amizade que Cireneus e Tereus estabeleceram com os Sâmios» (IV, 152/ \*3.17), no contexto da fundação da Colónia de Cirene (IV, 150-8; Gómez Espelosín, 1993, p. 153-4; Plácido, 1989, p. 44-5; Osborne, 1998, p. 24-5). O que significa que este relato é importante para explicar uma situação presente no tempo do autor, encontrando confirmação arqueoló-

118 Cf. Xenófanes, fr. 10 D-K, Pausânias VII 26,13/ \*4.6 e Hrdt. II, 53/ \*3.3.

119 Ver n. 48, p. 35 sobre o nome de Ὀδυσσεύς (Bernal 2006, p. 382).

120 Este comentário pode estender-se à discussão de se *Gerioneida* foi uma obra influenciada por Homero ou se, por outro lado, faz parte de um repertório comum que resultou na elaboração de *Odisseia*.

gica nos achados de cerâmica sâmia em Tera anteriores à fundação de Cirene (Osborne, 1998, p. 27). Ao mesmo tempo, parece representar um eco de contactos anteriores ao estabelecimento de colónias gregas no Ocidente, respondendo «a las nuevas preocupaciones de la época arcaica por el norte de África y el Extremo Occidente» (Plácido, 1989, p. 45).

Tivemos oportunidade de apontar que algumas informações reproduzidas nas *Histórias* parecem ir de encontro a tendências poéticas como a Tragédia (vida de Polícrates) e, neste caso, a tradições épicas ou heróicas. Isto parece fazer algum sentido quando se verifica que a informação pode ter sido adquirida no Heraion, frequentado por Fenícios, onde Colaios e outros viajantes depositaram oferendas (IV, 152/ \*3.17; Olmos, 1989, p. 505). Por sua vez, Heródoto, exilado em Samos, esteve numa posição privilegiada no acesso a esta informação (oral e epigráfica)<sup>121</sup>.

O protagonista deste relato embarcou rumo ao Egípto, sendo surpreendido por uma tempestade que fez com que atracasse, com «amparo divino», em Tartessos depois de passar as Colunas de Hércules. Deste porto «virgem» regressou carregado de riquezas (apenas comparáveis às de Sóstrato de Egina: Gómez Espelosín, 1993, p. 159; Blázquez, 1993, p. 27), um décimo das quais ofereceu ao Heraion, na forma de uma «vasilha de bronze, do tipo das crateras argólicas», decorada com grifos (IV, 152/ \*3.17). A chegada ocasional a um território distante e inexplorado, com o qual os Sâmios não teriam qualquer contacto anterior (Gómez Espelosín, 1993, p. 153; Blázquez, 1993, p. 26-7), é um elemento estruturante na construção de uma viagem que chega a um espaço desconhecido<sup>122</sup>. Apesar de enquadrado num contexto, diríamos, histórico, o relato deve ser analisado na perspectiva da narrativa épica e nas suas relações com outras tradições, destacando-se quatro aspectos fundamentais.

1. O *objectivo* de Odisseu é o *nóstos* e o de Colaios, o Egípto. Contudo, ambos se vêem desviados da sua rota, abrindo caminho para uma viagem fabulosa. A referência, no relato de Heródoto, às Colunas de Hércules-última fronteira do mundo conhecido a Ocidente – é, por isso, fundamental: ao ultrapassá-la, ocasionalmente, Colaios entra no espaço desconhecido e inacessível aos mortais (cf. Job 38/ \*6.14), uniformizado pela teoria do Oceano circular (Job 26, 10-13; Hesíodo, *Escudo*; II. XVIII/ \*2.4; Figs. 9-12; Cruz Andreotti, 1991b)<sup>123</sup> como um ambiente rico que proporciona aos homens uma vida auto-suficiente (Esquéria em *Odisseia*). Tal aspecto dá à viagem de Colaios contornos épicos que García y Bellido viu como reflexo fantasioso de uma realidade vivida (Gómez Espelosín, 1993, p. 162).

121 Por exemplo, atendendo a Estrabão (III 5, 5), ou mesmo a Silo Itálico (*Pun.* III, 14-60), os templos, tanto na informação oral do primeiro caso, como na informação iconográfica do segundo, são excelentes fontes para o conhecimento destes episódios.

122 Apontou-se o desinteresse de Heródoto pelo Ocidente (v., p. ex.\*5.1). a informação, transmitida por Diodoro (V, 20; v. nota 95) sobre a descoberta ocasional de ilhas por parte dos Cartagineses pode parecer significativa.

123 Heródoto afirma que não escutou qualquer tipo de informações sobre um mar nos confins ocidentais da Europa (III, 116/ \*3.12), o que o leva a duvidar da teoria da circularidade. Cf. *supra*. Sobre a importância da viagem aos confins do mundo, cf. Gómez Espelosín, 2007, *passim*.

2. Tanto Colaios como Odisseu são acompanhados por uma ou várias divindades, o que deixa entrever que a viagem é construída em torno da relação entre o herói e os deuses. O que quer dizer que existem *ajudantes* que se degladiam em torno dos seus protegidos, daí a sua referência em *Odisseia* (Atena protege o herói perseguido por Possídon) e no 10TH (Atena protege Hércules e Possídon, Gérion; cf. *supra*). Em IV, 152, a referência que mais se aproxima deste aspecto é o «amparo divino» (de Hera?) com que o protagonista chega a Tartessos.
3. A riqueza dos territórios alcançados pelos heróis permitiu-lhes um regresso com riquezas, neste caso com os metais preciosos do Ocidente. Confirma-se aqui um princípio homérico, referido por Estrabão (III 2, 13/ \*4.18): «é desonroso estar tanto tempo [sem os seus] e voltar de mãos vazias». O mesmo princípio está patente na viagem de Wennamon a Biblos.
4. As riquezas que transportam provêm dos confins do mundo habitado. Tanto Esquéria como Erythia e, neste caso, Tartessos, apresentam riquezas limítrofes que proporcionam ao herói o regresso. Surgem personagens (não referidos neste relato) generosos que *oferecem* bens ao hóspede ou, por outro lado, que vêm os seus bens pilhados pelos visitantes. Não há qualquer referência ao meio que Colaios utilizou para adquirir tais riquezas, o que deixa aqui um ponto de interrogação: a presença de Colaios em Tartessos é comparável à Esquéria de Odisseu ou à Erythia de Hércules?

O relato de IV, 152 coincide com o auge do Heraion, bem como com o início da sua monumentalidade, durante os Séculos VII e VI a.C. e parece justificar os achados arqueológicos do templo, oriundos, provavelmente, do Ocidente Peninsular<sup>124</sup>. No entanto, segundo M. Tiverios (2000, p. 61) «lo contrario no ocurre, ya que, hasta la fecha, no parece que dispongamos de pruebas materiales seguras sobre la llegada de los samios a las costas ibéricas del Atlántico», acrescentando que «tampoco la propia Samos era para la época una superpotencia militar, económica, política o cultural que justificara la acumulación de tantas ofrendas, procedentes de tantos y distintos lugares»<sup>125</sup>. Estas oferendas manifestam que os Sâmios (ou viajantes/ /comerciantes de outras origens) terão chegado a vários cantos do mundo e que tinham o hábito de depositar oferendas no tempo, fosse qual fosse o meio utilizado para adquirir riquezas (comércio, pilhagem, relações de hospitalidade, etc.).

O testemunho da frequentação de Fenícios no Heraion (Olmos, 1989, p. 506) é uma pista consistente para uma aproximação ao (re)conhecimento de Tartessos. Até que ponto este porto tem que ver com a Taršiš veterotestamentária? É momento de relembrar que o espaço

124 Neste caso concreto, refiro-me aos pentes de marfim (tipo Carmona) identificados neste lugar (Blázquez, 1993, p. 26-7; Tiverios, 2000, *passim*).

125 Para além desta proveniência, chegam ao templo objectos de vários lugares: Ásia Menor, Corinto, Esparta, Atenas, Tessália, Macedónia, Egipto, Síria, Babilónia, Assíria, Pérsia, Chipre e algumas regiões do Cáucaso (Tiverios, 2000, p. 61).

heróico parece construir-se em torno das navegações fenícias, o que não contradiz informações literárias que referem relações entre Sâmios e Fenícios (Mnesarco, *História, FGr Hist*, 84F29), bem como a partilha de alguns cultos (cf. *supra*). Contudo, é notória a tendência grega para “apagar” as viagens fenícias (Plácido, 1989, p. 45), o que constitui um “filtro” a ter em linha de conta quando analisamos o carácter “pioneiro” das viagens de Colaios a Tartessos/ Taršiš.

Por um lado, a lúnula de bronze (fig. 5) identificada neste espaço lembra uma cena de apropriação violenta de um recurso. Por outro, na descrição do templo (Tiverios, 2000, p. 61-3) parece destacar-se uma pintura de guerreiros pintados num friso. Estes dois achados deixam entrever uma representação baseada na violência que permitiria, do ponto de vista arqueológico, a definição de uma possibilidade de aquisição das riquezas tartéssicas. E os Sâmios, note-se, também se dedicavam à pirataria, daí talvez a referência a um «porto inexplorado».

De qualquer modo, o relato parece ser, também, muito similar a *Odisseia* (Rhys Carpenter, 1958, *apud* Gómez Espelosín, 1993, p. 162), persistindo nele elementos épicos que podem reflectir uma realidade vivida. Tartessos surge, aqui, como um território rico em metais (Blázquez, 1993, p. 27), que parece cumprir uma determinada *função* neste episódio heróico. Tanto neste caso como no que será analisado de seguida – a viagem dos Focenses –, encontramos referência às riquezas limítrofes, detidas pelos habitantes (divinos e semi-divinos) das ilhas fantásticas de *Odisseia*, por Gérion em Erythia, por Argantónio em Tartessos e pelos heróis recompensados em Μάκκρων νῆσος e Ηλύσιον.

#### 4.1.2. A viagem dos Focenses (Heródoto I, 163)

No contexto da conquista da Focea pelos Persas, Heródoto refere, pela primeira vez na sua obra, Tartessos (I, 163/ \*3.2), inscrevendo este território numa sequência geográfica (Adriático, Tirreno, Ibéria e Tartessos) e enquadrando o relato na explicação para a construção de uma muralha na cidade. Este episódio não revela mais interesse pelo Ocidente que o anterior, embora ambos chegem aos confins do mundo.

Contudo, há uma diferença significativa: a viagem de Colaios é ocasional e a dos Focenses parece ser intencional (Gómez Espelosín, 1993, p. 161)<sup>126</sup>. Os dois relatos apresentam características épicas, uma vez que ambos chegam ao dito «espaço heróico», com a diferença de que o primeiro é uma viagem individual e o segundo é uma viagem colectiva.

Heródoto (I, 163) relata o encontro dos Focenses com um monarca rico e generoso (Argantónio) que tiranizou Tartessos durante oitenta anos, vivendo um total de cento e vinte, em meados do Séc. VI a.C.. O tirano, tornando-se amigo dos «forasteiros»<sup>127</sup>, ofereceu-lhes um

126 Aproveito para colocar aqui uma questão que me parece pertinente, que talvez derive desta comparação: se Colaios é apresentado como um “pioneiro” das viagens a Tartessos, por que motivo os Focenses são os responsáveis pela sua descoberta?

127 ξείνος pode traduzir-se por «forasteiro»/ «estrangeiro» ou por «hóspede». O primeiro termo refere-se a uma condição anterior à do segundo, ou seja, antes de ser reconhecido como «hóspede» (novo ou da família), um indivíduo é «estrangeiro». O termo pode chegar a confundir-se com «anfritião». *Od.* I, 313 («ἔξ ἑμεῦ,

território, não conseguindo persuadir os seus visitantes a aceitá-lo. Face à recusa, Argantónio forneceu meios que permitiram a construção da muralha. A abundância da dádiva é exposta na descrição do monumento: «*o perímetro da muralha mede, com efeito, não poucos estádios e toda ela é de blocos de pedra grandes e bem aparelhados*». Apesar de se tratar de um pequeno trecho das *Histórias*, este relato pode tornar-se interessante se analisado na perspectiva da *morfologia* da Épica, uma vez que parece encerrar alguns aspectos que fazem parte das viagens heróicas aos confins do mundo. Por isso, creio que seria de todo o interesse dedicar um capítulo, exclusivamente, à análise destes aspectos.

O texto de Heródoto I, 163 parece ter correspondências arqueológicas mais evidentes que o de IV, 152. Como foi dito na introdução, os achados de Huelva e Málaga permitiram uma aproximação baseada na análise das duas realidades – material e literária – a partir dos Anos 80 do século passado. De facto, a abundância de cerâmica grega em Huelva, cronologicamente correspondente aos anos da talassocracia foceense no Mediterrâneo, parece indicar alguma relação comercial entre estes dois lados e, conseqüentemente, a «xenofilia» de Argantónio. Seguindo, provavelmente, rotas fenícias, da Focea parte um movimento empórico baseado na pirataria e numa organização aristocrática. Face a esta consideração, os objectos passam a ser interpretados como bens de luxo destinados a manter laços de amizade e hospitalidade<sup>128</sup>, cujo alcance ideológico (em termos de adaptação cultural) é difícil de precisar. No entanto, como foi dito, esta constatação poderia, eventualmente, relacionar-se com a passagem de II. XXIII, 740-749 (\*2.5) e, conseqüentemente, com a actividade portuária como veículo de transmissão de objectos, de ideias e novos hábitos e necessidades de consumo (Olmos, 1989, p. 500-3).

Apesar destes sugestivos indicadores, Olmos assinala que «muchas de estas narraciones coloniales o comerciales tienen en común un telón de fondo, muy vivo, de utopía. Al marino o al colono le mueve la búsqueda de una tierra feliz, paradisíaca» (1989, p. 503). É esse ideal de felicidade que parece brotar das palavras de Heródoto quando refere um monarca tão longevo e generoso que proporciona aos protagonistas da viagem um regresso glorioso, configurando o aparente carácter épico da memória que preservou estas viagens a um território até então desconhecido, que ficou conhecido pela sua abundância em metais. Surge um problema incontornável: palavras, gestos e significados não se fossilizam: é, essencialmente, o nosso *olhar* que procura dar a estes objectos um conteúdo histórico, bem como uma dimensão social quase imperceptível num registo arqueológico (necessariamente) parcial e dependente do que chamamos de *processos pós-deposicionais*.

---

οἷα φίλοι ξείνοι ξείνοι διδοῦσιν») é traduzido por F. Lourenço como «(...) uma dádiva de amigo para amigo», em alternativa a traduções como a de J.M. Pabón («como suele a los huéspedes dar algún huésped amigo»). Ou seja, Argantónio parece agir como um φιλόξεινος, no sentido de «amigo dos estrangeiros». Este aspecto, como já afirmei, faz parte de um trabalho que está a ser desenvolvido neste momento.

128 Cf., supra, o episódio dos Etiópes (Heródoto III 20-25/ \*3.8). Tal aspecto tem relação directa com o intercâmbio de presentes característico da hospitalidade na sociedade “homérica”, que implica, necessariamente, uma contra-prestação (p. e., *Od.* IV, 307-318/ \*2.11; *Od.* IV, 611-619 e XV, 113-119/ \*2.13; IV, 587-592).

O caso que vamos ver agora, inscrito no contexto da viagem dos Focenses a Tartessos, permitiu reconstruir um cenário de intercâmbio e de contactos inter-culturais regido pela troca de bens de luxo por metais<sup>129</sup> e caracterizado por relações pacíficas de hospitalidade. No entanto, quando a perspectiva de um olhar se baseia na análise da função dessa mesma hospitalidade na narrativa, o cenário torna-se diferente, embora não exclua o que já foi apontado.

#### 4.1.2.1. Argantónio e os habitantes dos confins

A análise que apresento baseia-se na longevidade, no comportamento hospitaleiro e generoso de Argantónio, ao mesmo tempo que pretende rever e complementar trabalhos anteriores (Albuquerque, 2003). Não podemos desligar este tirano de aspectos que caracterizam a representação (ou mesmo um estereótipo) do Ocidente: a prosperidade, a justiça e, na linha hipocrática de Heródoto, a alimentação. Como também não podemos desligar Argantónio do interesse que o autor de *Histórias* nutre pelos vários sistemas políticos.

Este interesse enquadra-se na sua «percepção da geografia política» do mundo habitado<sup>130</sup>. A referência a um tirano (Argantónio) e a um *vómoç* relativo à escolha de um rei (*Basileus*) em III, 20 (\*3.8) parecem ir neste sentido<sup>131</sup>. Para este propósito, interessa-nos, obviamente, o primeiro caso, que pode ser inserido na representação da Tirania ao longo da obra de Heródoto, com a respectiva valorização de Polícrates de Samos (cf. *supra*)<sup>132</sup>. Segundo F.J. Gómez Espelosín (2005), Heródoto projecta a Tirania no tempo e no espaço, i.e., refere-a no passado de uma comunidade ou nas regiões periféricas. Por outro lado, para Martín Almagro (1996), a aparição de estruturas políticas de cariz tirânico respeita os interesses gregos, uma vez que daí retirariam um maior entendimento com os Indígenas. Esta influência torna-se excessiva se considerarmos que se refere a cerca de meio século de contactos (*apud* Torres Ortiz, 2002, p. 95). Não creio que tal seja possível. Contudo, pode tratar-se de uma aproximação da representação da periferia aos sistemas políticos e sociais do centro, como podemos apontar na *Odisseia*.

Aproximando a representação de Argantónio à de Alcínoo, aproximamos aquele à Idade de Ouro. Por outro lado, a aproximação entre estes dois *basilei* que habitam os confins do mundo permite verificar uma *função* similar: o *ajudante* que permite ao protagonista cumprir

129 Trata-se, essencialmente, de um caso de MCnH. Exclui-se, neste caso, a captura de escravos (Moreno Arrastio, 1999; 2000). Sobre a perspectiva dos objectos de prestígio, remeto, uma vez mais, para Moreno Arrastio, 2001, bem como para Krueger, 2008. Creio que seria importante, neste contexto, referir que Polícrates utilizou mão-de-obra escrava para construir o fosso que rodeava a muralha de Samos (Gómez Espelosín, 2005, p. 152).

130 Entre outras, III, 80-2/ \*3.11, cuja importância é central, e I, 56-68: este último excerto refere-se à Tirania de Pisístrato, o homem responsável pela compilação dos Poemas Homéricos (cf. *supra*). Para esta discussão, cf. Gray, 1997 e Gómez Espelosín, 2005, p. 149ss. Este último contém uma excelente bibliografia sobre o tema.

131 «Pelo que contam, entre outros costumes que os distinguem do resto da humanidade, observam, a propósito da monarquia, uma muito singular; trata-se da seguinte: crêem que merece ocupar o trono aquele cidadão que, na sua opinião, é o mais alto e tem uma potência física proporcional à sua estatura».

132 Por sua vez, filtrada através de Atenas e Esparta (Gómez Espelosín, 2005, p. 147).

o objectivo que preside ao relato. Estas entidades parecem surgir na última etapa da viagem, que antecede a concretização do objectivo. Por outro lado, como veremos, a *sequência* apresentada por Heródoto é, *grosso modo*, muito similar à que pode ser assinalada no encontro de Odisseu com os Feaces.

A hospitalidade é um meio de estabelecer relações sociais fora do ambiente familiar<sup>133</sup>, regendo-se por uma série de regras, que podem sintetizar-se do seguinte modo: (1) o visitante chega e espera à porta sem solicitar a hospitalidade; (2) o anfitrião convida a entrar e (3) oferece banho, comida ou bebida; (4) pode convidar o hóspede para viver no seu território ou para permanecer mais tempo; (5) o ξείνος (no sentido de forasteiro), identifica-se e explica o objectivo da sua visita depois de comer e beber; (6) o anfitrião reconhece o ξείνος (= forasteiro/ estrangeiro) como hóspede (= ξείνος) da família<sup>134</sup> ou, em alternativa, acolhe-o como novo hóspede; (7) oferta do presente de hospitalidade, com retribuição obrigatória.

A cena da hospitalidade é apresentada, geralmente, com esta sequência, e não exclui alguns comportamentos (pontuais) de desconfiança<sup>135</sup>. Restringida a Aristocratas e dependentes (cf. *Od.* VII, 30-33), bem como aos deuses, a hospitalidade é uma qualidade intrínseca dos homens que se encontram sob o domínio de Zeus<sup>136</sup>. O prestígio destas relações pode medir-se através do número de hóspedes de um *oikos*, o que se manifesta nos próprios presentes acumulados como riqueza (*Od.* IV, 611-619 e XV, 113-119/ \*2.13). Também podemos identificar relações comerciais nos Poemas Homéricos (De la Guardia y Bermejo, 1987; Tejera Gaspar, 1993, p. 552-554)<sup>137</sup>, que são diferentes daquelas que são, agora, apresentadas.

Para além destas características, sumariamente enumeradas, há que considerar que a *Hospitalidade* é um factor antropológico imprescindível na descrição do «Outro» na *Odisseia* (*Od.* VI, 119-126/ \*2.15; VIII, 575-6 e XI, 174-6), bem como, conseqüentemente, na caracterização dos homens limítrofes, como Alcínoo e Argantónio<sup>138</sup>. Ambos oferecem presentes

133 Nos últimos anos, esta questão tem sido revalorizada no sentido da análise da evolução das relações internacionais (Santiago Álvarez, 2004).

134 No trabalho que, neste momento, preparo, terei oportunidade de apresentar, de forma mais sistemática, os vários exemplos e contradições da *Odisseia*. Este aspecto tem que ver com o carácter hereditário destas relações.

135 Cf. supra: no caso do Cíclope Polifemo, o “anfitrião” nota a transgressão de Odisseu e dos seus companheiros, que pilham os seus bens. Um exemplo que considero expressivo é o de *Od.* I, 117-121 (\*2.7), protagonizado por Telémaco. Para além de mostrar o contrário do comportamento de Odisseu na morada de Polifemo, este excerto revela, pelo comportamento do anfitrião, uma certa desconfiança prévia: ou seja, antes de deixar entrar o hóspede, há que desarmá-lo primeiro.

136 Este aspecto é fundamental para compreender o que em *Odisseia* se traduz por “temor aos deuses” (cf. supra), bem como a representação do lado oposto, isto é, do “selvagem”. Ver, porém, a nota anterior.

137 *Il.* VII, 465-475 (\*2.1). O excerto representa um exemplo de compra e venda. Note-se, sobretudo, os bens que são utilizados na compra do vinho. *Od.* I, 181-185, em que os Táfiros vão a Temessa com ferro para trocar por bronze. Em qualquer um deles encontramos referência ao ferro, o que é um elemento, claramente, posterior aos acontecimentos narrados.

138 Esta conduta está também presente em textos egípcios como *O Príncipe Predestinado*, conservado numa cópia de 1200 a.C., reflectindo uma realidade anterior em dois séculos: nele identificamos princípios de comportamento para com o forasteiro: (1) lavar o hóspede depois deste ter realizado uma longa viagem; (2) oferta de roupas; (3) unção; (4) oferta de um banquete e, finalmente (5) a pergunta pela identidade do visitante/ suplicante (Galán, 2001, p. 77-9).

aos respectivos protagonistas, não havendo qualquer referência a uma contra-prestação<sup>139</sup>. Neste sentido, haveria que ponderar a intensidade das relações entre um e outro lado do Mediterrâneo, reveladas pelos vestígios arqueológicos utilizados na interpretação do texto de Heródoto (Olmos, 1989, p. 500-503). No entanto, como já foi dito uma e outra vez, os vestígios arqueológicos nem sempre têm de ser coerentes com o conteúdo das *representações* que nos chegam pelo registo escrito.

O convite de Argantónio, para além de respeitar uma das regras da hospitalidade (supra, nº 4), deixa entrever alguma relação com duas ocasiões do relato homérico: em *Od.* VII, 311-316 (\*2.22), Alcínoo oferece a Odisseu um espaço para viver e, em IV, 174-180, Menelau manifesta a sua vontade de oferecer-lhe uma cidade e um palácio<sup>140</sup>. Este último exemplo não representa um acto consumado, mas o primeiro assinala a recusa do protagonista, tal como ocorrera com Circe e Calipso (*Od.* X, 467-468 e 483-484). Estes exemplos (excepto o de *Od.* IV, 174-180), para além de representarem situações de *hospitalidade forçada*, comuns aos relatos egípcios (cf. Galán, 2001, p. 77-8)<sup>141</sup>, devem ser vistos na perspectiva dos objectivos dos relatos: o de Odisseu é o νόστος, e o dos Focenses a defesa da sua cidade.

Outro aspecto que caracteriza estes personagens generosos é a longevidade. Argantónio vive, supostamente, durante cento e vinte anos, tal como os Etíopes Macróbios (Hrdt. III, 20-23 e 25/ \*3.8), o que lhe confere uma característica dos homens limítrofes (Cruz Andreotti, 1995) e, conseqüentemente, dos homens que vivem mais próximos das condições de imortalidade em Esquéria, Μάκρων νῆσος e Ηλύσιον. Isto evidencia a utilização de um topos literário de riqueza distante que, por sua vez, é pautado pela *produtividade agrícola e pastoril* e não pela abundância de metais (cf., por exemplo, *Od.* IV, 78-89/ \*2.10). No texto de Heródoto, a longevidade pode relacionar-se com determinadas condições ambientais (qualidade da água e alimentação), como vimos no caso dos Etíopes Macróbios<sup>142</sup>. A longevidade dos Tartéssios era também, provavelmente, conhecida em Samos, se considerarmos a referência de Anacreonte, transmitida por Estrabão (fr. 361 *PMG*; Strab. III 2, 14; \*4.19). Conseqüentemente, é possível

139 Ao contrário do caso de Colaios, do qual não temos informação nesse sentido. Uma vez mais, este aspecto pode ser relacionado com os textos egípcios: no *Arquivo diplomático de Amarna*, verifica-se que os comissários não podem regressar de mãos vazias, sem ter cumprido a sua missão, ou seja, ficavam no destino até regressar com algo que compensasse a viagem (ex: *Wennamon*, c. 1075 a.C.: Galán, 2001, p. 80).

140 «Ter-lhe-ia dado em Argos uma cidade para ele habitar,/ e um palácio ter-lhe-ia construído, depois que o tivesse trazido de Ítaca com as suas riquezas/ com o seu filho/ e com todo o seu povo, esvaziando uma cidade daqueles/ que lá viviam e em mim viam o seu soberano./ Vivendo aqui perto, ter-nos-íamos visto com frequência, e nada nos separaria no comprazimento da nossa amizade,/ até que nos cobrisse a nuvem negra da morte» (trad. Frederico Lourenço).

141 Em *Od.* VIII, 32-33, Alcínoo afirma que «nenhum dos que veio a minha casa esteve muito tempo suspirando pela volta», enquanto que em X, 467-468 e 483-484 também se trata de um caso similar: Circe é hospitaleira, mesmo contra a vontade de Odisseu e dos seus companheiros. Finalmente, em XV, 200-201, Telémaco evita entrar na casa de Nestor para não ficar retido aí.

142 Se, por um lado, estas comunidades limítrofes têm uma vida despreocupada e auto-suficiente, por outro são consideradas, por estas características, como seres predeterminados a converter-se em escravos dos mais poderosos (Heródoto IX, 122/ \*3.21, o que se revela, como vimos (supra, n. 32), nos Tratados Hipocráticos e em Aristóteles (*Pol.* VII, 7/ \*4.9)

pensar que a longevidade fazia parte do interesse que Heródoto tinha pela relação do Homem com o seu Meio.

Chegados a este ponto, deparamo-nos com um *basileus* hospitaleiro, generoso e rico que oferece ao forasteiros riquezas e uma oportunidade para viver numa condição de (quase) imortalidade. A riqueza destacada parece ser a da prata, daí um nome como Ἀργανθονιος que, como vimos, se encontra escrito num fragmento de asa de uma taça com engobe negro (Ἀγαθονιος, com a adição posterior de /ρ / e /ν/), identificado na desembocadura de um rio – *Galikós* – também rico em prata. Para além de poder denotar a tendência de identificar nomes no Ocidente provenientes de Oriente, este dado sugere-nos que o nome foi associado à riqueza através da raiz \*Aργ-, presente em vários termos gregos de uso comum, bem como nos topónimos Ἀργανθωνιον ὄρος (localizado no Mar Negro, Ἄργυρορίζος entre outros).

Ainda no contexto de Ἀργανθονιος, surge uma segunda questão, que se prende com as partículas – αν – e – νθ – presentes no antropónimo/ topónimo, suscitando algum interesse. Por um lado, a primeira (– αν –) parece associar-se, como vimos, ao termo Ὠχεανός e, este, por sua vez, ao Sumério \*Akian(u), traduzindo-se *an* por “céu”<sup>143</sup>. Por outro lado, a segunda (– νθ –) remete-nos para um universo linguístico distinto, isto é, Indo-europeu, uma vez que sufixos como como -θη e -θο são comuns neste contexto, podendo ser, originalmente, -ta- e -to-<sup>144</sup>. Infelizmente, este estudo não foi aprofundado, mas não seria excessivo deixar neste capítulo um pequeno apontamento ao nome de Argantónio.

O eixo central da recepção de Heródoto I, 163 parece ter sido a representação da riqueza proverbial da Península Ibérica por parte do elemento externo, o que significa que a sua imagem histórica e étnica dependeu do modo como se abordou ou considerou esse mesmo elemento externo, em função do conceito de “Nação”. Nesta perspectiva de análise, Argantónio – considerado como um rei, incontestavelmente, histórico – tornou-se, nos séculos XVI e XVII, um ícone de resistência aos Fenícios, com relações de hospitalidade com os Focenses que vieram avisá-lo da cobiça fenícia nos seus territórios e metais (Ocampo, in Martí – Aguilar, 2000, p. 24)<sup>145</sup>. A integração dos espanhóis na ocupação da América conduziu a uma imagem distinta no Séc. XVIII: Argantónio seria um rei indígena que, consciente do progresso e do desenvolvimento

143 Esta partícula figura na onomástica Turdetana (Cf. Faria, 1995): o autor trata alguns nomes próprios identificados em vários suportes, destacando-se, para esta dissertação, o nome *an*CioniS (moeda identificada em Abra) e *andua*Cui (moeda identificada em *Obulco*). *Obulco* parece ser um topónimo “Tartéssico”, a julgar pelo prefixo –Ob (cf., *supra*).

144 Presentes, por exemplo, no antropónimo *Viriato*, ou mesmo no topónimo peninsular *Kalatê* mencionado por Hecateu de Mileto (Gangutia Elícegui, 1999, p. 4). Schulten também defendia esta origem para o nome de Argantónio (com base em *Argent*), sustentando a sua argumentação numa inscrição de Segóbriga, onde se lê «Arganto Medutica Melmani f(ilia)», bem como em nomes “célticos” com essa raiz e significado: *Argentocoxus* (pé de prata), *argent-eilin* (codo de prata), *Argeitlan* (mão de prata) (Schuten, 1945, p. 94- 95, n.1- 2; cf. Albuquerque, 2003, p. 166).

145 O Século XVII é caracterizado pela valorização das histórias locais e, conseqüentemente, por algumas tentativas de localização geográfico do mítico reino de Argantónio. Vimos, anteriormente, o destaque dado por Schulten às relações entre Tartessos e os Jónios (considerados pelo autor como «la más inteligente y activa de las tribus griegas»; 1945, p. 80).

da “Civilização”, permitia a entrada de Fenícios e Foceenses (Velázquez de Velasco, in Martí – Aguilar, 2000, p. 56-7)<sup>146</sup>. Nesse sentido, é importante assinalar que Argantónio acabou por ser integrado na reconstrução de uma economia de mercado que caracterizaria Tartessos nos séculos VII e VI, isto é, como um dirigente que promove alianças comerciais e políticas (Tejera Gaspar, 1993, p. 553-4), o que faz dele um personagem que se move consoante o ambiente político que se debruça sobre o texto.

Há que assinalar outra vertente destas abordagens: a caracterização étnica da sociedade tartéssica através do registo escrito. No Século XVI circulava a imagem de um povo pacífico, ingénuo e rico. Já no Séc. XX, Schulten retoma esta tendência, acrescentando algumas características (Torres Ortiz, 2002, p. 29) ao *volkgeist* tartéssico, que aproximam Tartessos de Esquéria, bem como da Atlântida. A sua análise desse *volkgeist* recaiu, obviamente, sobre as principais características verificadas na construção grega do Ocidente. Como já citei, «o texto não muda, o que muda é o nosso olhar». Creio que, anteriormente, deixei claro que os objectivos e os resultados da abordagem que faço às fontes escritas em muito diferem desta postura. Schulten considerou, tal como os seus antecessores e sucessores, que Tartessos e Argantónio são fenómenos *históricos*, o que deve ser, necessariamente, revisto por abordagens que incidam, como nos últimos anos, sobre o carácter literário das representações.

A obra de Heródoto parece pretender abarcar a riqueza de informações dos Poemas Homéricos, dando-lhe um conteúdo mais actualizado e enriquecido (Gómez Espelosín, 2007, p. 147) a partir dos relatos que *escutou*. Como seria de esperar, a própria importância destes relatos na construção de *Histórias* terá obrigado a uma *selecção* das informações que recebeu, daí as diferenças apontadas em relação ao carácter da sua transmissão.

#### 4.2. O Estereótipo de riquezas

A *selecção* de informações parece respeitar as tendências e os interesses da época que, neste caso concreto, representam o interesse nas fontes de riquezas dos confins do mundo. Deparamo-nos, então, com quatro campos fundamentais: pastorícia (Gérion), metalurgia (Heródoto), agricultura (Μάκρων νῆσος, Ηλύσιον, Idade de Ouro, Feaces) e a captura de Escravos (“Homero”). A imagem do Ocidente, construída, em parte, a partir de informações transmitidas pelos Fenícios, leva a questionar os interesses económicos que levaram à fundação do Templo de Melqart no Extremo Ocidente e à ocupação de vários pontos estratégicos nas costas ibéricas. Por outro lado, em termos sociais, as fontes pouco mais indicam que o recurso a uma entidade local – um *basileus* – que pode não exceder o âmbito do tópico literário.

146 Masdeu, sensivelmente na mesma época, apresenta Argantónio como um «Príncipe benigno, espléndido, y cortés: honraba el mérito de los sugetos, sin excepción de los extrangeros, atento siempre a las ventajas de su reyno y á la felicidad de sus vasallos. Notó que los Foceenses podian ser útiles à sus pueblos comunicándoles nuevas luces, y por ventura también al estado, socorriendolo con sus fuerzas para reprimir los progresos de ambicion de los Fenicios Gaditanos (...)» (Martí – Aguilar, 2000, p. 83; Albuquerque, 2003, p. 162-3).

#### 4.2.1. Pastorícia

Gérion representa, na perfeição, a exacerbação dos recursos pastoris e a sua produção espontânea num território longínquo, tal como foi assinalado no caso dos Cíclopes<sup>147</sup>. Contudo, o comportamento de Hércules, a mando de Euristeu, perante Gérion, é o do “civilizador” violento que cruza o Oceano para roubar os bens guardados pelo seu adversário. Esta imagem, talvez mais condizente com a que nos transmite a «cidade em guerra» no *Escudo de Aquiles* (Il. XVIII, 520-40/ \*2.4 e fig. 11)<sup>148</sup>, pode indicar não só o interesse nestes recursos<sup>149</sup>, como também a pilhagem e o roubo de gado, associado à guerra. Este aspecto pode explicar mecanismos de *adaptação* ao meio social envolvente, revelados nas modalidades de ocupação do território no Sul peninsular (Moreno Arrastio, 1999, *passim*).

Por outro lado, é notória a preponderância do gado bovino em sítios «tartéssicos» como Calle del Puerto 9 (Huelva), Campillo, El Carambolo Bajo, Setefilla, Medellín e Aliseda. Este predomínio verifica-se apenas durante o Bronze Final e «Orientalizante», já que, em fase posterior, predominam os ovicaprinos (Torres Ortiz, 2002, p. 101). Esta tendência não deve, contudo, ser generalizada, uma vez que a potencialidade de criação de gado depende também das condições do Meio Ambiente, daí a constatação do predomínio de ovicaprinos em sítios como El Carambolo (*ibid.*, p. 102). Para além disso, as amostras são muito parciais e não admitem muitas extrapolações seguras.

#### 4.2.2. Metalurgia

A *Metalurgia*, por seu turno, é o aspecto mais valorizado pela investigação, não só porque desta actividade encontramos numerosas referências no registo escrito, mas também porque se tornou um lugar-comum analisar a presença fenícia nesta perspectiva. Um exemplo: Apiano (*Guerras Ibéricas*, 54) dá a entender que Lúculo empreendeu a guerra contra os indígenas porque «pensava que toda a Ibéria estava repleta de ouro e prata» (trad. Gómez Espelosín, *apud* Guzmán Guerra, Gómez Espelosín e Guzmán Gárate, 2007, p. 19). A própria descrição da Turdetânia em Estrabão inclui uma série de tópicos que vão nesse sentido<sup>150</sup>, complementando a imagem que Heródoto transmite sobre Tartessos.

A este conjunto podemos adicionar as referências veterotestamentárias à prata de Taršiš. Tivemos oportunidade de discutir, na Parte II, uma tradução possível a partir do esquema ršš

147 «confiando nos deuses eternos,/ nada semeiam nem plantam, não lavram os campos, mas tudo/ vem ali germinar sem trabalho nem semeia: os trigos,/ as cevadas, as vides que dão um licor generoso/ dos seus ramos, nutridos tão só pelas chuvas de Zeus» (*Od.* IX, 107-111).

148 Gostaria de assinalar também que o combate, nesta cena homérica, dá-se junto de um rio, tal como no caso do 10TH.

149 No templo de Salomão (1Rs 7, 13-18/ \*6.6), construído com Hiram de Tiro, uma das colunas apresenta «doze bois, três que olhavam para o Ocidente, e três que olhavam para o Sul, e três que olhavam para o Oriente; e o mar, em cima, estava sobre eles, e todas as suas partes posteriores para a banda de dentro» (1Rs. 7, 25). Esta iconografia poderia, eventualmente, representar este interesse.

150 Mineração e obtenção do Ouro (III 2, 8), riqueza do subsolo em Estanho (III 2, 9), Minas de Cartagena e a obtenção de Prata (III 2, 10).

(«fundição»), o que seria interessante em termos de representação. Por prudência, prescindindo deste argumento, contentando-me em assinalar um aspecto que se conecta com a questão da agricultura. As referências à Prata de Taršiš (2Cr. 9, 21/ \*6.3; Ez. 27, 12-3/ \*6.16; 38, 13/\*6.19; Jr. 10, 9/ \*6.13)<sup>151</sup> parecem reflectir o interesse dos Fenícios na aquisição de bens agrícolas (Ez. 27, 17/ \*6.17) e terras (1Rs. 5, 8-11/ \*6.5): o metal, a par das madeiras do Líbano, servia como “moeda de troca” por parte da corte de Hiram, daí, por exemplo, o pagamento de cento e vinte talentos de ouro a Salomão (1Rs. 9, 10-14/ \*6.7) e as expedições conjuntas a Ofir para a aquisição de ouro (1Rs 9, 26-28; 22, 49/ \*6.8).

A mineração da prata remonta, aparentemente, a períodos anteriores à presença fenícia. Os dados de alguns arqueossítios<sup>152</sup> permitem validar esta tese, situando-se num chamado “horizonte de contacto” que antecede uma autêntica intensificação e massificação da actividade metalúrgica durante o “Orientalizante” da zona de Huelva. Nesta, registam-se alguns estabelecimentos temporários destinados à exploração, bem como outros de maiores dimensões<sup>153</sup>. Muitos destes achados associam-se a cerâmicas de fabrico oriental e, conseqüentemente, ao conhecimento, por parte dos Fenícios, da obtenção deste minério da zona, em contexto de MCnH. A massificação decorrente de um MCS levaria, então, à circulação de prata entre as Minas da Serra de Huelva, a *Tierra Llana* e Doña Blanca (Torres Ortiz, 2002, p. 108-9), o que constitui um argumento para assinalar a importância da exploração mineira e, conseqüentemente, a sua representação no registo escrito.

#### 4.2.3. Agricultura

O conjunto de informações fenícias que circulavam sobre o Ocidente, aproveitado pelos Gregos na construção das paisagens limítrofes, parece reflectir também algum interesse nos bens agrícolas, o que se enquadra na definição, proposta por C. Wagner e J. Alvar, de uma economia multifacetada que englobaria, para além do comércio, a agricultura<sup>154</sup> e, conseqüentemente, a implantação em territórios férteis no interior do Guadalquivir, no Litoral de Málaga e na Baixa Extremadura (Wagner, 1983, 1983a, *apud* Torres Ortiz, 2002, p. 39-40; Alvar e Wagner, 1988; Wag-

151 O texto de 2Cr. 9, 21 (\*6.3) inclui marfim, o que se interligaria com os pentes “tartéssicos” trazidos por Fenícios Ocidentais a Samos (?).

152 La Parrita, Cerro de las Tres Aguilas, Mina de San Platón, Peñalosa, entre outros (Torres Ortiz, 2002, p. 108; cf. Huntz Ortiz, 2004, *passim*). Para a análise dos vestígios metalúrgicos de Peñalosa, cf. Moreno Onorato, 2000, *passim*). A referência à mineração excluiu o cobre, o estanho, o ferro e o ouro, uma vez que os parâmetros desta discussão não englobam a problemática questão da introdução do ferro em contextos do Bronze Final (cf. Torres Ortiz, 2002, p. 105-7 e 109-11, com bibliografia sobre o tema).

153 Entre estes povoados de maior importância surge Trastejón (Zufre, Huelva), um povoado *amuralhado* com uma intensa actividade metalúrgica do cobre, iniciada no Bronze Pleno e intensificada durante o Bronze Final (Torres Ortiz, 2002, p. 106).

154 Esta hipótese foi colocada, inicialmente, na tese de Doutoramento de C.G. Wagner (1983a; igualmente em Wagner, 1983b). Os autores designaram, primeiramente, este processo como «Colonização Agrícola» (Alvar e Wagner, 1988), propondo, em 2003, a designação de «Implantação produtiva diversificada com penetração no interior» (Wagner e Alvar, 2003, p. 201). Como foi dito, a proposta baseia-se nos trabalhos de Bonsor (cf. *supra*) e Whittaker. O tema do comércio será abordado no final deste capítulo.

ner e Alvar, 2003). No contexto da «conquista simbólica» dos confins do mundo, os Fenícios terão fundado Gadir (Strab. III 5, 5/ \*4.21), controlando a chegada de populações através do Templo de Melqart (Blázquez, Alvar e Wagner, 1999, p. 324 e 342; Wagner e Alvar, 2003, p. 191). O argumento centra-se nos motivos que incentivaram a criação de uma estrutura organizada de controlo directo da costa<sup>155</sup>, na qual se incluíam sítios de finais do século VII como Cerro del Villar (Aubert e Delgado, 2003). Este desenvolveu actividades agro-pecuárias num território onde não abundam metais<sup>156</sup>, controlando os recursos agrícolas de dois núcleos de terra firme (Loma del Aeropuerto e Llano de la Virgen). Os autores vêem nestes exemplos, para além dos da Sardenha, um ponto de partida para contextualizar algumas referências literárias (Wagner e Alvar, 2003, p. 188).

Hiram I troca metais por alimentos e serviços, revelando uma das principais preocupações de Tiro no contexto da generalização do culto oracular de Melqart (a par da procura de terras). Outras fontes indicam-nos que foi o excesso de população que motivou a emigração (Salústio, *Bel. lug.* XIX, 1/ \*4.14; Q.Curcio Rufo IV 4, 20/ \*4.15), bem como discórdias civis (Salústio, *Bel. lug.* LXXVII, 1, no caso da fundação de Leptis) e fenómenos naturais (Q.Curcio Rufo IV 4, 20/ \*4.15; Josefo, *Ant. lud.* VIII, 13, 2), o que, aliado à necessidade, por parte de Tiro, de cereais, permite ponderar o pendor agrícola da colonização fenícia. A subordinação da população local e a desestruturação dos seus meios de produção seriam duas consequências possíveis deste processo (Wagner e Alvar, 2003).

A identificação de sepulturas de estética oriental em meios indígenas pode ser um indicador de transformação cultural ou, por outro lado, da presença efectiva de Fenícios no Interior, o que pressupõe uma alternativa à consideração de que as sociedades se transformam com o simples contacto comercial. Não excluindo a mestiçagem, consequente da co-habitação, como explicação para o reconhecimento de necrópoles mistas, Wagner e Alvar salientam que, por exemplo, Cancho Roano «sugiere la presencia de los fenicios en los sistemas locales de intercambio» no contexto da *Via da Prata* (2003, p. 198). Deste modo, considerando as cronologias arqueológicas para o início da presença fenícia do Ocidente, esta colonização é anterior à pressão Assíria. Por sua vez, esta motivou uma nova deslocação para Ocidente, resultando na integração dos novos contingentes num sistema que permitiria uma estabilidade demográfica e, consequentemente, a «semitização» das comunidades locais, como assinala Estrabão, referindo-se à presença fenícia na Turdetânia (Strab. III 2, 13-14/ \*4.18 e \*4.19).

Esta proposta teve muito pouco eco na investigação, motivando algumas críticas com menor ou maior consistência<sup>157</sup>, bem como alternativas de interpretação que colocavam os «Tartéssios» no papel de impulsionadores dessa colonização agrícola (Almagro – Gorbea, *apud* Torres Ortiz, 2002, p. 39; Wagner e Alvar, 2003, p. 190). Recentemente, Torres Ortiz (2002, p. 39-40)

---

155 Representada por três recintos urbanos (La Fonteta, Doña Blanca e Tavira) e outros sítios de menor dimensão.

156 Tal não exclui, contudo, a existência de metalurgia, já que esta se encontra bastante bem documentada.

157 Uma das críticas mais consistentes é a de Carrillero (1993). No entanto, «(...) se ha invocado con demasiada frecuencia y casi siempre implícitamente, el argumento de autoridad. Con cierta desplacencia se limitaban nuestros detractores a señalar que habíamos leído mal el registro arqueológico (...); jamás se nos ha indicado qué es lo que habíamos malinterpretado» (Wagner e Alvar, 2003, p. 190).

assinalou que a presença de colonos fenícios no interior do Guadalquivir implicaria, necessariamente, conflitos, ou a renúncia, por parte da sociedade tartéssica, dos recursos agro-pecuários, fundamentais para a sua economia. Tal aspecto não se afastaria muito do que tivemos oportunidade de verificar em relação ao 10TH, bem como a outros comportamentos da sociedade homérica e até mesmo fenícia (Ez. 38, 13/ \*6.19) e às representações das Estelas Decoradas do SW.

### 4.3 Conflitos, violência e captura de escravos

O estereótipo de riquezas distantes parece, portanto, ser construído a partir de uma economia fenícia multifacetada que compreendia a pastorícia, a agricultura e a exploração de metais.

«Na multiplicação do teu comércio se encheu o teu interior de violência». Este excerto de Ezequiel (28, 16) coloca-nos, outra vez, na questão da perspectiva de abordagem das relações sociais entre comunidades distintas no tocante ao seu carácter. Vimos, por exemplo, como o 10TH parece representar um modo de aquisição de recursos com base na violência, ao abordar a vertente “monstruosa” da representação do Ocidente.

A iconografia das estelas decoradas foi, recentemente, objecto de análise para a proposta de um «Modelo Pessimista» que se aproxima mais do ambiente social descrito pelas fontes escritas, pautado pela violência e pela desconfiança, consequente de mecanismos de adaptação do comportamento ao meio envolvente<sup>158</sup>. Num brilhante artigo publicado em 1999, F. Moreno Arrastio interpreta o vazio populacional da Andaluzia no Bronze Final (Belén e Escacena, 1992, 1995) e o conteúdo dos argumentos utilizados pela investigação para explicar a referida tendência para a ocupação (após cerca de 150 anos de «Idade das Trevas») de sítios em altura<sup>159</sup>. Tais perspectivas apontaram, como razão para um repentino “boom” populacional num território (aparentemente) desocupado, o aumento da capacidade económica «tartéssica». Assim, para Moreno Arrastio (1999, p. 156) «en esta aséptica fórmula se hacía exclusión implícita, p. e., de cualquier acontecimiento que hubiese obligado al conjunto de la población a protegerse en fortines (...)».

Nesta questão, assinala-se a possível correspondência entre a fundação do Templo de Gadir (cf. *supra*) e o processo de abandono destes povoados. O autor interpreta este processo, com base em analogias com casos africanos<sup>160</sup>, como uma vaga de captura de escravos, reforçando esta ideia no 1º Colóquio do CEFYP, celebrado em 1998 (Moreno Arrastio, 2000).

158 Ou seja: nas sociedades homéricas, os heróis tiram partido da violência para a aquisição de bens, o que justifica a projecção de um estado ideal para os confins da terra, produzindo a imagem de espaços idílicos onde a guerra está ausente. Este modelo foi assim designado porque contraria a “benevolência” com que se abordam os contactos inter-culturais (Moreno Arrastio, 1998, 1999; 2000; 2001, p. 99; Wagner, 2005).

159 Esta perspectiva foi criticada sob outros princípios (cf. Ruiz – Gálvez, 2000) que procuram explicar a ausência de vestígios em algumas sociedades. Para a discussão dos objectos de prestígio, cf. Moreno Arrastio, 2001.

160 Moreno Arrastio, 1999, p. 162-4. Remeto, uma vez mais, para um aspecto que salientei, anteriormente, sobre este trabalho, que contava, inicialmente, com uma análise baseada em metodologias utilizadas para a História

Não se retira do 10TH qualquer informação relativa à captura de escravos. Contudo, a perspectiva “pessimista” permite colmatar a interpretação do carácter pacífico revelado pela humanização da figura de Gérion. Não excluindo esta hipótese, creio que o relato deixa entrever relações de conflito nos contactos estabelecidos com as comunidades consideradas como limítrofes, detentoras de uma riqueza procurada<sup>161</sup>. Note-se que, nos Poemas Homéricos, os escravos são utilizados como um símbolo de riqueza, tal como o Gado. Este aspecto não deixa de ser assimilável às representações, uma vez que os contactos – e as suas características – parecem também reflectir as *percepções* do centro, tanto na definição da *chóra* e da *oikoumene* (cf. Plácido, 1997, com uma excelente exposição desta questão), como um conjunto que solidifica a coesão social, ao projectar todo o oposto para as sociedades limítrofes.

---

de África. Do ponto de vista arqueológico, saliento a obra conjunta editada por Christopher deCorse (2001), intitulada *West Africa during the Atlantic Slave Trade. Archaeological perspectives*, que poderia dar um excelente contributo a esta questão, na medida em que reflecte, em conjunto, documentos escritos, vestígios arqueológicos e os processos sociais decorrentes do tráfico de escravos.

161 Falta, contudo, reflectir sobre um aspecto que me parece de extrema importância: a imagem que as fontes escritas transmitem no sentido das representações vai de encontro ao que Polanyi e Sahlins definiram como «círculos» de reciprocidade, compostos por três níveis: (1) positiva; (2) equilibrada e (3) negativa, aumentando a desigualdade consoante aumenta a distância. Neste sentido, o comportamento perante a outra sociedade é representado com um acto de violência (por exemplo, o 10TH), ao mesmo tempo que as diferenças são cada vez mais exponenciais (ao nível das características físicas dos homens, riqueza do território, etc.). Consequentemente, os «círculos de reciprocidade» parecem corresponder a «círculos de representação».



## 5. Tartessos e as paisagens fantásticas do Ocidente

Tartessos é uma entidade territorial cuja localização nunca foi definida, o que deve ser enquadrado nas interpretações dos documentos escritos, onde se revela a crença de que as paisagens míticas do Ocidente existiam de facto. Assim, a observação das condições naturais, bem como dos recursos disponíveis, fizeram com que a geografia peninsular adquirisse contornos realistas e, ao mesmo tempo, fantasiosos. Em todo o caso, estas representações correspondem a um *olhar* que nos chegou por intermédio de um registo escrito cujos interesses diferem, em absoluto, daqueles que movem esta tentativa de interpretação. Um dos exemplos claros nesse sentido é a ocultação das viagens fenícias na apropriação dos relatos por parte dos Gregos.

Relembro, por isso, que os cenários heróicos parecem representar territórios frequentados por Fenícios, o que constitui um factor essencial a ter em conta quando aplicamos este princípio à análise das paisagens ocidentais. Não desvalorizando os elementos egípcios que foram apontados ao longo do texto (na *forma* do relato e na construção etimológica das paisagens), haveria que considerar ecos da transmissão fenícia nestes relatos. São vários os elementos que contribuem para esta consideração: espólio de origem grega em contextos fenícios, materiais fenício-ocidentais no Heraion de Samos, os relatos em torno de Hércules/ Melqart, a transmissão do alfabeto, as várias implantações fenícias ao longo do Mediterrâneo e os contactos revelados no registo escrito. A experiência fenícia revelar-se-ia também na referência a um tópico do Extremo Ocidente – *Τάρταρος* – possivelmente adaptado ao termo *Ταρτησσός*<sup>162</sup>, que parece partir de um ambiente peninsular, pela dispersão dos topónimos *Trt-*/*Trs-*, e transmitido pelos Fenícios que frequentavam um território ocidental designado por *Taršiš* no Antigo Testamento (Koch, 2003). Esta última questão levanta alguns problemas<sup>163</sup>.

Do ponto de vista historiográfico, *Taršiš* – *Ταρτησσός* é um binómio que surge no Séc. XVII (como novidade científica) a partir de interpretações que pretendiam ligar a tradição bíblica à tradição greco-latina e, a partir daí, às raízes da Civilização Espanhola, com *Taršiš* como povoador original (Gn. 10, 4/ \* 6.1)<sup>164</sup>. A revisão de 1969 (*Tartessos y sus problemas*) foi muito produtiva nesse sentido, avançando-se com a análise dos fundamentos desta relação<sup>165</sup>, bem como tentativas de identificação com a Gadir Fenícia<sup>166</sup>, reformulando o conjunto de impressões defendidas por A. Schulten em *Tartessos* e lançando um olhar sobre o que fora escrito sobre o

162 Cf., *supra*, as propostas de Chantraine (1999) e Van Windekens (1986) na aproximação a esta questão, uma vez que podem questionar esta opinião.

163 A discussão em torno da relação *Taršiš* – *Ταρτησσός* não será abordada na sua totalidade. Cf., *supra*, a questão do nome, tradução e significados de *Taršiš*.

164 Anteriormente, este papel coube a Tubal, filho de Jafeth e neto de Noé.

165 A. Beltrán: «Tartessos en la historiografía anterior a Schulten» e Täckolm: «El concepto de Tarschich en el Antiguo Testamento y sus problemas», retomados por González Blanco, 1977.

166 M. Pérez Rojas: «El nombre de Tartessos»; C. Peman: «La ubicación de Tartessos vista desde la Tartésida», retomados por Alvar, 1989. Há a acrescentar a contribuição de J.M. Blázquez neste mesmo congresso («Fuentes griegas y romanas referentes a Tartessos»), bem como a sua notável obra de 1968.

tema antes do investigador alemão (González Blanco, 1977). Nos Anos 70, um brilhante estudo de M. Koch associou Taršiš a Hispania<sup>167</sup>, com uma análise muito completa às referências à Taršiš veterotestamentária, com sugestões bem fundamentadas.

Não vamos por esse caminho, uma vez que o tema merece uma abordagem bem mais completa do que a que aqui se apresenta. Não obstante, é importante assinalar algumas questões relacionadas com a localização de Tartessos, partindo do registo escrito e do registo arqueológico. Em primeiro lugar, como muito bem salienta M. Koch, esta aproximação «exige determinar los conocimientos geográficos sobre la Península de los que se disponía en cada una de las épocas en las que estos nombres se formaron y estuvieron en uso» (2003, p. 201), o que implica o enquadramento do *Emporion* tartéssico nos (parcos) conhecimentos geográficos de Heródoto sobre o Ocidente. Ao comparar as referências de Heródoto a Gadir (IV, 8/ \*3.13), Tartessos (I, 163/ \*3.2 e IV, 152/ \*3.17) e às viagens circum-navegatórias de África (IV, 42-3), damos-nos conta que o autor tinha como referente as Colunas de Hércules, para lá das quais se encontrava uma e outra «cidade», sem manifestar qualquer relação entre si, geográfica ou política<sup>168</sup>. Tal levaria a estender o comentário de Koch aos conhecimentos pessoais de quem (re)transmite a informação, bem como às referências do(s) seu(s) informador(es). Neste caso concreto, Heródoto parece ser o primeiro que apresenta uma representação tripartida da Península Ibérica (Koch, 2003, p. 202-3, com bibliografia; fig. 17; *supra*, fig. 13).

Hecateu de Mileto, autor de *Periegesis* e *Genealogias* (podem tratar-se de uma só obra) e anterior a Heródoto, parece ser mais preciso nesse sentido. Define Ταρτησσός como um território situado na Andaluzia Ocidental e associado a cidades como Elibirge e Ibila, provavelmente Iliturgia e Ilipa no Vale do Guadalquivir, segundo E. Gangutia (1999, p. 4; Torres Ortiz, 2002, p. 13)<sup>169</sup>. Esta precisão, cujo alcance é difícil de definir pelo carácter fragmentário da obra de Hecateu, não parece esclarecer *que* espaço teria Heródoto em mente quando transmite este topónimo, embora seja claro que este conhecia a obra daquele autor e que discordava das suas ideias.

Por seu turno, a informação de Avieno, valorizada por J. Alvar, permite colocar a investigação na senda da identificação de Tartessos com Gadir (cf. nota 143): *Hic Gadir urbs est. Dicta Tartessus prius (OM 95)... Gadir hic est oppidum/, nam punicorum lingua consaeptum locum/ Gadir uocabat. Ipsa Tartessus prius/ cognominata est (267-270)*, o que se manifesta

167 É de assinalar o contributo do CEFYP na publicação da tradução castelhana do original alemão, o que, sem dúvida, facilita o seu uso para quem, como o autor destas linhas, desconhece a língua.

168 Note-se que Tartessos foi referido como um rio (Ποταμός) por Estesícoro em associação ao mito que Heródoto e, mais tarde, Estrabão (III 2, 11/ \*4.17) relaciona com Gadir. Há também a acrescentar a informação (fragmentária) de Anacreonte, cujo trabalho também se desenvolveu na corte de Polícrates de Samos, em que refere, provavelmente, a longevidade. No entanto, Heródoto parece separar, claramente, Ibéria, os Cinetes/ Cinésios e os Celtas de Tartessos, sem apresentar maiores precisões sobre o assunto.

169 Estes topónimos enquadram-se no interesse de Hecateu por este tema, ao mesmo tempo que podem relacionar-se com a circulação da escrita portátil, decorrente da organização das fundações gregas no Ocidente (cf. Gangutia, 1999, *passim*).

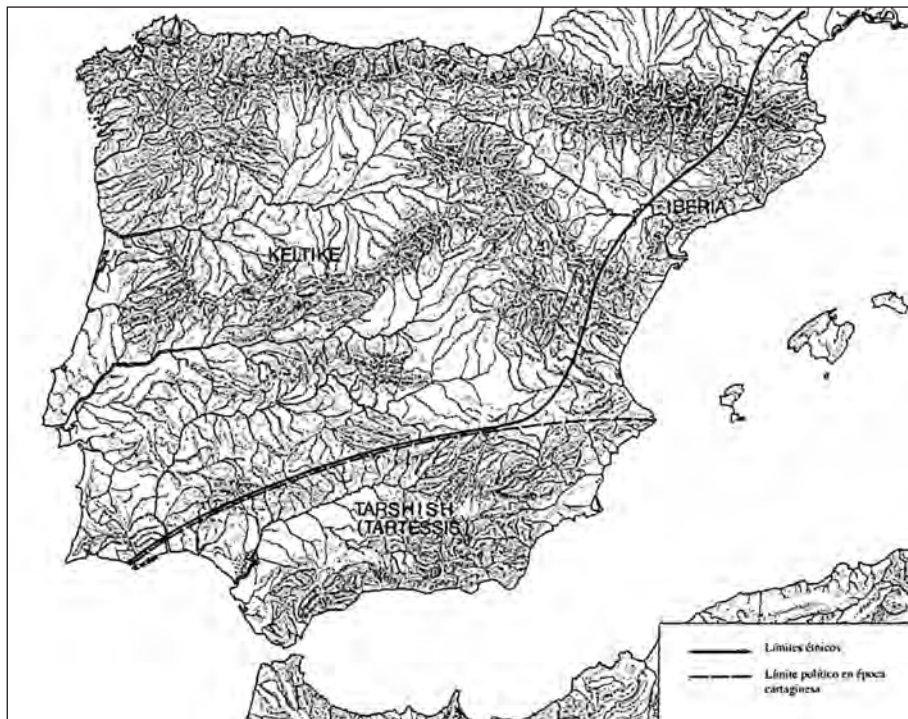


Fig. 17 – A divisão tripartida da Península Ibérica de Heródoto a Eratóstenes, segundo M. Koch, (2003, p. 200, mapa 8)

em outros autores, inclusive bastante mais tardios, cuja fiabilidade pode ser contestada<sup>170</sup>. Ao mesmo tempo, Avieno estende este território à costa levantina<sup>171</sup> (*OM*, 205-224).

Plínio vai no mesmo sentido que Avieno nesta identificação (*NH* IV, 120), embora considere, anteriormente, que *Carpessos* (Καρπησός) correspondia ao nome grego de Ταρτησός, provavelmente pela similitude dos topónimos (do mesmo modo que Mela II, 95). Tal confusão é também patente na obra de Pausânias (VI 19, 3), que associa Tartessos a Carpia, uma cidade Ibérica (Alvar, 1989, p. 296-8).

Acrescenta-se uma outra localização, proposta em 1962 num artigo de J.M. Luzón, publicado na revista *Zephyrus*, intitulado «Tartessos y la Ría de Huelva» (*Apud* Alvar, 1989). A implantação

170 Cícero, *Ad. Att.* VII 3,11; Arriano, *Anab.* II, 16, 4; Salústio, *Hist.* 2, 5; Valério Máximo, VIII, 13,4 (Argantónio, rei em Gadir); a mesma ideia em Plínio (*NH* VII, 156), que apresenta um *Argantonium Gaditanum*; de uma forma mais imprecisa, esta relação foi apontada por Columela (*Rer. Rust.* X, 185). Estas referências encontram-se no trabalho de J. Alvar, com a citação dos textos originais (1989, p. 296-7; cf., Blázquez, 1993, p. 27-8).

171 Em 462-3, referindo-se a Herna: *hic terminus quodam stetit Tartessiorum*, servindo de base para a formação da ideia de um Império Tartéssico (Schulten, 1945, p. 204, n.2). Segundo este autor, Avieno baseou-se num périplo massaliota escrito por Euthymenes no Séc. VI a.C. (Schulten, 1945, p. 114) ou, segundo Alvar (1995), em fontes fenícias (*apud* Torres Ortiz, 2002, p. 12). A extensão para o Levante foi também defendida por J.M. Blázquez, M. Bendala e A. González Prats (Torres Ortiz, 2002, p. 12).

onubense do *Emporion* deriva, essencialmente, da tentativa de aproximação ao conteúdo do termo Ταρτησσός quando se aplica a uma cidade, o que entronca nos desenvolvimentos da Arqueologia no sentido da sua «realidad interna» (Wagner, 1983b), bem como nos achados gregos desta cidade (Canales Cerisola, 2004), como já foi referido anteriormente. Para além de Gadir, nenhuma outra cidade posterior foi associada ao reino de Argantónio, restando outras hipóteses colocadas com base em dados geográficos (topografia, distâncias, etc.) por parte da investigação que interpretou o registo escrito, esgrimindo-se argumentos como os dois dias de navegação que separam Gadir de Tartessos (Escimno, 162-164)<sup>172</sup>. Tal interpretação contradiz outras informações que associam Tartessos ao seu rio homónimo (Estesícoro), bem como ao Betis (Pausânias VI, 9, 13; Strab. III 2, 11/ \*4.17; Eustácio, *Comm. Dion.*, 337), mas parece encaixar bem nos achados arqueológicos de Huelva (Blázquez, 1993, p. 27-8; Cabrera, 2000: *passim*; Canales Cerisola, 2004, cap. III).

Uma das consequências da identificação de Tartessos com Huelva é a sua associação a Esquéria, como vimos no capítulo dedicado a este tema. Relembro alguns aspectos: geografia ocidental, metais, clima, ventos e produtividade agrícola foram a base da argumentação para esta hipótese, avançando-se com uma leitura do território costeiro na *Odisseia*, que lembraria as colinas de Huelva a partir do lago formado pelos rios Tinto e Odiel (*Od.* V, 279-281). Por seu turno, o castigo de Possídon infligido aos Feaces por ajudarem Odisseu seria uma interpretação da forma da ilha de Saltés, o que, por sua vez, se relacionou com a segunda tentativa de fundação descrita por Estrabão (III 5, 5/ \*4.10) e com a existência de uma realza nesse local<sup>173</sup>.

Deste panorama conclui-se que a localização de Tartessos (território, rio ou cidade) corresponde a um exercício, não poucas vezes individual, de *interpretatio*, tanto por parte dos autores antigos como da investigação mais recente, dependendo, essencialmente, do que cada olhar valoriza nos textos e no registo arqueológico.

A indefinição deste território pode ter que ver com uma generalização regional que se traduziria como Taršiš ou como Ταρτησσός, adaptando-se ao discurso consoante aquilo que se pretende transmitir. Ou seja, os nomes seriam referências para o Extremo Ocidente (Alvar, 1982, *apud* Torres Ortiz, 2002, p. 16). Actualmente, a questão da localização do *Emporion* tartéssico é desvalorizada em prol da análise (arqueológica) do processo económico, político e social pelo qual se entende Tartessos<sup>174</sup>, o que pode ser considerado como um passo decisivo nas aproximações científicas a uma realidade que, contudo, encontra algumas dificuldades de interpretação no registo escrito.

172 Estas considerações não são fiáveis, uma vez que dependem, essencialmente, das embarcações utilizadas (remo, vela) e da velocidade que estas podem, conseqüentemente, atingir (Alvar, 1989, p. 299, n.22). O argumento foi utilizado por J.M. Luzón no artigo citado.

173 A passagem de Estrabão foi também valorizada por Whittaker quando relacionou Tartessos com Cerro Salomón (cf. Alvar, 1989, p. 301-2).

174 Cito as palavras de M. Torres a este respeito (2002, p. 19): «Nos encontramos, por tanto, con un tiempo, siglos XI-VI a.C., y un espacio, el Sudoeste Peninsular, claramente delimitados. Será en ellos donde se desarrollará el fenómeno histórico que conocemos con el nombre de Tartessos, entendiendo como tal el proceso, más que el nombre y ubicación de esta ciudad o la existencia de una determinada etnia que poseía un etnónimo derivado de la misma».

Concordo com Mariano Torres quando afirma que a História de Tartessos não deve ser entendida apenas a partir das primeiras referências no registo escrito (2002, p. 16). O conteúdo do termo Ταρτησσός pode ser visto a partir do registo material, mas há que ter em linha de conta a relação do termo com a construção das paisagens míticas do Ocidente. A associação a Esquéria parece-me muito interessante neste sentido e, como tal, podemos fazer alguns apontamentos a esta interpretação sem pretender lograr a apresentação de uma *prova* que “Homero conheceu Tartessos” ou que Esquéria é, de facto, Tartessos.

A observação, o reconhecimento e a representação das paisagens míticas ou idílicas acabam por fazer parte dos relatos de viagem transmitidos em território grego. Esta tendência pode interpretar-se como uma provável apropriação de uma anterior experiência fenícia adaptada ao discurso grego, incluindo neste informações fornecidas por aquela. Acrescentam-se a este panorama dois textos veterotestamentários: Ezequiel (27) e Génesis (10).

No primeiro apresenta-se uma lista detalhada dos parceiros de Tiro (Fig. 18). Nesta incluem-se, para além dos «Navios de Taršiš»<sup>175</sup>, claramente fenícios (\*6.18), Yawan e Rodas, o

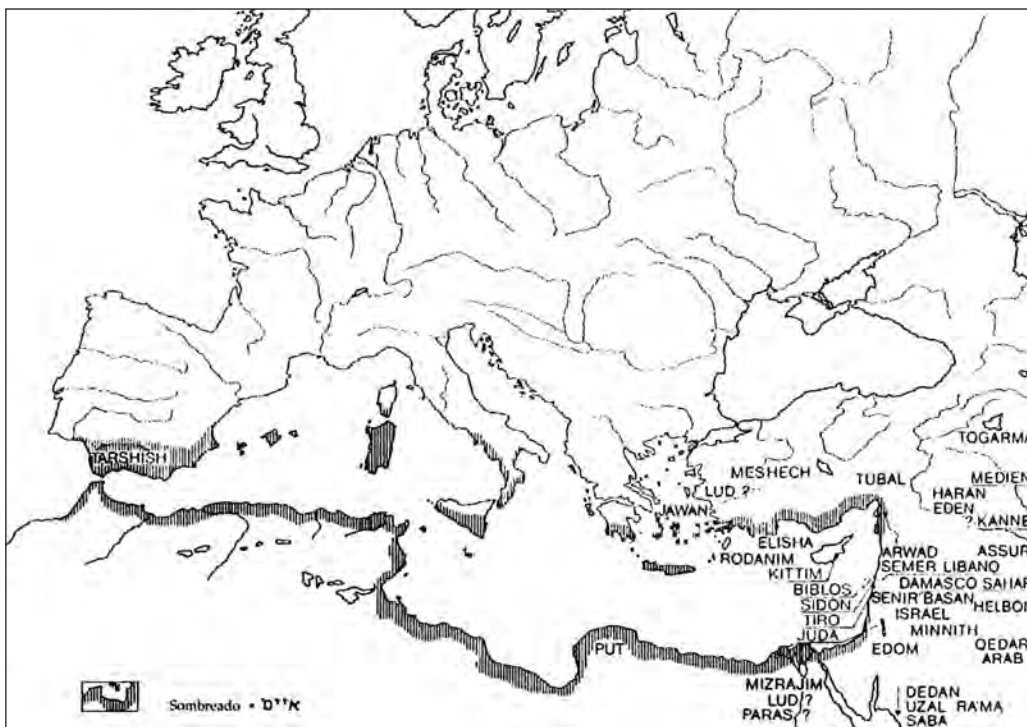


Fig. 18 – Geografia de Ezequiel 27 (Koch, 2003, p. 134, mapa 2)

175 A discussão da cronologia, proposta na dissertação (inédita) de H.P. Rüger em 1961, parte da ausência da Babilónia e do Egito. Esta ausência deveria ser explicada, em princípio, por fenómenos político-militares que impediam

que indica um conjunto de relações que deve ser tida em conta quando se tenta, como neste caso, entrever vestígios de contactos e, conseqüentemente, de (re)transmissões, uma vez que estes territórios se encontram, mais ou menos simultaneamente, em contacto.

A referência a Taršiš em Gn. 10, 4 (\*6.1) é extremamente interessante, uma vez que se insere num contexto que procura congregar uma série de conhecimentos geográficos e políticos numa genealogia iniciada por Jafeth<sup>176</sup>. A genealogia parece incluir o Norte, o Noroeste e o Oeste a partir da Síria – Palestina, o que coloca uma questão: Taršiš é, aqui, uma entidade geo-política *ocidental*, tal como os seus “irmãos”<sup>177</sup>. Importa mais a relação entre Yawan (pai) e Taršiš (filho), uma vez que originou um conjunto assinalável de interpretações que viram nesta passagem o conhecimento, por parte dos Focenses, de Tartessos no Séc. VII (Koch, 2003, p. 144, n. 25), o que parece muito improvável pelo facto de, muito dificilmente, se enquadrar nos objectivos de quem redigiu o texto, provavelmente no Séc. VI a.C.

As informações de Heródoto (I, 163/ \*3.2; IV, 152/ \*3.17), por seu turno, revelam um contacto com uma região já conhecida no Próximo Oriente antes do Século VII, sem que seja, de todo, possível admitir que Tartessos era um território grego, do mesmo modo que parece pouco provável que seria fenício (Koch, 2003, p. 148-150). Estas relações são importantes para assinalar que a Península Ibérica, ou melhor, o Extremo Ocidente, era conhecido no Oriente como Taršiš e, provavelmente, na área grega como Ταρτησσός. O uso deste topónimo/ hidronímico parece partir do universo linguístico de *Trt-/ Trs-*. Quer isto dizer que este conjunto de referências (míticas, geográficas ou políticas) ao Extremo Ocidente resulta de um interesse generalizado pelas viagens fenícias, que por sua vez resultou na assimilação destas nos relatos de viagem?

Tal parece manifestar-se, igualmente, na construção das paisagens analisadas (Μάκρων νῆσος, Ηλύσιον e Esquíria) nas quais se inclui a exacerbação do clima e da produtividade agrícola nas regiões liminares, o que se adequaria à informação que proporciona o texto de Isaías (23, 1-14). Este apresenta Taršiš como uma região agrícola que «puede recibir y acomodar un gran número de personas» (Koch, 2003, p. 125), o que foi, a seu tempo, valorizado por Whittaker e, posteriormente, por C. Wagner (cf. *supra*). Face a este conjunto textual, o que pode ser salientado é uma provável reminiscência do interesse fenício na agricultura da Península

---

a presença destes dois parceiros (que se contam entre os mais importantes). Assim, entre 490 e 480 a.C. tanto um como outro excluem-se do comércio mundial fenício. Contudo, partindo de outros dados que não foram suficientemente valorizados por Rüger, M. Koch questiona «si la prosperidad a escala mundial del comercio marítimo fenicio, tal como aparece testimoniada en la “lista del comercio” en EZ 27, se mantuvo mucho más allá del siglo VI» (2003, p. 95), embora considere que o texto se refere a um tempo em que estas relações se mantiveram (quase) simultaneamente. De qualquer modo, o autor discorda de Rüger, uma vez que esta lista terá sido elaborada de um modo incompleto pelo redactor ou era incompleta na sua versão original. A ausência da Babilónia, Egipto, Cartago e Chipre derivaria, somente, da versão original, levando-o, com outros argumentos, a datar o texto na segunda metade do Séc. VII a.C., podendo a lista ser muito mais antiga (Koch, 2003, p. 94-102).

176 Este nome pode associar-se ao de Jápeto em Hesíodo (*Theog.* 134) e *Il.* VIII, 477-481 (\*2.3)

177 Muitos dos nomes citados no *Genesis* veterotestamentário encontram-se também na “lista” da lamentação sobre Tiro de Ezequiel 27 (cf. Fig. 19). «Tanto la investigación más antigua como la de más reciente publicación suelen entender la relación de Javán con Eliša = Chipre “griego”, Taršiš = Tartessos, Quitim = Chipre Fenicio y Rodios desde la perspectiva de la historia de las colonizaciones» (Koch, 2003, p. 143-4).

Ibérica, que logo se retransmitiria para o território grego através das relações que tivemos oportunidade de apontar ao longo desta exposição.

A vida sem esforços nas paisagens escatológicas assinaladas (Μάκαρων νῆσος, Ηλύσιον) é um tópico literário que se encontra, igualmente, entre os Feaces. Esta ausência de violência, embora seja apenas aparente, justifica-se através da produtividade agrícola e da consequente auto-suficiência. Esta justifica também o seu isolamento face ao resto do mundo: os Feaces não são comerciantes, são apenas navegantes excepcionais, ou seja, representariam o *modus vivendi* ideal de uma elite que vive da desigualdade social (*Od.* VII, 150) e que ocupou um território no contexto de uma migração em grupo *Od.* VI, 4-10/ \*2.14).

A perspectiva apresentada por Heródoto, por seu turno, parece ver-se influenciada pela concepção hipocrática na relação entre clima, dieta, qualidade da água e longevidade. Se Tartessos de I, 163 (\*3.2) deve ser, eventualmente, relacionada com um rio homónimo, encontraríamos alguma relação com as águas dos Etíopes Macróbios e, conseqüentemente, com a imagem que é transmitida sobre os rios míticos e limítrofes? Por outro lado, a longevidade de Argantónio – e dos habitantes de Tartessos, com Anacreonte – lembra a imagem que se transmite sobre a produtividade agrícola enquanto oposto do mundo do observador<sup>178</sup>, aproximando-se do conceito da Idade de Ouro (*Trab.* 109-123/ \*1.1), pela prosperidade dos seus habitantes. Neste sentido, tal como em Esquéria, o metal parece ser utilizado como símbolo de riqueza e prosperidade, mas não parece relacionar-se, de modo algum, com a longevidade.

Por outro lado, haveria que acrescentar um outro aspecto, não menos importante. Numa outra passagem, Heródoto destaca a visão de Ciro sobre a fertilidade do solo e a suavidade do clima (IX, 122/ \*3.21). Poderíamos, eventualmente, relacionar a recusa de Odisseu e dos Foceenses como reflexo desta ideia? Ou será mais prudente considerar que esta recusa deriva da necessidade de cumprimento da missão que orienta o relato e que lhe dá sentido? Ou representa o medo de se tornarem, com a aceitação, dependentes do seu anfitrião?

Optando pela primeira hipótese, estaríamos na linha do que definimos, anteriormente, para a proposta da captura de escravos, uma vez que haveria um contexto ideológico que justifica a predisposição destas comunidades para serem servis (cf., a este respeito, \*4.9). Acrescentando a possibilidade de uma transmissão fenícia que formaria alguns aspectos da construção destas paisagens, encontrar-se-ia, uma vez mais, um eco do interesse fenício nestas paisagens limítrofes (?). Do mesmo modo, vale a pena voltar à questão dos conflitos pela aquisição de recursos pastoris e agrícolas na região, como se manifesta no 10TH e na ocupação de territórios no interior por parte dos Fenícios. Esta última, por sua vez, encontra correspondência, para Tsirkin (1997, p. 246), no texto de Isaías 23, 10 («Passa como o Nilo pela tua terra, ó filha de Társis; já não há cinto ao redor de ti»)<sup>179</sup>.

178 Cf. *supra*, a questão do mito de Prometeu: o Homem foi condenado a trabalhar para sobreviver.

179 O capítulo 23 de Isaías terá sido escrito em torno do Séc. VIII a.C. Para este autor: «it must be stressed that rumours – however exaggerated – about the conflicts in the West must have reached the East and Isaiah's prophecy recorded them» (1997, p. 246).

A segunda parece também provável pela necessidade de apresentar um *regresso* num relato, já que este aspecto permite verificar que o protagonista voltou para contar o que *viu*. Quanto à terceira, é também provável, na medida em que o hóspede/ forasteiro estará, eventualmente, numa posição desvantajosa face ao seu anfitrião e, como seria de esperar, *desconfia*.

Tartessos aparece, assim, como um território habitado por homens que permitem ao protagonista expor as razões da sua viagem dentro do relato. No caso de Argantónio isto parece explícito com a frase «quando se inteirou por eles de como progredia o Medo» e, no caso de Alcínoo, quando pede a Odisseu para descrever os homens «malvados, grosseiros, injustos/ ou benignos ao hóspede com são temor aos deuses» (*Od.* VIII, 575-6), iniciando assim a descrição de toda a viagem entre a saída de Tróia e a chegada a Esquéria. Heródoto parece, assim, retransmitir um relato com características similares ao de *Odisseia*, seleccionando aquilo que mais lhe interessava. Neste sentido, é possível relacionar Esquéria e Tartessos na perspectiva da *sequência lógica* de um relato, sem que seja, necessariamente, plausível a referência a um mesmo território, como vimos na associação entre a terra de Alcínoo e Huelva.

Concluindo: os gregos terão ouvido falar de um território ocidental – Taršiš – que pretenderam, nas suas viagens ao Ocidente, reconhecer, designando-o como Ταρτησσός. A sua descrição leva a crer que esta paisagem foi incluída nos relatos de viagem, tal como Esquéria em *Odisseia*, apropriando-se, provavelmente, da imagem transmitida pelos Fenícios. Ταρτησσός seria, então, um equivalente das paisagens fantásticas do Ocidente que começaram a ser reconhecidas pela tradição periegética. Encontramos ecos destas tentativas posteriormente, com a definição de um território de maiores ou menores dimensões sem, contudo, lograr uma localização precisa. O mesmo pode ser dito em relação a Μάκρων νῆσος e Ηλύσιον, que podem não ser paisagens reais, do mesmo modo que Τάρταρος. Por seu turno, a imagem destas paisagens parece girar mais em torno do imaginário da produtividade agrícola que dos metais.

## 6. Para terminar

As várias tradições do Mediterrâneo revelam algumas coincidências entre si, fruto, provavelmente, de contactos e, em última análise, migrações. As transmissões fenícias e egípcias, valorizadas nesta dissertação, revelam que o contacto inter-cultural é um conjunto de processos multifacetados que implica, de parte a parte, adaptações. Necessariamente, esta consideração estende-se aos contactos – em MCnH e MCS – na Península Ibérica.

Μάκαρων νῆσος é um exemplo de confluência de ideias. Etimologicamente, o termo pode ter uma raiz egípcia, relacionando-se com as suas concepções escatológicas. Ao mesmo tempo, enquadra-se num esquema degenerativo, cuja origem pode ser oriental. Por seu turno, esta referência surge no contexto da Idade dos Heróis, que representa uma novidade e, ao mesmo tempo, uma diferença em relação a outras tradições. Esta terá sido a passagem mais registada na posteridade do poeta, como paisagem escatológica e, posteriormente, como espaço geográfico reconhecido.

Colocou-se também a hipótese de a transmissão fenícia ter sido responsável pela formulação de uma paisagem marcadamente agrícola nos confins ocidentais do mundo habitado, o que se verifica, igualmente, em *Odisseia*, mais precisamente na (acrescentada *a posteriori*) *Telemaquia*, com Ηλύσιον. A construção etimológica é totalmente diferente, mas as semelhanças do seu significado – como destino dos heróis e como território de produtividade agrícola e clima suave – são evidentes.

O texto de *Odisseia* revela-se também de extrema importância, na medida em que se regista uma confluência interessante de informações conectadas com elementos fenícios e egípcios e adaptadas a um discurso. Nele encontram-se muitos aspectos que foram tratados ao longo deste texto, destacando-se a sua *forma* e o modo como esta poderá ter alguma correspondência com os relatos transmitidos por Heródoto. Antes de entrar nesta discussão, convém levantar questões que me parecem importantes sobre as manifestações literárias do Séc. VI: a Poesia e a Tradição Periegética.

Os Poemas Homéricos, transmitidos em festivais de Poesia, tiveram uma importância extrema pelo modo como apresentam e representam alguns interesses do Séc. VI a.C., isto é, outros modos de vida, as viagens dos antecessores dos colonizadores ao Ocidente e as dificuldades que estes sentem quando estão longe do seu espaço de identidade. Em parte, este interesse parece derivar do aumento exponencial da cosmovisão grega, que se estende a partes do mundo que eram conhecidas pela transmissão fenícia. Neste contexto, a experiência colonizadora trouxe consigo a revalorização de alguns relatos antigos, nomeadamente o encontro de Hércules e Gérion nos confins do mundo habitado, cujas manifestações chegaram à Poesia, com Estesícoro, bem como à representação iconográfica. Esta revalorização, associada ao conhecimento de paisagens até então desconhecidas, terá conduzido à tendência para o seu reconhecimento geográfico. Ou seja, os Gregos começavam a pisar as terras que antes eram caóticas e que foram organizadas por heróis como Hércules, associado a Melqart, assistindo-se a uma constante deslocação desses mitos para as novas

paisagens, ao mesmo tempo que se constrói uma toponímia de referência para estes espaços.

Este aspecto parece revelar-se na Tradição Periegética, que procura *descrever* os contornos da terra habitada, as comunidades que nela habitam e a relação que estas mantêm com o Meio Ambiente. Esta *descrição* não obedece às mesmas regras dos relatos de viagem, na medida em que o objecto do discurso necessita somente de uma ordem geográfica coerente que lhe dê sentido (Bremond, 1966, p. 62). Tanto a Poesia como esta tradição representam o mesmo interesse nos espaços liminares, embora adquiram características diferentes no modo como expõem as informações pretendidas. Neste sentido, é de salientar que as informações parecem ser transmitidas, na maioria das vezes, oralmente, não havendo qualquer tipo de desvalorização face ao registo escrito<sup>180</sup>, o que pode, eventualmente, justificar a referência a Tartessos como consequência do reconhecimento de Taršiš. Depreender-se-ia que os Gregos pretenderam ver com os seus próprios olhos o território que era comentado por Fenícios nos seus portos, ou mesmo nos seus templos (como o Heraion de Samos)?

Heródoto marca uma fase decisiva na (re)elaboração destes discursos, na medida em que congrega na sua obra todo um conjunto de tradições anteriores, aplicando-as à descrição do passado e presente das comunidades que visitou, dos seus costumes e dos seus sistemas políticos. Este interesse, como vimos, não corresponde, necessariamente, às tendências do discurso oral da sua época. No entanto, parece inevitável a presença de traços de oralidade na obra de Heródoto, uma vez que o autor retransmite informações com base em construções próximas da Tragédia e dos relatos heróicos ou épicos.

A acção do relato gira em torno do *objectivo* do protagonista (fig. 19): o herói sai de casa com um determinado *objectivo*<sup>181</sup>, encontrando no seu caminho obstáculos ou adversários que vai eliminando, sucessivamente, até melhorar as suas condições para o cumprimento do *objectivo* inicial<sup>182</sup>. Para superar esses obstáculos ou adversários, o protagonista pode recorrer à ajuda de um personagem ou ao seu esforço individual. Se recorre à ajuda desse personagem, há um processo de sedução (por exemplo, Odisseu procura conquistar a simpatia de Alcínoo) que se traduz na oferta de uma dádiva ou de auxílio que permite ao protagonista cumprir o *objectivo* que motivou a viagem. A aceitação ou a recusa dessa dádiva depende, essencialmente, da função que desempenha para o cumprimento do *objectivo*. Todos estes relatos culminam no *regresso* do protagonista.

Este panorama, apresentado de um modo esquemático, parece explicar o relato dos Focenses na sua viagem a Tartessos: o seu *objectivo* era a construção de uma muralha para

180 Note-se, contudo, que Hecateu afirma, claramente, que *escreveu* a sua obra.

181 Hércules: capturar as vacas de Gérion; Aqueus em *Iliada*: resgatar Helena; Odisseu: regresso a Ítaca depois da Guerra de Tróia; Focenses: procura de ajuda para a construção de uma muralha; Colaios: Egipto, etc.

182 Veja-se, por exemplo, a sucessão de obstáculos ao regresso de Odisseu: para além dos personagens que encontra no seu caminho (Circe, Calipso, Polifemo, Hélios, etc.), o herói bate-se com a ira de Possídon. Estes são *adversários* que herói vai eliminando ou ludibriando. Haveria que acrescentar, na análise deste relato, a *proibição*, a sua *transgressão* e o *castigo* daí decorrente (Propp, 2006, p. 38-9): sacrifício das vacas de Hélios, ataque a Polifemo e transgressão das regras da hospitalidade.

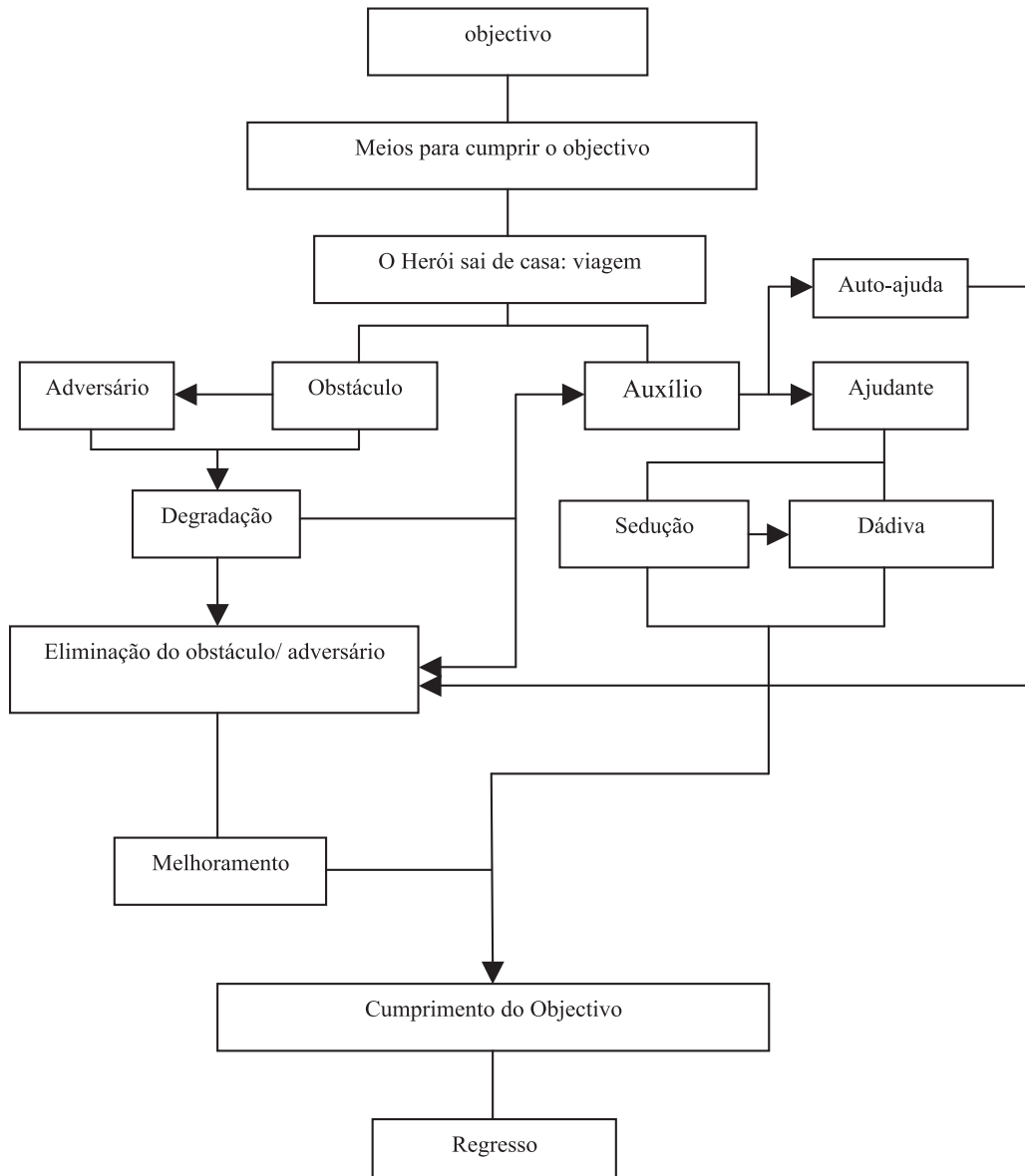


Fig. 19 – Esquema (simplificado) de possível organização de um relato de viagem

se defenderem da ameaça Persa (fio condutor da suposta narrativa), encontrando, no confim ocidental da sua viagem, Argantónio. A *função* de Argantónio, tal como a de Alcínoo, é a do *ajudante*, permitindo aos seus hóspedes a possibilidade de cumprirem o *objectivo*, justificando assim a viagem. No caso de Alcínoo, por seu turno, o seu papel é o de ajudar Odisseu a cumprir o seu *objectivo* de regressar a casa. O *ajudante* pode ser, igualmente, uma divindade:

Odisseu e Telémaco são acompanhados e auxiliados por Atena, enquanto que Colaios é auxiliado, provavelmente, por Hera. Nos casos de Argantónio e Alcínoo, é notório o seu papel de auxiliares incondicionais, na medida em que não se verifica uma contrapartida por parte dos protagonistas da viagem. Acrescenta-se, no *conteúdo* e não na *forma*, uma caracterização que se parece basear-se na descrição da Idade de Ouro em Hesíodo.

O caso de Colaios é distinto. O seu objectivo inicial era chegar ao Egipto, impondo-se um obstáculo incontornável – uma tempestade – que lhe permite chegar, ocasionalmente, a um território rico. O seu regresso é pautado pela riqueza que carrega e oferece a Hera como (provavelmente) reconhecimento e retribuição da sua protecção. Falta, contudo, o auxiliar humano que está presente em *Odisseia* em Heródoto I, 163, pelo que se depreenderia que Colaios recorre à «auto-ajuda», dispensando os dois passos seguintes (a sedução e a dádiva). O que significa esta ausência? Que Colaios se apropriou das riquezas, pilhando-as? As riquezas que transporta parecem, assim, representar a eliminação de um obstáculo à concretização do seu objectivo, isto é, a tempestade. Diodoro (V, 20) também salienta a tempestade no contexto das descobertas *ocasionais* de ilhas ocidentais pelos Cartagineses.

A transmissão destes tópicos esbarra, porém, na selecção que Heródoto faz das suas informações no conjunto dos interesses da sua obra, o que se reflecte no seu discurso, ou melhor, no seu modo de transmitir um relato. Tomando em linha de conta o suposto objectivo da introdução de duas referências que faz a Tartessos ao longo da sua obra, parece possível afirmar que o autor terá seleccionado, a partir de conjuntos mais vastos, as partes que mereceram mais o seu interesse para explicar o que pretendia. Isto é: a amizade entre Samos, Tera e Cirene (IV, 152), e a construção de uma estrutura defensiva entre os Foceenses (I, 163). No entanto, como também tivemos oportunidade de apontar, Heródoto parece não saber, ao certo, onde ficaria Tartessos, uma vez que não relaciona este território com Gadir (geográfica ou politicamente), e não o menciona quando teria tido oportunidade de fazê-lo (nas viagens circum-navegatórias). Este espaço é integrado pelo autor no *mais além* das Colunas de Hércules.

Tartessos aparece na literatura como paisagem frequentada por heróis que representam, por sua vez, os interesses (económicos) de uma comunidade nos confins do mundo habitado. Vemos a sua referência em *Gerioneida*, com a exacerbação dos recursos pastoris tomados à força. Vemos também a sua utilização como tópico literário de riqueza distante nas viagens heróicas, com a aquisição de metais. Finalmente, no conteúdo das informações relativas a Tartessos e às paisagens míticas do Ocidente encontramos referências que se enquadram, provavelmente, no interesse pelos recursos agrícolas. Taršiš/ Tartessos seria uma sociedade vista ao mesmo nível que o Egipto, a Grécia, Fenícia ou Babilónia? Ou representa uma riqueza distante que é pretendida e adquirida por meio da violência, em função da desvalorização do “Outro”?

Penso que Carlos Wagner apresenta um panorama bastante coerente, tanto na sua análise do registo escrito como nas evidências arqueológicas que seleccionou, juntamente com Jaime Alvar, para explicar a existência de um processo economicamente multifacetado na Península Ibérica. Por seu turno, a hipótese de Moreno Arrastio apresenta uma perspectiva que, a meu ver, é mais condizente com o ambiente social descrito pelas fontes escritas,

constituindo uma alternativa a ter em linha de conta para a análise da introdução de armas no espaço «tartésico».

Tartessos não parece ser, exclusivamente, um problema arqueológico ou mesmo linguístico, se atendermos à interpretação da distribuição de alguns topónimos<sup>183</sup>. Deve continuar a ser um problema literário, tanto mais que é a partir desta tradição que se registam tentativas de definir um espaço que a tradição literária grega apelidou de Tartessos. Consequentemente, há que definir o significado deste termo, tanto mais que se tornou um conceito. Ao analisar os mitos associados ao Ocidente e as representações deste espaço, dá-me a sensação de que a sua existência tem um fundamento literário similar a Esquéria. Ou seja, creio que se trata de uma paisagem imaginária que deriva do reconhecimento geográfico da Taršiš veterotestamentária que, por sua vez, designaria, vagamente, um dos confins do mundo.

Pode pretender-se, por isso, um diálogo próximo entre os vários campos do saber que se debruçaram sobre Tartessos, tanto na sua vertente escrita, como na construção arqueológica do seu significado. Pode pretender-se, também, um diálogo que possa, a par de outros temas, valorizar a representação de uma riqueza agrícola no Ocidente que, na época Arcaica, tinha primazia face aos metais. O que significa pensar que a transmissão fenícia, aliada a um possível interesse pela Península Ibérica enquanto fonte de obtenção de recursos agrícolas, pode ter sido fundamental para a representação dos espaços monstruosos, escatológicos e humanos que tivemos oportunidade de analisar.

O olhar que acabou de debruçar-se sobre Tartessos resultou de e em vários pontos de interrogação, como também de uma revisão baseada nas críticas apontadas à dissertação original. Estas foram fundamentais para limar algumas arestas e, sobretudo, ajudaram-me a rever, ou mesmo a abandonar, alguns pontos de vista que antes estavam menos claros.

---

183 com prefixo em *Ip-*, *Ob-* e sufixo em *-urgi*, *ippo*, *-oba* e *-uba*, tão aparentemente indígenas como os nomes *Trt-* e *Trs-*.



## 7. Agradecimentos

As últimas palavras deste texto são dirigidas a todas as pessoas que tornaram esta etapa possível e que nela participaram. Finalizado um esforço que se viu limitado pelas condições laborais de um arqueólogo a recibo verde, deslocado de casa e, conseqüentemente, longe das condições materiais ideais, invade-me um sentimento de dívida para com o carinho e auxílio que me proporcionaram ao longo de vários meses de altos e baixos.

Gostaria de começar pelos professores que estiveram presentes na defesa da minha dissertação (Rui Morais, Victor S. Gonçalves, Amílcar Guerra, Ana Margarida Arruda e José da Silva Horta). Os seus comentários foram fundamentais para rever o texto original e, essencialmente, permitiram-me melhorar o meu percurso intelectual.

Gonzalo Cruz Andreotti teve a amabilidade de enviar-me a sua dissertação de Doutoramento (1990), bem como alguns artigos. A ele devo alguns comentários quando apresentei os objectivos desta dissertação no V Colóquio do CEFYP, bem como excelentes momentos que passámos juntos nessa ocasião.

De uma forma surpreendentemente agradável, conheci, também nessa ocasião, Carolina López Ruiz, que também me deu um excelente apoio, quer pelo envio de artigos seus (que, de outro modo, não conseguiria ter acesso), quer pelas boas horas de agradável conversa que tivemos.

A Pierre Moret, Carlos Wagner e Mariano Torres Ortiz, estou extremamente grato por terem dado a excelente oportunidade de partilhar com uma (simpática) comunidade científica os objectivos deste trabalho, o que me deu a possibilidade de “desafiar” o seu conteúdo (Albuquerque, no prelo).

Mais particularmente, se, hoje me dedico com paixão à questão de Tartessos, em boa parte devo-o a Ana Margarida Arruda, bem como a Carlos Wagner, pelas aulas que despertaram a minha curiosidade. É destas duas pessoas o mérito – como docentes e como pessoas – na autêntica reviravolta de um aluno que se interessava pelo Paleolítico. Agradeço-lhes também o seu acompanhamento nestes últimos anos e naqueles que aí vêm.

Devo dedicar outras palavras a um grande docente e investigador – Francisco Moreno Arrastio – pelo carinho com que leccionou a disciplina de «Fuentes para la Historia Antigua» e pelas excelentes aulas. Também lhe agradeço toda a disponibilidade que demonstrou para ouvir as minhas dúvidas, bem como as suas sugestões, que foram decisivas no meu percurso intelectual. Aconselhou-me, por exemplo, as obras de Martin Bernal e Vladimir Propp, incitando-me sempre a «pôr o pé», sempre que possível, para fora dos muros que a especialização científica impõe. É difícil expressar aqui a minha admiração pela sua pessoa.

Não posso deixar de mencionar um nome que foi muito importante para o meu percurso académico: Annabela Rita. Nas suas aulas de «Introdução aos Estudos Literários», quando frequentava o primeiro ano da licenciatura de «Estudos Franceses e Italianos», apercebeu-se da expressão de um aluno que se sentia deslocado. No final de uma aula, teve a disponibilidade de sentar-se comigo e encorajar-me a nunca desistir dos sonhos que me movem, incitando-me

a mudar para o curso de Arqueologia (visto que tinha entrado na outra licenciatura devido a um engano motivado pela péssima relação que tenho com as burocracias).

A Elisabete Pereira devo agradecer a grande amizade que nos une, fazendo dela uma (omni)presença imprescindível em todos os meus passos nestes últimos anos...

Muitas outras pessoas, com uma extrema importância na minha vida, deviam ser aqui mencionadas. Mas, como não posso estender-me muito, termino com algumas palavras sobre a minha família, por todo o seu apoio incondicional numa vida profissional e pessoal com muitas encruzilhadas. Dificilmente encontrarei palavras para descrever o nosso amor recíproco e tudo aquilo que me une ao meu irmão, à minha cunhada e aos meus pais. Ao meu priminho Diogo agradeço toda a paciência que teve quando assistiu à defesa da minha dissertação, juntamente com os meus tios e a minha avó.

Tenho consciência que estas palavras representam muito pouco em relação aos sentimentos que jogam quando as escrevo. Sei, porém, que há gestos para com estas pessoas que expressam muito mais do que palavras. E sei, também, que todas as palavras que escrevi neste pequeno espaço terão cada vez mais sentido, ao contrário de todas as outras que encadeei do primeiro ao último capítulo deste texto.

## Referências

- Alarcão, J. (1992) – Etnogeografia da Fachada Atlântica Ocidental da Península Ibérica. In *Complutum*. Madrid, 2-3. p. 339-45.
- Albuquerque, P. (2003) – Argantónio, um “guardião” da “Idade da Prata”? A possível estrutura mítica do rei “tartéssico”. In RPA. Lisboa. 6: 1, p. 159-174.
- Albuquerque, P. (no prelo) – Tarshish e as paisagens míticas do Ocidente. Comunicação apresentada no V Colóquio do CEFYP, Madrid, 16-18 de Abril de 2007.
- Almagro-Gorbea, M. (1989) – Arqueología e Historia Antigua: el proceso protoorientalizante y el inicio de los contactos de Tartessos con el Levante Mediterráneo. In *Añeos de Gerión*. Madrid, 2, p. 277-288.
- Almagro-Gorbea, M. (1996) – *Ideología y poder en Tartessos y en el mundo Ibérico*. Madrid: Real Academia de la Historia. 172p.
- Almagro-Gorbea, M. (2002) – Melqart-Herakles matando al Toro Celeste en una placa ebúrnea de Medellín. *AEspA*. Madrid. 75, p. 59-73.
- Almagro-Gorbea, M. (2005) – La literatura tartésica: fuentes históricas y iconográficas. In *Gerión*, Madrid, 23: 1, p. 39-80.
- Alvar, J. (1982) – Aportaciones al estudio del Tarshish Bíblico. In *RSF*. 10: 2, p. 211-230.
- Alvar, J. (1990) – El contacto intercultural en los procesos de cambio. In *Gerión*. Madrid, 8, p. 11-27.
- Alvar, J. (1993) – El Ocaso de Tartessos. Alvar, J. & Blázquez, J.M.<sup>a</sup> (eds.), *Los Enigmas de Tarteso*. Madrid: Cátedra, p. 187-200.
- Alvar, J. (1995) – Avieno, los fenicios y el Atlántico. *Kolaios*. Sevilla, 4, p. 21-37. *Arqueólogos, historiadores y filólogos. Homenaje a Fernando Gascó*.
- Alvar, J. (2000) – Comercio e Intercambio en el contexto precolonial. In P. Uriel, C.G. Wagner & F. López Pardo (eds.), *Intercambio y comercio preclásico en el Mediterráneo. Actas del I Coloquio del CEFYP, Madrid, 9-12 Noviembre, 1998*, Madrid: CEFYP, p. 27-34.
- Alvar, J.; Wagner, C.G. (1988) – La actividad agrícola en la economía fenicia de la Península Ibérica. In *Gerión*. Madrid, 6, p. 169-185.
- Arruda, A.M. (2001) – A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo. In RPA. Lisboa, 4: 2, p. 207-291.
- Aubet, M.<sup>a</sup> E. & Delgado, A. (2003) – La colonia fenicia del Cerro del Villar y su territorio. In Gómez Bellard, C. (ed.), *Ecohistoria del paisaje agrario. La agricultura fenicio-púnica en el Mediterráneo*. Valencia: PUUV, p. 57-74.
- Aznar, C.; Balensi, J. & Herrera, M.D. (2005) – Las excavaciones de Tel Abu Hawan en 1985-1986 y la cronología de la expansión fenicia hacia Occidente. In *Gerión*. Madrid, 23: 1, p. 17-38.
- Ballabriga, A. (1986) – *Le soleil et le Tartare. L'image mythique du monde en Grèce Archaïque*. Paris: Editions de l'EHESS. 298p.
- Belén, M.<sup>a</sup> & Escacena, J.L. (1992) – Las comunidades prerromanas de Andalucía Occidental. In *Complutum*. Madrid, 2-3, p. 65-87.
- Bernal, M. (1991) – *Black Athena. The afroasiatic roots of classical civilization*, Vol. II, *The archaeological and documentary evidence*. London: Free Association Books. 736p.

- Bernal, M. (1993) – *Atenea Negra. Las raíces afroasiáticas de la civilización clásica*, Vol. I, *La invención de la Antigua Grecia, 1785-1985*. Barcelona: Crítica. 508p.
- Bernal, M. (2006) – *Black Athena. The afroasiatic roots of classical civilization*, Vol. III, *The Linguistic Evidence*. London: Free Association Books. 808p.
- Blázquez, J. M.<sup>a</sup> (1993) – El enigma de Tarteso en los escritores antiguos y en la investigación moderna. In Alvar, J. & Blázquez, J. M.<sup>a</sup> (eds.), *Los enigmas de Tarteso*. Madrid: Cátedra, p. 11-30.
- Blázquez, J.M.<sup>a</sup> (2002) – La precolonización y la colonización fenicia. El periodo orientalizante. Estado de la cuestión. In *AEspA*. 75, p. 37-57.
- Blázquez, J.M.<sup>a</sup>; Alvar, J.; Wagner, C.G. (1999) – *Fenicios y Cartagineses en el Mediterráneo*. Madrid: Cátedra. 680p.
- Boardman, J. (1997) – *Athenian Black Figure Vases*. London, New York: Thames & Hudson. 252p.
- Boardman, J. (1997a) – *Athenian Red Figure Vases. The Archaic Period*. London, New York: Thames & Hudson. 252p.
- Bravo Jiménez, S. (2005) – El Estrecho de Gibraltar y los Fenicios: una visión cosmológica desde las fuentes escritas. In *Añejos de AespA*. Mérida, 35. p. 237-248. Celestino Pérez, S. & Jiménez Ávila, J. (eds.) *El Periodo Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de la Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*.
- Bremond, C. (1966) – La logique des possibles narratives. In *Communications*. 8, p. 60-76.
- Brown, A.S. (1998) – From the Golden Age to the Isles of the Blest. In *Mnemosyne*, 51: 4, p. 385-410.
- Brown, J. P. (1968) – Cosmological myth and the tuna of Gibraltar. In *TAPhA*. 99, p. 37-62.
- Buck, C.D. (1965) – *A Dictionary of selected synonyms in the principal indo-european languages. A contribution to the history of ideas*. Chicago, London: The University of Chicago Press.
- Cabrera Bonet, P. & Sánchez, C., org. (2000) – *Los griegos en España. Tras las Huellas de Hércules*. Madrid: Museo Arqueológico nacional.
- Cabrera Bonet, P. (2000) – Los primeros viajes al Extremo Occidente: Tartessos y la fundación de Ampurias. In Cabrera Bonet, P. & Sánchez, C. (org.), *Los griegos en España. Tras las Huellas de Hércules*, p. 69-85. Catálogo de exposição.
- Canales Cerisola, F.G. (2004) – *Del Occidente mítico griego a Tarsis – Tarteso. Fuentes escritas y documentación arqueológica*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Carpenter, T.H. (1991) – *Art and Myth in Ancient Greece*. London, New York: Thames & Hudson. 256p.
- Carrillero Milán, M. (1993) – Discusión sobre la formación social tartésica. In Alvar, J. & Blázquez, J.M.<sup>a</sup> (eds.), *Los Enigmas de Tarteso*, p. 163-186.
- Celestino Pérez, S. & Jiménez Ávila, J., eds. (2005) – *El Periodo Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de la Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental. Anejos de AespA*. 35, Mérida: CSIC.
- Chantraine, P. (1999) – *Dictionnaire étymologique de la Langue Grecque. Histoire des mots*. Paris: Klincksieck.
- Cruz Andreotti, G. (1990) – *Tartessos como problema historiográfico: el espacio mítico y geográfico del Occidente Mediterráneo en las fuentes arcaicas y clásicas griegas* (Texto policopiado). 435p.
- Cruz Andreotti, G. (1991a) – Estesícoro y Tartessos. In *Habis*. Sevilla, 22, p. 49-62.

- Cruz Andreotti, G. (1991b) – Heródoto y Gades. In *Baetica*. Málaga. 13, p. 155-166.
- Cruz Andreotti, G. (1995) – La Península Ibérica en los límites de la Ecumene: el caso de Tartessos. In *Polis. Revista de ideas y formas políticas de la Antigüedad Clásica*. Madrid, p. 39-75.
- Dalby, A. (2006) – *Rediscovering Homer. Inside the origins of the epic*. New York, London: W.W. Norton & Company. 267p.
- De la Guardia y Bermejo, J.H. (1987) – La hospitalidad en Homero. In *Gerión*. Madrid, 5, p. 43-56.
- Donner, H. & Röllig, W. (1962-1964) – *Kanaanäische und Aramäische Inschriften* (3 vols.). Winsbaden.
- Dubuisson, M. (2001) – Barbares et barbarie dans le monde gréco-romain: du concept au slogan. In *L'Antiquité classique*. 70, p. 1-16.
- Faria, A.M. (1995) – Novas achegas para o estudo da onomástica Ibérica e Turdetana. In *Vipasca*. Aljustrel. 4, p. 79-88.
- Finley, M.I. (1982) – *O Mundo de Ulisses*. Lisboa: Ed. 70. 143p.
- Fontenrose, J. (1974) – Work, Justice, and Hesiod's five Ages. In *CPh*. 69, p. 1-16.
- Fowler, R. L. (1996) – Herodotos and his contemporaries. In *JHS*. 106, p. 62-87.
- Galán, J.M. (2001) – La *Odisea* desde la Egiptología. In *Gerión*. Madrid, 19, p. 75-97.
- Gangutia Elícegui, E. (1999) – Hecateo y las inscripciones griegas más antiguas de la Península Ibérica. In *AEspA*. 72, p. 3-14.
- García Moreno, L.A. (1989) – Turdetanos, turdulos y tartessos. Una hipótesis. *Añejos de Gerión*. Madrid, 2 p. 289-294.
- Gardiner, P. (1995) – *Teorias da História*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 678p.
- Griffith, R.D. (2001) – Sailing to Elysium: Menelaus' Afterlife (*Odyssey* 4.561-569) and Egyptian Religion. In *Phoenix*. 55 (3-4), p. 213-243.
- Golfin, E. (2000) – Idées Hérodoteénes sur l'Éternité. In *BAGB*, p. 111-139.
- Gómez Espelosín, F.J. (2005) – Heródoto y la percepción de la geografía política del mundo griego. In *Studia Historica. Historia Antigua*. 23, p. 143-159.
- Gómez Espelosín, F.J. (1993) – Heródoto, Coleo y la Historia de España Antigua. In *Polis: Revista de ideas y formas políticas de la Antigüedad clásica*. 5, p. 151-162.
- Gómez Espelosín, F.J. (2007) – El viaje a los confines. In *Revista de Occidente*. Madrid. 316, p. 19-41.
- Gómez Toscano, F. (2005) – La presencia fenicia en la Península Ibérica según el "stratum III" de Tell Abu Hawam (Haifa, Israel). In *Actas das III Jornadas do Arquivo de Beja*, I, p. 209-215.
- González Blanco, A. (1977) – ¿Tarsis = Tartessos? Origen, desarrollo y fundamentos de la adecuación historiográfica. In *Hispania Antigua*. 7, p. 133-145.
- Goody, J. [1986] – *A lógica da escrita e a organização da Sociedade*. Lisboa: Ed. 70. 222p.
- Gordon, C. (1978) – The Wine dark sea. In *The Jewish Quarterly Review*. 69, p. 181-182.
- Gozalbes Cravioto, E. (1993) – Los Mitos Griegos del Africa Atlántica. *Anuario de estudios Atlánticos*. Tenerife. 39, p. 373-400.
- Gray, V. (1997) – Reading the Rise of Peisistratus: Herodotus, 1.56-68. *Histos* [em linha]. 1 [consult. 1 de Setembro de 2008]. (<http://www.dur.ac.uk/Classics/histos/1997/gray.html>)
- Grimal, P. (1998) – *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Lisboa: Difel. 566p.
- Guerra, A. (1999) – Fontes para a História Antiga Peninsular. In *Al-madan*. Almada, S.2, 8, p. 127-132.

- Guzmán Guerra, A.; Gómez Espelósín, F.J. & Guzmán Gárate, I. (2007) – *Iberia. Mito y Memoria*. Madrid: Alianza. 357p.
- Hair, P. E.H. (1987) – The *Periplus of Hanno* in the history and historiography of black Africa. *History in Africa*. 14, p. 43-66.
- Hair, P. E.H. (1994) – *The founding of the Castelo de S. Jorge da Mina. An analysis of the sources*. Imp. USA: University of Wisconsin – Madison. 139p.
- Hartog, F. & Casevitz, M. (1999) – *L'Histoire, d'Homère à Augustin*. Paris: Seuil. 287p.
- Hartog, F. (1980) – *Le Miroir d'Hérodote. Essay sur la Réprésentation de l'autre*. Paris: Seuil. 386p.
- Hartog, F. (2001) – *Mémoire d'Ulysse. Récits sur la frontière en Grèce Ancienne*. Paris: Gallimard. 262p.
- Horta, J.S. (1995) – Entre história europeia e história africana, um objecto de charneira: as representações. In *Actas do Colóquio "Construção e Ensino da História de África"*. Lisboa, p. 180-200.
- Huntz Ortiz, M. (2004) – Nuevos datos sobre la metalurgia de la Plata en el Suroeste de la Península Ibérica. In *Actas do II Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (Faro, 7 e 8 de Novembro de 1996)*, p. 167-175.
- Immerwahr, H.R. (1956-57) – The Samian Stories of Herodotus. In *CJ*. 52, p. 312-322.
- Jabouille, V. (1997) – Os Mitos do Ocidente. In *Clássica*. 22, p. 49-61.
- Johnson, D.M. (1999) – Hesiod's description of Tartarus (Theogony 721-819). *Phoenix*. 53: 1-2, p. 8-28.
- Koch, M. (2003) – *Taršiš e Hispania*. Madrid: CEFYP. 276p.
- Krueger, M. (2008) – Valor, prestigio e intercambio. Los métodos ante la teoría. *Herakleion*. Barcelona, 1, p. 7-19.
- Lenfant, D. (1991) – Milieu naturel et differences ethniques dans la pensée grecque classique. In *Ktéma*. 16, p. 111-122.
- Lens Tuero, J. & Campos Daroca, J. (2000) – *Utopías del Mundo Antiguo. Antología de textos*. Madrid: Alianza. 316p.
- Lesky, A. (1995) – *História da Literatura Grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1000p.
- López Ruiz, Carolina (2005) – Revisión crítica de la aparición de Tartessos en las fuentes clásicas y semíticas. In *Añejos de AespA*. Mérida, 35, p. 347-362. Celestino Pérez, S. & Jiménez Ávila, J. (eds.) *El Periodo Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de la Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*.
- López Pardo, F. (2000) – *El empeño de Heracles (La exploración del Atlántico en la Antigüedad)*. Madrid: Arco Libros. 97p.
- López Pardo, F. (2004) – Crono y Briareo en el umbral del Océano. Un recorrido por la historia mítica de los viajes al confín del Occidente hasta los albores de la colonización. In Peña, V.; Mederos, A. & Wagner, C.G. (eds.), *La Navegación Fenicia. Tecnología naval y derroteros*. Madrid: CEFYP, p. 1-42.
- López Ruiz, C. (2006) – Some oriental elements in Hesiod and the Orphic Cosmogonies. In *Journal of Ancient Near Eastern Religion*. 6, p. 71-104.
- Lourenço, F. (2006) – Dois Poemas de autor anónimo: a Ilíada e a Odisseia. Pereira, V.S. & Curado, A.L. (org.). In *A Antiguidade Clássica e nós. Herança e Identidade Cultural*. Braga: Universidade do Minho, p. 33-40.
- Maalouf, A. (1998) – *Les identités meurtrières*. Paris: Gracet et Fasquelle.

- Manfredi, V. (1995) – A Mesopotamian origin for the myth of the Fortunate Islands? In *Fortunatae*. La Laguna. 7, p. 319-324.
- Martí-Aguilar, M.A., (2000), *La Imagen de Tartessos en la Historiografía Española (Siglos XVI-XX)*. Trabalho de investigação apresentado na Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Málaga, orientado por Wulff Alonso. Texto policopiado.
- Martín Sánchez, A. & Martín Sánchez, M.ª A. (1998) – *Hesiodo: Teogonía, Trabajos y Días, Escudo, Certamen*. Madrid: Alianza Editorial.
- Martínez, M. (1999) – Las islas de los Bienaventurados: Historia de un mito en la literatura griega arcaica y clásica in *CFC–EGI*. Madrid, 9, p. 243-279.
- Mitchell, B.M. (1975) – Herodotus and Samos. In *JHS*. 95, p. 75-91.
- Moreno Arrastio, F. (1995) – La estela de Arroyo Manzanas (Las Herencias II, Toledo). In *Gerión*. Madrid, 13, p. 275-294.
- Moreno Arrastio, F. (1998) – Sobre la obviedad, las estelas decoradas y sus agrupaciones. In *Gerión*. Madrid, 16, p. 48-84.
- Moreno Arrastio, F. (1999) – Conflictos y perspectivas en el periodo precolonial tartésico. In *Gerión*. Madrid, 17, p. 149-177.
- Moreno Arrastio, F. (2000) – Tartessos, Estelas, Modelos Pesimistas. In P. Uriel, C.G. Wagner & F. López Pardo (eds.), *Intercambio y Comercio preclásico en el Mediterráneo*, Madrid: CEFYP, p. 153-174.
- Moreno Arrastio, F. (2001) – Sobre anomalías e interpretación de los objetos orientalizantes de la Meseta. In *Gerión*. Madrid, 19, p. 99-117.
- Moreno Arrastio, F. (2007) – El viaje fractal de Adolf Schulten. In *Gerión*. Madrid, 25: 1, p. 145-174.
- Moreno Onorato, A. (2000) – La metalurgia de Peñalosa. In F. Contreras Cortés (coord.), *Proyecto Peñalosa. Análisis histórico de las comunidades de la edad del Bronce del piedemonte meridional de la Sierra Morena y depresión Linares – Bailén*. Sevilla: Junta de Andalucía, p. 167-222.
- Moret, P. (2006) – La formation d’une toponymie et d’une ethnonymie grecques de l’Ibérie: Étapes et Acteurs. In Cruz Andreotti, G; Le Roux, P. & Moret, P. (eds.), *La Invención de una geografía de la Península Ibérica, I, La época Republicana*, p. 39-76.
- Olmos, R. (1989) – Los Griegos en Tartessos: una nueva contrastación entre las fuentes arqueológicas y literarias. In Aubet, M.ª E. (coord.), *Tartessos. Arqueología Protohistórica del Bajo Guadalquivir*. Barcelona: AUSA, p. 495-521.
- Olmos, R. (2000) – Tras los pasos de Heracles: en los umbrales de la historia griega en occidente. In Cabrera Bonet, P. & Sánchez, C. (org.), *Los griegos en España. Tras las Huellas de Hércules*, p. 27-36.
- Osborne, R. (1998) – *La formación de Grecia. 1200-479 a.C.* Barcelona: Crítica.
- Pereira, M.ª H. da Rocha (1998) – *Hélade. Antología de Cultura Grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 552p.
- Pérez Vilatela, L. (1995) – Identificación de los Cynetes en las Fuentes literarias. *Vipasca*. Aljustrel, 4, p. 69-78.
- Pinheiro, M. F. (2006) – Do Mito à Utopia. Viagem ao mundo do imaginário grego. In V.G. Pereira e A.L. Curado (coords.) – *A Antiguidade Clássica e nós. Herança e Identidade Cultural*. Braga, p. 125-137.
- Pinheiro, A. E. (2005) – Homero. Tentativas de (re)construção biográfica na Antiguidade. In *Mathésis*. Lisboa, 14, p. 111-128.

- Plácido, D. (2002) – La Península Ibérica: Arqueología e imagen mítica. In *AEspA*. Madrid, 75, p. 123-136.
- Plácido, D. (2007) – Las formas del poder personal: la monarquía, la realeza y la tiranía. In *Gerión*. Madrid, 25: 1, p. 127-166.
- Propp, V. (2006) – *Morfología del Cuento*, 12ª ed. Caracas: Editorial Fundamentos. 234p.
- Pucci, P. (1993) – El yo y el otro en el relato de Ulises sobre los Cíclopes. *Revista de Occidente*. 140, p. 119-142.
- Renfrew, C. e Bahn, P. (1998) – *Arqueología. Teorías, Métodos y Práctica*. Madrid: Akal. 571p.
- Rodríguez Adrados, F. (2000) – Topónimos griegos en Iberia y Tartessos. In *Emerita*. Mérida, 48: 1, p. 1-18.
- Rodríguez Adrados, F. (2001a) – Más sobre Iberia y los topónimos griegos. In *AEspA*. Madrid, 74, p. 25-33.
- Rodríguez Adrados, F. (2001b) – *Lírica Griega Arcaica (Poemas corales y monódicos, 700-300 a.C.)*. Madrid: Gredos. 334p.
- Ruiz Gálvez, M. (2000) – La precolonización revisada: de los modelos del s. XIX al concepto de interacción. In P. Uriel, C.G. Wagner & F. López Pardo (eds.), *Intercambio y comercio preclásico en el Mediterráneo. Actas del I Coloquio del CEFYP, Madrid, 9-12 Noviembre, 1998*, Madrid: CEFYP, p. 9-25.
- Sahlins, M. (1977) – *La Economía de la Edad de Piedra*. Madrid: Akal. 337p.
- Santiago Álvarez, R.A. (2004) – La familia lexica de “xénos” en Homero: usos y significados, II (Odisea). In *Faventia*. Barcelona, 26: 1, p. 25-42.
- Santos Yanguas, N. (1988) – El mito de las islas afortunadas en la Antigüedad. In *Memorias de Historia Antigua*. Oviedo, 9, p. 166-175.
- Schrader, C. (2000) – Introducción General. In *Heródoto. Historia, Libro I-II*. Madrid: Gredos, p. IX-XLIX.
- Schulten, A. (1945-1946) – Las Islas de los Bienaventurados. In *Ampurias*. Barcelona, 7-8, p. 5-22.
- Schulten, A. (1945) – *Tartessos*, 2ª ed., Madrid: Espasa Calpe. 294p.
- Shapiro, H.A. (1997) – *Myth into Art. Poet and Painter in Classical Greece*. London, New York: Routledge. 196p.
- Sifakis, G.M. (1997) – Formulas and their relatives: a semiotic approach to verse making in Homer and Modern Greek folksongs. In *JHS*. 107, p. 136-153.
- Silva, M.ª F. (2000) – O desafio das diferenças étnicas em Heródoto. Uma questão de Inteligência e de Saber (1). In *Humanitas*. Coimbra. 52, p. 3-26.
- Silva, M.ª F. (2001) – O desafio das diferenças étnicas em Heródoto. Uma questão de Inteligência e de Saber (2). In *Humanitas*. Coimbra. 53, p. 3-26.
- Soares, C. L. (2001) – Tolerancia e Xenofobia ou a consciência de um universo multicultural nas Histórias de Heródoto. In *Humanitas*. Coimbra. 53, p. 49-82.
- Soares, C. L. (2003) – *A Morte em Heródoto. Valores universais e particularismos étnicos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 544p.
- Stahl, W.H. (1983) – Li riconoscerai dalle loro carte. In F. Prontera (ed.), *Geografia e geografi nel mondo antico. Guida storica e critica*. Roma: Laterza, p. 17-47.
- Tejera Gaspar, A. (1993) – Tartessos: economía y sociedad. In *Tartessos 25 años después. (1968-1993). Actas del Congreso Conmemorativo del V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular*. Jerez de la Frontera: Ayuntamiento, p. 549-559.

- Thalmann, W.G. (1988) – Thersites: Comedy, Scapegoats, and Heroic Ideology in the Iliad. In *TAPhA*. 118, pp. 1-28.
- Thomson, J.O. (1965) – *History of Ancient Geography*. New York: Biblio and Tannen.
- Tiverios, M. (2000) – Hallazgos tartésicos en el Hereo de Samos. In Cabrera Bonet, T.C. & Sánchez Fernández, C. (eds.) *Los griegos en España: tras las huellas de Heracles*. Madrid: Museo Arqueológico Nacional.
- Torres Ortiz, M. (1999) – *Sociedad y mundo funerario en Tartessos*, Madrid: Real Academia de la Historia.
- Torres Ortiz, M. (2002) – *Tartessos*. Madrid: Real Academia de la Historia. 477p.
- Torres Ortiz, M. (2005) – ¿Una colonización tartésica en el interfluvio Tajo-Sado durante la Primera Edad del Hierro? In *RPA*. Lisboa. 8: 2, p. 193-213.
- Tortosa, T. (2003) – Las Búsquedas del paisaje de la *Odisea*. In Cabrera, P. & Olmos, R. (Coords.), *Sobre la Odisea. Visiones desde el mito y la arqueología*. Madrid: Ediciones Polifemo, p. 21-44.
- Tsirkin, Ju.B. (1981) – The Labours, Death and Resurrection of Melqart as depicted on the Gates of the Gades' Herakleion. In *RSF*. 9, p. 21-27.
- Van Windekens, A.J. (1986) – *Dictionnaire étymologique complémentaire de la langue grecque. Nouvelles contributions à l'interprétation historique et comparée du vocabulaire*. Leuven: Peeters.
- Vara, J. (1982) – Τάρταρος, origen, en forma y función, de Ταρτησός?. In *Zephyrus*. Valladolid, 34-35, p. 239-241.
- Vara, J. (1982) – Τάρταρος, origen, en forma y función, de Ταρτησός?. In *Zephyrus*. Valladolid, 34-35, p. 239-241.
- Vázquez Hoys, A.M.<sup>3</sup> (2008) – *Las golondrinas de Tartessos. Sobre el origen de la escritura*. [s.l.] Almuzara. 320p.
- Vernant, J.-P. (1993) – *Mito y Pensamiento en la Grecia Antigua*. Barcelona: Ariel. 384p.
- Villar, F. (1995) – Los Nombres de Tartessos. In *Habis*. Sevilla. 26, p. 243-270.
- Wagner, C.G. & Alvar, J. (2003) – La colonización agrícola en la Península Ibérica. Estado de la cuestión y nuevas perspectivas. In Gómez Bellard, C. (ed.), *Ecohistoria del paisaje agrario. La agricultura fenicio-púnica en el Mediterráneo*. Valencia: PUV, p. 187-204.
- Wagner, C.G. (1983a) – *Fenicios y Cartagineses en la Península Ibérica: ensayo de interpretación fundamentado en un análisis de los factores internos*. Madrid: Editorial de la UCM.
- Wagner, C.G. (1983b) – Aproximación al proceso histórico de Tartessos. In *AespA*. Madrid. 56, p. 3-36.
- Wagner, C.G. (1986) – Notas en torno a la aculturación de Tartessos. In *Gerión*. Madrid. 4, p. 129-160.
- Wagner, C.G. (1992) – La Historia Antigua y la Antropología: el caso de Tartessos. In *Kolaios*. Sevilla, 1, p. 1-37.
- Wagner, C.G. (2005) – Fenicios en el Extremo Occidente: conflicto y violencia en el contexto colonial arcaico. In *RPA*. Lisboa. 8: 2, p. 177-192.
- West, M.L. (1988) – The Rise of the Greek Epic. In *JHS*. 112, p. 151-172.
- West, M.L. (1999) – The invention of Homer. In *CQ*. 49, p. 364-382.
- West, St. (1991) – Herodotus' portrait of Hecateus. In *JHS*. 111, p. 144-160.



## ANEXO A – Fontes Escritas\*

---

\* Os excertos de fontes escritas aqui apresentados foram seleccionados de acordo com o seu interesse para o trabalho. Outros excertos citados ao longo do texto e que não são aqui referidos foram considerados como secundários ou foram incluídos no corpo do texto e nas notas de rodapé. Indica-se a proveniência do excerto, bem como a autoria da tradução. Em casos onde esta última informação é inexistente, optou-se por assinalar apenas a referência bibliográfica de onde os respectivos textos foram retirados.

## 1. Hesíodo

- 1.1. *Trab. 109-123: De ouro foi a primeira raça dos homens dotados de voz,/ que os imortais criaram, eles, que são habitantes do Olimpo./ Viviam sob o governo de Cronos, quando ele reinava no Céu./ Eram como deuses, com espírito despreocupado,/ vivendo à margem de penas e de misérias; a velhice medonha/ não os surpreendia, mas, sempre de membros vigorosos,/ deleitavam-se em festins, a bom recato de todo o mal; se morriam, era como que vencidos pelo sono. Para eles,/ tudo era perfeito; o solo fértil oferecia-lhes por si/ frutos numerosos e abundantes; e eles, contentes,/ e tranquilos, viviam na terra, no meio de bens inúmeros./ Mas, depois que esta raça ficou oculta no solo,/ são, por decreto do grande Zeus, Géniosbons/ sobre a terra, guardiões dos homens mortais,/ distribuidores de riquezas; foi este o prémio régio que lhes coube. (Trad. Pereira, 1998).*
- 1.2. *Trab. 124-136: A segunda raça a vir, a de prata, bem pior que a anterior,/ fizeram-na os deuses que habitam no Olimpo./ Não era igual à de ouro, nem de corpo nem de espírito. / Os filhos eram criados, durante cem anos,/ junto da mãe sensata, muito pueris, na sua casa./ Mas, quando chegavam ao termo da juventude, viviam muito pouco tempo, cheios de sofrimento,/ pela sua loucura. Não podiam impedir-se de terem uns com os outros/ insolência desmedida, nem queriam prestar culto aos deuses,/ nem sacrifícios sobre os santos altares dos bem-aventurados,/ segundo é a lei dos homens com morada fixa./ Então Zeus Crónida,/ irado, sepultou-os, pois não prestavam honras/ aos deuses bem-aventurados, senhores do Olimpo. (Trad. Pereira, 1998).*
- 1.3. *Trab. 153-169: Depois que a terra encobriu esta raça [de Bronze],/ Zeus Crónida modelou ainda uma quarta/ sobre a terra fecunda, mais justa e melhor,/ raça divina de heróis, chamados semi-deuses,/ a geração anterior à nossa na terra sem limites./ A esses perdeu-os a guerra cruel e a refrega tremenda,/ a uns junto de Tebas das sete portas, a terra de Cadmo,/ em combate por causa do gado de Édipo,/ a outros levando-os nas naus para Tróia, sobre os abismos profundos/ do mar, por causa de Helena de cabelos formosos./ A uns envolveu-os o termo da morte,/ a outros o pai Zeus Crónida concedeu-lhes uma vida e morada/ longe dos homens, colocando-os no extremo da terra./ É aí que habitam, com o ânimo isento de cuidados nas Ilhas dos Bem-aventurados, nas margens do Oceano/ de correntes profundas. Felizes heróis, para quem a terra fecunda/ produz o fruto doce como o mel, florindo três vezes por ano. (Trad. Pereira, 1998).*
- 1.4. *Trab., 225-237: Para estes que dão sentenças equitativas a indígenas e estrangeiros e não quebram a justiça, a cidade é florescente e os habitantes prosperam*

*nela; a paz, ama da juventude, está sobre a terra e jamais Zeus, de amplo olhar, lhes declara funesta guerra; jamais fome ou destruição acompanham os homens de equitativa justiça, senão que nas festas gozam dos frutos que cultivaram. A terra produz-lhes abundante alimento e nos montes o chaparro produz bolotas nas suas copas e abelhas no centro (...) as mulheres engendram filhos que se parecem com os seus pais e, continuamente, abundam bens, e não têm de viajar sobre navios, pois a terra de ricas entranhas produz fruto.* (Trad. Martín Sánchez & Martín Sánchez, 1998, Madrid: Alianza, adaptado).

- 1.5. *Trab., 655-659: Então cruzei eu o Ponto para ir a Cálcis, às competições do valoroso Anfidamante; os seus ilustres filhos dispuseram muitos prémios anunciados com antecedência. Afirmo que eu, saindo vencedor com um hino, consegui um trípode com asas. Este dediquei-o às Musas que habitam Hélicon, onde pela primeira vez me inspiraram o doce canto* (Trad. Martín Sánchez & Martín Sánchez, 1998, Madrid: Alianza, adaptado).

## 2. Poemas Homéricos

Os textos de *Odisseia* foram adaptados da tradução castelhana de J.M. Pabón (Madrid: Gredos, 2000). Esta tradução, por intenção do autor, não apresenta notas. O tradutor utiliza o nome «Ulisses», que, neste anexo, foi substituído por «Odiseu», para manter a concordância com o texto da dissertação. Por outro lado, a tradução de Frederico Lourenço (2003. Lisboa: Ed. Cotovia), embora excelente, não é tão literal como a de Pabón.

Por seu turno, os textos de *Ilíada* provêm da tradução castelhana de E. Crespo Güemes (Madrid: Gredos, 2000), à excepção do *Escudo de Aquiles* (\*2.4), cuja tradução é de M.<sup>ª</sup>H. da Rocha Pereira (1998).

- 2.1. *Il. VII, 465-475: O Sol pôs-se, e ficou terminada a obra dos Aqueus./ Imolaram bois nas tendas e tomaram a ceia./ Havia ali uns navios que trouxeram vinho de Lemnos./ Eram muitas e as havia despachado o Jasónida Euneu,/ que Hipsila iluminou por obra de Jasão, pastor de hostes./ Reservadas para os Atridas, Agamémnon e Menelau,/ o Jasónida havia dado mil medidas de vinho para levá-las./ Desse vinho compraram os Aqueus, de grande cabeleira,/ uns com bronze, outros com fogueado ferro,/ outros com bovinas peles, outros com as próprias vacas vivas/ e outros com escravos.*
- 2.2. *Il. VIII, 362-368: [Atena, referindo-se a Zeus] Nem sequer se lembra que muitíssimas vezes o seu filho/ salvei, quando estava embrenhado nos trabalho de Euristeu./ Aquele costumava chorar olhando para o céu, e então Zeus/ enviava-me*

*do céu para defendê-lo./ Oxalá tivesse sabido isto na minha ajuizada mente/  
quando o enviou à casa de Hades, de infranqueáveis portas,/ para trazer do  
Érebo o cão do abominável Hades.*

- 2.3. *Il. VIII, 477-481: [Zeus a Hera] Eu não me preocupo/ com a tua ira, nem que  
chegues aos confins mais remotos/ da terra e do Ponto, onde Japeto e Crono se  
encontram/ sentados sem deleitar-se com os raios do Sol Hipérion/ nem com os  
ventos, apenas rodeados pelo profundo Tártaro.*
- 2.4. *Il. XVIII, 478-549<sup>184</sup>: [Hefesto] Fabricou primeiro um escudo grande e forte,/ lavrado  
por todos os lados. Põe-lhe uma forte cercadura lustrosa,/ [480] tríplice e coruscante,  
com um talabarte de prata./ Cinco eram as camadas que dispôs, e em cada  
uma delas/ compõe labores numerosos, com seus sábios pensamentos./ Forjou lá a  
terra, o céu e o mar./ O Sol infatigável e a Lua na plenitude,/ [485] e ainda quantos  
astros coroam o céu,/ as Pléiades e as Híades, e a força de Orion,/ e é a única a  
quem não coube tomar banho no Oceano. / [490] Forjou também duas cidades de  
homens falantes,/ mui belas. Numa havia bodas e festins:/ ao luar dos archotes,  
levam pela cidade as noivas/ saídas do tálamo; elevam-se no ar muitos cantos  
nupciais,/ Rodopiam os jovens na dança e, no meio deles,/ [495] flautas e cítaras  
erguem a sua melodia./ Às portas, as mulheres apreciam, deslumbradas./ O povo  
juntou-se na praça pública. Suscita-se aí/ uma contenda: dois homens discutem  
a pena / pela morte de outro. Garante um ao povo, com ênfase,/ [500] que tudo  
pagou, nega o outro que algo recebesse./ Ambos se dirigem a um juiz, para dirimir  
a contenda./ O povo grita a favor ora de um, ora de outro./ Ambos têm quem os  
apoie./ Os arautos contêm a multidão./ Os anciãos sentam-se em pedras polidas,  
num círculo sagrado,/ [505] segurando nas mãos o ceptro dos arautos de brônzea  
voz./ Com ele levantam a voz e julgam cada um por sua vez./ Jazem no meio dois  
talentos de ouro,/ para se darem a quem, dentre eles, proferir a sentença mais  
recta./ Em volta da outra cidade estavam dois exércitos de homens,/ [510] com  
armas ofuscantes. Dividia-se-lhes o ânimo,/ se haviam de arrasar, ou de repartir  
tudo/ quanto a cidade de delícias possuía lá dentro em bens./ Mas eles não aten-  
dem a nada, e armam-se a ocultas/ para uma emboscada. As mulheres queridas e  
os filhos pequeninos,/ [515] postados nas muralhas, defendem-nas e, com elas, os  
velhos,/ que a idade retém. Os homens saíram. Comanda-os Ares/ e Palas Atena, am-  
bos de ouro, e de ouro vestidos,/ famosos e grandes com suas armas. Como deuses  
que são,/ distinguem-se bem; os homens são um pouco menores./ [520] Quando pois  
chegaram ao sítio escolhido para a emboscada,/ à beira-rio, onde se dessedentava*

184 O texto relativo ao *Escudo* (XVIII, 478-608) não foi transcrito na totalidade, uma vez que não se justificava. Remeto, contudo, para Pereira, 1998, p. 34-8.

*a multidão dos gados,/ postam-se aí cobertos de fulvo bronze./ À distância puseram dois vigias, para observarem/ a chegada das ovelhas e dos bois de chifres recurvos./ [525] Estes surgiram em breve. Seguiam-nos dois pastores/ gozando o som da flauta, pois não suspeitavam do logro./ Ao vê-los, caem sobre eles, e, logo em seguida, isolam a manada de bois, e o rebanho formoso/ de alvas ovelhas, e matam os pastores./ [530] Os que estavam sentados em frente do lugar da assembleia,/ assim que distinguem o magno clamor junto dos bois, saltam logo para os cavalos ligeiros, em sua perseguição,/ e em breve chegam. Param a combater ao longo das margens do rio,/ e atiram uns aos outros com as lanças ornadas de bronze./ [535] Acompanham-nos a Discórdia, o Tumulto e o Fado funesto,/ que ora segura um ferido de há pouco, ainda vivo, ora um não ferido ainda,/ ora arrasta pelos pés um já morto, no ardor da refrega. / Pende-lhe dos ombros um manto purpúreo, tinto/ em sangue dos homens./ O recontro é como o de mortais com vida,/ [540] como tais combatem e arrastam os cadáveres de ambas as partes./ Forjou também uma leira macia, um campo fértil,/ vasto e ubérrimo. Nela, lavra- dores inúmeros/ fazem andar as suas juntas num e noutra sentido./ E, quando dão a volta, ao chegar ao extremo do campo,/ [545] ocorre um homem a entregar-lhes nas mãos uma taça de vinho,/ doce como o mel. E eles dão a volta a cada sulco,/ dirigindo-se para a meta da leira profunda. Para trás deles fica a terra negra, semelhante à que é lavrada,/ apesar de ser de ouro. Tal foi o prodígio que ele executou!*

- 2.5. *Il. XXIII, 740-749: O Pélide no momento propôs outros prémios de velocidade: / uma argêntea crátera lavrada, que tinha seis medidas/ de capacidade e em beleza superava todas as da terra/ em muito: os industriosos sidónios tinham-na elaborado/ e os Fenícios tinham-na transportado pelo brumoso Ponto/ e exibido nos portos e dado como presente a Toante. / Em pagamento por Licáon, Filho de Príamo, entregou-a/ ao herói Pátroclo o Jasónida Euneu. Aquiles fixou-a como prémio dos jogos em honra do seu companheiro/ para o mais rápido e expedito na carreira pedestre.*
- 2.6. *Od. I, 58-64: Mas a mim o coração parte-se-me pensando em Ulisses,/ infeliz, que há tanto padece de mil trabalhos,/ longe de todos os seus e preso na ilha/ que as ondas circundam lá na metade do Oceano./ Nas suas fragas habita a deusa nascida de Atlante, / o astuto malvado que intui os seios marinhos/ e vigia as largas colunas, sustento do céu.*
- 2.7. *Od. I, 117-121: Tal pensando em metade desses homens, [Telémaco] fixou-se em Atena/ e saiu decidido ao portal; doiam-lhe as entranhas/ se algum hóspede ficasse à porta. Chegando ao seu lado,/ depois de estender-lhe a mão tirou-lhe a lança de bronze.*

- 2.8. *Od. III, 1-3: Elevava-se o sol, depois de surgir da formosa lagoa/ pelo céu bronceado, levando a luz aos deuses/ e aos homens mortais que pisam a terra fecunda.*
- 2.9. *Od. III, 243-246: Mas quero outra coisa saber e informar-me de Nestor,/ pois a todos supera m talento e justiça; referem/ que chegou a reinar sobre três sucessões de homens/ e ao olhá-lo qual deus imortal se me mostra aos olhos.*
- 2.10. *Od. IV, 78-89: Filhos meus, não pode um humano comparar-se com Zeus,/ que imortais, o mesmo que ele, são sua casa e seus bens;/ entre os homens, quem sabe se algum compete comigo/ em riquezas? Decerto, eu sei que sofri grandemente,/ que passei oito anos errante nos meus navios, levado/ já às costas de Chipre e Fenícia, e à terra dos Egípcios;/ que cheguei aos Etíopes, Sidónios e Erembos e à Líbia,/ o país onde nascem cordeiros com cornos, de ovelhas/ que os parem três vezes por ano:/ nem rei nem pastor há ali que careça algum tempo de queijos/ nem de carnes, nem falta o leite de gosto saboroso,/ pois o gado não deixa, jamais, de prestar-se ao ordenho.*
- 2.11. *Od. IV, 307-318: Forasteiro, falaste verdadeiramente com afecto entranhável,/ como um pai ao seu filho: não haverei de esquecer as tuas palavras./ Mas, eia, domina a tua pressa e fica um pouco,/ que depois de banhar-te e haver espaipecido a tua mente/ possas ir para o teu navio gozoso com um bom presente/ de grande preço que vou entregar-te: há-de ser uma aljava/ como costuma aos hóspedes dar um hóspede amigo. Respondendo, por sua vez, Atena [a Telémaco] (...)/ Não detenhas o meu caminho, que já se me tarda o caminho/, e esse presente que o teu afecto te impulsiona a oferecer-me fique/ para o tempo em que passe de volta para a minha pátria;/ e então, tem-no bem escolhido, que não ficará sem retorno.*
- 2.12. *Od. IV, 561-569: Quanto a ti, Menelau, descendente de Zeus, o teu destino/ Não é morrer em Argos, criadora de potros: os deuses/ Enviar-te-ão para os Campos Elísios, para o fim da terra,/ Onde está Radamantis de loiros cabelos e a vida/ É para os homens mais doce e feliz, pois não há/ Lá nem neve nem o Inverno é longo nem muita a chuva/ E o Oceano manda-lhes sem parar os sopros sonoros/ De um poente suave que anima e recria: tal se deve/ Ao esposo de Helena, tido por genro de Zeus.*
- 2.13. *Od. IV, 611-619/ XV, 113-119: [Menelau a Telémaco]: Generoso é o teu sangue, filho meu, vê-se nas tuas palavras/ Eu haverei de trocar esses dons, que bem posso fazê-lo:/ Dar-te-ei a mais bela e mais rica de todas as jóias/ que conservo guardadas em minha casa. Será uma cratera/ de esmerado trabalho: tem o*

*corpo forjado de prata/ todo ele e um remate de bordos de ouro. Trabalho/ é do ínclito Hefesto; entregou-ma Fédimo, o pródigo,/ Aquele rei de Sídon que me teve albergado nas suas casas/ quando vim de volta para cá; quero dar-ta.*

2.14. *Od. VI, 4-10: Habitavam primeiro estes homens a vasta Hipéria,/ junto ao país dos ferozes Cíclopes que, sendo/ superiores em força, causavam-lhes grandes estragos./ Emigrantes de lá, conduziu-os o divino Nausítoo/ às terras de Esquéria, afastadas do mundo afanoso;/ Ele traçou muralhas à cidade, construiu as vivendas,/ aos deuses erigiu santuários, repartiu as lavouras;*

2.15. *Od. VI, 119-126: Ai de mim! Que mortais terão esta terra a que chego?/ Insolentes serão e cruéis e injustos ou o hóspede/ tratarão com amor e haverá neles temor dos deuses? / Aqui à volta senti como um fresco gritar de donzelas:/ porventura são ninfas que povoam os cumes do monte,/ as margens do rio, os prados formosos? Ou é certo/ que me encontro entre homens dotados de voz e de fala?/ Mas, o que espero? Eu mesmo irei comprová-lo com os meu olhos.*

2.16. *Od. VI, 258-270: Enquanto vamos cruzando a planície e as fazendas campestres/ segue tu com as servas atrás das mulas e da carroça/ sem deixar o teu bom passo; eu irei dirigindo o caminho,/ mas não assim que avistar a cidade. Vê-la-ás circundada/ de uma excelsa muralha; franqueiam-na dois portos formosos,/ mas a entrada é estreita e nela bordeiam os pançudos baixéis varados nos seus respectivos refúgios./ Possídon tem aí um belo templo e à sua volta estende-se/ a grande praça com chão de lajes cravadas na terra./ Dos seus negros navios trabalham ali o aparelho,/ aos remos dão polimento e fazem velas e amarras,/ porque neste país não interessam a aljava e o arco,/ mas os mastros, remos e navios de bom equilíbrio/ com que, orgulhosos, transpõem os seus homens o mar espumoso.*

2.17. *Od. VII, 81-94: (...) Odisseu/ avançou até à nobre morada de Alcínoo; ficou/ em frente ao pórtico de bronze em pé revolvendo mil coisas./ como um brilho do sol ou da lua via-se na casa/ de elevados tectos, mansão do magnânimo Alcínoo./ Da entrada até ao fundo estendiam-se dois muros de bronze/ com um friso de esmalte azulado por todo o recinto./ Defendiam o forte palácio duas portas de ouro que cercavam dintel e plataformas de prata, montados/ sobre o piso de bronze; o puxador, também de ouro puro./ Uns cães de prata e ouro havia nas duas partes/ que no seu sábio engenho Hefesto lavrou, destinados/ a guardar a frente do lar do magnânimo Alcíno,/ sem velhice para todos os tempos, para sempre imortais.*

2.18. *Od. VII, 112-132: Fora do pátio, estende-se uma grande horta, cercada/ em redor por uma forte cerca nos quatro cantos;/ umas árvores crescem ali corpulentas,*

*frondosas;/ há pereiras, romãzeiras, macieiras de esplêndidos pomos;/ Há figueiras que dão figos doces, coalhados, e oliveiras;/ nos seus ramos jamais falta o fruto nem chega a extinguir-se,/ que é perene no Verão e no Inverno; e ao sopro contínuo/ do Poente germinam uns, maduram outros;/ ao pomo sucede o pomo, a pêra à pêra,/ o cacho deixa um cacho e o figo outro figo./ Tem Alcínoo ali mesmo plantada uma ubérrima vinha/ e ao seu lado vê-se um secadouro na esplanada aberta/ onde dá um sol intenso; das uvas vindimam-se umas / enquanto se pisam outras; não muito longe vêm-se as azedas/ que a flor perderam havia pouco ou que pintam apenas,/ pelos bordos da horta ordenados alegretes produzem/ mil espécies de plantas em viva verdura todo o ano./ Há por dentro duas fontes: espalha os seus jorros uma/ através do jardim e a outra por debaixo do pátio/ leva a água à excelsa mansão onde o povo a toma./ Tais são os gloriosos presentes que o céu dá a Alcínoo.*

- 2.19. *Od. VII, 199-206: Mas se, por acaso, é o hóspede um deus imortal que baixou/ do céu, algo novo sem dúvida nos querem os deuses:/ desde há muito, na verdade, se nos vêm fazendo visíveis/ ao fazer em sua honra hecatombes gloriosas, e chegam/ a sentar-se a comer na mesa onde estamos;/ e se algum caminhante solitário lhes sai ao encontro,/ não se ocultam, que unidos a eles estamos por linhagem/ como estão os gigantes e tribos dos ferozes Cíclopes.*
- 2.20. *Od. VII, 251-258: De uma vez, pereceram ali [em Ogigia] os meus valentes amigos/ e eu logo abraçado à quilha do torto navio/ nove dias errei pelo mar; e à décima noite,/ noite escura, os deuses levaram-me a Ogigia, a ilha/ de Calipso de formosos cabelos, a deusa terrível./ Acolhendo-me, ela deu-me de comer e disse-me/ que para sempre havia de guardar-me sem velhice e sem morte;/ nunca, porém, chegou a persuadir-me no fundo da alma.*
- 2.21. *Od. VII, 280-286: Mas, voltando a nado para trás, vim dar a um rio/ e pensei que aquele local era melhor para mim que qualquer outro,/ praia lisa e sem rochas e a mais abrigada do vento./ Saí para terra num último esforço. A noite divina/ aproximava-se. Afastando-me, então, do rio que se nutre/ das chuvas de Zeus, deitei-me entre uns ramos, cobri-me/ de folhagem e um deus infundiu-me profundo sono.*
- 2.22. *Od. VII, 311-316: [Alcínoo a Odisseu] E oxalá, ó pai Zeus, Atena e Apolo! Que sendo/ tal e qual és e acorde também o teu sentir e o meu,/ a minha filha tomasses como esposa e com nome de genro/ ao meu lado ficarias: dar-te-ia uma casa e fazenda,/ se essa fosse a tua vontade./ Por força não haverá quem atrase/ a tua partida no povo Feace nem Zeus o permitiria.*

- 2.23. *Od. IX, 26-36: (...) Não há nada/ que se mostre de amável aos meus olhos igual à minha terra;/ a divina entre deusas Calipso reteve-me um tempo nas suas côncavas grutas, ansiosa de fazer-me seu esposo,/ e, do mesmo modo, a ninfa de Ea, a pérfida Circe/ pretendeu que, cativo nas suas salas, casara com ela./ Mas nem uma nem outra dobrou o coração no meu peito,/ porque nada é mais doce que o próprio país e os pais/ ainda que alguém habite uma rica, opulenta morada/ numa região estranha, sem estar com os seus (...).*
- 2.24. *Od. IX, 252-5: Quem sois, forasteiros? De onde vindes pela rota/ das águas? Viajais por negócio ou quiçá à aventura,/ como os piratas do mar que navegam errantes/ expondo a sua vida e levando desgraças aos povos? [a expressão é, textualmente, igual a III, 71-74).*
- 2.25. *Od. XX, 61-67 [Atena]: Oxalá, ó Artemisa, alta deusa nascida de Zeus,/ que, apontando ao meu peito as tuas flechas, neste momento/ me arrancasses a vida ou, raptando-me alguma borrasca,/ por nebulosos caminhos me fizera cair nas bocas do Oceano/ ao fluir para trás, como em tempos antigos/ de Pandáreo as filhas raptaram os fortes Ciclones/ depois de os deuses terem morto os seus pais (...).*

### 3. Heródoto

*Os textos de Heródoto, excepto quando assinalado, foram adaptados da tradução castelhana de Carlos Schrader (Madrid: Gredos, 2000).*

- 3.1. I, 1: *Esta é a exposição do resultado das investigações de Heródoto de Halicarnasso para evitar que, com o tempo, os feitos humanos caiam no esquecimento e que as notáveis e singulares empresas realizadas, respectivamente, por gregos e bárbaros... fiquem sem realce.*
- 3.2. I, 163: *Com a sua morte veio da Ásia Oriental, para suceder-lhe no comando, Harpago – que também era de nacionalidade meda –, aquele a quem o rei dos medos, Astiages, havia obsequiado com um banquete abominável e que havia ajudado Ciro a conseguir o trono. Este homem, designado então general por Ciro, quando chegou à Jónia, foi tomando a cidade mediante terraplenos; com efeito, quando lograva encerrar o inimigo por detrás dos muros, aplicava, logo, terraplenos às fortificações e conseguia forçá-las. A primeira cidade da Jónia que atacou foi Foceia. Os habitantes da Foceia, por certo, foram os primeiros gregos que realizaram longas viagens por mar e foram eles que descobriram o Adriático,*

*Tirrenia, Ibéria e Tartessos. Não navegavam em navios mercantes, senão em pente-cônteras. E, ao chegar a Tartessos, fizeram-se muito amigos do rei dos tartéssicos, cujo nome era Argantônio, que governou Tartessos durante oitenta anos e viveu um total de cento e vinte. Pois bem, os foceenses fizeram-se tão amigos deste homem que, primeiro, animou-os a abandonar a Jónia e estabelecer-se na zona dos seus domínios que preferissem; e, posteriormente, ao não lograr persuadir os foceenses sobre o particular, quando se inteirou por eles de como progredia o Medo, deu-lhes meios para circundar a sua cidade com um muro. E deu-lhes à descrição, pois o perímetro da muralha mede, com efeito, não poucos estádios e toda ela é de blocos de pedra grandes e bem aparelhados.*

- 3.3. II, 20-21: *Alguns gregos, contudo, com ânimo de fazer-se notar pela sua erudição, propuseram três interpretações sobre o caudal deste rio [Nilo]; de duas destas não creio que valha a pena falar, como não seja unicamente com o propósito de esboçá-las. Uma delas pretende que os ventos etésios [N-NW] são os causadores da subida do rio, porque impedem que o Nilo chegue ao mar. Mas amiúde ocorre que os Etésios não sopram e, contudo, o Nilo continua a fazer o mesmo. Para além disso, se os Etésios fossem a causa, todos os demais rios que no seu curso se encontram com os Etésios deviam sofrer o mesmo fenómeno e na mesma medida que o Nilo; e isto tanto mais quanto que, por serem menores, têm correntes mais débeis. Por outro lado, há muitos rios na Síria e muitos na Líbia que não sofrem um fenómeno semelhante ao do Nilo. [21] A segunda interpretação é menos científica que a precedente, mas de enunciação mais exótica: pretende que o Nilo dá lugar a estes fenómenos por proceder do Oceano e que o Oceano corre em volta de toda a terra.*
- 3.4. III, 23: *Por outro lado, o que falou acerca do Oceano, como concretou a questão no terreno do desconhecido, não pode ser objecto de réplica; com efeito, eu pelo menos não conheço a existência de um rio Oceano e creio que Homero, ou algum dos poetas que existiu até à data, inventou esse nome e introduziu-o na poesia.*
- 3.5. II, 44: *E, com ânimo de obter sobre o particular alguma informação precisa de quem podia proporcionar-ma, naveguei também até Tiro de Fenícia, ao inteirar-me de que ali havia um santuário consagrado a Hércules. Vi-o ricamente adornado e, entre outras muitas oferendas, nele havia duas estelas, uma de ouro puro e outra de esmeralda que de noite brilhava extraordinariamente. E, ao entrar em conversações com os sacerdotes do deus, perguntei-lhes quanto tempo havia desde que erigiram o santuário e comprovei que eles tão-pouco coincidiam com os gregos, pois sustinham que o santuário do deus fora erigido quando se fundou Tiro e que fazia dois mil anos que habitavam a cidade. Em Tiro, certamente, vi*

também outro santuário dedicado a Hércules sob o patrocínio de Tásio. E cheguei, assim, a Tasos, onde encontrei um santuário de Hércules erigido pelos Fenícios que zarparam em busca de Europa e fundaram Tasos; e estes factos são anteriores, pelo menos cinco gerações [c. 150 anos], ao nascimento de Hércules, filho de Anfítrion, na Grécia. As minhas averiguações, pois, demonstram palpavelmente que Hércules é um deus muito antigo (...).

- 3.6. Il, 53: *Qual a origem de cada um dos deuses, ou se todos existiram sempre, qual a sua forma, é coisa que não se sabia, nem há muito nem há pouco, pode dizer-se. Efectivamente, penso que Hesíodo e Homero são anteriores a mim uns quatrocentos anos e não mais. Foram esses os que inventaram aos Gregos a teogonia e atribuíram aos deuses os seus nomes, que repartiam as suas honras e artes, e que descreveram a sua forma. Quanto aos poetas que se diz terem vivido antes destes homens, nasceram depois, na minha opinião* (Trad. Pereira, 1998, p. 233).
- 3.7. Il, 116: *Assim foi – diziam os sacerdotes – como Helena chegou à corte de Proteu. E parece-me que Homero também chegou a conhecer esta versão; contudo, como não era tão apropriada para a epopeia como aquela outra que a utilização, desprezou-a, se bem que deixou entrever que a conhecia. E isso é evidente pelo que manifestou em Ilíada... sobre o curso errante de Alexandre, ao referir que, quando levava Helena, perdeu o rumo, e, entre outros países pelos quais andou errante, chegou em concreto a Sídon de Fenícia. A isto alude na Supremacia de Diomedes; os versos em questão rezam assim [Il. VI, 289-292]. E também alude a isso nos seguintes versos da Odisseia [IV, 277-230; IV, 351-352]. Nestes versos, Homero demonstra que conhecia a viagem de Alexandre ao Egipto, pois Síria confina com o Egipto e os Fenícios, a quem pertence Sídon, habitam na Síria.*
- 3.8. III, 20-23 e 25: *Quando os Ictiófagos, desde Elefantina, chegaram perante Cambisses, este, depois de ordenar-lhes o que deviam dizer, enviou-os à Etiópia com uns presentes que consistiam em uma peça de púrpura, uma corrente de ouro para o pescoço, umas braceletes, um jarro de alabastro com perfume e um cântaro de vinho de palma. Por certo que esses Etiópes, a cujo país os enviava Cambisses, são, segundo dizem, os homens mais altos e bonitos do mundo. E, pelo que contam, entre outros costumes que os distinguem do resto da humanidade, observam, a propósito da monarquia, uma muito singular; trata-se da seguinte: crêem que merece ocupar o trono aquele cidadão que, na sua opinião, é o mais alto e tem uma potência física proporcional à sua estatura. [21] Pois bem, quando os Ictiófagos chegaram até essas gentes, no momento de entregar ao rei os presentes, disseram-lhe o seguinte: «Cambisses, o rei dos Persas, no seu desejo de converter-se*

*em seu amigo e hóspede, enviou-nos com ordem de entrar em conversações contigo e faz-te entrega destes presentes, que são os objectos com cujo desfrute ele, pessoalmente, mais agrada». Contudo, o Etíope, que se apercebera que haviam chegado para espiar, respondeu-lhes como se segue: [recusa dos bens oferecidos]. [22] (...) Mas, ao chegar ao vinho e informar-se da sua elaboração, ficou sumamente encantado com a bebida e perguntou o que comia o rei e quanto tempo, no máximo, costumava viver um persa. Eles então responderam-lhe que o rei comia pão – explicando-lhe as características do trigo – e que o limite máximo da vida de um homem fixava-se nos oitenta anos. Perante isto o etíope replicou-lhe que se se alimentavam de esterco, não se estranhava o mínimo por viverem tão poucos anos; pois, nem sequer poderiam viver semelhante número, se não repunham forças com aquela bebida – e assinalava aos Ictiófagos o vinho – já que neste ponto eles estavam em inferioridade de condições em relação aos persas. [23] Pelo seu lado, os ictiófagos pediram ao rei detalhes sobre a duração da vida e o regime dietético dos etíopes, e ele respondeu-lhes que a maioria deles chegavam aos cento e vinte anos, que alguns superavam, inclusive, essa marca, e que a carne cozida constituía o seu alimento e o leite a sua bebida. Então, em vista de que os espiões manifestavam surpresa perante aqueles números, conduziu-os a uma fonte da que – como se se tratasse de uma fonte de óleo – saíam mais lustrosas as pessoas que aí se banhavam, e da que se exalava um aroma como de violetas (...). E se é verdade que, tal e como dizem, possuem esse tipo de água, nela pode residir, devido à sua permanente utilização, a causa da sua longevidade (...). Todos os prisioneiros estavam presos com correntes de ouro, pois entre estes etíopes o bronze é o mais caro e apreciado do mundo. [25] Depois de terem examinado tudo, os espiões empreenderam o regresso. E, ao dar conta da sua missão, Cambisses encheu-se de fúria e, imediatamente, partiu contra os Etíopes, sem ter tomado medida alguma para a provisão de víveres e sem ter parado para considerar que levava as suas tropas aos últimos confins da terra.*

- 3.9. III, 26: *Assim foi como concluiu a expedição contra os Etíopes. Entretanto, as tropas que haviam sido enviadas para atacar os Amónios, depois de terem partido de Tebas, pondo-se a caminho com uns guias, chegaram, sem nenhum género de dúvidas, à cidade de Oásis, cidade que ocupam uns Sâmios que, segundo contam, pertencem à tribo Escríónia e que distam sete jornadas de caminho através de uma zona desértica (por certo que esse lugar se denomina na língua grega Ilha dos Bem-aventurados).*
- 3.10. III, 38: *Com efeito, se a todos os homens se lhes desse a escolher entre todos os costumes, convidando-os a escolher os mais perfeitos, cada qual, depois de uma detida reflexão, escolheria para si os seus; tão sumamente convencido está cada*

*um de que os seus próprios costumes são os mais perfeitos. Por conseguinte, não é normal que um homem, a não ser que seja um demente, faça troça de semelhantes coisas... e parece-me que Píndaro fez bem ao dizer que o costume é o rei do mundo.*

3.11. III, 80: (...) <sup>185</sup> *Contudo, um tirano deveria, pelo menos, ser alheio à inveja, dado que indubitavelmente possui todo o tipo de bens; contudo, para com os seus cidadãos segue por natureza um processo totalmente oposto: inveja os mais destacados enquanto estão na sua corte e se encontram com vida, e dá-se bem, por seu turno, com os cidadãos de pior ralé e é muito dado a aceitar calúnias. E o mais absurdo de tudo: se lhe mostras uma admiração comedida, ofende-se por não receber uma rendida obediência; enquanto que, se se lhe mostra uma rendida obediência, ofende-se tachando-te de adulator. E vou dizer agora o mais grave: altera os costumes ancestrais, força as mulheres e mata as pessoas sem submetê-las a julgamento.*

3.12. III, 115-116: *Para Sudoeste, por outro lado, estende-se Etiópia, a mais remota das terras habitadas; pois bem, dito país produz ouro em abundância, enormes elefantes, todo o tipo de árvores silvestres, incluindo o Ébano, e, para além disso, homens de um porte, beleza e longevidade excepcionais. [116](...) Por outro lado, sobre os limites ocidentais da Europa não posso falar a ciência certa; pois, no que a mim diz respeito, não admito a existência de um certo rio, chamado pelos bárbaros Eridano, que desemboque no Mar do Norte – rio do qual, segundo contam, procede o âmbar – nem tenho notícia da existência de umas ilhas Cassitérides, das quais procederia o nosso estanho. Com efeito, no primeiro caso, o mesmo nome de Eridano – que deve ter sido criado por algum poeta – revela que é grego e não Bárbaro. No segundo caso, e pese a que me preocupei com a questão, não pude escutar dos lábios de nenhum testemunho ocular que os confins ocidentais da Europa estejam constituídos por um mar. Seja como for, o que é certo é que o estanho e o âmbar chegam-nos de um extremo do mundo. Assim mesmo, é indubitável que no norte da Europa é onde há maior abundância de ouro. Do mesmo modo, tão-pouco posso precisar a ciência certa como se consegue, unicamente que, segundo contam, os Arimaspos, uns indivíduos que têm um só olho, se apoderam dele, roubando-o a uns grifos. Contudo, também não creio que existam homens com um só olho que tenham o resto do corpo igual ao dos demais seres humanos. Em qualquer caso, parece ser que as zonas mais remotas do mundo, que circundam o resto da terra e delimitam a sua extensão,*

---

185 Não se cita o excerto inteiro, seleccionando-se apenas a parte que refere a Tirania.

*possuem, fundamentalmente, os produtos que a nós nos parecem mais preciosos e mais raros.*

- 3.13. IV, 8: *Isto é o que contam os Citas de si mesmos e da região que há no Norte. Por outro lado, os gregos que habitam o Ponto [Mar Negro] contam o seguinte: quando Hércules roubava as vacas de Gérion, chegou a essa terra que agora ocupam os Citas e que na altura se encontrava deserta. Gérion, porém, residia longe do Ponto: tinha a sua morada numa ilha que os gregos denominam Eritia, que se encontra perto de Gadir, cidade esta situada mais além das Colunas de Hércules, nas margens do Oceano. (Por certo que, em teoria, pretendem que o Oceano tem o seu princípio no Levante e que as suas águas rodeiam toda a terra, mas de facto não podem demonstrá-lo).*
- 3.14. IV, 32: *Contudo, sobre os Hiperbóreos nem os Citas nem nenhum outro povo dos que habitam por essa zona dão a menor notícia, com a única excepção, talvez, dos Isedões. Mas, para mim, estes últimos também não dão notícia alguma, pois, se assim o fizessem, falariam dos Citas, do mesmo modo que falam dos seres que possuem um só olho. Na realidade, quem fez fincapé sobre os Hiperbóreos foi Hesíodo; e também o fez Homero nos Epígonos, se é que na realidade foi Homero quem compôs esta epopeia.*
- 3.15. IV, 45: *Pelo que à Europa se refere, é evidente que ninguém conhece se, por Este ou pelo Norte, se encontra rodeada de água; por outro lado, sabe-se que, longitudinalmente, tem a mesma extensão que as outras duas partes do mundo juntas (...).*
- 3.16. IV, 36: *E basta com o dito sobre os Hiperbóreos, pois não vou contar a história sobre Ábaris (que, pelo que dizem, era um Hiperbóreo), segundo a qual passou a sua flecha por toda a terra sem tomar qualquer alimento. Para além disso, se há uns homens chamados «Hiperbóreos», também têm que haver outros que se chamem «Hipernótios». Mas dá-me graça ver que já houve muitos que traçaram mapas do mundo sem que nenhum tenha comentado detalhada e sensatamente: representam um Oceano que, com o seu curso, rodeia a terra – que, segundo eles, é circular, como se estivesse feita com um compasso – e dão as mesmas dimensões à Ásia que à Europa. Nesse sentido, vou indicar em poucas palavras a extensão de cada uma delas e qual a sua configuração respectiva.*
- 3.17. IV, 152: *Acto seguido, os Sâmios partiram da ilha e fizeram-se ao mar ansiosos por chegar ao Egipto, mas viram-se desviados da sua rota por causa do vento do levante. E como o ar não amainou, atravessaram as Colunas de Hércules e, sob*

*o amparo divino, chegaram a Tartessos. Naquele tempo esse empório comercial estava sem explorar, de modo que, no seu regresso à pátria, os Sâmios, com o produto do seu frete, obtiveram, que sabemos positivamente, muitos mais benefícios que qualquer outro grego (...). Os Sâmios tiraram um décimo dos seus lucros – seis talentos [ou 155,5 kg] – e mandaram fazer uma vasilha de bronze, do tipo das Cráteras Argólicas, em redor da qual há umas cabeças de grifos em relevo. Esta vasilha consagraram no Hereu sobre um pedestal composto por três colossos de bronze de sete cotos [3,1m de altura] (...).*

3.18. IV, 184-5: *Mais além (...) há outro monte de sal, assim como água; trata-se de um lugar que se encontra, igualmente, habitado. Nas proximidades dessa massa de sal há uma montanha cujo nome é Atlas. É estreita e totalmente circular; e tão sumamente elevada que, segundo dizem, os seus cumes não podem vislumbrar-se, pois nunca, nem no Verão nem no Inverno, as nuvens os abandonam. Os locais afirmam que que essa montanha é a coluna do céu. Dita montanha deu o seu nome a tais indivíduos; pois, efectivamente, chamam-se Atlantes. E por certo que, segundo contam, não se alimentam de nenhum ser vivo, nem têm visões ou sonhos. Até aos citados Atlantes, em, suma, posso enumerar os nomes dos povos que estão estabelecidos na faixa arenosa; mas, mais além dos Atlantes, resulta impossível. E isso que a faixa arenosa estende-se até às Colunas de Hércules e, inclusive, mais além das mesmas.*

3.19. IV, 195-196: *E por certo que, no dizer dos Cartagineses, frente ao território dos Gigantes encontra-se uma ilha, cujo nome é Círavis, de uma longitude de duzentos estádios, mas de escassa largura, que pode alcançar-se a pé desde o continente e que está cheia de oliveiras e vinhas. Nela há um lago que as raparigas do lugar, mediante penas de aves untadas de peixe, sacam à superfície pepitas de ouro do barro do fundo. Realmente ignoro se isto é verdade, simplesmente digo o que contam... Os cartagineses contam também a seguinte história: na Líbia, para lá das Colunas de Hércules, há certo lugar que se encontra habitado; quando chegam a estas paragens, descarregam as suas mercadorias, deixam-nas alinhadas ao longo da praia e acto seguido embarcam nos seus navios e fazem sinais de fumo. Então os indígenas, ao ver o fumo, deixam ouro como pagamento das mercadorias como pagamento das mercadorias e afastam-se bastante das mesmas. Por seu turno, os Cartagineses desembarcam e examinam o ouro; e se lhes parece um justo preço pelas mercadorias, apanham-no e vão-se; por outro lado, se não o estimam justo, voltam a embarcar nos navios e permanecem na expectativa... e nem a uns nem a outros lhes falta justiça; pois nem os cartagineses tocam no ouro até que, no seu juízo, tenham igualado o valor da mercadoria, nem os indígenas tocam nas mercadorias antes dos mercadores retirarem o ouro.*

- 3.20. V, 57-58: *Os Gefireus, clã a que pertenciam os assassinos de Hiparco, eram – segundo os seus próprios testemunhos – oriundos de Eretria; pois bem, mercê das minhas averiguações pessoais, cheguei à conclusão de que eram fenícios; fenícios integrados no contingente que, com Cadmo, chegou à comarca que hoje em dia recebe o nome de Beócia (em dita região habitaram na zona de Tanagra, que foi o território que na partilha lhes deparou a sorte). Os cadmeus foram os primeiros a ser desalojados dali pelos argivos; e, posteriormente, os citados Gerifeus viram-se desalojados pelos Beócios, dirigindo-se a Atenas... E, por certo que, ao instalar-se na região que citei, esses fenícios que chegaram com Cadmo – entre os quais se encontravam os Gefireus – introduziram na Grécia muitos diversos conhecimentos, entre os quais há que destacar o alfabeto, já que, na minha opinião, os gregos até então não dispunham dele. Num princípio tratou-se do alfabeto que continuam a utilizar todos os fenícios; mas, posteriormente, com o passar do tempo, cada vez que introduziam modificações no som das letras, fizeram-no também com a sua grafia. Por aquelas datas, na maioria das regiões, os seus vizinhos eram gregos de raça jônia, que foram quem adoptou as letras do alfabeto, que os fenícios lhes haviam ensinado, e empregaram-nas introduzindo nelas algumas transformações; e, ao fazer uso delas, concordaram em dar-lhes... o nome de caracteres fenícios. Semelhantemente, os Jônios, desde tempos remotos, denominam “peles” aos rolos de papiro, dado que antes utilizavam peles de cabras e de ovelhas. E ainda nos meus dias há muitos bárbaros que, para escrever, continuam empregando esse tipo de peles.*
- 3.21. IX, 122: *Por certo que Artembares, um antepassado do tal Artaíctes (o sujeito que foi crucificado), é quem propôs aos Persas uma ideia que estes fizeram sua e submeteram à consideração de Ciro. A ideia dizia o seguinte: dado que Zeus, com a derrocada de Astiages, concede a hegemonia aos Persas, outorgando-a a ti, Ciro, entre todo o género humano, há que agir em consequência: como possuímos um território reduzido e, para além disso, abrupto, devemos emigrar e ocupar outro melhor. Há muitos próximos do nosso, e outros muitos que estão afastados; basta ocuparmos um, despertaremos ainda maior admiração, pois é lógico que actue assim um povo que possui um império...». Ao ouvir estas palavras, Ciro não mostrou surpresa perante a ideia e consentiu pô-la em prática; mas, ao mesmo tempo que dava o seu consentimento, recomendou-lhes também que se preparassem para não continuar a dar ordens, mas antes para recebê-las, pois nas regiões com clima suave – concluiu – costumam criar-se homens com o mesmo carácter, já que é de todo impossível que um mesmo território produza frutos maravilhosos e homens valorosos no terreno militar. Os persas, então, reconheceram o seu erro e afastaram-se do seu lado convencidos pela apreciação de Ciro, assim que preferiram possuir um império, residindo num território improdutivo, a cultivar férteis planícies sendo escravos de outros.*

#### 4. Outros autores Gregos e Latinos

- 4.1. Hecateu de Mileto (Fr. 1 Jacoby): *Hecateu de Mileto conta assim: o que escrevo aqui, é como me parece verdade; porque os discursos dos gregos são, pelo que me parecem, múltiplos e ridículos* (Trad. M. Casevitz, in Hartog & Casevitz, 1999, p. 43, adaptado).
- 4.2. Anacreonte (Fr. 361 PMG)/ Strab. III 2, 14: *Eu não quereria nem o corno de Amalteia nem reinar em Tartessos durante cento e cinquenta anos* (Trad. Rodríguez Adrados, 2001, adaptado).
- 4.3. Píndaro, *Nemeias* II, 1: *Por onde também os Homéridas,/ os cantores, começam a maioria das vezes/ os seus “cosidos” relatos – por um prelúdio a Zeus –, assim este homem/ o princípio de uma vitória dos jogos sagrados recebeu/ por primeira vez, no muito celebrado recinto de Zeus Nemeu.* (Trad. Alfonso Ortega, Madrid: Gredos, 2002, adaptado).
- 4.4. Píndaro, *Oli.* II, 61-80: (Estr. IV) *Em iguais noites sempre,/ e em iguais dias gozando do sol, os justos recebem/ menos dolorosa existência, não removendo a terra/ com a força do seu braço/ nem as águas do mar/ por vã ganância, senão que junto aos honrados/ pelos deuses, os que se complaciam em guardar os juramentos/ participam de uma vida/ sem lágrimas, a par de outros que arrastam um tormento/ que não pode sofrer o olhar. Quantos ousaram, por outro lado, morando três vezes/ num e noutro lado, manter por inteiro a sua alma afastada da injustiça, percorrem o caminho de Zeus/ até à Torre de Crono. Ali com os sopros/ as brisas oceânicas envolvem a Ilha/ dos Bem-aventurados; e flores de ouro reluzem, umas da terram nascidas de fúlgidas árvores,/ e outras cria-as a água,/ com cujas grinaldas enlaçam as suas mãos e entrançam coroas/ segundo a justa decisão de Radamantis/ a quem tem como seu acessor disposto o Grande Pai,/ o esposo de Rea que/ ocupa o trono mais alto entre todos./ Peleu e Cadmo, no meio deles, contam-se honrados;/ e depois que com choros o coração de Zeus abrandara/ aqui trouxe Aquiles a sua mãe* (Trad. Alfonso Ortega, Madrid: Gredos, 2002, adaptado).
- 4.5. Pausânias, *Descrição da Grécia* IX 30, 3: *Quanto à data de Hesíodo e Homero, depois de me ter esforçado grandemente por apurar a verdade com todo o rigor, não me aprouve escrevê-lo, por saber quanto há de controverso na questão, sobretudo entre os críticos da epopeia meus contemporâneos* (Trad. Pereira, 1998, p. 494).
- 4.6. Pausânias, *Descrição da Grécia* VII 26, 13: *Dizem que Pisístrato, quando reuniu os poemas de Homero, que andavam dispersos e eram lembrados pela tradição, uns nuns lugares, outros noutros.* (Trad. Pereira, 1998, p. 493).

- 4.7. Protágoras (Fr. 1 Diels): *O Homem é a medida de todas as coisas, das que são, enquanto existem, e das que não são, enquanto não existem* (Trad. Pereira, 1998, p. 271).
- 4.8. Cláudio Iolau, *Anab. II, 17, 1-4*: *Diz-se Gadeira no plural, a partir de Terra (γῆ) e Estreito (δῆρα), isto é, Terra do Estreito; pois Gadeira é o extremo da terra. Ou, segundo Cláudio Iolau nas suas Histórias Fenícias, que Arcaleu, filho de Fénix, ao fundar a cidade chamou-a na língua dos Fenícios, pois Gadeiron é o que nasce do pequeno* (apud Bravo Jiménez, 2005, p. 239-240, adaptado).
- 4.9. Aristóteles, *Política VII, 7*: *Digamos agora qual deve ser o carácter natural dos cidadãos. Mais ou menos poderia compreender-se isto lançando um olhar a todo o mundo habitado e ver como se distribuem nele os povos. Os que habitam os lugares frios e na Europa estão cheios de coragem, mas falta-lhes inteligência e técnica, pelo que vivem bem livres, mas sem organização política ou incapacitados para mandar nos seus vizinhos. Os da Ásia, por seu turno, são inteligentes e de espírito técnico, mas sem coragem, pelo que levam uma vida de submissão e escravatura. Em relação à raça helénica, de igual forma que ocupa um lugar intermédio, assim participa das características de ambos os grupos, pois é, ao mesmo tempo, valente e inteligente. Por isso vive livre e é a melhor governada e a mais capacitada para governar todos se alcançara unidade política (...)*. (Trad. M. García Valdez, Madrid: Gredos, 2000, adaptado)
- 4.10. Aristóteles, *Pol. VII 15, 3-4*: *É-lhes necessário, pois, muita justiça e muita prudência aos que parecem muito prósperos e disfrutam de toda a espécie de bens. Por exemplo, os homens, se existem como dizem os poetas, nas Ilhas dos Bem-aventurados. Estes necessitarão, sobretudo, da prudência e da justiça, enquanto disfrutam de mais ócio na abundância de tais bens* (apud Martínez Hernández, 1999, p. 267, adaptado).
- 4.11. Arriano, *Anabasis II, 5-6*: *Gérion, contra quem Euristeu mandou Hércules Argivo roubar-lhe as vacas e conduzi-las a Micenas, não tem nada que ver com esta região de Ibéria (Tartessos). Do mesmo modo, afirma que Hércules não foi enviado à ilha Eritia, mais além do grande mar, senão que Gérion era rei numa região continental de Ambrácia e de Anfíloco, e que foi desta região que Hércules conduziu o gado, e que este era o nada desdenhável trabalho que lhe havia sido imposto. O que eu, sim, posso afirmar é que esta região continental é hoje rica em pastos, e que alimenta grandes manadas, e não parece que seja inverosímil que chegara a Euristeu a fama do gado desta região de Épiro, assim como o nome do seu rei, Gérion, também penso estar seguro de que Euristeu não conheceu*

*o nome do rei dos Iberos, a mais remota região da Europa, nem se nela se criavam ou não grandes vacas (A não ser que alguém levara ali Hera e esta e que esta havia comunicado a Hércules por meio de Euristeu, querendo assim dissimular com uma lenda tão incrível relato (trad. A. Guzmán, apud Blázquez, 1984, p. 23, adaptado).*

- 4.12. Apolodoro, *Biblioteca* II, 5, 10: *Como décimo trabalho [Euristeu] encarregou-o de trazer de Eritia as vacas de Gérion. Eritia, agora chamada Gadir, era uma ilha situada nas proximidades do Oceano; habitava-a Gérion, filho de Crisaor e da oceânide Calírroe; tinha o corpo de três homens, fundidos no ventre, e dividia-se em três desde as ancas e os músculos. Possuía umas vacas vermelhas, cujo vaqueiro era Eurition, e o seu guardião Orto, o cão de duas cabeças nascido de Tífon e Equidna. Indo, pois, em busca das vacas de Gérion através da Europa, depois de matar muitos animais selvagens, entrou na Líbia e, uma vez em Tartessos, ergueu como testemunho da sua viagem duas colunas enfrentadas nos limites da Europa e da Líbia. Abrasado por Hélios no trajecto, esticou o arco contra o deus, e este, admirado pela sua audácia, deu-lhe uma taça de ouro na qual cruzou o Oceano. Já em Eritia, passou a noite no monte Abas; o cão, ao dar-se conta, atacou-o, mas ele golpeou-o com a maça e matou o vaqueiro Eurition, que havia acudido com a ajuda do cão. Menetes, que apascentava ali as vacas de Hades, comunicou o sucedido a Gérion, quem alcançou Hércules perto do rio Antemunte quando levava as vacas, e, travado o combate, morreu atingido por uma flecha. Hércules embarcou o gado na taça, e havendo navegado até Tartessos, devolveu-a a Hélios. (Trad. M. Rodríguez de Sepúlveda, Madrid: Gredos, 2001, adaptado).*
- 4.13. Diodoro V, 35, 4: *Quando os Fenícios, que ali comerciavam, se inteiraram de que os indígenas ignoravam a utilidade da prata, compravam-na em troca de pequenas quantidade de outras mercadorias. Assim, pois, os Fenícios, transportando-a para a Grécia, Ásia e todas as demais nações, obtiveram grandes lucros. Tanto apuraram os mercadores no seu afã de lucro que, ao estar os barcos já cheios, sobrando ainda muita prata, fundiam o chumbo das âncoras, substituindo a utilidade do chumbo com a prata. Por isso, ao ter crescido muito o seu poder depois de praticar este negócio durante muitos anos, enviaram a fundar muitas colónias (apud Tiverios, 2000, p. 63-4, adaptado).*
- 4.14. Salústio, *Bel. Iug.* XIX, 1: *Mais tarde os Fenícios, uns para diminuir o excesso de população no seu país, outros ansiosos de poder, captando-se na plebe e outras gentes ávidas de aventuras, fundaram na costa Hipona, Hadrumantum, Leptis e outras cidades, que, tendo prosperado muito em pouco tempo, converteram-se*

*em defesa ou motivo de glória para as suas metrópoles. (apud Wagner & Alvar, 2003, p. 191, adaptado).*

- 4.15. Quinto Cúrcio Rufo (IV, 4, 20): *Creio que nas suas incursões por mar livre e nas suas contínuas viagens a terras desconhecidas por outros povos, os Tírios escolheram, ou lugares onde colocar a sua juventude, abundante em excesso por aquele tempo, ou talvez, porque cansados dos contínuos terremotos, os cultivadores da terra viram-se obrigados, de arma no braço, a procurar novos lares longe da pátria (apud Wagner & Alvar, 2003, p. 191, adaptado).*
- 4.16. Estrabão, *Geografia* I, 3, 2: *Crê, igualmente, Eratóstenes, que muitas das coisas que se inventaram acerca das regiões externas às Colunas de Hércules, mencionando a ilha de Cerne e outros lugares que não podem localizar-se em parte alguma... Os fenícios navegaram pela parte de fora das Colunas e fundaram cidades pouco depois da guerra de Tróia, não só aí como também no meio das costas da Líbia (apud Santos Yanguas, 1998, p. 168, adaptado).*
- 4.17. Estrabão, *Geografia* III 2, 11: *Não muito longe de Castalon está também a montanha que chamam Argêntea pelas minas de prata que nela se encontram. Políbio defende que o tanto o Anas como aquele nascem na Celtibéria, ainda que distem entre si uns novecentos estádios; porque os Celtiberos, que haviam acrescentado o seu território, deram o seu próprio nome a todo o país vizinho. Parece que os antigos chamavam ao Bétis Tartessos e a Gadir e Ilhas próximas Erítia. Por isso, supõe-se, disse Estesícoro, do boieiro Gérion que foi dado à luz «quase em frente da ilustre Erítia/ junto às fontes inesgotáveis de argêntea raiz do rio Tartessos/ num esconderijo da rocha». Sendo duas as desembocaduras do rio, diz-se que antigamente, no espaço entre ambas, se levantava uma cidade que chamavam, com o mesmo nome do rio, Tartessos, e ao país Tartésside, que é o que agora ocupam os Túrdulos. Eratóstenes mantém que a que recebia o nome de Tartésside é a região que linda com Calpe e o de Erítia uma ilha próspera, mas Artemidoro responde que isto é falso, o mesmo que a distância de Gadir ao Promontório Sagrado seja a de uma navegação de cinco dias, quando não há mais de mil e setecentos estádios, e que as marés se detenham aqui em vez de produzir-se à volta de toda a terra habitada, assim como que a parte setentrional de Ibéria seja mais acessível por Céltica que navegando pelo Oceano, e tudo o demais que disse com jactância, dando crédito a Piteas. (Trad. Félix Meanas e F. Piñero, Madrid: Gredos, 1992, adaptado)*
- 4.18. Estrabão, *Geografia* III 2, 12-13: *Por outro lado, o Poeta [Homero], que falou de tantas coisas e tão amplos conhecimentos teve, dá motivos para pensar que*

tão-pouco era desconhecedor de ouvir falar destes lugares, se se quer julgar directamente a partir de dois tipos de testemunhos, a saber, as informações de menor consistência que fez acerca delas e as melhores e mais ajustadas à verdade. Entre as de menor consistência conta-se que esta terra seja, segundo ouvira dizer, a mais afastada a Poente, onde, como ele mesmo diz, cai no Oceano a luz radiante do Sol, que negra noite arrasta sobre a terra (...) [Il. VIII, 485-6]. Mas a noite, por ser algo nefasto, é também, evidentemente, noção próxima à do Hades, e Hades por sua vez à do Tártaro; podia, pois, imaginar-se que Homero ouvira falar de Tartessos e identificara o seu nome desde então com o Tártaro, o último dos lugares subterrâneos, acrescentando um mito que salvaguardara o tom poético; do mesmo modo, ao saber que os Cimérios viviam em sítios boreais e brumosos junto ao Bósforo, estabeleceu-os perto do Hades, levado quiçá pelo ódio comum dos Jónios por esse povo; pois em tempos de Homero ou pouco antes dele dizem que se deu a incursão dos Cimérios que alcançou Eólia e Jónia. Outro exemplo, estabeleceu uma relação entre as Rochas Errantes [Kyánei] e as Azuladas [Pagktai], introduzindo sempre os mitos a partir de algumas informações. Porque nos conta que existem certos escolhos perigosos, como dizem que são as Azuladas (pelo qual são também chamadas de Entrechocantes [Symplēgádes]) e faz por isso passar entre elas a expedição de Jasão; e os Estreitos das Colunas e da Sicília sugeriram-lhe o mito das Errantes. Por conseguinte, no que respeita às afirmações de menor peso, podia adivinhar-se, a partir do seu mito do Tártaro, a alusão aos lugares próximos de Tartessos. [III 2, 13] No que respeita aos melhores testemunhos, pode-se julgar a partir do seguinte: pois a expedição de Hércules, que se prolongou até aqui, e a dos Fenícios, pintaram a riqueza e despreocupação das suas gentes: estas chegaram a estar tão completamente submetidas aos Fenícios, que a maior parte das cidades da Turdetânia e dos lugares próximos estão hoje habitadas por aqueles. E parece-me que a expedição de Odisseu, que chegou a estas paragens e foi conhecida por Homero, deu-lhe um pretexto para, a partir do sucedido, transformar tanto a Odisseia como a Ilíada em poesia e na fabulação habitual nos poetas. Pois não somente apresentam vestígios destes acontecimentos lugares de Itália e Sicília e alguns outros, senão que também em Ibéria aparece uma cidade Odisseia, um santuário de Atena e outros milhares de indícios das suas andanças e as de outros sobreviventes da guerra de Tróia (...). O poeta, que tinha, efectivamente, informação sobre tantas expedições aos confins de Ibéria e sabia da sua riqueza e demais excelências por tê-las revelado os Fenícios, colocou ali a morada dos homens piedosos e o Campo Elísio, onde, diz Proteu que morará Menelau [segue-e a citação de Od. IV, 561-569]. Pois a pureza do ar e o sopro do Zéfiro são característicos desta região, por ser ocidental e quente, e encontrar-se no Extremo da Terra, onde, segundo o mito, dizemos que se encontra o Hades. Quanto a Radamantis, mencionado mais acima, evoca a

*proximidade de Minos, acerca do qual diz Homero: “Ali vi Minos, filho ilustre de Zeus, com ceptro de ouro, distribuindo justiça aos mortos” [Od. XI, 568-9]. E os poetas posteriores não cessam de referir coisas no mesmo sentido, a expedição pelas vacas de Gérion e a das maçãs de ouro das Hespérides, denominando, inclusive, “Ilhas dos Bem-aventurados” algumas que hoje sabemos que se vêem não muito longe de Maurusia e que estão em frente de Gadir. (Trad. Félix Meanas e F. Piñero, Madrid: Gredos, 1992 adaptado)*

- 4.19. Estrabão, *Geografia* III 2, 14: *Os Fenícios, como digo, foram os seus descobridores e ocuparam a zona melhor de Ibéria e Líbia antes da época de Homero, e continuaram sendo os amos dos lugares até aos romanos destruírem o seu império (...). Podia, por outro lado, supor-se que é à sua grande prosperidade que devem a sua fama de longevos os homens dali, especialmente os seus chefes, e que por isso dissera Anacreonte aquilo de: «Eu não queria/ nem o corno de Amalteia/ nem cento e cinquenta anos/ em Tartessos reinar» e que Heródoto registara o nome do seu rei, chamando-o Argantónio. As palavras de Anacreonte poderiam interpretar-se, bem à letra, bem no sentido geral de «...nem reinar em Tartessos durante muito tempo». Há, não obstante, quem chamam Tartessos à actual Carteia. (Trad. Félix Meanas e F. Piñero, Madrid: Gredos, 1992, adaptado)*
- 4.20. Estrabão, *Geografia* III 5, 4: *Ferécides parece designar a Gadir com o nome de Eritia, onde se situa o mito de Gérion. Outros, contudo, identificam esta com a ilha próxima da cidade, separada dela por um estreito de um estádio, à vista dos seus bons pastos, porque o leite dos rebanhos que ali pastam não forma soro. Devido à gordura que contém fazem os queijos misturando-a com grande quantidade de água, e em trinta dias afoga-se o animal se não se o sangra. A erva que pastam é seca, mas engorda muito. Crê-se que a partir disso se forjou o mito dos rebanhos de bois de Gérion. Contudo, todo o litoral está ocupado por fundações mistas. (Trad. Félix Meanas e F. Piñero, 1992, adaptado)*
- 4.21. Estrabão, *Geografia* III 5, 5: *Acerca da fundação de Gadir recordam os gaditanos certo oráculo que segundo eles foi dado aos Tírios ordenando-lhes enviar uma colónia às Colunas de Héacles; os que foram enviados para inspeccionar, quando estiveram nas proximidades do Estreito de Calpe, crendo que os promontórios que formam o Estreito eram os limites da terra habitada e da expedição de Héacles e que constituíam o que o oráculo tinha designado com o nome de Colunas, detiveram-se num lugar do lado de cá do Estreito, onde se encontra agora a cidade dos saxitanos; e como, realizando um sacrifício ali não lhes resultaram favoráveis as vítimas, voltaram. Um tempo depois, os enviados avançaram uns mil e quinhem-*

tos estádios mais além do Estreito até uma ilha consagrada a Hércules situada junto à cidade de Onoba de Ibéria, e crendo que estavam ali as Colunas fizeram um sacrifício ao deus, mas como as vítimas voltaram a resultar desfavoráveis, regressaram à pátria. Os que chegaram na terceira expedição fundaram Gadir, e levantaram o templo na parte oriental da ilha e a cidade na parte ocidental. Por isto crêem uns que as Colunas são os promontórios do Estreito, outros que Gadir, e outros que estão situadas mais além de Gadir. Alguns pensaram que as Colunas eram Calpe e Abilix, a montanha situada em frente de Calpe na Líbia, a qual, diz Eratóstenes, se eleva no Metagónio, um povo nómada. Outros, que eram ilhéus próximos a uma e a outra montanha, a uma das quais dão o nome de ilha de Hera. Artemidoro menciona a ilha de Hera e o seu santuário, mas nega que exista outra, um monte Abilix e um povo Metagónio. Também as errantes e as entrecocantes são tranferidas para aqui por alguns, pensando que são elas as Colunas, que Píndaro chama «Portas de Gadir» quando afirma que Hércules chegou até elas como último confim das terras. E tanto Dicearco como Eratóstenes, Políbio e a maioria dos autores gregos situam as Colunas nos arredores do Estreito, enquanto que os Iberos e Líbios dizem que estão em Gadir, posto que a zona do Estreito não se assemelha nada a colunas. Outros identificam-nas com as colunas de bronze de oito codos de altura do santuário de Hércules em Gadir, nas quais estão gravados os gastos de construção do templo, porque os que chegaram a elas, ao finalizar a sua travessia e faziam um sacrifício em honra de Hércules fizeram com que se propagasse a crença de que este era o limite da terra e do mar. Também Possidónio considera esta explicação como a mais plausível, e por outro lado, o oráculo e s diversas expedições, uma invenção fenícia (...) <sup>186</sup>. E Alexandre levantou, como hitos da sua expedição à Índia, uns altares nos lugares mais orientais aos quais chegou, imitando Hércules e Dioniso. Portanto, existia esse costume. (Trad. Félix Meanas e F. Piñero, 1992, adaptado).

- 4.22. Plutarco, Sertório VIII-IX: Quando o vento amainou, [Sertório] foi levado para um grupo de ilhas dispersas, desprovidas de água, onde passou a noite. Depois, fazendo-se de novo ao mar, atravessou o Estreito de Gades e alcançou a costa exterior de Ibéria à sua direita, um pouco mais a Norte da desembocadura do Bétis, que verte as suas águas no Oceano Atlântico e que deu o seu nome à região de Ibéria que atravessa.

Ali encontrou uns marinheiros que voltavam, recentemente, das Ilhas Atlânticas: estas são duas, separadas por um braço de mar muito estreito; estão situadas a dez mil estádios da Líbia e são chamadas Ilhas dos Bem-aventurados. As chuvas são moderadas e pouco frequentes, mas estas ilhas gozam, durante a maior parte

---

186 Segue-se o comentário de Estrabão acerca da veracidade destas informações.

*do ano, de uns ventos doces e portadores de orvalho, o que faz com que estas terras não só sejam férteis e ricas para o arado e para as plantações, senão que também produzam um fruto natural que, pela sua abundância e doçura, basta para alimentar uma população ociosa. O ar que sopra nestas ilhas é saudável, devido às imperceptíveis diferenças de temperatura que se produzem com a mudança de estações. Porque os ventos do Norte e de Este que sopram do nosso continente, como têm que atravessar um espaço vastíssimo por causa dessa mesma distância, esfumam-se e perdem a sua força antes de chegar a essas ilhas; enquanto que os ventos do Sul e do Oeste, que envolvem as suas costas, às vezes trazem do mar chuvas intermitentes e suaves, e, com maior frequência, uma brisa humidificante que refresca a terra e a alimenta docemente. Por essa razão existe a firme crença, inclusive entre os bárbaros, de que naquele lugar se encontram os Campos Elísios e a morada dos Bem-aventurados.*

*(IX) Quando Sertório ouviu esta descrição, apoderou-se dele um vivíssimo desejo de habitar aquelas ilhas e de que a sua vida decorreria com sossego, livre da tirania e das guerras sem fim. Mas os Cilícios, que não tinham necessidade de paz e tranquilidade, mas sim de riquezas e de pilhagem, quando souberam desse desejo, embarcaram rumo à Líbia para restituir a Áscalis, filho de Ifta, o trono da Mauritânia (...). (Trad. M.<sup>a</sup> A. Ozaeta Gálvez, 1998. Madrid: Alianza, adaptado).*

## 5. Textos Egípcios e Orientais

- 5.1. *O Naufrago* (Texto Egípcio do II Milénio a.C.): *Desci a Bia em missão do soberano, com um barco de cento e vinte codos de largura, quarenta de comprimento, e com cento e vinte marinheiros de entre o seleccionado do Egipto. Eles observavam a costa e o céu, eram mais valentes que leões, previam um vendaval antes que chegasse, uma tormenta antes que se formasse. Cada um deles era mais valente e mais forte que o seu companheiro; não havia nenhum incapaz entre eles. Uma tormenta veio quando estávamos no alto mar. Antes de conseguirmos alcançar terra, levantou-se o vento, arrastava e havia ondas de oito codos. Feri-me com o pau. Quando o barco se afundou, não ficou ninguém dos que estavam nele, excepto eu. Olha-me, estou junto a ti. Fui, então, trazido a esta ilha pelas ondas do mar (apud Galán, 2001, adaptado).*
- 5.2. *Sinuhe* (Texto Egípcio de c. 1900 a.C.): *A minha casa é perfeita, o meu domínio é amplo, mas ainda assim, a minha mente está no Palácio. Qualquer um que seja o deus que decida esta fuga, tem misericórdia e põe-me a caminho até à Residência. Espero que permitas que eu veja o lugar onde jaz o meu coração. O*

*que há mais importante que o meu corpo seja enterrado na terra onde nasci? (apud Galán, 2001, adaptado).*

- 5.3. *O Náufrago [Texto Egípcio do II Milénio a.C.]: Que feliz é quem narra o que sofreu, quando o mal se passa. (...) Se tu és valente, tens coragem e confiança, abraçarás os teus filhos, beijarás a tua mulher, verás a tua casa. É o melhor que há. Chegarás à Residência (=Egipto) e ali permanecerás com os teus irmãos. (apud Galán, 2001, adaptado).*
- 5.4. *Inscrição Assíria de Assarhadon (680-669 a.C.): Todos os reis do meio do mar, desde Yadnana [=Chipre], Yaman [Yawan, Grécia/ Jónia/ Cilícia] e Tarsisi, prostraram-se a meus pés e impus-lhes um duro imposto (apud López Ruiz, 2005, adaptado).*

## 6. Antigo Testamento

- 6.1. *Gn. 10, 4: E os filhos de Javan, são: Elisa e Társis, Quintim e Dodanim./ Por estes, foram repartidas as ilhas das nações nas suas terras, cada qual segundo a sua língua, segundo a sua família, entre as suas nações.*
- 6.2. *1Cr. 1, 7: E os filhos de Javan: Elisa, e Társis, e Chitim, e Donadim.*
- 6.3. *2Cr. 9, 21: Porque, indo os navios do rei, com os servos de Hirão, a Társis, tornavam os navios de Társis, uma vez em três anos, e traziam ouro e prata, e marfim, e bugios, e pavões.*
- 6.4. *2Cr. 20, 36-7: E [Josafat] aliou-se com ele [Acazias], para fazerem navios de Társis; e fizeram os navios em Ezion-Geber./ Porém Eliezer, filho de Dodava, de Maresa, profetizou contra Josafat dizendo: Porquanto te aliaste com Acazias, o Senhor despedaçou as tuas obras. E os navios se quebraram, e não puderam ir a Társis.*
- 6.5. *1Rs 5, 8-11: E enviou Hirão a Salomão, dizendo: ouvi o que me mandaste dizer. Eu farei toda a tua vontade acerca dos cedros e acerca das faias. Os meus servos os levarão, desde o Líbano até ao mar, e eu os farei conduzir em jangadas, pelo mar, até o lugar que me designares, e ali os desamarrarei; e tu os tomarás: tu, também, farás a minha vontade, dando sustento à minha casa. Assim deu Hirão, a Salomão, madeira de cedros e madeira de faias, conforme toda a sua vontade. E Salomão deu a Hirão vinte mil coros de trigo, para sustento da sua casa, e vinte coros de azeite batido: isto dava Salomão a Hirão, de ano a ano.*

- 6.6. 1Rs, 7, 13-18: *E enviou o rei Salomão, e mandou trazer de Hirão de Tiro. Era este filho de uma mulher viúva, da tribo de Naftali, e fora o seu pai um homem de Tiro, que trabalhava em cobre; e era cheio de sabedoria, e de entendimento, e de ciência, para fazer toda a obra de cobre: este veio ao rei Salomão, e fez toda a sua obra; porque formou duas colunas de cobre: a altura de cada coluna era de dezoito côvados, e um fio de doze côvados cercava cada uma das colunas. Também fez dois capitéis de fundição, de cobre, para pôr sobre as cabeças das colunas: de cinco côvados era a altura de um capitel. E de cinco côvados era a altura do outro capitel. As redes eram outra obra de rede, as cintas da obra de cadeia, para os caoitéis que estavam sobre a cabeça das colunas; sete para um capitel e sete para o outro capitel. Assim fez as colunas, juntamente com duas fileiras em redor, sobre uma rede, para cobrir os capitéis que estavam sobre a cabeça das romãs; assim, também, fez com o outro capitel.*
- 6.7. 1Rs 9, 10-14: *E sucedeu, ao fim de vinte anos, que Salomão edificara as duas casas; a casa do Senhor e a casa do rei. (Para o que Hirão, rei de Tiro, trouxera a Salomão madeira de cedro e de faia, e ouro, segundo todo o seu desejo): então deu o rei Salomão a Hirão vinte cidades, na terra de Galileia. E saiu Hirão de Tiro a ver as cidades que Salomão lhe dera, porém não foram boas aos seus olhos. Pelo que me disse: que cidades são estas que me deste, irmão meu? E chamaram-nas: Terra de Cabuli, até hoje. E enviara Hirão, ao rei, cento e vinte talentos de ouro.*
- 6.8. 1Rs 22, 49: *E fez Josafat navios de Társis, para irem a Ofir, por causa do ouro; porém não foram porque os navios se quebraram em Ezion-Geber.*
- 6.9. 2Rs 13, 20-2: *Depois morreu Eliseu, e o sepultaram. Ora as tropas dos moabitas invadiram a terra, à entrada do ano. E sucedeu que, enterrando eles um homem, eis que viram um bando, e lançaram o homem na sepultura de Eliseu: e, caindo nela o homem, e tocando os ossos de Eliseu, reviveu, e se levantou sobre os seus pés.*
- 6.10. Jon. 1, 3: *E Jonas se levantou para fugir de diante da face do senhor, para Társis; e descendo a Jope, achou que um navio ia para Társis; pagou, pois, a sua passagem, e desceu para dentro dele, para ir com eles para Társis, de diante da face do Senhor.*
- 6.11. Job 26, 10-13: *Marcou o limite à superfície das águas em redor, até aos confins da luz e das trevas. As colunas do céu tremem, e se espantam da sua ameaça.*

*Com a força fende o mar, e com o seu entendimento abate a sua soberba. Pelo seu Espírito ornou os céus; a sua mão formou a serpente enroscadiça.*

- 6.12. Job. 38: [Deus responde a Job e mostra-lhe a sua grandeza e sabedoria]. **(4)** *onde estavas tu, quando eu fundava a terra? Faze-mo saber, se tens inteligência. (5) Quem lhe pôs as medidas, se tu o sabes? Quem estendeu sobre elas o cordel? (6) Sobre que estão fundadas as suas bases, ou quem assentou a sua pedra de esquina, (7) quando as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus rejubilavam? (8) Ou quem encerrou o mar com portas, quando transbordou e saiu da madre; (9) Quando eu pus as nuvens por sua vestidura, e a escuridão por envoludouro? (10) Quando passei sobre ele o meu decreto, e lhe pus portas e ferrolhos, (11) e disse: até aqui virás, e não mais adiante, e aqui se quebrarão as tuas ondas empoadas? (16) ou entraste tu até às origens do mar, ou passeaste no mais profundo do abismo? (17) Ou descobriram-se-te as portas da morte, ou viste as portas da sombra da morte? (18) Ou com o teu entendimento chegaste tu às larguras da terra? Faze-mo saber, se sabes tudo isto. (19) Onde está o caminho da morada da luz? E, quanto às trevas, onde está o seu lugar, (20) para que as tragas aos seus limites, e para que saibas as veredas da sua casa? (21) De certo tu o sabes, porque já então eras nascido, e porque é grande o número dos teus dias.*
- 6.13. Jr. 10, 9: *Trazem prata estendida de Társis e ouro de Ufaz, trabalho do artífice, e das mãos do fundidor: fazem seus vestidos de azul celeste e púrpura: obra de sábios são todos eles.*
- 6.14. Dt. 28, 23: *E os teus céus, que estão sobre a cabeça, serão de bronze; e a terra, que está debaixo de ti, será de ferro.*
- 6.15. Lv. 26, 19: *Porque quebrantarei a soberba da vossa força; e farei que os vossos céus sejam como ferro e a vossa terra como cobre.*
- 6.16. Ez. 27, 12-13: *Társis negociava contigo, por causa da abundância de toda a casta de fazenda: com prata, ferro, estanho e chumbo negociavam em tuas feiras./ Javan\*, Tubal e Mesech eram teus mercadores: com almas de homens e vasos de bronze fizeram negócio contigo.*
- 6.17. Ez. 27, 17: *Judá e terra de Israel, eram eles os teus mercadores: com trigo de Minith, e Panague, e mel, e azeite de bálsamo, fizeram negócio contigo.*

- 6.18. Ez. 27, 25: *Os navios de Társis eram as tuas caravanas, por causa do teu negócio; e te encheste, e te glorificaste muito no meio dos mares.*
- 6.19. Ez. 38, 13: *Sheba, e Dedan, e os moradores de Társis, e todos os seus leõezinhos te dirão: Vens tu para tomar o despojo? Ajuntaste o teu bando para arrebatat a presa? Para levar a prata, o ouro, para tomar o gado e as possessões, para saquear grande despojo?*

## ANEXO B – Abreviaturas

- 10TH Décimo Trabalho de Hércules (roubo das vacas de Gérion)
- AEspA *Archivo Español de Arqueología*
- BAGB *Bulletin de l'Association Guillaume Budé*
- BICS *Bulletin of the Institute of Classical Studies*
- CEFYP Centro de Estudios Fenicios y Púnicos  
(<http://www.ucm.es/info/antigua/cefyp.htm>)
- CJ *Classical Journal*
- CPh *Classical Philology*
- CQ *Classical Quaterly*
- JHS *Journal of Hellenic Studies*
- MCnH Modo de Contacto não Hegemónico, segundo terminologia de J. Alvar
- MCS Modo de Contacto sistemático, segundo terminologia de J. Alvar
- PMG D. Page, *Poetae Melici Graeci*. Oxford, 1962
- RPA *Revista Portuguesa de Arqueologia*
- RSF *Rivista di Studi Fenici*
- TAPhA *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*

## Abstract

This work is the outcome of an analysis over the Herodotus' representation of Tartessos. This author refers to this territory twice (I, 163 and IV, 152), presenting, in the former, a tyrant that lived for one hundred and twenty years, known by the Phocian and, in the later, an unexplored harbour discovered by the Samian. The purpose of this research was essentially to understand the relationships eventually kept between the texts of Herodotus and the poetical traditions, namely the travel chronicles like *Odyssey*, as well as with the structuring of landscapes from the occidental limits of the inhabited world. From the methodological point of view, studies concerning the morphology of the travel chronicles are taken into account, as well as the role of the protagonists in the narrative setting.

In the chapter «*as Fontes*» («the sources»), three different insights over the proposed approach are presented: (2.1) Material culture, discussing the processes developed by Archaeology to characterize the Tartessian area and culture, prior to the first written references to this territory (XI to VI centuries BC). On the other way, the relationship between the Phoenician and Iberian communities, and with the Greeks, might have allowed the change of information related with the occidental boundaries, judging by the presence of Greek objects among Phoenician material. In 2.2, etymological traits are discussed, specifically the origin of the terms «Tartessos», «Tarshish», as well as the so called «Tartessian» toponyms.

This discussion aims, above all, to acknowledge the extent of the etymological association between the landscapes that might have led, as an example, to the designation of «Tartessos» for a territory that would have been known by the Phoenicians as «Tarshish», and recognized later by the Greeks. Starting with these two principles – Material Culture and Etymology – a framework of the analyzed compositions (Hesiod, Homers and Herodotus) is envisaged (in 2.3), discussing their chronology in connection with the material vestiges that indicate the first Phoenician trips to the Iberian lands. Considering Herodotus, the outline of his work reveals that this author didn't have a specific interest in the Occident reproducing, probably, the epic style accounts, like in *Odyssey*. Besides, this poem had great importance in the VI<sup>th</sup> century BC, precisely because it describes the journey to the boundaries of the inhabited world.

The Image of the Occident is a matter discussed on chapter 3. This image seems the have been built around ideas concerning the boundaries of the inhabited world (3.1), resulting on the conception of three kinds of landscape: (3.2) monstrous, inhabited by monsters like Geryon, associated by Stesichorus to Tartessos and involved in the tenth labour of Hercules in Erythia. On the other hand, the conception of scatological landscapes portrays the image of a distant border line world where some heroes are sent, living in an agriculturally productive area with soft climate (Islands of the Blest in the *Works and Days* of Hesiod, Elysion in *Odyssey*). These characteristics meet Hesiod's description in the Golden Age, in his turn relating with landscapes like in Skheria (*Odyssey*), where Odysseus found hospitable characters like Alcinoos,

king of the Phaeaceans. It is in this type of human landscape, analysed and discussed in 3.3, that we can find some relation to Argantonios and with the conception of the literary landscape of Tartessos.

The narrative sequence of the journey chronicles, especially in *Odyssey*, and on the encounter of Odysseus with the Phaeaceans, is a fundamental element in the comparison with the texts of Herodotus and the conception of Tartessos (4). These seem to be based on oral traditions collected by the author in his journeys and reproduced according to the objectives and interests of his work. In 4.1, the discussion is on the general scenery of Herodotus perception of the world's boundaries, analyzing within this, the journeys of Argantonio. This character seems to relate with the description of human landscapes expressed in 3.3.

Within this scenery, above all taking into account the longevity of Argantonio, arise the bases to an understanding on the relation of his 120 years and the stereotype of richness (4.2), especially the agricultural richness (4.2.3). This stereotype of richness (herding, metallurgy, agriculture and slave acquisition) can, eventually, keep some connection with Phoenician interests in Iberian terrain. Finally, in chapter 5, all matters from the previous chapters are discussed, aiming to verify if Tartessos is a real scenery or if it also matches, on the other hand, the literary scenery correlated with the journeys into the boundaries of inhabited world.

Key Words: *Tartessos; Hesiod; Homeric Poems; Herodotus; eschatological landscapes; Golden Age; Epic Tradition.*

## Resumé

Ce travail est le résultat d'une analyse qui a abordé la représentation de Tartessos en Hérodote.

Cet auteur réfère, par deux fois (I, 163 et IV, 152) ce territoire, présentant, dans le premier, un tyran qui a vécu cent et vingt ans, connu par les Phocéens et, dans le second, un port inexploré découvert par les Samiens.

L'objectif de cette étude a été, essentiellement, de comprendre que relations les textes de Hérodote peuvent maintenir avec d'autres traditions poétiques et les mythes sur l'Occident, nommément les récits de voyage comme l'Odyssée, ainsi comme avec la construction des paysages des confins occidentaux du monde habité. Du point de vue méthodologique, on considère les études sur la morphologie les récits de voyage, ainsi que la fonction des intervenants dans l'ensemble de la narrative.

Dans le chapitre « les Sources », on expose trois pentes de l'abordage proposée: (2.1) culture matérielle, où on discute les méthodes développées par l'archéologie afin de définir l'aire et la culture « tartessiques », dans les périodes antérieures aux premières références écrites à ce territoire (XI<sup>ème</sup> siècle au VI<sup>ème</sup> siècle av. J.-C.). D'autre côté, les contacts entre les Phéniciens et les communautés péninsulaires, et entre les premiers et les Grecs, peuvent avoir

permis la circulation d'informations relatives à l'Extrême Occident, en jugeant par la présence de matériaux grecs entre les artefacts phéniciens.

Dans 2.2., on discute certains aspects étymologiques, nommément l'origine des mots « Tartessos », « Tarshish », ainsi comme les toponymes considérés comme « Tartessiques ». Cette discussion vise, surtout, voir en que mesure l'association étymologique entre les paysages peuvent avoir conduit, par exemple, a la désignation de « Tartessos » pour un territoire que serai connu, par les Phéniciens, comme « Tarshish », et que a été reconnu, postérieurement, par les Grecs. En partant de ces deux principes – Culture Matérielle et Etymologie – on a visé (en 2.3) un encadrement des œuvres analysées (Hésiode, Homère et Hérodote), en discutant sa chronologie en relation aux vestiges matériels qui indiquent les voyages phéniciennes plus antiques en sol péninsulaire. En relation à Hérodote, l'encadrement de son œuvre révèle que l'auteur n'a pas eu un intérêt spécifique pour l'Occident, reproduisant, probablement, récits avec des caractéristiques épiques, similaires à l'Odyssée. Ce poème, d'ailleurs, a eu une grande importance au VI<sup>ème</sup> siècle av. J.-C., précisément pour avoir décrit un voyage aux confins du monde habité.

L'image de l'Occident est un problème discuté dans le chapitre 3. Cette image paraît se construire autour d'idées que s'associent aux confins de la terre habitée (3.1), résultant dans la création de trois types de paysage : (3.2) monstrueuse, habitée par des monstres comme Géryon, que Stésichore a associé à Tartessos et qui a fait part du Dixième Travail de Héraclès en Érythie. D'autre côté, la construction de (3.3) paysages eschatologiques transmet l'image d'un monde lointain et limitrophe vers lequel certains héros sont conduits, vivant dans un espace de productivité agricole et climat doux (Île des Bienheureux dans « Les Travaux et les Jours », de Hésiode, Elision dans l'Odyssée). Ces caractéristiques vont à l'encontre à ce qu'Hésiode décrit dans Âge d' Or, qu'à son tour se rapproche avec les paysages comme Schérie (Odyssée), où Ulysse rencontre personnages hospitaliers comme Alkinoos, roi des Phéaciens. C'est dans ce type de paysage humain, analysé et discuté en 3.3., qu'on trouve quelque relation avec Argantonios et avec la construction du paysage littéraire de Tartessos.

La séquence narrative des récits de voyage, en particulier de l'Odyssée et de l'encontre d'Ulysse avec les Phéaciens, c'est un aspect fondamental dans la comparaison avec les textes d'Hérodote et avec la construction de Tartessos (4). Ceux-ci semblent s'appuyer en traditions orales recueillies par l'auteur dans ses voyages et que sont reproduites en accord avec les objectifs et intérêts de son œuvre. En 4.1., on discute le panorama général de la perception d'Hérodote relativement aux confins du monde, en analysant, à l'intérieur de celle-ci, les voyages à Tartessos (I, 163 et IV, 152), bien comme le cas particulier de la représentation d'Argantonio. Ce personnage semble se rapprocher avec la description des paysages humains, exposée en 3.3.

Dans ce panorama, surtout à partir de l'analyse de la longévité d'Argantonio, on élabore les bases nécessaires pour comprendre la relation que ses 120 ans maintiennent avec le

stéréotype de richesse (4.2), surtout avec la richesse agricole (4.2.3). Ce stéréotype de richesse (pâturage, métallurgie, agriculture et capture d'esclaves) peut, éventuellement, maintenir quelque connexion avec les intérêts phéniciens en sol péninsulaire. Finalement, dans le chapitre 5, on discute tous les aspects traités dans les chapitres précédents, afin de vérifier si Tartessos est un paysage réel ou si, par d'autre côté, est aussi un paysage littéraire associé aux voyages aux confins du monde habité.

Mots clés : *Tartessos; Hésiode; Poèmes Homériques; Herodotus; Paysages eschatologiques; Âge d'Or; Tradition épique.*





A associação de Tartessos a uma determinada cultura material, e a arquitecturas domésticas, funerárias e sacras, é hoje relativamente questionável, havendo quem defenda que sob tal designação caberiam, sobretudo, as populações fenícias ocidentais. E, assim sendo, não é completamente seguro que santuários como os de Carambolo ou *Caura*, por exemplo, tenham sido erguidos por tartéssicos para aí cultuarem divindades indígenas, como também não é indiscutível que esses mesmos tartéssicos se tenham sepultado nos cemitérios de urnas do vale do Guadalquivir. Ambas situações poderiam ter tido como protagonistas colonos fenícios, uma vez que estes não são obrigatoriamente uma entidade unívoca, que actua num único registo, concretamente o identificado nas colónias fenícias da costa de Málaga.

O trabalho do Pedro Albuquerque reflecte sobre a questão tartéssica de forma muito lúcida, mostrando que domina o actual debate, bem como toda a historiografia sobre o tema. E tem também o grande mérito de chamar a atenção para o facto de a temática não se esgotar na sua dimensão arqueológica ou mesmo linguística, mas ser também um «...problema literário, tanto mais que é a partir desta tradição que se registam tentativas de definir um espaço que a tradição literária grega apelidou de Tartessos».

*Do Prefácio*

O 6º volume dos Cadernos da UNIARQ, que encerra a sua primeira série, poderia parecer flutuar nos limites da Arqueologia e da História Antiga, limites frequentemente imaginados por questões académicas, invocados pela suave flutuação das modas em Arqueologia, momentaneamente reforçados pelos conservadorismos que restam em algumas áreas universitárias.

Sem fronteiras, como a UNIARQ, os seus Cadernos voltarão em breve, com novas propostas e outras reflexões.

VSG

ISBN 978-989-95653-2-6



9 789899 956532 6